

www.libtool.com.cn

www.libtool.com.cn

80077



www.libtool.com.cn



www.libtool.com.cn

uuz/63

www.libtool.com.cn

www.libtool.com.cn

www.Libtool.com.cn



www.libtool.com.cn

www.libtool.com.cn

A INGLATERRA DE HOJE

(CARTAS DE UM VIAJANTE)

OBRAS COMPLETAS

I. Historia nacional:

- História da civilização iberica, 3.^a ed. (1886). 1 vol.
História de Portugal, 4.^a ed. (1888). 2 vol.
O Brazil e as colônias portuguezas, 3.^a ed. (1888). 1 vol.
Portugal contemporâneo, 2.^a ed. (1883). 2 vol.
Portugal nos mares, (1889), 1 vol.
Camões, os Lusiadas e a Renascença em Portugal, (1891). 1 vol.
Navegaciones y descubrimientos de los portugueses, (*ed. do Ateneo de Madrid, 1892*). 1 vol.
Os Filhos de D. João I (1891). 1 vol.
Vida de Nun'Alvares Pereira, (História do estabelecimento da dy-nastia de Avlz), 1 vol., ilustrado (no prélo).

II. Historia geral:

- Elementos de anthropologia, 3.^a ed. (1885). 1 vol.
As raças humanas e a civilização primitiva, 2.^a ed. (1893). 2 vol.
Systema dos mythos religiosos, (1882). 1 vol.
Quadro das instituições primitivas, 2.^a ed. (1893). 1 vol.
O regime das riquezas, (1883). 1 vol.
História da republica romana, (1885). 2 vol.
O Hellenismo e a civilização christã, (1878). 1 vol.
Taboas de chronologia e geographia historica, (1884). 1 vol.

III. Varia:

- A circulação fiduciaria. *Memoria premiada com a medalha de ouro no concurso de 1878 pela Academia Real das Sciencias de Lisboa, (1883)*.
A reorganisação do banco de Portugal, *opusculo*, (1877).
O artigo «Banco», no *Diccionario Universal Portuguez*, (1877). 1 vol.
Politica e economia nacional, (1885). 1 vol.
Projecto de lei de fomento rural, apresentado á camara dos deputados na sessão de 1887. 1 vol.
Elogio historico de Anselmo J. Braamcamp, *ed. part.* (1886), 1 vol.
Theophilo Braga e o Cancioneiro, *opusculo*, (1869).
O Socialismo, (1872-3). 2 vol.
As eleições, *opusculo*, (1878).
Carteira de um jornalista: I. *Portugal em Africa*, (1891). 1 vol.

www.libtool.com.cn

OLIVEIRA MARTINS

A INGLATERRA DE HOJE

(CARTAS DE UM VIAJANTE)



LISBOA

Livraria de ANTONIO MARIA PEREIRA — Editor

50, 52 — Rua Augusta — 52, 54

1893

PWd

www.libtool.com.cn

DA625
04

Typographia da Academia Real das Sciencias

ADVERTENCIA

A excursão que provocou estas cartas data dos mezes de maio a julho do anno passado, quando sahi de Portugal, por motivos exclusivamente pessoaes, apesar do que ao tempo disseram as gazetas da minha abençoada patria. Só quando se não sabe a que phantasias de invenção leva a furia da coscuvelhice; só quem ignora como ás vezes, mas não n'este caso, a intriga explora os mexericos do noticiario: só esses, e só então, se comette o erro de dar explicações a quem não tem direito a exigil-as.

A simples verdade é que fui a Inglaterra espai-recer, e que aproveitei o passeio para mandar ao *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, as minhas cartas de viagem que ahi foram apparecendo publicadas no ultimo trimestre de 1892.

Relendo-as, no seu conjunto, revendo-as, e completando-as com estudos anteriores, parecem-me que mereceriam porventura serem colligidas em volume, por darem, a meu ver, uma impressão synthetica do estado actual de uma das tres, ou quatro, grandes nações do mundo. Por isso o livro se chama *A Inglaterra de hoje.*

Este proprio titulo, porém, me obrigava a não dilatar a publicação, pois, com a velocidade vertiginosa a que o mundo marcha no nosso tempo, a Inglaterra de 1892 pode muito bem não ser já a de 1893. Quem sabe as voltas que nos esperam! Bastam dois meses de guerra, para transtornarem por completo esta construcção, instavel a todos os respeitos, da Europa em que existimos. Todos os vivos assistimos ao tombo que levou o mundo em 1871.

E d'então para cá, apesar da instituição da república em França, e do cesarismo na Alemanha, as causas de instabilidade, n'esta nova phase do equilibrio europeu, não teem feito senão crescer. Por um lado, a reacção do idealismo annuncia a bancarrota completa das pretenções racionalistas que levaram a Europa a um estado sem precedentes, não direi de desmoralisação, porque houve já tempos muitissimo piores, mas de achatamento e vul-

garidade. Esta reacção, actuando sobre todos os pensamentos, é a principal causa do desnorteamento das idéas politicas. Por outro lado, a guerra declarada das classes, n'uma sociedade afogada em riqueza, e correspondentemente em cubiça, como a Europa está hoje, forma o solo ardente sobre que os costumes e as intrigas, as ambições e as vaidades, as instituições e os homens, se agitam vagamente, dançando como tyteres ao som da orches- tra invisivel do Capricho. Em tempos como os nossos, a vida real parece phantasmagorica; e comprehende-se que a visão do Nihilismo endoideça tanta gente.

Se ha tanta outra enlouquecida pela vertigem crassa do Realismo! Em verdade, não se sabe quem perdeu mais completamente o juizo: se os nihilistas, se os sybaritas panamisantes d'estas democracias patuscias que apeiaram Deus do altar, e do throno os principes, para porem sobre o altar uma burra, em vez do Bezerro, transferindo as côrtes para os bastidores dos theatros e mais logares semelhantes.

Ora, quem quizer farejar a Europa, o sitio onde deve ir é a Inglaterra, por dois motivos. Em primeiro logar porque, ao lado do Continente, a Inglaterra forma um mundo á parte, e que, n'um sentido, se oppõe ao europeu, pois que o domina economi-

camente. Dominando-o, affeiçoou-o até certo ponto a si. As idéas que hoje vogam como novidades: o naturalismo, o utilitarismo, o *japonezismo*, isto é, a mistura incongruente de realismo e phantasia na arte: tudo isso é constitucionalmente velho na Inglaterra.

Em segundo logar, porque um dos methodos de observação synthetica superior é o contraste: o que se chama caricatura nas artes do desenho. O paradoxo é frequentemente o meio de a gente melhor comprehender um assumpto complicado. Ora a civilisação europea percebe-se admiravelmente através da atmosphera que creou Hogarth, Thackeray e Carlisle. Na impressão singular que os ingleses produzem sempre, e em toda a parte, sobre os continentaes, está para estes, quando saibam vêr, um meio superior de se estudarem a si proprios.

E, além d'isso, o feitio paradoxal e o aspecto excentrico das cousas inglezas, provindo, como provem, da falta de compasso entre as varias faces da civilisação, teem no momento actual um alcance e um valor inestimaveis. O fundo ingenuo e natural que ainda ha n'esses homens consente-lhes uma espontaneidade, de que os continentaes são já agora incapazes. E essa ingenuidade e essa extravagancia, quem sabe? talvez sejam salvadoras e provem

melhor do que os fructos das nossas cabeças des-soradas por vinte e cinco seculos de architecturas *a ratione*.

Não pode a gente deixar de sorrir dos *revivals* da alma mystica, afirmados pela propagação do spiritismo e do buddhismo do Thibet; custa a tomar a serio a piedade, quando se affirma em instituições como a *Salvation army*; mas a verdade é que tudo isto, pelo menos, é vivido; e quando se passa para cá do Canal, se o grotesco se perde, com efeito, é para ceder o logar a uma enjoativa mistura de banalidade e cabotinagem.

Pelo que me diz pessoalmente respeito, confesso que aprendi muito mais n'esta excursão agradavel, do que na viagem bem penosa que acabava de fazer antes por outras regiões, onde infelizmente se encontram acazalados o ridiculo com a banalidade, produzindo um espectaculo que nem diverte, nem instrue.

Lisboa, fevereiro 1893.

O. M.

www.libtool.com.cn

www.libtool.com.cn

A INGLATERRA DE HOJE

(CARTAS DE UM VIAJANTE)

www.libtool.com.cn



A INGLATERRA DE HOJE

(CARTAS D'UM VIAJANTE)

I

ERA madrugada quando o *Magdalena*, aproando ás *Needles*, entrava no canal da ilha de Wight, e, deixando-a á direita, virava para o lado opposto, subindo a ria de Southampton.

Era madrugada, e fundeámos, esperando a maré para entrar na doca. Ao longe, em frente, arrendava-se no horizonte um pequeno ramilhete de mastros, vergas e cordagens, mal distinto na neblina da manhã. A agua era um espelho de aço. De ambos os lados, as margens se desenrolavam chatas e vestidas por um arvoredo espesso. Da direita ficava o magnífico hospital naval, e ao longo da margem, aqui e além, engastadas em verdura, apareciam casas, mirando-se no mar, onde as canhas de vapor e alguns *yachts* de altas velas traçavam rasgões

rectilineamente rápidos, como os do diamante em um crystal.

Já o sol ia fóra, anunciando um dia *glorious*, como os ingleses dizem, quando o vapor, mages-tosa e lentamente, continuou a sua marcha. Atracámos ao caes, empurrados por um *tug*, e saltámos em terra no telheiro da alfandega, ao longo do qual, do lado oposto, se prolongava o comboio prompto a levar-nos a Londres. Revistaram-se as malas, no meio de uma sofrível confusão, que depõe assás contra o que se chama o genio pratico dos ingleses; entrámos nas carruagens, e o comboio partiu rodando. Em breves minutos tinhamos galgado o massiço da cidade; agora atravessando de nível uma rua, logo passando em tunnel debaixo de outra, depois em viaducto ao nível dos telhados das casas: n'uma confusão de signaes e n'um embara-nhamento de fios, com o negrume e a agitação proprios da proximidade das estações, principalmente em Inglaterra.

O dia, porém, subia glorioso. O céo era feito de turquezas; o ar, saturado de exhalações marinhas, vivificante; e já a estrada caminhava entre sebes vivas, e para um e outro lado se desenrolava docemente a paisagem em um mar verde vegetal.

Estavamos no campo? Não. De Southampton até Londres a estrada parece uma rua, quasi. Passa-se ao lado de villas e aldeias, Bishopstoke, Winchester, Alresford, Alton, Bentley, Farnham, Ash, Weybridge, Esher, muitas mais, maiores ou menores, emergindo do meio das arvores, como formigueiros, ou colmeias, em massiços de casaria avermelhada com os tectos de lousa, ponteagudos, em escamas, onde o sol se reflecte metalicamente.

Metallico é tambem o tom do verde que a luz plena torna excessivamente cru. Metallico e mono-

tono, sempre o mesmo, sem as gradações chromáticas da paisagem meridional. Não ha chão sem relva, sobre a relva ha inevitavelmente bois pesados, carneiros, vaccas de uberos hypertrophiados. É o paraíso da carne. Começa-se a perceber o temperamento britannico.

Para vencer o tédio inseparável das travessias no mar, munira-me de uma pequena bibliotheca inglesa. Queria ter noções exactas e *information* segura, com que acompanhasse as impressões fugitivas da passagem.

Um dos livros que lêra era o *Rural exodus*, de Anderson Graham; e agora que via desenrolar-se perante mim o campo inglez, acudiam-me à memoria as observações conhecidas, os factos registrados, as notas colligidas, ácerca dos dois pontos capitais da Inglaterra rural, que são a emigração para as cidades e a transformação das lavouras.

Todos os lavradores, forçados pela escassez dos braços, procuram explorações que lh'os economissem. O gado, os carneiros, os cavallos, reclamam uma quantidade menor de trabalho humano, do que o lavrar, semear e colher. O phenomeno capital das ultimas revoluções agronomicas é, portanto, o incremento enorme dos pastos. A Inglaterra está hoje repetindo o que sucedeu na Italia depois da conquista de Carthago, cujos dominios, a Sardenha, a Sicilia, a Africa e a Hespanha, passaram a ser os celleiros romanos. *Grosso modo*, são por anno 100,000 acres¹ que se transformam, de lavrados, em pastagens. Cada anno a população pecuaria aumenta mais de um milhão de cabeças. Os salarios ruraes, portanto, não augmentarão: pelo con-

¹ Um acre tem 40^{m²},46 ou 0^{hect.},4046.

trário, é mais facil que diminuam; e assim, uma das causas da despovoação dos campos encontra-se aggravada pelas proprias condições da exploração agricola.

As ondulações largas da paisagem desdobram-se em tapetes de relva opipara, em campos de beterrabas e luzerna, prados naturaes e prados artificiaes, immensa mesa sempre posta para os animaes comerem. Adivinha-se por baixo um torrão humido; entrevê-se de passagem o canal trasbordando agua barrenta. O ar, apezar de azul, sente-se que está impregnado de agua. Alongando a vista á roda pelo horizonte, vêem-se flocos de nuvens, uma congestão do ar, a cortina de sombra descendo sobre a terra. Lá chove miudinho, agua peneirada por um crivo, rega creadora para a herva sempreviva. O campo é uma manufactura pingue de forragens, o vestibulo de uma queijeira, ou de um matadouro.

Em todo o Reino-Unido, Inglaterra-Galles, Escossia e Irlanda, a area cultivada é hoje de 48 milhões de acres, e ha vinte annos era de 45 milhões. Os pastos, naturaes e artificiaes, entravam por 27 milhões, ou 60%, e as culturas cerealiferas por 11 milhões, ou cerca de 25%. Hoje os pastos são 33 milhões, ou 70%, e os cereaes 9 milhões, ou menos de 20. Em Inglaterra-Galles, sobre 28 milhões de acres cultivados, 18 estão em pastagens, 7 em cereaes e 3 em legumes e hortaliças. Na Escossia, os pastos são 3 milhões de acres sobre o total de 5 de cultura. Na Irlanda, são 12 sobre o total de 15. É ou não é a Gran-Bretanha uma grande manufactura de vianda, e o paraiso da carne?

Os calculos formulados pelo gerente do *Earl de Carlisle*, Mr. R. E. Turnbull, em um *paper* que tive occasião de vêr em Londres, dão, em 1890, sobre uma producção agricola total de 186 milhões

de libras, quasi 68 %, ou 125 milhões, para os animaes e seus despojos. Cereaes por um lado, legumes pelo outro, entram egualmente por 30 milhões. Como rendimento liquido, a percentagem afferente ao gado é ainda superior: atinge 70.

Esses tapetes de herva, densamente povoados pelos ruminantes alimenticios, apresentam-se-nos, na sua passagem rapida perante as vidraças da carroagem, crivados de flores amarellas e brancas, topazios e perolas, engastados em um mar de esmeralda, onde as gottas de agua suspensas, prendendo a luz, parecem diamantes. Tanta pedraria, tão cruelmente rutilante, fatiga a vista. As sebes vivas delimitam rectangularmente a extensão que perdeu todo o caracter de campo, irregular e espontaneo, para tomar o de uma fabrica *sui generis*. As arvores, espalhadas em massicos, ou em renques, na uniformidade da sua côr, na regularidade grave das suas formas opulentas, parecem tambem artificiaes aos olhos costumados á paisagem tão viva, tão cheia de contrastes, do Meio-Dia. Dir-se-hia que a natureza reservou aqui todos os seus caprichos para a alma: por isso lhe deu um scenario tão monotonio, essa sphinge contradictoria e enygmatica!

Aos prados seguem-se os *parks*, aos *parks* os prados. A estrada vae caminhando, assim, entre campos, palacios, jardins e villas, suburbios ininterrompidos da metropole, *urbs* para a qual se sobe sempre. *Go up to London*, é a expressão ingleza consagrada. Por entre os massicos de arvoredo, que se repetem em planos successivos, até fechar o horizonte, cõa-se uma luz diffusa. Os castanheiros com os seus pennachos em flor, as tilias opulentas, os olmeiros, os sycomoros, os cyprestes esguios e negros: todas essas arvores imponentemente graves, aqui ou além entremeiadas com o

platano esbelto, ou com o carvalho nervoso, mas sem as cortinas rendadas, aereamente balouçantes, dos choupos que bordam os nossos ribeiros e onde o rouxinol faz os seus ninhos; sem a tonalidade e a polychromia da vegetação continental: pareciam-me tambem, como as vaccas pesadonas, estar ali para um fim pratico, ignorantes da alegria descuidada dos nossos compatriotas vegetaes.

Uma nevoa azulada encinzeirava, prenhe de luz, as aberturas das ramagens empastadas em verde; e assim como o verde á distancia ennegrece, assim essa nevoa se vae tornando cada vez mais densa, envolvendo tudo, lá para além, nos confins esbatidos da paisagem palpitante de vida. Eu sentia vagamente uma allucinação de carne, e comprehendia como os inglezes são um povo de athletas.

II

Entretanto o comboio corria por entre um mar de prados e *parks*, de palacios encastoeados na verdura com jardins que desciam em taboleiros enrelvados até ás margens da estrada, crivados de massicos de rhododendrons da altura de tres homens, arbustos floridos com plumas vermelhas, ou violetas, desentranhando-se da massa quente e forte da folhagem verde-negra. Havia *cottages* elegantes, castellos pretenciosamente carregados de ameias e torres, campanarios e agulhas: uns fingindo solares antigos, outros parecendo bonitos de cartão. Sentia-se palpitar o dinheiro n'esta paisagem, onde a humidade creadora fazia brotar a carne do seio da terra. As azaleas mais humildes cerravam-se em bosques ao lado dos rhododendrons, crivando tambem de

amethystas, ou de sanguineas, o engaste de esmalte verde. Tudo me dava uma impressão como que africana. Não estava por ventura a caminho de Carthago? O luxo quasi barbaro das cousas humanaas, a violencia das côres da paisagem metallica, a impressão de força, o sentimento de brutalidade aheia a toda a delicadeza e sensibilidade estheticas: eis ahí o que eu adivinhava, provavelmente pelas idéas com que vinha, e porque estas cousas e estas côres, creadas na sombra e na nevoa dos longos invernos e dos céos de estanho, não supportam a plena luz de um sol claro.

O comboio, correndo, parecia-me ir aspirado pelo fóco de attracção da capital, Londres, de que toda esta Inglaterra é um suburbio. Essa aspiração devoradora exercida pelas capitaes, era o phenomeno que me preocupava, e de que o scenario circumdante me dava a prova, corroborada pelas observações estudadas antes.

Only boys, girls and old folk are left: só nos deixam as creanças e os velhos! é o grito universal dos lavradores. A gente valida foge toda. Calculam que hoje não ha em toda a Inglaterra mais de oitocentos mil trabalhadores ruraes. A população da Inglaterra-Galles subiu nos ultimos trinta annos, de 20 para 29 milhões de habitantes. Em 1861 eram 20; em 1871 eram 22,7; em 1881 eram 25,9; e em 1891 eram 29. Pois bem: n'estes numeros os ruraes eram 7,7 em 1861 e são 8,2 milhões em 1891. A proporção dos habitantes ruraes que era no principio d'este periodo de 35 p. c., baixou no fim a 28. O ultimo censo mostra que de 1995 districtos extra-metropolitanos, 945, metade, apresentam diminuição absoluta de população. São as *farm lands*.

Se os salarios são baixos, como no Wiltshire, o

camponez emigra; se são altos, como no Northumberland, tambem emigra. Se as granjas são pequenas, como em Sleaford, parte; se são grandes, como em regra no Norfolk, parte da mesma fórmula. Quando os caminhos de ferro começaram a penetrar nos districtos ruraes, as esperanças do povo eram magnificas. Pensava-se que os mercados estacionarios das pequenas villas acordariam para uma vida e prosperidade novas. Todavia os caminhos de ferro concorreram tambem para o entumecimento das cidades, para a despovoação dos campos, para a concentração da riqueza e para a commercialisação da vida. A agricultura continuou a arruinar-se progressivamente.

E parallelamente a propriedade continuou a concentrar-se. Em 1891, a area total das propriedades rurais no Reino-Unido é de 75 milhões de acres: d'estes, 52 milhões estão em granjas de mais de 1.000 acres; 15 em granjas de mais de 100; 5 em granjas de mais de 1; e apenas 188 mil acres em granjas de menos de 1 acre. E cumple advertir que um proprietario pode possuir numerosas granjas. Em 1890 as heranças prediaes de valor superior a meio milhão sterlino foram 11, no total de 8 milhões; e as superiores a um milhão foram 4, no total de 6 milhões. A reacção contra o englobamento da propriedade não parece que deva dar resultados. *Latifundia perdidere Italianam*, disse Plínio; e o que sucedeua na Italia antiga está-se repetindo na moderna Inglaterra. As experiencias philantropicas patrióticas de Mr. Chaplin, no Lincolnshire, não parece poderem vencer a corrente. Lord Salisbury disse-o no seu discurso de Exeter, em fevereiro d'este anno: «Eu não creio que a pequena propriedade e cultura sejam o meio mais economico de arar a terra.» É verdade que

accrescentou tambem : «A pequena propriedade constitue a barreira mais efficaz contra a revolução.» Não ha, como no continente fronteiro, em França principalmente, uma pequena burguezia de proprietarios e comerciantes que funcione como equador social. Ha riqueza exuberante, e que tende a enriquecer cada vez mais os ricos, pondo-os frete a frente com plebes proletarias. É perigoso.

A freguezia de Doddington era um aggregatedo de pequenas propriedades, como tantas, em muitos condados inglezes: no Lincolnshire, no Wiltshire, no Cheshire, em Norfolk, etc. A tragedia do pequeno *freeholder* representou-se ahí, do mesmo modo que em todos os cantos da Inglaterra: uma tragedia de privações e trabalhos medonhos, de pobreza lancinante, de endividamento e execuções, fallencias e mortes. Outra freguezia, a de Ford, que pertencia quasi toda ao marquez de Waterford, era, sob o dominio da marqueza fallecida, um dos pontos mais benevolentemente regidos. Desde muitas gerações havia o costume de dar aos aldeões o *allotment* de um *acre*, de meio *acre*, de um quarto, com cada *cottage*. Pois a grande maioria d'essa gente emigrou para Newcastle, preferindo trabalhar nos caminhos de ferro e nos caes, ou serem carregadores nos armazens, ou moços nas tabernas. De 1881 para 91, em 10 annos, Newcastle subiu de 145 para 186,000 habitantes: 28 por cento. Este exodo da populaçao rural é uma das causas da ruina da agricultura.

Os proprietarios encontram séria dificuldade para arrendar as terras. O anno passado, pelo outono, podiam andar-se quinze milhas no Norfolk sem encontrar uma propriedade arrendada. A prova da crise está no preço extremamente baixo da terra, no numero excessivo de casas rurales fechadas, por-

que seus donos já não teem meios de as habitar á velha moda; está nas extensões de superficie que deixam de ser cultivadas. Para fugirem á situação que tem na Irlanda, *boycotted* pelas populações, baixam voluntariamente as rendas, em muitos casos até metade. Em varios districtos, nomeadamente no Lincolnshire e no Essex, abandonam-se de todo as terras. O procurador do *Earl* de Carlisle, de quem já falei, calcula em 186 milhões o producto bruto annual da lavoura em Inglaterra-Galles, o que dá £ 3.17.6 para cada acre. Calculando o capital de exploração, gados, sementes, alfaias, adubos, etc., em £ 7 por acre, 335 milhões ao todo, o juro de 5% são 7 shillings; calculando a renda em 14 shillings, ficam 13 de lucro liquido para o rendeiro, isto é, um juro superior a 10%. Por seu lado, o proprietario, recebendo 14 shillings, não tira mais de 2,66% depois de pagos os impostos, reparações, etc. Sommando a renda do senhorio e o lucro do rendeiro, a terra dará 3,12%. São estes, porém, os calculos de um proprietario, deve advertir-se.

Dois exemplos instructivos que ouvi allegar, consistem nas terras do collegio de Oriel (Oxford) estudadas em uma interessante memoria apresentada á sociedade real de estatística; e nas terras do hospital de Guy. As primeiras, em 1877, mediam 6:068 acres e rendiam £ 10,472: em 1890 medem 6,142 acres e rendem £ 7,689. As segundas bairaram de £ 41,840, em 1885, a £ 27,550 em 1891.

A importação estrangeira collabora com o exodo rural para a crise da agricultura. Ouvi toda a gente queixar-se d'isso, e applaudir o protecccionismo rural francez. Ha vinte e cinco annos, o trigo valia 50 shillings o *quarter*; hoje custa a valer 31. Os

lacticinios baixaram 20% nos preços de ha vinte annos. Veem ovos dos confins do mundo. O emprego do gelo, para a conservação das substancias corruptesciveis, ampliou a esphera de acção do commercio. Queijo, manteiga, margarina, ovos, de que em 1870 se importavam 11 milhões sterlinos, entram hoje por 22: o dobro; e mais se se attender á baixa do valor. Em 1891 entraram de fóra 166 milhões sterlinos de *farm produces*.

Ora, a verdade é que a Inglaterra, cidade e fabraca, escriptorio e officina, significa muito mais do que a Inglaterra granja: e por isso esta ruina da lavoura, em beneficio das populações fabris e urbanas, é um lucro na economia nacional. Os países em que a agricultura é a occupação e o rendimento predominante, estão em outro caso.

Mr. James Macdonald, do *Farming World*, cujo livro, *The book of the Farm*, appareceu o anno passado em nova edição, formula a conta de um jornaleiro de arado, *ploughman*, no Essex, d'este modo:

52 semanas a 14 shillings.....	£ 36.8.0
Extra, pelo corte do feno.....	£ 1.10.0
Idem, nas ceifas.....	£ 3.10.0
Cottage.....	£ 5.0.0
Lenha, etc.....	£ 1.2.0
	£ 47.10.0

Esta é a férias dos melhores. Os trabalhadores ordinarios ganham 1 shilling menos por semana. Nas vizinhanças de Londres, a férias sobe 2 ou 3 shillings; mas por outro lado, nos condados excéntricos, baixa a 10, 11 e 12 shillings. Mr. Kebbel, o conhecido jornalista tory, no seu livro *English Country life*, tambem publicado em 1891, diz que, em termos geraes, o rendimento annual de um jor-

naleiro inglez commum, incluindo salarios e accessorios, regula entre £ 50 no Northumberland, e um pouco mais de £ 30 no Wiltshire e outros condados do sul. A media é £ 40; mas é só a baixa exceptional de poucos condados que a produz. Nos condados de leste, nos interiores, nos do norte e de sueste, é mais commum vêr o total elevar-se a 43 e 44 £, do que baixar a 37 ou 38. Pastores, carreiros, e abegões são pagos por maior preço: á razão de 50 £ por anno. As enormes differenças que se observam de condado para condado, põem de sobreaviso a respeito da exactidão geral das estatisticas. Ha que desconfiar das médias. Ha que aguardar maior somma de informações locaes. Dizem-me que ha *cottages* apraziveis no Gloucestershire, de rendeiros que não tiram mais de 12 shillings por semana, e com isso teem de sustentar e vestir uma familia inteira. Como se arranjam para não morrer de fome, é um mysterio. O Norfolk e o Suffolk são, ao que parece, no momento actual, os condados mais afflictivos, quanto á sorte dos jornaleiros.

O Hampshire e o Surrey, que eu ia atravessando na minha jornada para Londres, apresentavam-me com frequencia, á beira da estrada, pequeninas *cottages* cobertas de colmo, ou de louza, baixas, com janellinhas apertadas, deixando vêr pela porta aberta um interior pobre. Mas tudo era tão nitido, tanto em ordem! Os vidros, transparentes e limpos como agua. Não ha um caco, nem uma persiana partida, nem uma poça, nem estrumes espalhados, e animaes domesticos refocilando-se em chiqueiros. Dizem-me que a immundicie meridional seria mortifera n'estes climas. No jardim ha flôres, e as trepadeiras crescem pelos muros da casa, embocetando-a em um ninho de verdura. No terreiro, á porta, vejo

um velho, sentado ao sol: ao lado a filha lê—parece-me que lhe lê—o que? Talvez um dos incontáveis artigos, em que se commenta a ruina dos campos e a alegria apagada da velha Inglaterra, *merry England...*

São frequentes as lições e os discursos que se proferem, os artigos que se escrevem, sobre a decadencia da agricultura. O thema é identicamente constante, as idéas de reforma variam pouco. Principiam sempre pela baixa dos salarios, insinuando que os trabalhadores são reduzidos á fome, para que o rendeiro possa trotar no seu *gig*, e o proprietario rodar na sua carruagem. Este proemio rhetorico põe o leitor, ou o ouvinte, de bom humor. Depois veem as alterações produzidas pelo tempo, o exagero das rendas, as modificações dos *allotments*. Em seguida advoga-se a creação dos conselhos parochiaes que seriam possuidores da terra, arrendando-a aos trabalhadores em termos absolutamente razoaveis. Antes, prégava-se o *scheme* da nacionalisação, segundo as idéas de Henry George, que cederam, porém, o passo á idéa nova dos conselhos parochiaes, e do collectivismo rural. O indispensável seria varrer a lethargia geral, unirem-se os trabalhadores e fortalecerem-se pela associação. Só as *grèves* são meio efficaz: a acção do parlamento é nulla e irrisoria.

Esta propaganda lavra activamente nos campos e inclina-os para o radicalismo. As unicas exceções são os districtos que escaparam aos effeitos da depressão agricola, ou aquelles que teem como representantes os membros de alguma familia, especialmente popular. Em geral, tanto proprietarios como rendeiros, estão convencidos de que o estado actual dos districtos rurales é devido quasi exclusivamente á politica do livre cambio, e que a unica

taboa de salvação consiste no restabelecimento de direitos protectores. Mas o trabalhador do campo, o jornaleiro, não pensa do mesmo modo. Não sofreu da concorrência estrangeira por um modo palpável e directo, como aquelles que o empregam. Os salarios, ou subiram, ou ficaram estacionarios, enquanto o poder comprador da moeda aumentava, ou por outra, os preços dos generos desciam. Os objectos de consumo embarateceram em geral. Por tudo isso, o jornaleiro fecha os ouvidos aos que o querem persuadir das excellencias do *fair trade*, ou proteccionismo. *Hodge*, é este o appellativo do jornaleiro, olha com maior favor as doutrinas que lhe promettem melhoria de bem-estar rapida, directa e gratuita. É o que lhe garantem com o collectivismo conselho.

Os conselhos ou juntas de parochia, *parish councils*, como instrumento de socialisação rural, são proclamados por um modo que *por enquanto* os copripheus do liberalismo, Gladstone, Morley, Harcourt, acaso consideram excessivo. Escrevem-se entretanto palavras d'estas: «Se se tem de usar do credito publico para a compra da terra, a compra deve fazer-se por corporações publicas e para beneficio publico. O jornaleiro trabalha 72 horas por semana, das 6 ás 6 diariamente, mediante nove ou dez shillings: é tempo que um tal estado de coisas termine, para que os districtos ruraes tenham tantos, ou mais attractivos, do que as cidades para os filhos do trabalho.» Mas se, feitas as contas, ainda quando todo o rendimento liquido da terra fosse para o trabalhador: ainda assim o salario não poderia competir com os salarios fabris e urbanos? Mas se, para valorisar a terra, é indispensavel encarecer os preços ás subsistencias, cohibindo as importações? E se isso iria ferir no bolso ás legiões

de operarios e carregadores que formigam nas fabricas, nos caes e nas docas?

Talvez que Hodge, curvado na sua cadeira, á porta da sua *cottage*, fizesse, com a experiençia dos annos, observações d'estas ás cousas que a filha, loura, de olhos garços, lhe ia lendo na *Magazine*. O mal dos campos está na mudança dos tempos. O velho vira apparecer o caminho de ferro, o telegrapho, os *steamers*: todas essas machinas multiplicadoras da força e do tempo, que fazem viver e ganhar, e gozar, em um anno, tanto, como d'antes em uma vida inteira. E a pobre terra á qual, curvado, Hodge estava pedindo a paz da cova: a pobre terra, apesar dos machinismos novos e dos adubos sabios, retardataria, ficava para traz, como um cavallo velho e cançado. Se a gente emigra dos campos, é porque, de todos os meios de fazer fortuna, a agricultura é o mais lento. Se toda a gente foge para Londres, o coração hypertrophiado da Inglaterra, é porque está ahí o polypo de milhões de antennas que por todos os cantos do globo vão suger a riqueza do mundo: Londres, *the great wen of England*, o fleimão, o abcesso, o cancro...

Chegava o comboio á estação de Waterloo.

III

Desde que passámos a Clapham *junction*, ou entroncamento, onde se ligam todas as linhas ferreas da margem esquerda de Londres, a estrada vae seguindo em viaductos, para galgar o Tamisa, sobranceira ao lengol colossal de casaria, que se estende a perder de vista. É uma babel de tijolo. É

um formigueiro infinito. As casas, pequenas, negras, amontoam-se em ruas irregulares, dando ao mesmo tempo uma impressão grandiosa e mesquinha: grandiosa pelas proporções do conjunto, mesquinha pelo carácter dos elementos. Londres é uma cidade que se estende por juxtaposição, um polypo gigantesco de casaria. Aperta-se o coração á gente, ao sentir que se entra no ventre do grande monstro do mundo.

Esse *home* quasi sagrado dos bretões, quando a principio se observa, como me sucedeu, á luz clara de um dia glorioso de junho, infunde medo. A impressão é forte, mas não posso chamar-lhe agradável. O sol desapiedadamente põe a nú a miseria d'estes bairros pobres, com as suas casas denegridas pelo fumo, ensebadas pelos nevoeiros viscosos, com pateos, beccos, destroços, lixo, e um mar imenso de pequeninas chaminés erguendo-se dos telhados de ardosia, como dedos minusculos de pigmêos, apontando caricaturalmente para o céo. O conjunto é grotesco. Grandeza não tem, embora tenha immensidate, o mar de casas sobre que o comboio vai rodando até chegar á cova escura, que se chama Waterloo station.

Ahi nos vasaram sobre uma rua ingreme; e para esgotar esta primeira impressão, enfiámos a pé pelas travessas que vão dar ao Tamisa, passando-o na ponte do caminho de ferro, *Charing cross* (os ingleses, para brevidade, substituem esta palavra pelo signal +) *bridge*. D'ahi, descendo as escadas sobre o caes, ou *embankment*, da margem esquerda, fomos ao longo do rio em demanda do nosso hotel, o *Savoy*, fronteiro á agulha de Cleopatra.

Das varandas do *Savoy*, Londres tinha outro aspecto.

O Tamisa faz alli um cotovello apertado, con-

vexo sobre a margem esquerda, onde me achava. Olhando para juzante, via, a pequena distancia, a ponte de Waterloo, de pedra, coberta de carros e de gente, n'um perpassar incessante. Olhando para montante, via, ao pé de mim, a ponte de ferro de *Charing cross*, ou *Charing +*, á ingleza, resfolegando fumo dos comboios que passam em muitas vias, constantemente, com um ruido de trovão distante, despedindo relampagos pelas rotulas que fecham o taboleiro. Depois, para o mesmo lado e para além da ponte de Westminster, cravavam-se no céo, já opalino do entardecer, as agulhas e corucheus dourados dos tectos do palacio e da torre do Parlamento.

— Não lhe parece que isto dá uma impressão de Oriente? perguntava-me o meu companheiro.

Justamente estava eu n'esse instante fitando a margem fronteira, onde, para além do rio, côr de greda, com as suas barcaças de carga e os seus vapores longos apinhados de passageiros, se erguiam duas torres esguias, como minaretes arabes: eram apenas torres de fabricas de chumbo de caça.

Mas ao pé, cá d'este lado, debruçadas sobre o rio, sorriam com *humour* as duas sphinges que la-deiam a agulha de Cleopatra, encastoada n'uma base de bronze. Effectivamente o scenario tinha o quer que fôsse de oriental. Não sei se da India, como queria o meu companheiro; não sei se do Egypto, como as sphinges me segredavam; mas, talvez, por virtude das idéas com que vinha, de Assur, ou Babylonia, nos tempos colossaes de Sargon, ou de Assurbanipal. Essa noite sonhei que estava em Ninive: talvez porque, antes de me deitar, como a lua tinha um clarão esplendido, o Tamisa parecia um tapete de escamas de aço reluzente, e a ponte com a sua palpitação constante de relampagos, n'um

trovão seguido, e os fogos da cidade illuminada, e os corucheus de ouro de Westminster, recortando o lengol argentino do céo, me enchiam a idéa com as visões dos quadros em que Turner pintou, em clarões tambem, a ruina da cidade do Euphrates, incendiada.

Eu dava as costas á grande Babylonia de hoje, e, por cima dos hombros, chegava-me aos ouvidos o sussurro gigantesco dos milhões de seres humanos que além se agitam na faina pesadissima de viver uma vida por nós mesmos feita de torturas e trabalhos, quando a natureza, meiga e simples, nol-a proporciona facil e socegada.

Ouvia o palpitar gigantesco, o trovão surdo do movimento n'essas vinte mil ruas que tem Londres, e medem tres mil milhas, e dão accesso a novecentas mil casas, e correm por ellas rios de gente em mais de dez mil *cabs*, fóra um milhar de *tram-ways*, fóra dois milhares de omnibus, fóra as estradas ferreas de acceso, e o *underground* que vae a toda a parte debaixo das ruas. Só cocheiros e conductores, ha um exercito de trinta mil homens. Só na *City*, amendoa d'este immenso fructo chamado Londres, creado com a substancia do mundo inteiro; só na *City*, entram por dia, todos os dias, salvo os domingos, noventa mil vehiculos e mais de um milhão de pessoas. E em um raio de seis ou sete milhas, a partir de *Charing Cross*, ha dentro do perimetro de Londres mais de quatrocentos kilometros de vias ferreas em movimento.

Londres tem o dobro de Pariz, o triplo de Berlin, quasi o quadruplo de Vienna e de Nova York, o quintuplo de S. Petersburgo, mais do decuplo de Madrid, e quinze vezes Copenhague e Roma. Tem mais catholicos do que Roma, mais judeus do que toda a Palestina, mais escossezes do que Aberdeen,

mais welshs do que Cardiff, mais irlandeses do que Belfast.

Quando principiou, a *City* humilde, capital do reino de Essex, no seculo vi, tinha apenas uma área de 650 acres. É ainda a área de hoje, com os seus quarenta milhares de habitantes, dividida em 26 bairros ou *wards*, cada um dos quaes elege vitaliciamente um *alderman*, como no tempo remoto em que esses magistrados iam com a vara de álamo, *alder*, na mão, ao *mallum*, ou parlamento do tempo. Os *aldermen* elegem d'entre si, annualmente, o *lord mayor*. Os ingleses levam até à caricatura o culto da tradição e o respeito pelo tempo. Esta gente intrepida é todavia infantilmente medrosa, diante de tudo o que não comprehende. De todos os europeus, são talvez os menos dotados da curiosidade inventiva, sendo ao mesmo tempo os mais audazes executores. Boas machinas, reguladores mediocres.

Em volta do nucleo da *City*, Londres cresceu. Chama-se a *metropole*, ou condado de Londres, governado por um conselho municipal electivo, uma área de 75.461 acres, que todavia não é ainda Londres inteira; porque, independentemente do *London county council*, funcionam corporações diversas, cada uma das quaes abrange a sua área. A área postal, a área eleitoral, a área fiscal, etc., não coincidem. Os conselhos das escolas, dos asylos, dos cemiterios, etc., dezoito conselhos autonomos, funcionam independentemente. A área policial, sobre a qual se exerce a acção do exercito, ainda assim pequeno, de quinze mil guardas, uede 451.559 acres, em um circulo de quinze milhas de raio, tendo por centro *Charing Cross*. É a *greater London*, na qual os *parks* e florestas occupam uma área de treze mil acres. Só a matta de Epping tem cinco mil, a de Wimbledon mil e quinhentos, Hyde Park

trezentos e sessenta, Regent's Park quasi quinhentos.

Esta cidade immensa, mais povoada que muitas nações, entre theatros e salas de espectaculo de toda a ordem, tem quinhentos, com capacidade para trezentos mil espectadores. Tudo aqui é enorme, o que não quer dizer que seja grandioso, no sentido de magnifico. *Albert Hall* parece um amphitheatro antigo, salvo o tecto. Calculam em 38 milhões sterlinos o valor da propriedade no *inner London*, Londres interior, ou condado de Londres. Todos os numeros que accusa o *Metropolitan year book*, reportorio municipal para este anno, são correspondentemente monstruosos.

Dão os ingleses um consumo consideravel á leitura, abarrotando a cabeça de factos e numeros, por digerir, do mesmo modo que abarrotam o estomago com *joints* meio crûs e bebidas capitosas. Como tem o estomago tão rijo como a cabeça, digerem, porém, tudo, mais ou menos engulhadamente. Afóra livros, leem mais de trinta jornaes diarios de grandissimo formato, e de quinhentas a seiscentas publicações periodicas, *reviews*, *magazines*, etc. Por outro lado, fôra o que comem em casa, comem e bebem em quatorze mil vendas, que tantas são as *licenças* para *public houses*, *beer houses*, *refreshment rooms*, *wine shops*, etc.

Esta grande colmêa de gente voraz engurgita por anno dois milhões de *quarters* de trigo; oitocentos mil bois; quatro milhões de carneiros, vitellas e porcos; nove milhões de aves; cento e cincocentas mil toneladas de peixe; duzentos milhões de *quarters* de cerveja, trinta de vinho, vinte de aguardente, que é o lume com que internamente se aquecem, queimando doze milhões de toneladas de carvão para se aquecerem contra o frio do ar, para se

servirem, para se agitarem, transformando o lume em vapor, no seio de um ambiente hostil.

IV

Quando, pela manhã, sahi para vêr o scenario exterior da cidade, seguindo, ao longo do *embankment*, achei-me debaixo da ponte de *Charing Cross*, entre columnões massiços, atarracados, côr de sangue de boi, tendo por cima da cabeça um tecto de chapas de ferro da mesma côr, e por cima do tecto os comboios rodando rapidamente sobre carris de aço polido. Julguei-me em alguma especie nova de *Egypto*, *Babylonia*, ou o quer que fosse, extranhamente, monstruosamente *antigo*. É ao desembocar na avenida de *Northumberland*, subindo-a, dei de frente com as columnadas e terraços da *National gallery*, que formam o fundo, no alto de *Trafalgar square*. Aquellas columnas, aquelles porticos, aquellas pilastras, pesadas e massiças, negras como carvão besuntado de sebo, com as fontes em frente, jorrando agua, e em baixo a columna de *Nelson*, onde o heroe se apoia a um monte de cordoalha: tudo isso negro, a contrastar com o céo excepcionalmente azul, produzia em mim uma impressão singular de grotesco tragicó, tanto mais que no socco da columna, os quatro bellissimos leões de *Landseer*, deitados como sphinges, me falavam da grandeza épica d'este povo que, verdadeiramente, nos tempos actuaes, é como o romano foi nos antigos, o forte dominador de homens: *Tu regere imperio popules, romane, memento!*

Sem duvida, a impressão do *classico*, em Londres, já pelo negro da pedra, que parece gangrena, já pela falta de elegancia e leveza das con-

strucções, é grotesca, sem todavia ser ridicula. É brutal e incongruente; obscuramente grande, sem ser grandiosa. Não estamos em Athenas, não. Não é um povo de artistas, não. Mas tambem, em Roma, os monumentos tinham um ar pesadamente colosal, que devia produzir impressões analogas ás minhas, no espirito dos gregos que visitavam a cidade imperial do Tibre.

Analogas, digo, e não eguaes, porque entre Roma e Londres a diferença é enorme. Só o instinto *impérial* do povo se parece: o céo é outro, outro o genio da gente. Apesar da sua inferioridade esthetica, nunca a um romano ocorreria a idéa de esperar um pára-raios na cabeça do duque de York, que de sobre a sua columna olha para o park S.^t James; nem de expôr, nú e do tamanho de um rhinoceronte, o Duque de Wellington, em attitude de Alcides de feira, brandindo uma faca de cozinha, á entrada de Hyde-Park.

Decididamente, Londres, vista por fóra, pesa-me sobre o coração. É *oriental*, como quer o meu companheiro, se por esta palavra significamos as coussas monumentalmente esmagadoras.

Estamos aqui no coração do monstro. Olhando para baixo, dos terraços da *National gallery*, enfa-se a rua de Whitehall, que leva em linha recta a Westminster e ao Tamisa, com o palacio historico, onde Wolsey ostentava o seu luxo quasi real; onde Henrique VIII, em um baile de mascaras, perdeu o coração por Anna Bolena, e Carlos I perdeu a cabeça em um patibulo, nos tempos tragicos da historia ingleza. Agora, os *horse guards* fazem sentinella, aprumados, trazendo á cabeça as barretinas monumentaes do principio do seculo. As secretarias dos Estrangeiros e da India, o almirantado, o thesouro, alinharam-se á direita da larga ave-

nida, e cada um d'estes nomes, evocando idéas de um poder enorme, impõe respeito.

A direita de tudo isto, para o poente, fica o *park S.^t James*, limitado, longitudinalmente, pelo *Mall*. Para cima, segue a rua dos clubs, *Pall Mall*, com palacios negros, arcadas que parecem antros, columnas que parecem postes de carvão, e janellas com esplendidas vidraças, como espelhos, através das quaes se adivinham as poltronas incomparaveis e os tapetes mais macios ainda do que a relva dos *parks*: todo o luxo solido e *confortavel*, nada scénico, dos interiores ingleses. É verão: as janellas são açafates de flores.

Lá ao fundo fica Saint-James, o palacio de Henrique VIII, com a sua porta de puro estylo Tudor; e esse genero de construcção, massiça e esguia, é a que quadra ao clima e à paisagem. Não fere pelo absurdo, como o *classico*. Cá no principio de *Pall Mall* fica-nos a praça de Waterloo, com o seu monumento da Crimeia: granadeiros de barretinas como os de Whitehall; mas felizmente aqui são de bronze. Não soffrem, os felizes! Para cima, subindo, vae *Regent Street*, que logo se desenvolve em uma bella curva, a que os londrinos teimam em chamar *quadrant*; e no arrancar d'esse quadrado-curvo, que leva *Regent Street* para o norte, começa, em angulo recto, *Piccadilly* para oeste. São as duas grandes ruas da Londres mundana.

E para a esquerda do terraço da galeria, onde estamos, parte, desde a encruzilhada de *Charing Cross*, em frente do *Mall*, o *Strand*, longa arteria parallela ao rio, ligando a Londres mundana com a Londres da *City*, n'uma extensão de quatro milhas, que tanta é a distancia de *Charing Cross* a *Mansion house*, coração da *City* e residencia do *lord mayor*.

A frente da praça de Trafalgar, para leste de Whitehall, cortada ao meio pela avenida de Northumberland, é o bairro dos hoteis da novíssima Londres. São casas enormes de seis andares, à parisiense, reproduzindo pesadamente o gênero de arquitectura urbana continental. Estão aí o Metropol, o Victoria, o Grand Hotel; e no *Strand*, um pouco adiante, o Charing Cross Hotel, na própria estação do caminho de ferro.

Nesta inspecção que fizemos, reconhecemos três tipos arquitectónicos diferentes; o Tudor, o das-sico, e o continental-phalansteriano dos quartéis massiços de Pariz. Há outros gêneros de casas mais, a acrescentar ainda. Há, primeiro, o estylo da rainha Anna, semelhante ao jesuitico peninsular, e de que a fachada e a torre de Whitehall são um exemplo; e há o tipo corrente da casaria antiga, sem estylo, nem preocupações artísticas. É um muro de tijolo liso com três aberturas rectangulares em cada um dos três andares: o terreo e dois superiores.

Quatro quintas partes de Londres, incluindo os bairros miseráveis, são assim: ruas inteiras, ruas enormes, de pequenos alveolos, sem a mínima idéa de apparato scenico, formando os *homes* de John Bull. Cada casa tem um morador só: fechada a porta, é um baluarte inviolável por lei. A porta reluz com os fechos amarellos brunidos todos os dias; os vidros das janellas não teem um grão de poeira, nem uma mancha de agua. Por fóra há flores quasi sempre nos parapeitos; por dentro há sempre cortinas, mais ou menos ricas, mais ou menos conchegadas. Tem tudo um ar de limpeza e conforto abastado. Às vezes, em frente da casa, rasga-se um fosso defendido por uma grade que limita a rua; outras vezes é um pequeno jardim; outras vezes, apenas olhos-de-boi, de vidro grosso, como nos navios, para

illuminar o subterraneo, onde estão as cozinhas, a adega e os despejos. Ao rez-do-chão ficam as salas de visitas e de jantar; nos dois pavimentos altos, os quartos.

Hoje ha casas luxuosissimas em que predomina a ostentação dinheirosa, affirmando-se em obras de melhor ou peior gosto, mas em geral sem caracter. Até ao meiado do seculo, porém, as construcções domesticas, externamente simplissimas, e os horroirosos monumentos greco-romanos, pode dizer-se que formavam Londres. Até os palacios de fidalgos, por exemplo, o de lord Salisbury, ou o do duque de Wellington, á entrada de *Hyde Park*, são predios de apparencia relativamente modesta e simples. O primeiro parece uma casa burgueza. Londres era a capital de um grande povo protestante, rígido, trabalhadar, cupido, e desdenhoso das exterioridades da vida. Por todos estes motivos não era um povo artista: d'ahi o caracter grotesco dos monumentos londrinhos d'esta epocha. Revelam uma grande somma de sentimentos nobremente fortes; mas revelam-no por uma forma entre pueril e extravagante. A epopeia das guerras napoleonicas está escripta em pedra por toda a parte, mas com gaturujas de a gente pôr as mãos nas cabeça.

De 1850 para cá, o enriquecimento espantoso da Inglaterra e a sua fortuna excepcional, affectaram o caracter antigo e modificaram o aspecto da cidade. Tambem os ingleses quizeram ser artistas e embellezar, modernisar, a sua capital, copiando Paris, apesar do desdem que affectam pelo Continente. Sentiam-se exquisitos e inferiores, e, com o bolso a rebentar de libras, deitaram-se a reconstruir Londres. Vieram as grandes, espaçosas avenidas; vieram os palácios á moda da Renascença franceza, ou italiana; vieram os massiços de casaria em anda-

res e compartimentos, á franceza, substituir o velho *home* inglêz; vieram as construcções de tijolo vermelho e terra-cota á moda allemã do Hanover e da Prussia; veio finalmente a restauração do es-týlo nacional Tudor, que predomina nos palacios e nas casas communs, e no qual, mais ou menos, se inspiram as duas maiores construcções novíssimas de Londres: Westminster, e os tribunaes do Templo.

Sem duvida alguma, é preferivel ás horrorosas columnadas e tympanos romanos. Casa-se melhor com a paisagem; dá uma impressão mais conforme com o clima: mas, verdade, verdade, tem os contras de todas as reconstrucções eruditas. Tem um ar de *bric-à-brac*. Vê-se o esforço de gente rica, imaginando que com dinheiro se obtém tudo, e que, á custa de milhões, querem tambem ser artistas. Bem lhes basta o que são.

Porque os monumentos verdadeiros da Londres de hoje, quanto a mim, hão de vêr-se nas construcções espontaneamente nascidas das necessidades e do caracter dominante d'essa civilisação carthaginéza. São os palacios de crystal das exhibições populares; são as pontes massigas e utilitarias; são as *gares* medonhas, onde o povo se apinha na vertigem do movimento, e as paredes, os tectos, o chão, os muros, os bancos, as vedações, absolutamente tudo, está coalhado de annuncios em letras colossaes, de côres estridulas, para á força chamar a attenção.

O annuncio, o phrenesi do cartaz, foi das cousas que mais me impressionaram. Perseguem-nos por toda a parte. Nas estações são um delirio. Pintam com elles os omnibus. Forram com elles as carruagens. Penduram-nos ao alto nas empennas das casas em grandes letras douradas, suspensas, que o vento balouça. São as harpas eolias inglezas!

E annuncia-se tudo, absolutamente tudo. O vestuario, o calçado, a mobilia, o luxo, a pobreza, os remedios mais extravagantes, os utensilios mais singulares, de nomes arrevezados, extrahidos das linguas mortas ou exoticas, com attestados de doutores e sabios. Chega a ser carnavalesco. Não me recordo onde, vi n'uma passagem, pendurados do tecto, mais de um cento de cartazes successivos annunciando com uma teimosia irritante certa substancia que lavava e não era sabão.

E como estes *trucs* pegam, e como se gastam rios de dinheiro nos reclamos, é triste o pensar que a metropole colossal de um grande povo, obedeça por tal forma ao charlatanismo; ou que seja necesario usar de meios charlatanescos para despertar a attenção. A excentricidade ingleza mostra-se nas proporções estupidas do annuncio; mas o reclamo é uma enfermidade de todas as grandes cidades.

Será que as aglomerações de gente imbecilisam os homens? Será que a civilisação, como tantos querem, não passa de uma doença? Ou será que Londres, na phrase ingleza, é com effeito o *wen*, ou abcesso britannico?

V

Só agora, porém, reparo que tenho feito uma cidade deserta, de Londres que é a terra mais populosa do mundo.

O condado de Londres, pelo censo de 1891, tem 4.211.056 habitantes; e a Londres policial, ou *greater London*, mais 1.422.276. Somma: 5.633.332, quasi seis milhões de criaturas; quasi tanto como a população da Belgica, mais do que a da Holanda ou de Portugal, e cerca do triplo da Dina-

marca. É a cidade mais populosa do mundo; e o *county of London* a terra onde a gente está mais comprimida. A' densidade londrina de 59 habitantes por acre, só excede Liverpool, esse formigueiro, negro, onde em cada acre ha 118 criaturas: exactamente o dobro. Ha trinta annos, o condado de Londres tinha 2.803.847 habitantes, e a zona exterior 418.873. Somma: 3.222.720. Em trinta annos, subiu 80%. No interior da cidade, o accrescimo foi de 50; mas, resfolegando para fóra, a população da zona exterior cresceu duas vezes e meia. Não ha cidade no mundo que, em numeros tão subidos, apresente uma ascenção comparável. Não admira, pois, como sorve e aspira a população dos campos. Londres representa um setimo da população inteira da Inglaterra-Galles.

Não ha tambem, entre as grandes capitais, nenhuma em que o augmento proprio da população, pelo saldo entre os nascimentos e os obitos, seja maior.¹ Sem falar em S. Petersburgo, onde a mortalidade excede muito a natalidade; desde Madrid que tem o saldo de 0,1 por mil, ha uma escala, no alto da qual se acha Londres com um saldo de 13,7 por mil. O genio familiar da gente, a grande proporção de miseraveis, e tambem as condições hy-

¹ Proporção por milhar:

	Nascimentos	Obitos	Saldo
S. Petersburgo.....	37,8	51,4	— 14,6
Madrid	37,5	37,4	+ 0,1
Roma.....	27,2	26,8	0,4
Pariz.....	30,5	28,6	1,9
Nova York	34,6	26,2	8,4
Berlim.....	37,5	27,6	9,9
Vienna.....	39,2	29	10,2
Londres.....	35,2	21,5	13,7

gencias da cidade, explicam o phénomeno, cuja causa principal está, porém, na grande propagação dos desgraçados. A miseria é prolífica, e o inglez mais do que nenhum europeu sensual e animal. O *Metropolitan year book*, d'onde vou tirando estas informações numericas, classifica um terço da população londrina (do *county*) como miserável.¹ São um milhão e trezentos mil desgraçados. Chama-se a Londres o grande *wen*, o abcesso monstro, d'esta montanha colossal de gente. A miseria é o residuo da grande manufactura de milhões que ostenta insolentemente os caudaes da opulencia nas exhibições do *West End*. Lado a lado, a oeste e a leste, estão duas Londres inimigas e afastadas: a dos pobres, e a dos ricos.

Dizia-me o *detective* com quem peregrinei pelos bairros miseráveis, nas viellas repugnantes de Whitechapel, que esta gente de leste nasce e morre, sem saber se quer da existencia do que fica para além do *Strand*. O *West End* para elles é uma terra ignota. Ai! do dia em que a descobrirem. As scenas do *Trafalgar square* foram um prenuncio tenebroso. Uma vez, a multidão de selvagens avidos correu pelo *Strand*, e a Londres mundana empalideceu de susto quando viu o acampamento de hordas mais temíveis do que as de Attila, acampando nos degraus da praça, ao lado dos leões magnificos de Londseer que parecia rugirem.

Sobre este lôdo de mais de um milhão de miseráveis, assentam os alicerces solidos da população

¹ Semi-criminosos, mais ou menos vagabundos.....	37,545
Muito pobres, sempre necessitados.....	316,838
Pobres, trabalhando irregularmente.....	938,050
	1.292,433

operaria: dois milhões de homens (2.167.126), que alimentam oitocentos mil (749.611) burgueses ricos; erguendo-se para o céo, como agulhas ou corucheus dourados d'esta immensa cathedral de carne, as flôres opulentas da civilisação, magnolias ou orchideas, flôres opiparas, regadas com o trabalho do mundo inteiro, desabrochando em toilettes e carruagens, nas avenidas umbrosas de Hyde park, á tarde.

Todo este povo se revolve n'uma agitação concentrada e intensamente grave, quer trabalhe, quer se divirta. Quem passa do continente, vindo de Pariz para cá, observa que a intensidade da pressão da vida subiu consideravelmente. O vapor comprimido espirra pelas juntas, o movimento da machina é mais apressado, os golpes do embolo mais largos, a vida mais forte, a riqueza mais solida, o caracter mais firme, mas tambem mais contrafeito. A machina humana produz aqui mais trabalho util, mas tambem com uma usura superior. As suas cinzas e desperdicios são o milhão de desgraçados que os condensadores resfolegam constantemente no mar immenso e negro da miseria, da bebedeira e do crime. E os seus fracassos são os accidentes e perdas, que todos os dias ocorrem. Nas ruas ha dez desastres por dia, trezentos mortos por anno. E no meio d'esta babel, perdem-se todos os annos dezenze mil pessoas, quasi tudo creanças,¹ sumindo-se de todo na voragem uns milhares de creaturas, como se somem no oceano os que a onda, n'um bracejar, atira pela amurada fóra. E sobre o fermentar tumultuoso da grande caldeira da gente, paira a legião dos policias, mudos e automaticos,

¹ 12.878 creanças, 3.961 adultos.

coodernando a propria desordem, levantado os que cahem, guardando os desprevenidos, arrastando os bebados, prendendo os desenfreados:¹ os policias, com o seu trajo negro, capacete de couro, herculeos e espessos, avaros de palavras, rapidos e firmes na accão.

O inglez submisso (não ha gente que o seja mais) respeita quasi religiosamente o policia; obedece-lhe sem repontar. Por isso, tambem, a policia de Londres é superiormente boa. A submissão, e uma imbecilidade singular, propria das grandes agglomerações de gente, nas capitaes, tornam-se aqui mais sensiveis, no meio d'estes seres membrudos e desengonçados que, agitando-se, por vezes quasi epilepticamente, vão, cada qual atraz da sua chimera, e todos collectivamente, impellidos pela chimera colossal do *make money*. É decerto isso que os imbecilisa.

A' grande illusão da riqueza, miragem permanente da vida das cidades, creada pela ostentação do luxo, não pode o inglez juntar, porque o não tem, o instincto da arte, e este desapego com que nós, *continentaes* (nome aqui proferido sempre com certo desdem) temperamos a violencia da vida que se diz civilisada. Por isso, como sombra de tanta grandeza, nunca em parte alguma vi brutalidade mais bruta, nem estupidez mais estupida.

¹ Prisões annuaes por embriaguez simples :

Homens.....	5.748
Mulheres.....	3.366

por embriaguez e desordem :

Homens.....	13.471
Mulheres.....	8.722

Lembra-me, ha annos, quando em Pariz se desengonçavam a rir, applicando a tudo, constantemente, o dito *On dirait du veau*. Era imbecilmente simiesco. Agora, já na viagem, a bordo, tinha começado a ouvir o estribilho que em Loñdres nos persegue como os mosquitos nas praias, cantado, assobiado, grunhido, gritado, chilreado, em todos os tons, por todos os sexos — ha varios, não ha só dois — por todas as edades: cega-rega insupportavel que pretende ser uma cantiga:

Ta ra ra boom de ay !

Que quer dizer? Não importa. É um som indistinto: cada qual mette n'elle o que melhor lhe parece. Assim começaram as linguas, nos periodos primitivos: pelas interjeições.

A vida das grandes cidades tem mais de um ponto de contacto com a vida selvagem. O homem, n'esta ebullição tumultuosa, regressa ao estado nativo, de um crepusculo intellectual, em que apenas apon tam intuições, vagas como fogos fatuos.

Ta ra ra boom de ay !

era o estribilho patusco de uma canção, em que certa actriz cantava no theatro varias scenas picarescas da vida alegre, terminando cada copla por uma volta de dança lubrica, acompanhada pela cega-rega do *Ta ra ra boom*.

Esta semsaboria pegou. Era a delicia dos londrin os, quando travei relações com elles. Os velhos *quakers*, o puritanismo classico, a austeridade que este povo envergou, reagindo, depois da *kermesse* do seculo XVIII, velam as faces de vergonha. A Inglaterra, que tantos annos viveu na *pose* do pu-

dor, deitou tambem o *frac* ás urtigas. Mas fal-o mal e desengraçadamente.

VI

É que o temperamento violento e sanguineo impõe ao mesmo tempo, aos inglezes, a rigidez na virtude, e no vicio o desbragamento.

Muitas vezes, observando as physionomias, e indagando os caracteres expressos nas feições, cheguei a resultados que me satisfizeram. Tinha o sentimento de haver acertado; e as caras que me passavam deante da vista, inexpressiveis como sphinges, iam formando, letra a letra, as palavras com que construia o meu pensamento. É sempre um espectaculo suggestivo a observação dos typos de uma raça.

O que sobretudo me attrahia, eram as creanças. Não as ha mais bellas em parte alguma. E são como enxames de abelhas, ou de borboletas, quer nas ruas opulentas, quer nas viellas miseraveis, ricas e pobres, limpas e sujas. Perante a belleza da infancia, a egualdade é soberana em Inglaterra. Os pequeninos parecem botões de flôr. Rochuchudos, com uma carne de leite e rosas que lembra Rubens, sente-se palpitar a força pujante da raça. Dir-se-hia que a natureza, mãe dos contrastes, fez d'estes pimpolhos da gente mais ossuda e angulosa que existe, creaturas que parecem cherubins descendidos do céo. Entre duas bochechas como rosas, a bocca, ainda breve, parece uma cereja. Ri a vermelhidão dos labios; ri o azul dos olhos largamente rasgados. A face inteira canta, a face inteira vive, quando ri,

ou quando chora, coberta com os braços levantados e as mãos cruzadas n'uma attitude de desespero encantadora.

Depois, os cabellos soltos fluctuando, crespos, louros, como linho círdo ao sol, com reflexos de ouro, nas cabecinhas leves de alveloas, sobre um corpo já espigado, flexivel como um vime, correndo, saltando, chilrando á maneira de passaros, lembram o sabido verso de Victor Hugo. E com effeito, tambem teem azas estas rapariguinhas, de que Dickens fez o retrato na Dora do *David Copperfield*: azas com que batem para o ether da candura virginal; azas que as levam em vôos por esse mundo fóra, plantando por toda a parte o *home* do saxonio, dando-lhe encanto, amor e paz, nas horas agrestes da lucta cruel da vida.

Basta, porém, de creanças. Vamos á gente.

John Bull, o typo caricatural do *Punch*, não se pode dizer que já hoje seja o representante dos londrinos. John Bull ficou provinciano. Desabrochando, o botão de flôr produz agora uma creatura diversa. A creança de leite e rosa, que dava uma cara de *bull-dog* sobre um corpo espesso de marchante, com o ventre proeminente, as botas de canhão, n'uma attitude insolentemente pesada, dá, agora que meio seculo de força universal e riqueza incomparavel actuaram sobre a raça, um typo mais vivo, mais agil, mais adelgaçado. Mais sympathetic? não sei. Ha menos bonhomia. O olhar fixo e brilhante, como o dos felinos, está denunciando o caracter feroz da vida moderna, alheia ao repouso e á estabilidade dos antigos tempos, em que John Bull socegado lavrava como *farmer* o seu campo, descuidadamente. Hoje tem de viver por força no torvelino da cidade, tem de se industrialisar, deitando-se, na grande floresta dos homens, á caça da lebre que se chama li-

bra, sob pena de ficar para o lado, como um farapo, no montão da miseria humana. A intensidade da vida reage sobre a anatomia do corpo. John Bull americanisou-se.

Mas não perdeu por isso as linhas fundamentaes da physionomia: o pescoço curto, o queixo grande de forte mastigador, o olho vivo com espessos supercilios denunciando os *animal spirits* do seu temperamento colérico, o perfil acarneirado com um grande beiço superior, signal constante da intelligencia pesada que se lhe vê sempre no ar parado da cara e na facilidade admirativa. Pode dizer-se que o inglez tem o espanto chronic. *Oh!* pronunciado assim: *A... u... lentamente, somnambulamente, é uma interjeição constante. Teem um catarro de nascença. Nasceram constipados, dizia-me F., com a humidade e os nevoeiros. Com efeito, dão a impressão de gente sem a noção clara do que vêm, caminhando n'uma cerração com violência decidida.*

Outra expressão corroborante d'isto, é a quantidade de *yess* que mastigam e engolem, no decurso da conversa, inspirando o som. Sorvem-no lentamente: *y... e... sss...*; ou tragam-no n'un pulo: *'es!* Mas este proprio abuso da interjeição, signal de um espirito rudimentar, dá á conversa e ao trato um tom de intimidade communicativa que não é apenas formal. Por isso mesmo que vive mais perto da natureza, o inglez tem mais lealdade, melhor humor, mais alegria espontanea: muito mais d'estas qualidades que o parafusar da intelligencia apaga nos homens; muito mais d'essas qualidades a que n'un sentido podemos chamar barbaras, e que lhe dão a consistencia, a tenacidade, a firmeza, e a força do caracter. Pena é que tudo isto, porém, seja até certo ponto o resultado do acanhamento comprehen-

sivo, racional e esthetico ao mesmo tempo, de um povo que não nasceu philosopho, nem artista.

Porque na bocca das mulheres, a quem pedimos principalmente outras qualidades, um *y... e... sss...*, longamente sorvido com carinho, e sublinhado pela inclinação das palpebras sobre os olhos mysticamente avelludados; um *'es!* crepitando em beiços vermelhos de romã, como beijo que o ar lhes dá; um *oh... h*, de admiração candida, ou de indignação sentida: todas essas interjeições, que na bocca dos homens nos fazem sorrir, nas das mulheres dão á conversa o tal tom de intimidade comunicativa, d'onde, com o insticto dos sexos, vem o *flirt*. (A indeterminação, a nevoa, é a mesma. O *flirt* é tambem o amor constipado.)

É que o clima, em vez de excitar, deprime. Nos homens, a vida impõe o excesso de exercicio physico, e a glutonaria correspondente, com a bebida abundante. A hypertrophia da machina animal paralysa o desenvolvimento da intellectual. O ideal da vida torna-se vegetar agradavelmente; e, n'um clima ingrato, põe-se, por um esforço illusorio da imaginação, o paraizo no *home*, conchegado e bem defendido contra as intempries. A verdade, porém, é que este ideal do *home* é para o inglez uma illusão inconsciente, como teremos occasião de notar. De facto, o insticto intimo da raça é nomada; e cada vez mais, as facilidades das viagens accentuam este traço de carácter.

Nas mulheres, porém, taes condições de vida juntando-se á sentimentalidade ingenita da raça, produzem uma combinação admiravel para lhes dar esse principado de que justamente gosam em Inglaterra, mais do que em parte alguma do mundo. É que, tambem, primam por tantos lados! E depois, contrastam singularmente com os automatos

angulosos e hirtos, cabides perfeitos de fato magnifico, caminhando a grandes passadas, com as calças arregaçadas segundo a moda, amortalhados n'um sobretudo-sacco, de rosa ao peito, bengala de castão para baixo, e o braço adiantado em angulo recto. São os *swells* de *Regent Street*, ou de *Picadilly*; que vão á tarde exhibir-se. São quasi grotescos. A fealdade é aqui mais feia do que no continente; e o japonezismo, que dá hoje leis, impõe a extravagancia do corte. Por isso ninguem leva a palma aos ingleses, que são os alfaiates de todo o jantismo europeu. Para as mulheres, Pariz tem ainda o sceptro.

Todavia, o exterior rebarbativo do saxonio, rebarbativo por fóra e por dentro, contrasta singularmente com as suas qualidades pessoaes. A angulosidade do primeiro trato não é para mim outra cousa mais do que a *shiness* de uma gente que na corporencia, ás vezes excessiva, conserva a pequena alma de uma creança. É um povo de *envergonhados*, por ser um povo de orgulhosos, em que uma forte vida interior (forte não quer dizer subtil, nem profunda) embaraça o desenvolvimento dos dotes de *sociedade*. Desde, porém, que o gelo do primeiro contacto se parte, o inglez apparece com as qualidades solidas e consistentes dos espontaneos. Não tem *esprit*, mas tem alegria; não sabe architectar cumprimimentos, nem cerzir madrigaes, mas tem uma franqueza de trato sobriamente affavel. Os lados bons apparecem retemperados pela educação; os inferiores comprimem-nos com naturalidade. As relações são mais firmes, mais naturaes, mais sérias. O homem que se chama *fino*, em parte alguma o é como aqui; nem mais completamente do que entre o povo que á palavra *gentleman* ligou inseparavelmente as idéas de boas maneiras e de dignidade pessoal. No conti-

nente, o *homme du monde* pode ser um refinado patife, tido e havido como tal.

VII

Muitas vezes fui, como toda a gente, a *Hyde Park*, de tarde aos dias de semana, depois da missa aos domingos. De tarde, vae-se de carruagem ou a cavallo; depois da missa, vae-se a pé. Não fica bem passear de carruagem ao domingo no *Park*. Amon-toa-se a gente no *corner*, em volta do tapete de relva que veste o comoro onde Wellington, gigantesco e nú, empunha o seu facão, n'uma attitude de Alcides de feira.

O *Park* é um simulacro de campo. Estende-se tambem a vista n'um banho de verde fofo. São as mesmas arvores, nobremente copadas, destacando a sua folhagem espessa e escura nos horizontes de relva, com o mesmo encinzeiramento de ar azulado entremeiando os massicos da vegetação arborea. São os mesmos ramlhetes de rhododendrons e azaleas, com o seu colorido metallicamente roxo ou rubro, engastando-se nos tapetes esmeraldinos. São ainda os carneiros, pastando em rebanho. Vaccas não vi, mas é facil que haja. São finalmente os grupos de creanças jogando sobre a relva, ou de rapazes exercitando-se no *cricket*, ou no *foot ball — on the green*.

Deixemos, porém, isso: outra vez fallaremos do *sport*. Agora vamos ao *Park* para observar os cavallos e as mulheres, os dois productos mais finamente caprichosos, mais superiormente requintados da civilisação ingleza.

Eu não sou o que se chama um homem-de-cavallo: por isso, de certo, não pasmo de admiração

perante esses animaes esguios, com um desenvolvimento forçado dos membros posteriores que faz lembrar o kanguru, com umas pernas delgadas que parecem andas, com uns peitos enormes para permitir a respiração ampla nas corridas de fundo. Não sou homem-de-cavallo: não me extasio deante dos typos dos *thorough-bred*, machinas produzidas por uma arte longamente exercitada com a selecção, o *training* e a hereditariedade. Não me extasio, antes pelo contrario me custa a conter o riso, sem duvida irreverente, quando vejo sobre uma d'essas gruas, de longo pescoço avançado, um velho *gentleman* ventripotente, de cara rapada e chapéo caido sobre a nuca, trotando por hygiene—receita-se muito o *riding* contra a obesidade—ou sobre outra grua escarranchada uma cegonha negra, toda ossos, com o perfil agudo como uma navalha de barba, suissas pendentes, ao peito uma grande flôr, e no topete um chapéo irreprensivelmente lustroso. Ai, de quem não manda brunir o seu chapéo cada vez que sae!

— Somos o povo mais bem vestido da Europa; dizia-me grave, compenetradamente, certo cavalleiro com quem me achei mais de uma vez em *Hyde Park*.

Mas quando o cavallo, cujo pello reluz tanto como os chapéos dos homens, galopa elasticamente sobre a pista de *Rotten-row*, levando em cima de si uma virgem loura, de olhos garços, vestida de negro, anjo transformado em centauro, sylphide com musculos de aço, que passa, deixando-nos em duvida sobre a exactidão da realidade humana, eu, sem ser *de cavallo*, não posso deixar de sentir dentro de mim alguma cousa parecida com o entusiasmo.

Em boa verdade, a *miss* loura, de olhos côr de pervinca, profundamente doces, com o busto del-

gado a desabrochar na elegancia spiral da forma esbelta; com a pelle avelludada de uma orchidea, a seducçao no sorriso angelico, a virgindade a saltar na vermelhidão subita da face, e a modestia escripta (tantas vezes, ai! em lingua arrevesada) no descer das palpebras franjadas de pestanas longas: a *miss*, loura imagem da innocencia, Eva incapaz de cair, cujas palavras soam como notas crystallinas, e cujo olhar tem canduras ineffaveis: em boa verdade, dá vontade de a gente cair de joelhos diante d'ella, não como diante das mulheres, mas sim com a adoração devida aos cherubins.

São, com effeito, ellas e os *thorough-breds*, os productos artificiales superiores do requinte inglez. São o que a raça tem de melhor. São ellas que deram esses typos idealmente encantadores de Shakespeare: Virginia, Imogenia, Desdemona, Ophelia, Julieta; ou de Dickens: Esther, Agnes. São a mais bella é mais perfeita flôr feminina, enquanto a mulher é apenas a poesia da mocidade etherisada. Para isto, ninguem leva a palma á *miss* loura. Há louras no continente: as allemãs; mas são espessas e desenxabidas. Para virgens, as inglezas. D'ahi tambem a acceptação que teem as madonas *preraphaelitas* de Millais e dos pintores de hoje.

Mas, ainda assim, e apesar do orgulho que os inglezes têm das suas *misses*, esse culto é excedido pela veneração prestada unanimemente á verdadeira matrona, ingleza *accomplished*, cujo fim na vida é satisfazer a todas as conveniencias e ritos sociaes, dando a seu marido a plenitude de uma satisfação pretenciosamente encatharroada, e de uma felicidade perfeita a ponto de se morrer de tédio.

Porque a efflorescencia das *misses* dura apenas um instante. A belleza era a *do diabo*: estava na frescura da pelle, na ingenuidade do olhar, no bri-

lho dourado dos cabellos. Sob a pelle avelludada enrijam-se ossos duros. As faces pouco a pouco tomam uma expressão cortante, como a d'aquellas senhoras, já mães, que passam na sua caleche tirada por uma parelha esplendida de trotadores scandinavos. O viço murchou, e, como a belleza não era geometrica, principiam a desenhar-se physionomias que não promettem. O ar corta-lhes a pelle, as faces engelham, com veios e marcas marmoreas; os narizes, ou se afilam como navalhas, ou se abatatum côr de tomate. Lembram umas vezes o bife cru; outras vezes, sob os cabellos ruivos, mais ou menos pintados, folhas de cepa tisnadas pelo sol do outomno. As boccas afeiam-se, os dentes investem, avançando salientes, carnivoramente. A pé, attingem por vezes o limite da fealdade grotesca, suspensas nas pernas como em andas, com pescocos esgalgados de gansos. É de a gente gritar por socorro, reconhecendo a propriedade com que o Garrett dividia a humanidade em tres sexos: o masculino, o feminino, e o das velhas inglezas.

Faz chorar as pedras lembrarmo-nos que n'isto se tornaram as louras *misses* de olhos doces, côr de pervinca! É verdade que tambem as ha que parecem bonecas de Nuremberg, com olhos de vidro e miolo de serradura. E a transformação do anjo nos seres para que não acho nome, tambem por fórmula alguma é infallivel. Ha bonissimas mulheres, fructos mais ou menos maduros, que resistem, sabe Deus á custa de quantos recursos de toilette; mas a regra, desgraçadamente, é deploravel.

Fóra de *Hyde Park*, a pé, nas ruas, vêem-se mulheres ainda, e em que enxames! É por ahí que se afere a falta de senso estheticoo da populaçao. As senhoras elegantes vestem-se, como em toda a parte,

por modistas parizienses. Mas a ingleza-ingleza, cujo paladar reclama carne coberta de sal, nadando em molhos que arranham as guelas: essa reclama tambem, para a vista, as côres garridas. Abusam excessivamente do amarelo côn de ouro fulvo, e do vermelho que espanta os touros. É verdade que o clima, sem sol nem luz, esbate a crueza das côres, e torna inimpressionaveis as meias tintas. Talvez provenha d'isto a falta de sensibilidade nervosa da vista e do olfacto. Talvez d'essa falta provenha a facilidade com que são fleugmaticas.

Fleugmaticamente, as mulheres caem aos molhos na devassidão. E o vicio, como a fealdade, pareceu-me, e é, aqui mais funebre. Respira-se um ar morno de concupiscencia. A' chamma crua do gaz, ou ao clarão sepulchral da luz electrica, nas voltas irregulares das ruas a oeste de *Trafalgar square*, em torno de *Hay-market*, sob as arcadas de *Pall Mall*, no começo de *Picadilly*, para cima, na encruzilhada, ao longo de *Regent Street*, e para o lado opposto, na embocadura do *Strand*: Nelson do alto da sua columna, mais os seus quatro leões assyrios, presidem a um mercado da mesma especie, e maior ainda, do que o dos velhos templos babylonicos.

E' então que Londres tem um aspecto verdadeiramente oriental: quando a orgia, sob a égide da policia, larga o vôo desenfreado, e os grupos de bacchantes vão correndo nos passeios das ruas, atirando ao ar os seus risos, de braço dado a embriaguez com a luxuria, por entre os clarões spectraes da luz electrica, ou sob a illuminação dura do gaz, abafada pelas trevas do ar pezado. A onda que vai rolando, engrossa com rios femininos que desembocam. Aqui é o salão vastissimo do restaurante *St. James*, que se fecha; além é a *Alhambra*, onde

O espectáculo acabou; em frente, o *Empire*, que faz ponto à exhibição lasciva dos bailados deslumbrantes. O mercado da carne aumenta, e com igual voracidade o inglez engurgita o *joint* e o amor. A onda rola, as ruas vasam-se. Como espectros, ou almas penadas, as retardatarias vão arrastando o seu andar estonteado, offerecendo o seu sorriso lugubre. E, todavia, contraste immundamente horível, tambem aqui apparece Imogenia, ou Virginia, com os seus cabellos louros como trigo maduro, e os olhos côn de pervinca, avelludadamente dôces...

É a usura, o desperdicio, *wear and tear*, de uma sociedade naturalista por impulso do temperamento violento, moralisada por um esforço da vontade mystica. Entregue a si, se podesse esquecer o respeito constitucional por Deus e pela lei, o inglez era (e tem-no sido, sempre que pôde) um touro sem canga, um cavallo sem freio. Não tem a moralidade ingenita, natural, facil, como os povos em quem predominam os instictos racionaes. N'elle, o predominante são os *animal spirits*, contidos e enfreados por uma disciplina que voluntariamente impõe a si proprio, sem todavia ter consciencia completa do acto. É o instincto da conservação que lhe dicta a moral e a piedade religiosa. D'esta sua inferioridade vem a sua força; porque a sociedade tem, no respeito e na gravidade, o cimento de uma cohesão mais solida; ao passo que o individuo tem uma energia propulsiva maior, do que outro qualquer europeu.

E esta mesma observação, isto é, a co-existência do naturalismo e de uma religiosidade instintiva, explica o culto que rendem ás suas duas melhores obras de arte: os cavallos e as mulheres. O cavallo é o primeiro instrumento do *sport*, onde o naturalismo principalmente se affirma pelos costu-

mes. A mulher é *Hestia*, ou *Vesta*, a deusa do lar domestico, senhora ou rainha do *home*, d'onde reina, disciplinando a vida, submettendo o luctador ao regimen, muitas vezes mal soffrido, da moral, ou do *cant*.

VIII

Um dia, saindo eu de Londres, em excursão a Richmond, arrabalde a sudoeste, obra de quinze kilometros do coração da cidade, que é *Charing-Cross*, tinha embarcado na estação da ponte de Londres, e vinha com os ouvidos cheios do borborinho extraordinario da *City*, onde por vezes as ruas se veem litteralmente atulhadas de gente e de carros de todas as especies. Occorriam-me as idéas geraes ácerca da actividade e do espirito pratico dos ingleses, e embalado pelo rodar monotonio do comboio, ia digerindo a minha admiração indolente, quando, por acaso, fixo a vista em um *aviso*, que em frente de mim tomava a carroagem de lado a lado: «Os passageiros são advertidos de que este compartimento é feito para conter dez lugares, cinco por cada banda.»

Acordei.

É este o espirito pratico? É isto actividade util? Dezoito palavras, quando bastam duas? No continente escreve-se: «dez lugares», e toda a gente entende que são os do compartimento, e que tem de ser metade por cada lado, e que o aviso é destinado aos passageiros. Lembrei-me então do titulo de uma comedie de Shakespeare: *Much ado about nothing*, que se traduz por esta fórmula: «Muita bu-lha para nada.» Toda esta gente, com effeito, se agita immenso, não direi para nada, que seria ab-

surdo; mas para pouco, pois é pequeno, relativamente, o rendimento util da actividade, a que falta a direcção eminente de um instincto racional, ou synthetico. A maxima do *time is money* é um erro completo, porque ninguem desperdiça mais o tempo por falta de methodo.

Gastam-no inutilmente, não na ociosidade, pois se agitam sem cessar; mas gastam-no sem sabrem utilisal-o intelligentemente. Em primeiro logar, o dia util não tem mais de oito horas: das nove ás cinco. Depois, as verdadeiras viagens em caminho de ferro, em *underground*, em omnibus, em *cabs*, levam horas. Depois, o comer: só o *lunch* toma uma hora, pelo menos. Em somma total, o negociante da *City*, que leva de facto uma vida de cão, não trabalha reproductivamente mais de quatro ou cinco horas. O resto vae-se em viagens e corridas, porque se vive a leguas de distancia; vae-se na *toilette* e nos banhos; vae-se em comer, que é um dos serviços mais violentos; e a noite leva-se a digerir, pesadamente, com o copo de *whisky and soda* ao lado, o olhar apagado, o cerebro embrutecido, *plastron* irrehprehensivel, *smoking*, ou casaca, de rosa repolhuda na lapella. Francamente, um tal modo de comprehender a vida é singular.

Eu sentia-me feliz por não ter nascido inglez.

Consumir os cincuenta annos de vida, que nos são dados, a agitar-me como um escravo, ganhando dinheiro com que encher de mais o estomago, para cabacear bem as *soirées*, paramentado de gala—parece-me absurdo (confesso-o timidamente) absurdo e pouco *pratico*.

E com isto, tinhamos chegado a Richmond.

Descemos a almoçar no *Star and Garter*. Que admiravel panorama! O dia estava excepcionalmente bello, o ar claramente azul, e dos terraços magnifi-

cos do palacio, as ondas espessas do arvoredo enrolavam-se, descendo até ao Tamisa com uma nobreza grandiosa que me fazia feliz. É verdade que o almoço era excellente, e o appetite igual.

De todos os sitios classicos dos arredores de Londres, Richmond, o passeio favorito dos londrinos, parece-me o mais naturalmente bello, justificando assim o nome que antigamente tinha: *Sheen*. O nome de agora vem de ter sido adoptado para residencia, no principio do seculo XVI, pelo fundador da dynastia dos Tudors, Henrique VII, que era duque de Richmond. E pareceu-me talvez bello tambem porque, desde muitos dias, era a primeira vez que me via livre de agitação contundente da capital carthagínea.

Um domingo que fui a Hampton Court, mais adiante, além de Kingston, tambem sobre o Tamisa, o caso mudou completamente de figura. Achei-me com uma caravana que ia ver o palacio: um comboio cheio de gente. Iam gravemente, como quem vai cumprir um dever. Não se ouvia uma voz mais solta, nem um riso. Via-se que iam em familias. Era domingo, e o dia do Senhor não se fez para folias. Só pude perceber alguma *flirtation* contida, entre os moços da caravana. A gente idosa parava, como cegonhas, de pé no ar, que se não sabe se dormem, scismam, ou observam, diante dos muros de tijolo, coroados de torres e ameias: muros de um tom negro avermelhado, em que a hera, trepando, destaca as suas rendas verdes de folhagem brunida.

No arco da entrada cartazes impressos em grossas letras recommendavam aos visitantes que andassem com ordem e socego: *orderly and quietly*. Esta recommendação, para além do canal, seria ridicula, ou pleonastica. Entrámos pelo terreiro do

relogio, *clock court*; e esta fachada, com a que tem o nome do constructor do palacio, o cardeal Wolsey, são as do sul e de oeste, ainda em estylo Tudor. A impressão já recebida em Londres repetiu-se aqui: é a architectura nacional; é a que diz com a côr do ar, e com o conjunto da paizagem.

A dyssemetria dos corpos de construcção, as reentrancias repetidas, as torres colladas aos muros, fendidos por janellas enormes, e a côr do tijolo mordido pelo tempo: tudo isso se encastôa bem n'uma natureza ao mesmo tempo opipara e hostil. Sente-se a propriedade da defeza segura contra um clima ensopado em agua, destinado á vegetação. A morada do homem tem o quer que é de vegetal tambem: parece feita de troncos de arvores; parece um bosque, na irregularidade das linhas com que se contorna no ar.

Dentro d'esses muros a vida bate a compasso com a natureza quasi tragica d'estes céos. Dentro d'esse palacio, que, para se salvar uma vez a si, o ministro teve de dar ao rei, curtiu Henrique VIII a sua orgia, e Cromwell a sua furia de ambição. Hampton Court evoca-me ao espirito a horrorosa tragedia ingleza, amassada com amor e sangue, n'un festim de barbaros. E quando olhava para a caravana dos meus companheiros mudos, de cabeça erguida como grous, via-lhes nas caras obtusamente paradas fuzilar uns olhos felinos, moverem-se os queixos espessos murmurando sons gutturaes, e comprehendia a possibilidade de um regresso aos tempos antigos, ou pelo caminho de uma pobreza, inverosimil de resto, ou pelo caminho parallelo do desenfreiamento na riqueza.

Foi dos sitios em que mais aprendi a conhecer a Inglaterra, Hampton Court. E foi por isso mesmo que não vi, pode dizer-se, a galeria de pinturas que

o palacio encerra, e a que foi destinado desde que, no tempo de Jorge II, deixou de ser habitação real. Vi, porém, o quarto de dormir da rainha Anna, semelhante ao de Luiz XIV em Versailles, e a todos os quartos de cama regios, d'esse tempo em que os monarcas eram *soes*, apparatosamente theatraes nas scenas dos seus respectivos reinos. É monotono.

E sob esta impressão descia eu, e commigo a caravana, sobre o terraço da Fonte que dá contra os jardins.

Que mudança, abençoado Deus! Que singular semsaboria! Cá estamos com os classicismos franceses, superficies lisas, linhas batidas, tympanos, cornijas, arcadas, symetria, regularidade, elementos de uma architectura que, ainda quando perfeita, e esta está longe de o ser, só se compadece com o ar secco e limpido, com o chão escaldado e vermelho, com o terreno accidentado que levanta nos seus hombros herculeos, como um remate ideal, a linha de uma columnada sobre que assenta o triangulo do frontão, destacando-se triumphalmente no fundo luminoso do céo côr de saphira.

A minha Inglaterra tragicamente ha pouco apparecia-me caricata. E então a caravana dos visitantes provocava em mim gargalhadas que engulia, quando, immoveis como cegonhas, olhavam com pasmo imbecil, grunhindo respeitosamente:—*Beautiful... magnificent...*

Dando costas á fachada, alonguei-me pelos jardins, construidos tambem á moda franceza de Le Notre, porque, d'este lado, Hampton Court é um arremedo de Versailles. São os mesmos arruamentos com pilastres e estatuas, o mesmo arranjo geometrico, os mesmos lagos quadrangulares ou circulares, piscinas bordadas por balaustradas, contra as quaes cavalheiros e damas, vestidos de seda e em-

poados, trocavam madrigaes galantes. O jardim é um salão ao ar livre, onde se passeia, ou se conversa em sociedade. Mas isto, que é tão francez, tanto d'essa gente inventora da vida amavel, como há de quadrao inglez mysantropo, á força de ser subjectivo, em um clima ensopado em agua? Como ha de haver sociédeade ao ar livre, se o ar livre é tão insociavel, como o genio d'estes insulares?

Assim como a architectura *tudor*, em que o palacio é a ampliação da choupana, ou o aggregado de muitas choupanas, formando massiço: assim o jardim adequadado ao genio e ao clima da Inglaterra é a imitação do bosque, onde o homem se encontra a sós com a natureza. E se os palacios *tudor* são bellos, no seu genero, os *parks* ingleses chegam por vezes a ser maravilhosos. Ha um instincto e um gosto particular para a architectura das arvores, das relvas e das flôres, com os lagos quasi naturaes, serpenteando por meio de collinas levemente onduladas, com as veredas destacando-se tortuosamente para o seio dos massiços mysteriosos de verdura, onde os pares se perdem *flirtando*, ou os casmurros se entregam ao ruminar da sua mysantropia *spleenatica*.

Isto sim: isto vae á Inglaterra, que mostra o seu juizo na decisão com que acabou de vez com o classicismo architeconico, só adequado aos paizes lúminosos, e com os jardins francezes, só proprios da gente sociavel. Para estes homens fortes e mysticos, inaccessibleis ao idealismo, a casa é um reducto, o jardim é um bosque, a cidade é uma aggregação de casas. Como falta o sol creador, falta á alma o nexo unificador de todos os aspectos das cousas, para introduzir ordem e harmonia no seu systema, creando-as por assim dizer de novo, como invenções do pensamento. É por não terem sol, que os

inglezes não podem ser, nem philosophos, nem artistas: falta-lhes a scintelha do espirito synthe-
tico.

IX

Outra das minhas excursões foi a Sydenham, ao palacio de crystal, em uma segunda feira, *bank holiday*, dia santo do commercio, um dos cinco ou seis que Sir John Lubbock fez votar pelo parlamento em beneficio dos caixeiros que se querem divertir. Fui n'um enxurro de rapazes a Sydenham. Era uma sociedade grosseiramente alegre, de caras ainda semi-pau, na transição de crianças para homens. Brincavam na carruagem, empurrando-se, esmurrando-se; gritavam e riam, escancarando a bocca; via-se que não tinham especie alguma da delicadeza instinctiva, tão frequente ás vezes nas plebes continentaes. Pareciam-me brutinhos soltos.

Quando esta onda humana se despejou no grande monstro de ferro e vidro, já lá dentro o enxurro de gente atroava os ares com o seu estrepito, balouçando-se em vagas espessas pelas naves e galerias do ventre medonho do cetaceo.

Ora eis aqui um monumento genuino do nosso tempo, e o espectaculo exacto da democracia coeva. Pode desagradar, desagrada de certo, ao paladar requintado; mas incontestavelmente é grande, e n'um sentido grandiosa, esta assembléa de centenas de milhar de gente. Um inglezão abruptado dizia-me com os olhos humidos de prazer:

— *One might live and die here, sir!* Pôde viver-se e morrer-se aqui. Esta phrase é, quanto a mim, épica.

Sydenham, com effeito, é o templo popular de Londres. Ahi vivem e gozam. Ahi lhes proporcio-

nam de graça, na communhão franca de todas as classes, aquillo que passa por ser o alicerce da civilisação. Vê-se ahí o mundo em *fac-similes*. Todas as obras primas da estatuaria de todos os tempos estão alinhadas ao longo das galerias. Todas as architecturas estão reproduzidas. Ha templos egipcios, fachadas gregas, construcções byzantinas. Ha Pompeia, ha representações do estylo italiano, do gothico, do tudor ou elisabethiano; ha uma Alhambra com o seu pateo dos leões; ha não sei que outros monumentos, e tudo do tamanho natural, dentro da couraça gigantesca de vidro que se levanta, como um céo artezado de ferro, a cincoenta metros de altura.

Depois ha jardins com arvores verdadeiras dos tropicos; ha lagos; ha collecções de raças humanas e bichos empalhados; ha galerias onde se veem mascarradas por cópia as obras primas da pintura; ha exposições de todas as coisas imaginaveis, n'uma confusão estonteadora de bandeiras garridas, de flôres, de folhagens, de cartazes de todas as cores e annuncios suspensos — Capharnaum medonho, dando-nos a idéa da enorme confusão obscura do espirito popular contemporaneo. *One might live and die here!*

E no centro d'esse palacio, cujo perimetro mede duas milhas, cujo recinto poderia conter uma villa, cuja altura resguardaria as torres mais altas, ergue-se a cupula gigantesca, dupla da de S. Paulo que é a segunda do mundo; e sob a cupula, ao centro, o orgão monstro, e o amphitheatro onde quatro mil musicos da orchestra de Haendel, entoam a pulmões largos o *God save the Queen*, no meio do susurro quasi cosmico que o palacio de todos os lados expelle de si, pelas centenas de milhares de mãos, de pés, de boccas, da população enxameante.

Não me será dado provavelmente vêr espectáculo mais colossal como expressão democrática, nem até creio que exista. Sae-se estonteado. E ao sair-se, a natureza parece mais bella. Dir-se-hia que emergimos de um pezadelo. Os jardins são, como sempre, magníficos; os tapetes de relva convidativos; e se não fôsse o grande fogo de vistas, armado em frente, para a noite, o panorama seria delicioso, sem todavia ser novo. O campo é sempre o mesmo, com a mesma côr, as mesmas árvores, e a monotonia constante. Do fogo de vistas, estou eu livre.

Não me livro, porém, antes pelo contrário, do espeáculo da kermesse que vae pelo *green*, em frente dos terraços do palácio, à plena luz do sol. Dos flancos do cetaceo escamoso de vidro escorrem bandos alegres que, soltamente, sobre a relva, comem, bebem, amam com ternura. Para um lado dançam *jigs* n'um batuque semi-selvagem, ao som do *banjoo*, que é uma guitarra com uma roda de pandeiro em vez de caixa acústica, instrumento rousenho tomado aos negros da America. Para outro lado entornam-se garrafas de bebida e devoram-se: o chão fica alastrado de papeis ensebados. Para outro lado, estendidos na relva ao longo, corpo contra corpo, e abraçados, rapazes e raparigas, aos pares, mordem-se com beijos, rindo. Nunca observei d'isto, de dia, em Portugal, à luz do sol. O que será de noite, quando o fogo de vistas estalar?

E detraz de mim levanta-se até ás nuvens o monstro immenso e pardo de vidro e ferro, em escamas sobre que o sol, já descendo para o poente, dardeja raios incendiântes. A crusta do cetaceo treme com a algazarra que lhe vae lá dentro; e á pôpa e á proa, nas duas extremidades da cathedral nova dos *cockneys*, levantam-se para o céo as duas torres chi-

nezas do palacio com as suas campainhas de côres, fâiscando no ar.

Deveras, tive a visão de uma futura Europa chinesa, quando as democracias estiverem todas civilisadas pela bitola d'esta; e ao partir não pude deixar de rogar uma praga a Paxton, o inventor da *machina*, tanto mais que lhe puzeram um busto medonho, quadruplo do tamanho natural, sobre um pedestal egypcio, no meio das relvas onde os pares se rebolavam aos beijos.

É desculpável, portanto, que voltasse de máo humor a Londres, vestir-me, para o jantar em *Hurlingham club*, a que fôra convidado.

Cheguei depois de uma hora de carruagem pela longa avenida que prolonga a rua de Piccadilly. Nada contrastava mais, do que a minha manhã e a minha *soirée*. N'um pulo passava de uma *kermesse* popular para uma *party* de gente fina.

Hurlingham é um *sporting club* onde se joga o *polo*, no meio de um *park* semelhante a todos os *parks*. À noitinha já, quando chegámos para o jantar, a sombra das arvores, indistintas quasi, projectava-se n'uma nevoa acinzentada, e os campos envolviam-se em tons singularmente amarellados. O crepusculo n'esta latitude e durante a *season*, em junho, suprime quasi por completo a noite escura. Mal o dia acabou de se apagar de todo a um lado, que a alvorada já começa a aclarar do outro. Os efeitos de luz, n'um ar sempre mais ou menos humidamente espesso, lembram Rembrandt.

Em um salão, sobria, mas elegantemente mobiliado, seríamos umas cincuenta pessoas, em duas mesas. Comia-se o que se come, e como se come, entre civilisados, regado tudo com *Champagne*, á moda ingleza. A amabilidade era muita, a distinção grande, portanto a communicabilidade entre vi-

zinhos completa. Seríamos em numero igual, homens e senhoras. Um velho militar projectava uma partida de *yatch* nas costas da Peninsula, e perguntava-me cousas sobre Vigo, sobre o Porto, sobre a Figueira e sobre Lisboa. De passagem celebravam-se os *whitebaits*, prato obrigado de todas as *parties* suburbanas. As senhoras fallavam da *season*, das modas, de Ellen Terry no *Henrique VIII*, dos *cancans* de occasião; os homens discutiam a probabilidade da victoria de Gladstone e dos *tories*, nas eleições que iam ter lugar em breve. Era, não podia deixar de ser, como em toda a parte. A vida civilizada reduz tudo a um typo constante.

Passámos depois ao salão do café, depois ao da musica, onde tocavam essa noite umas *czardas* húngaras. O que vira não modificava as minhas idéas anteriores. A ingleza, bem construida, tem uma *rude unfeeling health* que lhe vem da intimidade com o cavallo, e dos longos passeios a pé no campo. Mas, salvas sedutoras excepções, o que lhe succede á pelle, ao nariz e aos dentes, é a consequencia da sua missão no *home*. Casa-se um anjo esbelto e louro, e ao cabo de dez annos, e depois de dez filhos, está uma matrona espessa, muito senhora do seu nariz, — o que não é dizer pouco. Sem duvida, uma tal regra tem excepções; e as mundanas, quando querem fugir ás consequencias, sabem o modo de evitar os perigos, prolongando a belleza á custa de sacrifícios. Os medicos tiveram sempre em Inglaterra uma acção decisiva para estes casos; e agora os cirurgiões gynecocratas supprimem os ovarios com uma impunidade inteiramente satisfactoria.

Apesar da naturalidade e da distincção das maneiras, o inglez medianamente fino tem o quer que é de desengonçado e contrafeito, que, a meu ver, provém do caracter artificial da sua civilisação. Se

se raspa, vê-se o barbáro: em primeiro logar pelos limites da sua comprehensão das cousas; em segundo logar, pela preoccupação constante do efecto que faz. *The Show*, a apparencia, é, n'esta gente inventora do *cant*, um instincto adquirido que se revela ainda na affectação, aliás ingenua, da excentricidade. Ainda quando se propõe a investir com os usos, ainda n'isso, o inglez demonstra como obedece a uma *pose* inconsciente. A mania perdularia e o luxo de gastar dinheiro, filiando-se n'este facto, enraizam-se tambem no orgulho subjectivo e no carácter inevitável de uma civilisação mercantil, em que o *sovereign* é deus, e a pobreza uma deshonra. A grande preoccupação, em ambos os sexos, é não ser *vulgar*. Teem o instincto *parvenu*.

Quando á noite recolhi ao *Savoy*, ceiava-se no salão, profusamente illuminado a luz electrica, entre palmeiras espaldanando fitas para os tectos de estuques polidos, contra as paredes e pilastres vestidas até meia altura por *lambris* de nogueira esculpida, e d'ahi para cima por guadamecins incrustados a ouro. Nas pequenas mesas de quatro pessoas, por entre as quaes os creados gravemente perpassavam, havia dois pares: os homens em *toilette* de noite, as senhoras decotadas, com brilhantes. Bebia-se Champagne. Não quero saber se tudo eram senhoras, mas o facto é que tinha um ar sério e composto. Via-se que estavam representando, o que é inteiramente diverso de divertir-se. Entretanto, como em gostos não ha disputas, cada qual diverte-se como pode, ou como lhe agrada.

Entre a *kermesse* de Sydenham e a ceia do *Savoy* ficou, portanto, inscripto o meu dia. Londres faz quanto pode para se tornar uma terra alegre.

X

O dia amanheceu escuro e chuvoso. O horizonte, da janella do meu quarto, não media duzentos metros. Entrevia já, como se fosse longe, envolvida em uma nevoa parda, a rotula da ponte de Charing Cross, onde os comboios passavam rodando como um trovão surdo... Repassava na memoria as conversas da vespera em Hurlingham-club, e ia formando o meu juizo sobre o caracter singular dos ingleses. Duas meninas, que aliás não pertenciam á classe das bellezas, tinham sido as minhas companheiras á mesa. Convém dizer, de passagem, que na sua preocupação de classificar tudo e tudo hierarchisar, os ingleses crearam a quasi instituição das *profession & beauties*. Quando uma senhora conquista a reputação de belleza official e consagrada, passa a ocupar um logar certo na sociedade. Tem uma *profissão*. Fica mal, quasi, não a reconhecer; porque um dos traços contradictorios do caracter d'este povo, tão pessoal e subjectivo, é a profunda submissão a tudo o que se acha estabelecido. São conservadores no sangue. A docilidade formal corresponde á personalidade psychologica. A *professional beauty*, consagrada pela opinião, é tão indiscutivel, como a rainha, ou a religião: duas cousas sobre que o inglez não consente graças.

É que, ao lado da sua fé, e da realeza em que põe o orgulho social, o inglez tem, e com motivo, uma vaidade intima da formosura das suas mulheres. Foi um dos poucos lados por onde percebi que o senso estheticó penetra no espirito da raça. A mulher, que tem aqui um verdadeiro culto, como genio

do *home* é encanto do lar, é considerada tambem como a mais bella obra de arte da natureza. E, no seu orgulho ingenuo, os inglezes, assim como não admitem terra superior á sua ilha, nem cousas melhores do que as cousas d'elles, tambem crêem que o typo absoluto da belleza feminina nasceu aqui.

— Vae vêr as mulheres mais formosas do mundo! dizia-me, impando, um *gentleman*, ao levar-me um domingo, depois da missa, ao corner de *Hyde Park*.

E, circumstancia singular em que o inglez, nebulosamente, confunde os seus sentimentos: a monarchia é para elles feminina. Os seus dois grandes reis são mulheres: a rainha Isabel, cujos dias foram de ouro, *golden days of good queen Bess*; e a rainha Victoria, cujos dias são, com effeito, os do maximo poder, da maxima riqueza, da maxima força da Inglaterra. E, todavia, nenhuma d'ellas foi *professional beauty*...

Não era esta especie da belleza *professional* que me passava agora pela idéa; era a alegria franca, a simplicidade ingenua, o *merriment* candido, com que as mulheres, desde que se quebrou o gelo do primeiro encontro, fallam e conversam comosco em um tom de franqueza e abandono, evitando ao mesmo tempo os equivocos de mau gosto e a affectação delambida. Ha uma naturalidade completa que se gradua, é claro, pelos annos, pela condição, pelo estado: desde a timidez propria das edades que por aqui terminam nos limites da infancia, até á experienzia que se encontra com a velhice. Mas a conversa tem isto de bom: que não fatiga, por não ser essa especie de duello em que as mulheres, sentindo-se ouvidas, pretendem sempre á águdeza, e consideram a sala em que pontificam como um palco de theatro...

O tempo escuro que fazia explicava-me a preoc-

enpação dos ingleses pelo *home*, a sua sciencia do *comfort* domestico, e d'ahi o caracter intimo e psychologico do seu genio. Como hão de ser pantheistas, como hão de ser idealistas, se a natureza lhes é tão semsabormente adversa! Dentro de nevoeiros que cegam, sem poderem vêr um palmo diante do nariz, como hão de ter a comprehensão comunicativa do ar e da paizagem! Ensime-mam-se, pois; contrahem-se, recolhem-se, como o caracol á concha. Uma casa conchegada, uma boa mesa que, na meia luz da sala, resplandece illuminada como um altar de jaspe, em volta a familia, os filhos, botões em flor, a mãe serena e grave, detraz os creados aprumados, comida forte e solida, bons vinhos, muitas flores — não é isto a felicidade? Convencem-se facilmente de que é.

Mas como essa ventura é feita de artifícios e n'elles fazem consistir a civilisação, o espirito não pára. Depois da familia e da casa, veem necessidades novas: uma carroagem bem precavida contra o frio, um logar commodo na egreja, ao domingo; depois as vaidades: uma cadeira no parlamento, e um logar seguro no céo. E com isto uma infinidade de coussas indispensaveis: as banheiras complicadas, as retretes sabias, as cozinhas que são laboratorios, os vestuarios arrevesados; os lavatorios vergando ao peso de escovas, navalhas, thesouras, espelhos, esponjas, perfumes, crèmes; os armarios carregados de botas de infinitas especies, para cada um dos momentos da existencia; as bengalas varias para cada genero de passeio; os saccos, as malas, os estojos, os *waterproofs*, as mantas, os rôlos, os binoculos: tudo quanto é indispensavel ás viagens incessantes em que o inglez, imaginando obedecer ao seu ideal sedentario, vae impellido pelo instincto nomada irresistivel.

Tudo isto torna a vida horrivelmente complicada; tudo isto absorve completamente o tempo; e esta complicação e esta absorção, juntas ao dinheiro que custa a vida assim artificializada, fazem com que o genio do povo se esterilise na necessidade indispensável de ganhar muito dinheiro para poder gastar muito dinheiro, a imaginar que frue dos inauferíveis gosos da ventura.

Lembrando-me da nossa vida sobria, simples e farta de meridionaes, não posso deixar de lamentar esta singular illusão, nevoeiro em que labora o espirito dos meus hospedes, mais espesso ainda do que o nevoeiro de hoje sobre o valle do Tamisa.

Depois, não é só a escravidão ás exterioridades utensiliares da vida; não é só a mania da commodidade luxuosa levada até á tyrannia: não é só isto. É um outro vicio mais, radicado na tradição e nos instinctos violentos da raça: é a glutoneria, excitada pelos requintes da cozinha sabia. O meridional é guloso, mas o inglez é glutão na gulodice. Certamente, o clima reclama alimentos quentes e fortes. São os tradicionaes, como os fui vêr e provar na taberna classica do Simpson, o verdadeiro, no *Strand*. Serviram-me uma fatia de carne, nadando em *fat*, uma porção pantagruelica, talhada alli ao pé de uma montanha sangrenta que rolava por seu pé, entre as mesas. É excellente, com um copo de cerveja espumante, mas fica-se comido para tres dias. O *gentleman*, porém, toma isto, um *joint* ou cousa equivalente, e uma sopa antes, e além d'isso peixe, e fructas por cima e *jams*, e whisky com soda, ou vinho do Rheno, e café, e queijo... É o *lunch*. Primeiro, ás nove horas, teve o seu almoço na cama: chá e leite, biscoutos, pão com manteiga, etc. Depois do *lunch*, ás cinco horas, antes do passeio, toma-se chá e biscoutos. Depois ás oito

horas janta-se opiparamente. Depois ás dez horas toma-se outra vez chá. E, no intervallo, bebe-se whisky and soda, american drinks, clarets, e biscuitos, e... não rebentam!

E eis ahi está o ideal a que aspiram dois milhões de criaturas, n'esta Babylonia de Londres! Ganhar dinheiro bastante, para, com a mira no conforto domesticó, gastar a vida inteira comendo, e cuidando nas futilidades infinitas de uma civilisação de apparo, *for the show*. Não admira, portanto, que tudo isto apresente um tecido de incongruencias. Porque, afinal, o amor do *home* é a maxima das illusões. A inquietação organica do inglez faz com que o socego domesticó só lhe sirva para comer e dormir. A primeira prova d'esta affirmativa que pode parecer paradoxal, está nos clubs, onde vivem mais do que em casa.

Abro o annuario londrino e encontro o registro de um cento de clubs, com a população de mais de cem mil socios, pagando joias de uma a quarenta libras e quotas desde dez shillings até quinze libras. Estes clubs incluem todas as classes: ha-os litterarios, scientificos e artisticos; ha-os militares e navaes; ha-os politicos; ha-os universitarios; ha-os sporting; ha-os commerciaes e bancarios; ha-os finalmente sem caracter particular de classe.

E que fazem os ingleses nos clubs? Vingam-se do aborrecimento domesticó, digerindo e dormitando um outro aborrecimento, sorvendo whisky and soda, refastelados em poltronas, irreprehensivelmente vestidos, calçados e penteados, fumando *cigarretes* e chamando conversação a uma troca de monosyllabos, bocejados de hora a hora com tedio invencivel. Estão cançados do dia, do banho, da toilette, da comida, occupações *gentis*, por meio das quaes trattaram, a correr, de um negocio.

Só os desperta alguma anedocta, recurso da gente inacessivel á conversa propriamente dita. E um caso de *sport*, de *comida*, de cavallo, ou de mulheres, contado muitas vezes com *humour*, que é a graça amarga propria de gente tão psychologicamente desequilibrada, como é physicamente desengonçada. Só de todo acordam da sua somnolencia usual, quando se discute o projecto de uma *party*: uma excursão, ou uma viagem. Então, na esperança de satisfazer o instincto profundo do movimento, homens e mulheres erguem as orelhas: como os cavallos de raça, sobresaltam-se, vivem. O nomada apparece. E logo se desenstellam as malas, se enrolam os estojos, se enfardam as mantas: e eis-os que vão, alegres e satisfeitos na expansão intima do instincto, ou percorrer os *seats* do campo onde se inverna, ou largar para o *continente* que fingem inconscientemente detestar, ou metter-se a bordo dos vapores para o Egypto, para o Cabo, para a India, para a Australia, em viagens de *sport*, ou de simples distracção.

E com todas estas incongruencias contradictorias, os ingleses, sem terem o que se chama amabilidade de maneiras, são profundamente captivantes, obsequiosos, sinceros, e abertos no trato. É que a incongruencia, origem da affectação e da *pose systematica* dos costumes, não é um artificio raciocinado: é apenas uma consequencia das condições da vida em que se encontram.

Perguntar-se-ha, porém: mas como é que tanta incongruencia dá resultados tão estupendos? tanta contradição produz um exito tão colossal?

Por tres motivos. Primeiro, porque operam como um elemento, exportando annualmente duzentos mil homens fortes, dispostos á conquista da terra. Segundo, porque teem na sua metropole, por dadiva da na-

tureza, o monopólio do carvão e do ferro. Terceiro, porque, sendo a gente mais disciplinada e submissa, religiosa e moralmente, formaram uma idéa material da civilisação e d'ahi deram ao dinheiro o papel indispensavelmente soberano.

Por tudo isto, com o feitio afirmativo do seu gênio, inacessivel á contemplação e á duvida, á especulação e á arte, teem justamente um orgulho de vencedores e um desdem intimo por tudo quanto não é inglez.

As palavras *continental*, se em casa fallam de europeus, ou *native*, se fóra se referem aos indigenas: a palavra *foreigner* em geral, como os gregos, quando diziam *barbaros*: estas tres palavras, por melhor vontade que haja, são sempre deprimentes na sua bocca.

Os proprios ingleses, residindo no continente, descem de valor. Chamam-lhes *continental Englishmen*. E quanto ao valor do *foreigner*, contou-me J., portuguez que reside ha muitos annos em Inglaterra, uma anedocta expressiva.

Um pequeno, seu filho, nascido em Inglaterra e que portanto se julgava, sem saber, tanto como os outros pequenos com quem estava brincando, vem chorando queixar-se ao pae:

— Que te fizeram, rapaz?

— Chamaram-me *foreigner*!

XI

Agora posso felizmente dar largas ao meu sincero desejo de admirar, porque, entrando em S. Paulo e em Westminster, que são dois pantheons, tenho de me curvar perante a grandeza d'este povo fadado, como o romano, para o imperio. *Tu regere*

imperio, populos, romane, memento! Tambem os romanos produziam no espirito dos gregos impressões semelhantes ás que a estranheza do caracter inglez produz em nós *continentaes*; tambem os gregos tinham de curvar-se perante o genio governativo ou imperial dos romanos, como nós hoje temos de reconhecer as qualidades politicas eminentes d'este povo, que na sua historia repete a romana, quasi ponto por ponto.

A sua heptarchia é como o periodo lendario dos reis de Roma; depois vem a historia da sua constituição, tambem por um lado vinculada sempre á tradição, por outro procedendo gradualmente e assimilando a si os povos vizinhos, até constituir a unidade politica da porção de territorio geographicamente marcado á nação. Depois vem a expansão e a conquista, pela instituição das colonias. Vem o duello com Napoleão, que lembra as guerras de Annibal; e a conquista da India, semelhante á da Africa dos carthaginezes. Depois vem o Império, e é ver com que orgulho os ingleses de hoje usam das palavras: *empire, imperial*.

Não me proponho, certamente, a fazer agora uma prelecção sobre o parallelismo da historia romana e da ingleza: vem isto apenas para dizer o que senti, quando entrei em S. Paulo e em Westminister. É como em Roma, a mesma sanctificação da politica, a mesma socialisação do culto. As igrejas são pantheons. Por isso mesmo se vê que não é um povo accessivel aos sentimentos metaphysicos, assim como o romano o não era; mas n'este proprio limite está o segredo da sua força. Na Antiguidade, as religiões, por isso que o espirito metaphysico não saira ainda das noções elementares, os cultos faziam parte da constituição; e a Egreja era uma repartição do Estado, a devoção um aspecto do pa-

triotismo. Modernamente, o caso é diverso, desde que a instituição do catholicismo creou para as almas uma patria celeste, e que o reino de Deus se retirou d'este mundo. O divorcio da religião e da política é um facto europeu, desde o apparecimento do christianismo catholico. A revolução religiosa do Protestantismo, no XVI seculo, nacionalisando as egrejas protestantes, modifício este estado de coisas no gremio da raça germanica; mas, apesar d'isso, em parte alguma do continente, nem entre catholicos, nem entre protestantes, se observa este regresso ao modo de ser antigo, como em Inglaterra, por isso mesmo que nenhum povo é como o inglez tão pouco susceptivel de visões metaphysicas, ou de enthusiasmo propriamente piedoso.

S. Paulo, erguido na collina que está no centro da *City*, sobranceira ao Tamisa, já era um logar sagrado no tempo dos romanos. O zimborio e as columnadas que o sustentam são o modelo d'essa Londres classica do seculo XVIII, que varias vezes tem provocado o nosso desgosto. A nobreza das linhas, a grandeza da fabrica, negro como tudo está, sob um céo tambem negro e baixo, em vez de levantarem o espirito, offendem-no. Lembra-se a gente de que este arremedo de S. Pedro de Roma foi construido á custa do imposto lançado sobre o carvão de pedra das minas — e de hulha parecem, com effeito, fachadas, tympanos, columnas, frisos, zimborio, perystilos, e a propria estatua da rainha Anna, que está em frente da entrada, tendo submissas aos pés a Inglaterra, a França, a Irlanda e a America. O imperio dos bretões já no seculo XVIII era formidavel, ainda antes do momento épico de Waterloo, que foi como Zama.

E quando se entra na immensa nave, vê-se a historia conquistadora do povo inglez escripta em es-

tatuas e monumentos, perfilados ao longo dos muros e nas capellas abertas nas suas faces altissimas. Estão alli os generaes que combateram as guerras do continente e do ultramar, presididos por Wellington, o *iron duke*, vencedor de Napoleão. Estão os Napiers heroicos, Ponsomby e Picton, Heathfield e Moore, Abercromby e Brock, e, em uma capella aparte, o monumento dos heroes de Balacklava, na guerra da Criméa. Os marinheiros teem Nelson á sua frente, com Howe, com Duncan, com Rodney e Collingwood, com S. Vincent, que é como chamam ao *nossa* Napier, vencedor da batalha do Cabo de S. Vicente, em 1833. Depois os bispos : Jackson e Blomfield, da sé de Londres, Middleton, que foi o primeiro metropolitano protestante das Índias. E apesar das letras, das sciencias e das artes terem o seu templo em Westminster, Hallam o historiador medieval, Johnson o lexicographo, Jones o orientalista, Donne o poeta, Turner, Reynolds os pintores, Cooper o cirurgião : todos esses e varios outros, teem aqui o seu logar consagrado, como penates de um povo, no recinto do templo erguido para a oração.

Em Westminster, o logar eminente pertence aos estadistas. Na praça que está em frente da abadia, levantaram uma estatua a Beaconsfield. No socco puzeram-lhe esta inscripção, eloquente na sua ingenuidade grandiosa : *Ever remembered for devotion to his Queen and the honour of his country.* «Sempre lembrado pela dedicação á sua rainha e á honra da sua terra.» São verdadeiramente solenes estas palavras simples em que, porém, se respira o genio imperial inglez. A honra da terra está symbolisada na corôa do rei.

Dentro da sombria nave gothica estão Chattam e Pitt, Canning, Fox, Peel, Palmerston, Blair,

Baine, Cavendish, Castlereagh, Cobden, Warren Hasting, Buxton, Russell: todos, e outra vez Disraeli: a pleiade inteira dos estadistas que levantaram o monumento incomparavel do imperio inglez. Veem-se de pé, em attitudes de accão, fallando, escrevendo, ordenando, cercados pelos attributos symbolicos proprios para acordar no espirito do povo a lembrança dos seus actos e a gratidão pelos seus serviços. Ao lado dos que governaram presta-se culto aos que ensinaram ou encantaram o povo inglez. Newton dá o braço a Darwin, Herschell a Stephenson, o constructor dos caminhos de ferro. Haendel, o musico, está ao lado de Garrik, o actor. Macaulay, Mackintosh, Grote, Thirlwall, os historiadores, emparelham com Goldsmith, Thackeray, Dickens; e Shakespeare preside á pleiade dos poetas sublimes que na lingua fizeram o que a natureza fez na pelle, nos cabellos e nos olhos das virgens inglezas: o encanto do lyrismo subjectivo. É Thompson, é Dryden e Southey, é Coleridge, é Campbell, é Addison, é Burns, é Sheridan: são todos, e são innumeros.

O povo que d'esta forma, entre os modernos, restaurou o culto antigo dos grandes homens, e não por imitação classica, mas por um instincto espontaneo e vivo, revelador do seu genio imperial: esse povo não podia esquecer o culto a um genero de heroes que só aqui tambem floresce. São os philanthropos. A santidade dos povos metaphysicos, ou propriamente religiosos, do continente, chama-se com razão, aqui, philanthropia. S. Paulo tem o monumento de Howard; Westminster, o de Wilberforce, o pregador da abolição da escravatura colonial. Nos dois templos, portanto, é facil evocar todas as phases da historia do povo inglez, e todas as faces do seu caracter collectivo. Tanto mais que em Wes-

tminster as capellas estão cheias com os tumulos aristocraticos da Inglaterra medieval, narrando a tragedia obscura e forte da constituição intima d'esse povo, destinado a formar o maior imperio que o mundo jámais viu.

Assim, em Westminster, o passado se liga ao presente, e de permeio está S. Paulo, para nos dizer a chronica intermedia das navegações e das conquistas, das guerras e das viagens. Que importa, pois, que as estatuas sejam mediocres e por vezes grotescas? A impressão épica é tão forte que subalternisa o senso artístico. Tambem os gregos se riam das estatuas romanas e dos templos colossaes da cidade do Tibre.

S. Paulo é, com efecto, *de carvão*; mas Westminster não é. Áquella architectura não faz mal o negro. As janellas rasgadas entre as pilastres esguias que vão terminar-se no alto, perfurando o céo de chumbo; os rendados da pedra nas frestas e rosas, os baldaquins e nichos com as suas estatuetas esfoliadas, as heras, as madresilvas e trepadeiras enroscando-se nos pilares: todo o viço vetusto do gothicó, entre massiços de relva fresca e verde, casase com o clima e evoca impressões harmonicas, fazendo repassar na vida os annaes de um povo, que agora attinge a plenitude culminante da sua grandeza. Ou eu estava pouco aberto ás impressões artísticas, ou o spectaculo da epopéa ingleza me enchia de assombro: a verdade é que me não offendeu demasiado o caricato de muitas das figuras dos heroes. Importa, porém, dizer-se que ultimamente ha progresso evidente no gosto.

As artes ornamentaes ganharam immenso com o ensino prestado pelas escolas do *South Kensington Museum*. E tambem por este lado a inspecção dos monumentos é instructiva: as datas vão ensinando

a educação do espirito esthetico, ou antes, technico-artístico.

S. Paulo, d'aqui por algum tempo, deve ganhar com as innovações que interiormente lhe estão fazendo, enchendo as superficies lisas dos tectos, e das paredes, com mosaicos e pinturas polychromicas simili-bysantinas, fundos de ouro onde se destacam hieraticamente as figuras piedosas dos santos. Ao mesmo tempo põem-lhe vidraças de côres nas janellas; mas essa ornamentação, tão formosamente propria nas egrejas ogivas, disparata nos templos classicos.

XII

E as vidraças coloridas disparatam tanto mais, quanto a revolução por que está passando o anglicanismo o vae approximando do feitio catholico adequado a uma imitação romana, como é S. Paulo. Vilá um altar absolutamente catholico: frontal, cruz, banquetas de castiçaes com vélas accesas. Chama-se a este movimento sectario o *ritualismo*; e restaurado o rito, S. Paulo, recamado de mosaicos e douraduras, será magnifico.

Será *inglez*? Isso é diverso. Porque, sem querer entrar na psychologia do protestantismo, o facto é que ao genio mysticamente subjectivo d'estes povos é antipathica a idéa pomposa e pantheista que se faz da religião no Meio-dia, onde a natureza é comunicativa. Verdade é que o protestantismo inglez, pela maneira como se formou, explorando o rei a tendencia religiosa do seu povo, a beneficio dos caprichos de um temperamento exuberante: verdade é, que a egreja anglicana ficou sempre com um carácter diverso do protestantismo allemão.

Em primeiro logar ficou riquissima, com todos os bens antigos da egreja catholica, com dotações opíparas e um estado-maior consideravel. Ainda hoje a egreja anglicana, apesar de soffrer tambem do vicio organico da sociedade ingleza, uma grande pobreza como base, nas parochias, e uma opulencia magestatica como vertice nos bispados: ainda hoje, os rendimentos de terras, vencimentos, prebendas e benesses sommam mais de sete milhões de libras¹, dos quaes menos de cinco formam a dotação das quatorze mil parochias espalhadas pela Inglaterra e Galles. Dois milhões e meio são a renda dos arcebispos, bispos, collegiadas, etc. Não ha nada mais avesso ao espirito mystico do protestantismo, do que a instituição de uma egreja aristocratisada, como a ingleza official. Por isso, de um lado, ao passo que as tendencias ritualistas progridem, em parte alguma se vê uma tão grande confusão de ritos, cultos e seitas. A commoção da Reforma abalou e derrocou a auctoridade ecclesiastica do catholicismo, pulverizando as communhões religiosas.

Os registos accusam na Inglaterra e Galles 34:467 casas de oração, e d'estas a egreja official não ocupa mais de 14:077. Os registos mencionam vinte e seis communhões protestantes, e sete que o não são. Entre estas, a que conta mais templos é a dos *Later days saints*, os «santos da ultima hora», com 222, não fallando, é claro, nos catholicos romanos, que teem 570. Os catholicos apostolicos teem 32, e os judeus 53; os gregos 3, os velhos-catholicos italianos uma, e os allemães outra. São ao todo 882 as egrejas não protestantes. Das 19:508 protestantes não anglicanas, as mais numerosas são as me-

¹ 7.251:690.

thodistas, cujas nove seitas entram por 11:944 templos. Depois veem os independentes com 3:244; depois as seis seitas dos baptistas com 2:789; depois os unitarios com 229; depois os presbyterianos es- cossezes com 160; depois os moravios, os sandemanianos, os lutheranos, os reformados, allemães e hollandezes, os protestantes francezes, a sociedade dos amigos, a *new church*, outras ainda, e a final 539 templos onde se reunem as congregações isoladas.

Somma total, estas seitas refractarias á autoridade da *established church* representam a reacção espontanea do espirito independente de religiosidade mystica: reacção que se denuncia no seio da propria religião official. A observação da vida rural é para este caso mais suggestiva ainda do que a das cidades.

Em regra, ha em toda a freguezia dois padres: um anglicano, outro dissidente. Chocam-se. Vivem em espheras diversas e exercem influencia por diferentes maneiras. Usualmente, o anglicano é *gentleman* de nascença, muitas vezes aparentado com o *squire* da localidade, e esteve em Cambridge, ou Oxford; por tudo isto tem as preferencias da *sociedade*. O outro é, em regra, plebeu, embora quanto a coragem, franqueza, benevolencia e caracter em geral seja, tambem por via de regra, um *gentleman*. E *gentleman* em Inglaterra todo aquelle que, no moral e no formal da vida, se conforma com o typo de dignidade estabelecida; mas é *gentleman-gentlemanisante* aquelle que, tendo isso, tem a mais a riqueza, e a mais ainda, o nascimento illustre. Não se pode ser *gentleman* sem qualidades de costumes; mas é-se muito mais *gentleman* com dinheiro abundante, e muito mais ainda com ascendencia fidalga. O pobre pode muito bem, todavia, ser *gentleman*;

mas esta palavra tem um significado socialmente concreto na pessoa de um proprietário que vive das suas rendas abundantemente.

O padre anglicano depende inteiramente da *gentry* da localidade. Tem n'esse círculo as suas idéas e inclinações. Da universidade trouxe a paixão pelos *athletics*: o *cricket* e o *football* teem n'ele um secretário. Já o padre caçador, corredor de raposas e lebres, não é tão commum como foi; mas é sempre homem entendido n'essa especie de *sport*. É *tory*, como pessoa que se preza. O dissidente é totalmente diverso. Em vez de jantar com o *squire*, vai ao chá do rendeiro. Em vez de conviver com a *sociedade*, frequenta os pequenos, os pobres, *un genteel people*. A congregação, como todo, vale muito menos do que os senhores da egreja parochial, *parish*. Naturalmente, é quasi sempre um radical aspero e aggressivo, que sobretudo espera o *diseestablishment* da egreja official. Desadora as leis de caça porque não é *sporteman*, e vive n'uma hostilidade chronica ao prior anglicano que é o seu pesadelo.

Geralmente, os *clergymen* são menos escrupulosos no cumprimento dos seus deveres pastorais, do que os *ministros* dissidentes que, ou hão de ter uma congregação, ou morrer de fome. Entretanto, concordam todos em que a indifferença em assuntos religiosos cresce por toda a parte, de modo que o *disestablishment*, essa grande curée pela qual tantos esperam, quando vier, não virá de certo em benefício dos ministros dissidentes.

Estas informações, que eu recebia da boca de pessoa fidedigna, teem de ser rectificadas para uso dos povos latinos. Porque isso a que o meu informador chamava indifferença religiosa, chamariamós nós catolismo excessivo. E vêr um domingo em Londres! Os ingleses que procuram sempre o «fa-

cto», o «algarismo», fazendo estatística de tudo, acharam que a frequencia ás egrejas de toda a especie excedera 7.000.000 de fieis sobre uma população de 29.000.000. Deduzam-se as creanças e velhos, e diga quem quer que seja, se ha paiz católico onde se observe uma tal proporção.

É que, de facto, não ha homem mais constitucionalmente religioso, qualquer que seja a seita, do que o inglez. A raiz mais profunda do seu carácter moral é o respeito. O inglez venera por instinto; e nisto consiste o proprio nervo da sua força colectiva. Venera tudo com insistência, e por isso também, quando o ídolo se parte, destroem com energia. Em parte alguma do mundo o dito de que a religião é um freio, tem uma verdade mais incortestável.

Não ha homem mais submisso, nem mais sujeito ao espanto admirativo e medroso d'onde as religiões sahiram. Esta raça, physicamente energica e denodada como nenhuma, é moralmente infantil. O *wonder*, o *awe*, o espanto e o terror perante interrogações insondáveis para o inglez, tornam-no subserviente, e estabelecem a base da disciplina mental. Não se procure em outra raiz o respeito à tradição, nem o culto pelas instituições, nem a admiração pelos grandes homens: todos os traços sociaes que, se diminuem o quilate individual do gênio, por isso mesmo argamassam com solidezo edifício da grandeza do povo. Os próprios ingleses já penetrados pela civilisação racionalista do continente, principalmente pelo germanismo, confessam que a cobardia intelectual é a unica especie de cobardia possível no inglez; mas essa tem-nade um modo excessivo.

Um orador popular dizia outr'ora: «Posso atacar tudo o que me vem á cabeça, menos a rainha

e o christianismo: se fallasse contra elles, o publico apedrejava-me». Hoje as cousas mudaram muito. Difficilmente se admitté porém ainda que um incredulo possa ser um *gentleman*, bom inglez e homem honrado. D'aqui vem um costume que, sem ser propriamente vicio, friza pela hypocrisia: o *cant*, o ritual das conveniencias ininfringiveis. D'aqui procede tambem, como antithese, ainda dentro das regras, o *humour*, a amarga ironia caustica de um Swift, ou de um Thackeray; e fóra de todas as regras, nasce tambem d'aqui o protesto desbragado e satanico de um Byron.

À mais leve jura, a ingleza baixa os olhos e córa murmurando: *Shoking!* Uma senhora dizia-me que nem das gallinhas, á mesa, se falla em *legs*, em pernas; e que na America, onde o inglez requinta, chegam a vestir saias ás pernas das mesas. Mas o equívoco tem passaporte, e por vezes raia as fronteiras. É que a moral é feita de *cant*, de convenção; assim como a religião é feita de pharisaismo. Facilmente escorregam ambas na hypocrisia. Descascado, o inglez só reconhece a violencia do temperamento carnal, e o terror vago do desconhecido. Por isso, à medida que a irreligiosidade cresce e os costumes se «naturalisam», cresce a onda da superstição spiritista em que pode ser que se afogue este povo, como sucedeu tambem ao romano.

XIII

O *Vicar of Bray, english comic opera*, que eu vi uma noite no *Savoy theatre*, fez-me a impressão de que os velhos dias do puritanismo inglez estavam com effeito transactos. Essa *performance*, cujo va-

lor artistico é mais que mediocre, vale, por ser genuinamente ingleza, apesar de obedecer aos moldes da opera-buffa franceza. Vale, por ter já umas centenas de representações. Apesar do calor que fazia, o theatro estava apinhado. Está em scena o clero; troçam-se, cantando, os costumes ecclesiasticos. É uma parochia rural, do genero d'aquellas a que me referi na carta anterior. O cura enviavou: é um homem espadaúdo, no vigor da edade. Tem em volta de si um collegio de raparigas e um seminario de padres. Pertence tudo á *low church*. Mas ha na freguezia uma viuva rica, e o prior, ambicionando casar-se com ella, para se *afidalgar*, resolve mudar para a *high church*. Está o casamento a ponto de fazer-se, quando se descobre que, nas regras do ritualismo, os padres só podem casar uma vez. Então o cura, com aprazimento da velha, volta á *low church*; e o casamento faz-se, casando todos os rapazes padres com todas as raparigas da escola.

Isto, contado assim, é uma semsaboria, e não discuto se a peça seria com effeito muito agradavel para paladares continentaes. Menciona-a apenas como symptoma de revolução dos costumes. O theatro inteiro ria em gargalhadas estrepitosas a cada uma das scenas equivocas, ou abertamente patuscias, sublinhando os ditos por vezes mais que indiscretos. E tudo isso se passa á porta da egreja, entre padres gravemente vestidos de preto, com longas sobrecasacas sem bandas, de gravata branca, quando estão na egreja *baixa*, de gola apertada aos pescoços, como os catholicos, se estão na *alta*. Parece-me que em nenhum paiz continental a policia permittiria uma semelhante farça ecclesiastica. E todavia os continentaes são menos religiosos do que os inglezes.

Contradição? Não. É que o inglez, desde que principia a perder o respeito, desboca-se, como um cavallo quando parte. Esta nossa indifferença critica e tolerante, capaz de respeitar ainda aquillo em que não crê, por obediencia á idéa metaphysica de ordem, e por consideração para com o proximo, em vão se procuraria no inglez inteiriço e absoluto, que, ou ha de venerar com submissão, ou destruir com violencia.

Ultimamente, em Pariz, a policia mandou fechar um restaurante disposto como convento, e onde o serviço era feito por mulheres faceis vestidas de freiras. Em Pariz tambem, apesar da má reputação d'essa terra, não se consentiria que n'un palco dançassem *jigs* e *can-cans* desenfreadados clérigos e púpillas, n'uma alacridade mais que livre. Em Londres, porém, esta operetta estava em scena, em um theatro elegante, havia dez mezes, com encheres successivas, e fazia delirar o publico. E em Pariz, essa moderna Corintho, os espectaculos picantes são sobretudo para os estrangeiros que veem divertir-se; ao passo que em Londres tal especie não existe, e as platéas são exclusivamente britânicas.

Nem outras plateias conceberiam como *clergymen* tão patuscos e meninas tão desinvoltas, acabassem esta folia pandega em dois actos por um casamento universal, abençoado pelo proprio cura da operetta. Seria então que a platéa estoiraria de riso. Aqui, não. D'isso não se ri; e desde que tudo termina conforme as regras do *cant*, as senhoras e meninas da sociedade, e os homens mais compostos, podem assistir ás scenas mais desbragadas e ouvir os equívocos mais apimentados. Quanto a mim, a explicação d'este paradoxo em que fiquei scismando, é a seguinte: O naturalismo, com effeito, róe a cons-

ciencia religiosa; os dias do puritanismo foram-se; mas isto não quer dizer que a gente se tornasse ir-religiosa, porque para tanto é necessário um temperamento mental, que o inglez não tem. A religião nova, retemperando-se na superstição, é o spiritualismo, que cresce parallelamente com o naturalismo organico dos costumes. Londres é, com efeito, como o meu amigo dizia, uma cidade oriental: Babylonia, ou Ninive.

Por outro lado, se a egreja está em crise, não está ainda a familia, que é a verdadeira base d'este edificio social; e por isso o *cant* não permittiria que a peça terminasse por essas uniões irregulares, communs no continente. Homem e mulher só no casamento podem unir-se. É isto o que o *cant* manda: mas não quer dizer que seja o que o facto impõe. Tudo está em salvar as apparencias, guardando as conveniencias. A moral ingleza apoia-se sobre um sistema de equivocos, por vezes quasi inattingiveis para nós. E esses equivocos proveem do genero de espirito que teem, ennevoado como o céo. São uma gente completamente *constipada*, para me servir da expressão do meu amigo. Tudo é rouco: a voz e os pensamentos.

Uma prova d'isso é o não existir comedia propriamente dita, porque não ha possibilidade de graça e leveza, quando o estado mental é confuso. A comedia é farça, a farça torna-se pantomima. Parecem espectaculos para creanças monstros. O riso só brota com as cabriolas, as pancadas grotescas, os uivos, os esgares, dos *clowns* e *ministrels*, mascarados de preto, vestidos de entrudo, tocando, nos seus instrumentos roufenhos, melopéas, que a gente hesita em saber se provocam o riso amargo, se a melancholia monotona. É assim o *humour*.

Uma noite, depois de um jantar opiparo de casa

riquissima, levaram-me em uma fofo carruagem a em theatrinho *a la moda*, passar uma hora, antes de voltarmos a acabar a noite cabeceando á roda de bandejas de prata com legiões de *drinks* e gelos, xaropes, sodas, sherry-cordials, wiskys, em baterias de crystaes lapidados, com charutos como só se fumam em Londres. Pois o theatro adequado para estomagos sobrecarregados com o trabalho colossal das continuas digestões, não é a comedia que reclama cabeça leve, e espirito agudo. É a pantomima e a dança, regalando os olhos sem fatigar o cerebro, provocando gargalhadas que são digestivas.

Toda a actriz aqui ha de ser dançarina, pois não ha peça sem dança entremeiando o dialogo. E as danças são acompanhadas sempre por effeitos de luz colorida, com mutações rápidas. O prazer physico prima em tudo ao intellectual. A *mise-en-scene* absorve. Ninguem ouve o que se diz, só se repara no que se vê. E o que se via essa noite no *Court's theatre*, o que se vê todas as noites por todos os theatros, e na grande scena do *Empire*, quer nos bailados magnificos, quer nas pantomimas e farças, é a apotheose da mulher loura, em nuvens de gazes lhamadas de prata e ouro, com atmospheras de luz electrica, banhada de azul ou de vermelho. Os sentidos excitam-se, a digestão apressa-se, titillam os nervos fortes de uma gente athletica, vibrando com a excitação, no spectaculo patente do paraizo da carne que, sob outro aspecto, eu via ir-se-me abrindo, quando, ao vir de Southampton, observava os bois pastando pesadamente nas planicies de relva.

Tudo se transforma na natureza: d'este boi nasce o paraizo de huris, patente aos olhares felinamente somnolentos, exposto aos dentes agudos embainhados em queixos possantes... E por toda a parte se cantava, ou se mastigava, a canção do dia:

Ta ra ra boom de ay !

Quando fui ao *Lyceum* vêr o *Henrique VIII* de Shakespeare, magistralmente representado pelo Irving e pela Ellen Terry, que na sua incomparavel evocação da rainha Catharina ainda excede o interprete do cardeal Wolsey; quando me achei perante essa Inglaterra do seculo XVI, desbragadamente naturalista, bella na franqueza com que se expandem todas as paixões animaes, pintadas pelo maior prescurtador da alma humana que jámais existiu; quando vi a astucia ambiciosa de um, a carnalidade sensual de outro, a vaidade da ostentação, a ferocidade sanguinaria, a candidez pervertida, e, pairando sobre toda a orgia, a grandeza nobre e a dignidade augusta da rainha aragoneza, que me parecia um ser humano lançado n'um antro de feras, muitas cousas me passavam pela idéa; mas uma d'ellas era de certo o orgulho de ter nascido na nobre Hespanha.

Talvez por isso, tambem, achasse que ninguem representava como a Ellen Terry.

Mas, perante o *Henrique VIII*, percebi para onde, passado o periodo doutrinario do puritanismo, a Inglaterra vae hoje: vae para outra éra de naturalismo franco. *Merry England* volta ao estado moral do seculo XVI, com as complicações e requintes de tres seculos de civilisação. Quando lá chegar, então haverá quem outra vez escreva comedias como as *Merry wives of Windsor*; porque então o genio inglez se encontrará vasado em moldes moraes adequados, sem as cilhas que o apertam e o contrafazem, tornando-o incoherente e equivoco. Não lhe vae ao corpo o cilicio puritano; não se dá com o francezismo elegante e espirituoso. N'um caso é

contrafeito, no outro é ridículo. Tenta o germanismo, mas esse cordial é capitoso de mais para elle.

Varias vezes assisti aos concertos Richter, na sala St. James, onde a melhor orchestra do mundo executa Schuman e Brahms. A sala está sempre cheia, nem admira em uma cidade de cinco milhões de habitantes; mas isto é lá o Derby! isto é porventura uma boa farça! Na propria sala de St. James, Schuman tem de alternar com os *minstrels*.

XIV

Quando certa manhã me dirigia, subindo as escadas do terraço de *Trafalgar Square*, para visitar a Galeria Nacional, tinha visitado na vespera a *loan exhibition* de pinturas, então aberta em beneficio de não sei quê, na *Mansion House*. Dentro do paço da *City*, que ostenta o seu frontão allegorico sobre um renque de columnas pretas e corinthis, ao mesmo tempo, tivera occasião de ver a pintura nova da Inglaterra que teve em Rossetti um iniciador, e tem em Millais o seu maior representante.

A *victorean age*, como os ingleses orgulhosamente denominam o tempo actual, emparelhando-o com a edade de Pericles ou de Augusto, se tem a sua architectura, renovada dos Tudors, tem tambem a sua pintura, que é um *pastiche* dos italianos *preraphaelitas*, cujo representante mais conspicuo é o Perugino. A falta de perspectiva, a femininidade dos motivos, o vaporoso das composições, o ar ingenuo e hieratico das figuras, a sobriedade dos tons, o archaismo dos accessorios e ornatos: eis ahí, parece-me, os traços principaes do genero de pintura que tambem se introduziu em

França. Para além do Canal, explica-se a aceitação, pela tendencia que a arte requintada apresenta para descamar no *japonezismo*, isto é, n'uma combinação particular do naturalismo affectado, com a phantasia extravagante. Aqui, porém, o exito do *preraphaelismo* encontra raizes mais profundas. As *madonas* de Rossetti, ou de Millais, são a expressão pictorica do ideal inglez da mulher, como o genio poetico d'esta raya, Shakspere, as cantou. São Desdemona, são Ophelia, são as virgens vaporosas e louras, como Julietta sentada no balcão *elisabethiano*, gorgeando com Roméo o seu dueto de amor. Não ha corações mais lyricos do que os d'esta gente positiva, qualquer que seja o grão de affectação convencional e elevada que introduzem nos sentimentos *gentis*.

Gentil é um adjetivo de que d'este lado do Canal se faz um abuso tão grande, como o do *joli* do lado opposto. Os dois adjetivos retratam os dois povos. O *preraphaelismo* é *genteel*. É a pintura espiritualizada archaicamente, diante da qual as *misses* louras veem idealizado o typo que teem de representar no mundo, mixto de ingenuidade, de candura e encanto; detrás do qual, e fóra já da esphera da arte, fica a realidade da vida, quasi sempre cruel, em que a mulher ingleza mostra, quasi sempre tambem, as suas fortes qualidades. Ora esta separação do dominio da arte e do da realidade é o que me pareceu tornar a pintura ingleza de hoje um genero artificial e de *moda*, para uso da gente elegante.

Deixando, pois, os *preraphaelitas* de *Mansion House*, o que eu queria ver na Galeria Nacional não eram as suas bellas colleccões das escolas continentaes: eram as salas da pintura ingleza: Reynolds, Gainsborough, Landseer, Hogarth, Turner.

De *preraphaelitas* estava inteirado. Quando o lyrismo inglez da *victorean age* produz poemas como a *Aurora Leigh*, de Isabel Browning, não careço de pintores que m'o deem a conhecer. E, com efeito, n'esta raça subjectiva, a poesia vibra infinitamente mais do que as artes plasticas. Se não ha communicação permanente e vivida com a natureza ambiente, se a vida de relação é forçosamente artificial e contrafeita, como pode haver artes plasticas dignas de exprimir o sentir do povo?

Ha pintores em Inglaterra: pintura ingleza, não ha. Lely e Kneller procedem de Van Dyck; Gainsborough e Reynolds, no retrato e na paisagem, teem o sentimento vivo da côr e da carne dos flamengos. Que traço, que feição propria se revela, porém, nas salas da *National Gallery*? Ha com efeito pintores genuinamente ingleses: são Turner e Hogarth.

A sala onde estão reunidos os quadros do primeiro produziu-me uma impressão profunda. São visões, são deslumbramentos, como a *Destruição de Sodoma*, delírios da imaginação desvairada, céos phantasticamente inverosimeis, mares revolvidos em cyclones, auroras, temporaes, vertigens, illuminações subitas, contrastes medonhos: uma enorme symphonia do caos traçada com o pincel que, para a orgia cosmica, fez o que fez o pincel de Rubens para a orgia da carne. E das telas, que me pareciam delírios de um louco, saía com insistencia uma preocupação mais constante: o mar. Ambos estes traços são ingleses: o desequilibrio da imaginação desenfreizada, e a paixão maritima. A prova, porém, de que taes *casos* da phantasia não possuem as condições da arte, é que o mestre não teve discípulos. Gongora da pintura flamenga (porque pintura propriamente ingleza não ha) ficou como indi-

vidualidade, sem duvida interessante em alto grão, mas tambem sem consequencias.

O outro pintor que mais reclama a attenção de quem quer estudar o espirito inglez, é Hogarth.

Tambem é genuinamente nacional, este que na tela exprime o genio creador do *Book of Snobs* e das *Letters of Peter Plymley*, que são duas obras primas de *humour*. Não ha traço mais inglez do que este. Não ha veio mais rico de expressão technica do que o explorado, com a pena por Swift, por Fielding, por Sterne, por Thackeray e por Dickens, e com o pincel por Hogarth. Mas serão pintura, na expressão superior da palavra, essas composições intencionaes em que a razão se veste com trajes de loucura, ou, ao inverso, a loucura apparece trajando racionalmente? Serão pintura essas telas acidas como vinagre, pintadas com tristeza e colera, em que o homem, arvorando-se em critico, julga, em vez de palpitair accorde com a expansão da natureza que o cerca? Pode a caricatura fazer-se pintura? Pode o pintor ser moralista? Quanto a mim, as respostas são obvias, e demonstram, no segundo dos pintores genuinamente ingleses; a incapacidade da raça para crear uma escola de pintura.

São subjectivos de mais, os ingleses, e isso é uma qualidade de que o proprio *humour* dá um documento eminente, porque essa forma intencional da ironia atesta a energia do caracter. O *humour* é a ironia do censor. Mas não ha nada tão avesso ao temperamento de artista, como a preoccupação moral. Nem ha povo que tão franca e energicamente reconheça, confessse e castigue os seus proprios defeitos, como o inglez, cuja litteratura está de principio a fim saturada pelo espirito de condenação para o *snobismo*, para a subserviencia intellectual, para o *cant*, e para a adoração do dinheiro,

quer na avidez de ganhar, quer no luxo de gastar.

Reagindo sobre si proprios, os inglezes, *humoristas* e moralistas, prégando ou rindo amargamente, condenam feições essenciaes do seu temperamento moral, e d'ahi vem tambem a impressão singular que produzem em quem os observa de fóra. Como hão de ser artistas, artistas que por força teem de ser optimistas, ainda nos proprios arranços do nihilismo, homens preocupados sempre com o lado moral das coisas? Era tambem este o caracter dominante do romano, que tambem só foi grande como poeta. Juvenal tem na Inglaterra mais de um herdeiro.

Será necessário observar agora que ha na *National Gallery* quadros superiores? Que os retratos de Reynolds e de Grainsborough são por vezes maravilhas? Que os animaes de Landseer vivem? Que as paginas de Rossetti fundaram uma pleiade de pintores? Creio que não.

E a prova de que a arte de pintar tem em Inglaterra tomado proporções consideraveis, está nas 2007 obras de arte (infelizmente de bem diverso valor) expostas este anno no *Salão da Royal Academy*, que tambem visitei por descargo de consciencia, e onde observei as sabias reconstruções archeologicas de Alma Tadema, e o *Halcyon Weather* de Millais, pagina vaporosamente preraphaelista, entre as paginas igualmente vaporosas de Leighton e de Leslie.

XV

Vou já penitenciar-me das heresias que talvez proferisse ácerca da pintura ingleza, proclamando bem alto a minha admiração entusiastica perante

esse grandioso monumento que se chama o *British Museum*.

Não ha de certo no mundo repositorio maior, nem mais opulento, dos instrumentos e conquistas do saber historico. Se ao entrar no adito monumental, pesadamente avançado em tres corpos sobre uma columnada dorica agigantada, já fa com penetrado pela fama universal do museu britannico, ao sair vinha attonito perante essa collecção de magnificencias que me traziam á idéa as colossaes bibliothecas do Serapeum alexandrino.

Percorrendo as salas infinitas onde vemos e palpamos os monumentos das civilisações extintas, parecia-me estar vivendo entre os Accadios e os Assyrios, em Ninive, na corte de Sennacherib, de Assurbanipal, ou de Nimrod, folheando os tijolos da biblioteca imperial, em que as chronicas do tempo, gravadas a buril, apresentam caracteres nitidamente indecifraveis. Via pelos muros os mosaicos e os frescos de uma composição singular, em que os homens, tão diversos de nós, parecem vir de outro planeta, desentranhados da sombra de um passado ignoto pela mão abençoada de Layard.

Depois, achava-me do lado opposto do mar Vermelho, no Egypto pharaonico. As esphinges, os leões alados, os escaravelhos sagrados, os Apis e as mumias ritualmente envolvidas em ligaduras, nos seus caixões coalhados de jeroglifos e symbolos, transportavam-me a um mundo singularmente estonteador, porque, em vez de aspirar para a vida, fa existindo embalado com a allucinação da morte. E quando os meus olhos deparavam com o armario onde se encontra a *clave* de Roseta, fiquei scismando nos pequenos incidentes de que depende a consistencia do saber humano. Porque, se os franceses não tivessem trazido do Egypto esse texto em

que a inscrição jeroglifica está traduzida ao lado em grego, provavelmente as interpretações da linguagem symbolica do Nilo dos Pharaós seriam ainda hoje tão sujeitas a duvida, como os tijolos da biblioteca de Accad desenterrados por Layard. Essa pequena lapide que o visitante deixa de lado sem reparo, attonito com a população de monstros que habita as salas, é todavia a *chave* que abriu as portas sagradas do templo da sabedoria, permittindos lér hoje os monumentos egycios como se foram escriptos em linguas nossas.

Então emergia d'estas mansões funebres para a sala triumphante, onde os restos mutilados do friso do Parthenon cantam hellenicamente um hymno vibrante á vida activa e gloriosa. Dava-me vontade de bater palmas. Sentia-me resuscitar. E apesar de reconhecer a barbaridade com que lord Elgin tratou estas pedras divinas, eu não podia deixar de abençoar a memoria do lord vandalo, que me permittia gozar uns momentos de puro enthusiasmo estheticó.

Mas eu não quero, nem sei, nem posso contar o que encerra o museu britannico... Não ia lá estudar: ia ver e impregnar-me de impressões que, porém, se me atulhavam na cabeça e m'a faziam andar já á roda, quando me levaram á sala de leitura.

Vale a pena demorarmo-nos um instante. É uma rotunda enorme, encimada por uma cupula da cathedral, maior que a de S. Paulo. Amplas janellas abertas na volta da abobada illuminam abundantemente a sala, que tem quatrocentos logares commodos para os leitores. No centro, a uma vasta mesa circular, estão os bibliothecarios; em volta, em estantes da altura de um homem, o catalogo: dois mil volumes. Irradiando do centro ficam as mesas

e logares dos estudosos, e contra os muros vinte mil volumes de *reference books*, instrumentos de trabalho: diccionarios, revistas, atlas, guias, tabellas, etc. A bibliotheca, arrumada em salas sem fim, conta milhão e meio de volumes. Os livros da sala de leitura consultam-se livremente, os da bibliotheca requisitam-se por escripto, em fórmulas já impressas, conforme a classificação do catalogo. Não ha necessidade de fallar, e o silencio é absoluto.

Como ordem e methodo, é perfeito. Quanto á riqueza da livraria, quiz tirar uma prova, vendo se lá encontrava-as minhas obras: achei-as todas no catalogo. Quando isto succede com uma lingua quasi desconhecida, o que ha de acontecer com as mais?

As acquisitiones annuas excedem trinta mil volumes. E como a bibliotheca não é publica, embora seja facilimo obter permissão para ir lá estudar, as mesas não estão ocupadas pelos ociosos que veem matar o tempo a ler toda a sorte de livros avaradios. Para isso, fizeram as *circulating libraries*, que á custa de um soberano por anno alimentam o appetite devorador de novellas, traço typico da extravagancia ingleza.

Aqui não: aqui estuda-se. E a riqueza dos subsidios, a abundancia dos elementos de trabalho, prestam ao inglez os meios de satisfazer a febre de *information* que elle tantas vezes confunde com a verdadeira sciencia.

De resto, entre o processo intellectual dos continentaes e dos inglezes ha uma diversidade absoluta. Nós comprehendemos as cousas deductivamente, por via de classificações e abstracção. Elles assimilam-nas á força de attenção e memoria, encastelando exemplos, amontoando factos, congregando e juxtapondo documentos inumeros. O seu methodo é inductivo; e se nomes como os de Lecky, de La-

tham e de Spencer, para não fallar senão em vivos, são a prova de quanto alcança o methodo inglez, esses mesmos nomes, e sobretudo o de Spencer, é tambem a prova dos limites comprehensivos de um tal methodo, ainda nos que mais e melhor sabem usar d'elle.

Não é para aqui uma dissertação ácerca dos methodos do pensamento: por isso me limito a indicar fugazmente este ponto. Para os entendidos, a indicação basta; para os que o não são, seria necessario entrar em pormenores descabidos. Os entendidos comprehendêrão tambem, desde logo, como um povo, mentalmente organisado conforme tenho procurado mostrar ser este, não podia, sem duvida, apresentar essas culminações intellectuaes, só accessíveis aos cerebros metaphysicos, ou pelo poder de abstracção racionalista, ou pelo da intuição esthetica. O inglez nem é racionalista, nem artista. Os seus grandes tratadistas são empiricos; os seus grandes escriptores, como Grote ou Gladstone, são sectarios incapazes de objectividade historica, á maneira de um Ranke, ou de um Mommsen. Nas matematicas, que são a pedra de toque da capacidade racional de um povo, olham exclusivamente ás fórmulas. Euclides, aprendido de cór e recitado, é ainda o mestre das escolas, que apenas produzem calculadores. O ensino é pratico, ou empirico: d'ahi vem a inferioridade dos ingleses como constructores. Qualquer engenheiro de uma escola continental dá quinás a homens, de resto, cheios de experientia practica, mas irracionalada. Entretanto, a profunda germanisação a que nos ultimos vinte annos a Inglaterra se submette, principalmente nas esperas da intelligencia, produz resultados visiveis. Os melhores livros allemães publicam-se quasi invariavelmente, ao mesmo tempo, traduzidos logo em in-

glez. Ranke, Mommsen e Duncker andam em todas as mãos; Tiele, Grimm, Peschell, Goldziher, e tantos mais, são lidos como autores patrios. A propria reacção *saxonia*, proclamada por Swinburne, ha de filiar-se n'este movimento de ampliação do horizonte intellectual, movimento de que são já resultados eminentes homens originalmente superiores pelo pensamento claro, alliado ao saber completo: homens que se chamam Summer Maine, ou Freeman.

Todavia estes homens são, por agora, excepção. O feitio *pratico* do saber inglez torna a especulação pura um facto anormal. A sabedoria-sacerdocio, ou magistratura, não é adequada a esta sociedade, principalmente mercantil e sonantemente utilitaria. A sabedoria preza-se pelo que rende. O sabio, por via de regra, é ao mesmo tempo um negociante que explora os rendimentos das proprias descobertas. Edison, apesar de americano, é profundamente inglez. Ou então o sabio é um *amador*, banqueiro, como Sir John Lubbock que se entrega nas horas vagas á paleontologia. Esses typos superiores da classe intellectual, alheios a qualquer idéa de lucro, typos que agora a memoria me personalisa em Pasteur na França, em Helmoltz na Allemanha: sabios que poderiam a estas horas ter mais dinheiro que todos os Cresus modernos: essa flor augusta da intellectualidade social, em vão se procuraria na Inglaterra carthagínea. É ainda a consequencia da falta de qualidades metaphysicas e estheticas.

Não podendo attingir os altos cumes do pensamento e da arte, os ingleses, porém, com a sua incomparavel riqueza, com a sua seriedade venerável, com a energia decidida que põem em tudo quanto querem, reconhecendo a que abyssmos deploraveis o gosto descera na primeira metade do seculo, de-

cidiram-se a renovar as fórmas estheticas da construcção, da mobilia, do vestuario, dos utensilios. Nasceu d'este movimento o museu do *South Kensington*, incomparavel collecção de tudo quanto a arte industrial em todo o mundo, em todos os tempos, tem produzido notavel, ou caracteristico. Vi lá uma collecção dos artefactos provincias portuguezes tão completa, como a não ha de certo em Portugal, em nenhum dos museus industriaes de Lisboa, ou do Porto. Ao *South Kensington*, ás suas escolas de desenho, aos seus museus ambulantes, se deve o renascimento da arte industrial em um povo destituido de arte propriamente dita. Deve-se-lhe o rejuvenescimento das fórmas e motivos nacionaes, e a exploração estylisada dos typos estrangeiros com que se alimentam todas as industrias artísticas de um modo verdadeiramente admiravel.

XVI

Ora agora que fica estudada, como sei e como posso, a especie *inglez*, desde a esphera dos costumes até á da religião, da arte e do pensamento: agora, podendo dizer que os conhecemos, vamos ver os ingleses nos campos de actividade propriamente seus. Tomemos, como os franceses dizem, *le bœuf par les cornes*, e entremos de salto no coração da cidadela: o *Stock exchange*!

Quando me vi lá dentro, amavelmente conduzido pelo presidente e por um secretario da corporação patricia do capitalismo universal, senti uma impressão profunda de acanhamento. Não era como quando entrara em S. Paulo, alli ao pé. Além, a admiração pela força épica de um povo, como que me orgulhava, porque tambem sou homem: *nihil humanum*

a me alienum puto. A grandeza nobre nunca nos deprime no proximo, quer o proximo sejam individuos, quer nações. Mas agora o caso mudava de figura: era a riqueza, não era a grandeza. Era a riqueza monstruosamente colossal, medonhamente monstruosa; o dinheiro em serras maiores do que o Himalaya, absorvido pelos tentaculos gigantescos do polvo immenso que, cingindo e sugando o mundo inteiro, tem aqui o seu coração. Estava em Cartago, no palacio dos Barcas, onde vinham todos os thesouros das minas da Hespanha e da Sicilia, da terra dos arvernos e das Cassiteridas. Mas era Cartago amplificada ás proporções relativas do mundo mediterraneo e do mundo inteiro de hoje, cem vezes maior como extensão, mil vezes, um milhão de vezes mais rico!

Fôra já com uma certa inquietação de animo que atravessara a rua Throghmorton e penetrara no recinto vedado, acotovellando-me com a multidão apinhada nas proximidades. Subira os degráos do adito, por entre o formigueiro de gente, profundamente contracto ao sentir-me pobre, filho de um paiz pobrissimo, e ainda em cima fallido. Era, por isso mesmo, uma grande prova de deferencia, pois no *Stock exchange* só teem entrada os socios. Visitantes, nunca. O presidente, que me guiava, dizia-me com intenção:

— Ha dois annos que aqui não entra um só estrangeiro.

Ia confundido, quando gravemente a porta me deixou passar. Tinha aancia vaga de correr direito á cella do templo: devia estar lá o Bezerro de Ouro que os judeus tanto mal fizeram em despedaçar, n'um momento de reacção pietista... É uma rotunda enorme encimada por um zimborio. Divergentemente, como raios, rasgam-se capellas profun-

das, e no topo de cada uma, um pulpito com seu sacerdote vestido de vermelho, ao lado da taboa negra onde o giz vae marcando as cotações offerecidas. Columnas de marmore polido, sustentam a cupula, por onde a luz entra abundantemente.

Ha um sussurro vago dos milhares de homens que se cruzam, segredam, tomam notas nas carteiras; mas tudo isto gravemente, sem aquella inferneira asquerosa da bolsa democratica de Paris. Aqui, não. A casa é de uma sociedade constituida com o capital de 240:000 libras, em 20:000 acções de 12 libras cada uma. Para se ser admittido ao gremio paga-se uma joia. Ha dois gráos de socios. Os primeiros, de tres *sureties*, entram com 525 libras; os segundos, de duas, entram com 157 $\frac{1}{2}$ libras. Depois, os caixeiros pagam, 52 $\frac{1}{2}$ libras os *authorised*, 10 $\frac{1}{2}$ libras os *unauthorised*. Fóra d'isto não entra ninguem. O publico fica *ad portas*, como o povo nos antigos concílios hespanhoes. Por isso cá fóra, pelas escadas, nos atrios, na rua, ha outro borburinho, e segredos e apontamentos nervosamente rápidos, das communicações feitas ao ouvido sobre o que vae pelo recinto do areopago.

Lá dentro, cada especie tem a sua capella, o seu canto, a sua encruzilhada, onde se formam os diversos nucleos de sacerdotes do Bezerro. Está alli dentro o mundo inteiro, por nações, por especies de negocios. Aqui são fundos, além minas, além a navegação, depois os eaminhos de ferro, depois as fabricas. Aqui é a metropole, além os Estados Unidos, para outro lado o Brazil, a Australia: o globo completo, sem faltar um pobre canto onde eu compungidamente via que se negociavam os *threes* portuguezes. Caia-me a alma aos pés...

Ser pobre, ser fraco, ser pequeno, é uma deshonra, n'esta patria de Darwin que arvorou a victo-

ria da Inglaterra, na concorrecia vital d'este seculo, em principio da sciencia universal. Pois os pobres, os fracos, os pequenos, os humildes, tambem vencem muitas vezes, segundo resa esse Evangelho que os inglezes suppõem muito a serio terem em tamanha veneração.

Comprehende-se que, estando eu como estava, sob o peso d'estas impressões, o spectaculo magnifico do revolver da machina da riqueza do mundo me produzisse uma impressão estonteadora.

Nem se pense que exagero. Por curiosidade guardei a nota publicada, á noite, pelos jornaes, das operações do *Stock exchange* n'essa manhã. De estradas de ferro inglezas, tinha-se operado sobre 29 especies de titulos diversos; de coloniaes, sobre 18; de fundos estrangeiros, sobre 54; de estradas de ferro norte-americanas, sobre 38; de canaes e docas, sobre 7; de companhias industriaes e commerciaes, sobre 53: fóra a carne de vacca dos *consols* britannicos e das acções do banco de Inglaterra. Papel que não tem registro no *Stock exchange*, falta-lhe o fóro de cidadão na republica do Capital e o passa-ponte para correr mundo.

Ha dez annos, em 1880, o valor total dos titulos reconhecidos pelo *Stock exchange* e que, portanto, podem negociar-se no recinto do templo, subia a 5.786 milhões de libras sterlinas. Agora, isto é, no fim de 1891, sobe a 6.347 milhões. São os fundos nacionaes que entram por 3.700 milhões e os caminhos de ferro por 2.100, as principaes verbas componentes da somma. Os *consols* representam 850 milhões; os emprestimos coloniaes do imperio britannico 350; os fundos estrangeiros 2.500. Os caminhos de ferro inglezes entram com 830 milhões, os coloniaes com 220, os norte-americanos com 680 e os estrangeiros com 380. Os bancos ti-

nham 60 milhões cotados, e as infinitas companhias industriaes e commerciaes cerca de 480 milhões. O capital dos bancos e companhias inglezas é, todavia, muitissimo superior, porque o *Stock exchange* não concede fóros de cidade a toda a gente. Na data a que se referem os numeros acima citados, só bancos por accções, *joint stock*, fóra os bancos particulares, *bankers*, havia 130, cujos titulos valiam em total 206 milhões de libras, com o desembolso de 70. O capital tinha triplicado. A somma dos depositos nos bancos era então de 670 milhões de libras, que, ao cambio par, representam 3.015.000 contos de réis. Perde-se a gente n'este oceano de dinheiro!

As companhias reconhecidas e cotadas no *Stock exchange* não chegam a dois terços do numero total, que era de 13.323 companhias com o capital realizado de 775 milhões sterlinos. E todas estas companhias, bancos e casas commerciaes commandam desde o baluarte da *City* a circulação commercial do mundo inteiro, trilhando o oceano de *steamers*, sarjando os continentes de vias ferreas, afundando nos mares as redes dos cabos telegraphicos, installando aqui plantações, além fabricas e armazens, canaes e dockas; aparecendo em toda a parte onde ha minas a lavrar, terras a explorar, mercadorias a trocar, desde os escambos rudimentares com os povos selvagens, até ás combinações subtils da agiotagem bancaria dos povos extracultos.

O chefe de cada uma d'essas casas, o *manager* de cada uma d'essas companhias, é um verdadeiro principe. Tem os seus capitães e conselheiros, os seus delegados e agentes, espalhados pela superficie da terra. No genio da especulação commercial ha muitos pontos de affinidade com o da aventura politica. Um grande comerciante parece-se com

um conquistador, na habilidade das combinações, na energia e rapidez das decisões, nos relances comprehensivos, com que se abrangem as condições dos mercados, ou dos povos, para o fim de os avassalar. Hora a hora, o telegrapho participa as pulsões varias do mundo inteiro; e no seu gabinete, o autocrata do commercio traça as redes das suas operações. Sabe-se pontualmente a geographia. Conhecem-se, por via de innumeros mappas, almanacks, guias, annuarios, reportorios, os recursos e os fracos de todos os paizes e de todos os negocios. Ha cordilheiras de factos accumulados, de noticias colligidas, de estatisticas arrumadas, com o fim de organizar a subtracção da medulla do mundo, onde quer que exista um pedaço de riqueza a sorver.

A *City*, coração de Londres, tem no *Stock exchange* o seu centro. É alli verdadeiramente a capital do mundo que ganha; e como hoje no mundo essa é a primeira de todas as preocupações, alli é a capital do mundo inteiro. Respira-se geographia, fala-se da Australia, da India, do Brazil e do Japão, do preço das lãs, do valor da rupia, da cotação do café ou do algodão, e das oscillações da prata. Os paizes mais longínquos e os generos mais exóticos, são arrabaldes e dependencias da *City* sobre que domina o principe. Tal casa tem o Egypto, outra o Perú, esta paira sobre o Mexico, aquella sobre o Cashmir. Ha um embrião de direito internacional do commercio. Respeitam-se as fronteiras, já quanto ás especies de trafego mercantil, já quanto ás áreas de exploração.

Passeando, attonito, em volta do salão circular do *Stock exchange*, parecia-me que estavam ali dentro as fronteiras circulares tambem do globo. E não é verdade que a arte dos homens, suprimindo as distancias e o tempo, nos poz o mundo inteiro á

mão de semear? Tanto fizemos, que já nos parece uma especie de herdade limitada em área, e quasi por completo explorada em todos os seus recantos.

XVII

A Inglaterra é um montão de ouro, mas Londres, por si só, concentra uma grande parte da riqueza ingleza. A alfandega da metropole rende tanto como todas as outras do Reino Unido somadas. E todo o movimento a que esta concentração de riqueza dá lugar, se exerce dentro da *City*. O rendimento collectavel da cedula B para a *income tax*, ou imposto de rendimento, estava calculado o anno passado (1889-90), em 70 milhões de libras, na *City*; e em todo o resto da Inglaterra em 41 milhões. Ha dez annos era, para a *City*, 39 milhões; para o resto da Inglaterra 35 milhões. O rendimento total subiu metade, e quasi inteiramente em beneficio da *City*, onde a riqueza britannica se agglomera de um modo progressivo. Como se não ha de, pois, dar a despovoação dos campos e o entumescimento monstruoso do *wen* inglez?

Só o rendimento de fundos publicos, nacionaes e estrangeiros, e o de acções de bancos e companhias, denunciado pelas tabellas da *income tax*, excede 150 milhões de libras esterlinas. Giffen calcula que, em 1812, quando o Reino Unido tinha 17 milhões de habitantes, a sua riqueza total regulava por 2.700 milhões de libras, ou 160 libras por cabeça. Em 1885, com 37 milhões, calcula 10.000 milhões de libras, ou por cabeça, 270 libras. Hoje, a capitação deve ser, pelo menos, dupla da de

1812. Mas esta riqueza não se distribue por igual, é claro, entre os tres reinos da metropole. Para a média de 270 libras, a pobre Irlanda contribue com 93 apenas; a Escócia, rica em minas, entra com 243; e finalmente a Inglaterra e Galles figuram por 308 libras.

Tomemos tres indices para medir summarimente o progresso da riqueza ingleza nos ultimos dece-nios d'esta segunda metade do seculo.

O primeiro, que é o menos expressivo, serão os orçamentos: menos expressivo porque, no systema, ou antes na falta de systema da administração ingleza, o orçamento do Estado não tem o caracter que tem nos paizes do continente. Por exemplo: a organização das reservas, que em todas as nações militares constitue hoje uma das verbas pesadas do orçamento de guerra, é representada aqui pelos batalhões de *voluntarios*, armados, fardados e equipados á propria custa. Essa verdadeira *landsturm* de duas centenas de milhar de homens, não custa um ceitil, pode dizer-se, ao thesouro. Depois, a infinitade de instituições particulares que exercem funcções publicas n'esta terra em que a noção do estado nunca chegou a formular-se nitidamente. Depois, as despezas a cargo das instituições locaes, em um paiz que, apesar de monarchico, é ainda sobretudo federal; e cujas ambições radicais são uma constituição semelhante á dos Estados Unidos; sem attenderem a que a Inglaterra tem muitos seculos de governo unitario, e que as colonias fizeram das duas ilhas a metropole de um imperio gigantesco disperso por todo o mundo. Ainda com todos estes descontos, porém, o orçamento inglez que em 1850 apparecia com 55 milhões sterlinos de despeza, apparece em 1890 com 88, tendo o serviço da dívida baixado de 28 para 25 milhões. As mais

despezas, pois, subiram de 27 para 53 milhões: quer dizer que duplicaram.

Incomparavelmente mais expressiva, porém, é a estatística do commercio, pois vemos, no mesmo periodo, que as importações quadruplicam e as exportações quintuplicam, quasi. Em 1851 as importações eram de 105 milhões de libras; em 1890 são de 420 milhões. Em 1851 as exportações eram de 74 milhões de libras; em 1890 são de 328 milhões. Isto é que é um indice revelador do amontoamento da riqueza em Inglaterra. Ainda em 1870, ha vinte e dois annos, a capitação das importações para consumo era a $6 \frac{1}{2}$ libras; hoje excede 11 libras: quasi o dobro. E, paralelamente, as exportações subiam de 244 a 328 milhões de libras. E ao mesmo tempo augmentava, na razão que vimos, o rendimento dos capitais consolidados fóra da Inglaterra. E, simultaneamente, crescia a frota incomparável de navios que andam a frete por todos os mares do mundo.

O terceiro dos indices que escolheremos é, finalmente, a estatística da produção mineira, regis-trando os progressos dos ultimos vinte annos. O commercio, a navegação e as minas são as principaes fontes de riqueza d'este povo, tão opulento, que pode subalternizar a agricultura. Ha quasi tantos mineiros como trabalhadores rurais: ha seis-centos e cincoenta mil homens, e umas seis mil mulhères. Morre por anno um milhar de criaturas, victimas dos accidentes nas minas. O carvão, o ferro, o cobre, o chumbo, o estanho, o zinco, e a prata que se extrahe do chumbo, são os principaes productos das minas inglezas, alguns d'elles em decadencia. Deixa-se de despratar o chumbo, porque o valor todos os dias menor da prata não remunera. Em 1870 produziram-se 784 mil onças; em 1890

sómente 291. O cobre tambem está aviltado pelo desvairamento da especulação: de 7 mil toneladas em 1870, baixa a um milhar em 1890. O estanho conserva-se em 10 mil toneladas. O chumbo desce de 73 a 33 mil toneladas; o zinco sobe de 4 a 8 mil; finalmente, o ferro passa, de 6 milhões de toneladas em 1870, a 8 milhões em 1890. E o carvão, que é o verdadeiro ouro da Inglaterra, força, luz, calor, movimento concentrado e sol concreto em filões de hulha negra espelhenta: o carvão sobe de 110, a 192 milhões de toneladas¹. Por pouco não duplica.

E quando se esgotarem os jazigos accumulados durante seculos incontaveis, thesouro que se está gastando sem olhar ao futuro? Muitos formulam esta pergunta; mas a resposta, quanto a mim, é que isso, em primeiro lugar, vem longe; e em segundo, quando vier, já os homens terão inventado o meio de utilisar condignamente as duas grandes forças do mar e do vento, armazenando-as e distribuindo-as por via da electricidade. E ficarão os vindouros livres da insupportavel fumaceira com que o carvão enodôa hoje todos os logares em que se trabalha. Londres terá um outro aspecto, mais risonho; mas, como os homens põem sempre no passado as edades venturoosas, ainda se ha de cantar o tempo feliz em que tudo escorria visco negro, e as cidades pareciam cardas cyclopeas com os den-

¹ O valor da produçção mineira é a seguinte:

1888 —	60	milhões de libras
1889 —	78	"
1890 —	101	"

Na produçção de 1890 o carvão entra por 75 milhões, o ferro por 24 e os outros metaes por 2 milhões apenas.

tes agudos de tijolo, dentes bastos a vomitar chamma e fumo, erguidos para o céo.

Talvez isto ainda venha a cantar-se em verso, celebrando a *victorean age*, em que a Inglaterra nava em ouro; porque se os homens descobrirem outro motor diverso da expansão do vapor de agua feito com lume, como não é natural que a Inglaterra tenha tambem o monopolio do gerador d'essa força, a principal causa da sua fortuna sem precedentes na historia terá desapparecido. Porque o throno do imperio inglez assenta sobre alicerces de carvão e ferro. No momento em que os progressos da mechanica descobriam apparelhos novos para fabricar e para se transportar sobre a agua e sobre a terra: n'esse momento, descobriu a Inglaterra que o seu sub-sólo encerrava o thesouro das matérias primas necessarias para a transformação instrumental da vida do mundo.

A quem é que saiu já na loteria da historia uma sorte-grande d'este valor? Se houvesse um povo favorecido pela natureza com o monopolio da produçao do trigo, que é pão, esse povo não teria tido uma fortuna, ainda assim, comparavel á da Inglaterra. O carvão é mais que trigo: é o pão universal da actividade humana, o sol armazenado e transportavel. Eis ahi, pois, o segredo intimo do edificio magnifico da riqueza ingleza. Se tal sorte coubesse a outro qualquer povo, esse outro povo seria hoje tão rico como o inglez? Conforme; porque é mister juntar, á origem da riqueza, os dotes convenientes para a saber utilizar.

Uma fecundidade superior é o primeiro d'esses dotes. No principio do seculo as ilhas tinham 16 milhões de habitantes e hoje teem 39 milhões, apesar de terem exportado o melhor de 30 milhões de emigrantes. A Inglaterra-Galles passou, de 9, para

29 milhões! E as centenas de milhar de emigrantes que todos os annos partem das ilhas á conquista económica do mundo operam como um elemento.

O segundo d'esses dotes são as qualidades, animalmente energicas, instinctivamente cupidas, intellectualmente submissas, d'essas legiões de gente nascida para o trabalho. Renovando com o vapor o mecanismo da producção e dos transportes, fizeram, pelo monopolio da matéria prima da força, com o monopolio dos mares, onde os *steamers* batem a navegação de vela; e com o monopolio fabril, inundando o mundo com os seus artefactos.

A reacção do proteccionismo contemporaneo traduz o esforço violento que o mundo faz para se libertar da contribuição e do protectorado económico da Inglaterra, a quem o carvão deu uma especie nova de suzerania universal. Foi o que, porventura, uma intuição genial deixou antevêr a Napoleão, cego pelos nevoeiros da sua ambição de conquistador. O grande duello que termina em Waterloo, e que custou á Inglaterra 831 milhões de libras sterlinas, deu-lhe uma victoria que, nos cem annos seguintes, se traduz por lucros dez, cem, mil vezes maiores. Dissipado o medo do bloqueio continental, a Inglaterra pôde assegurar o seu imperio mercantil e colonial com o dominio incontestado nos mares do mundo inteiro. As suas esquadras, desfraldando imperialmente o pavilhão britannico em todas as latitudes do globo, garantem-lhe o uso fruto da riqueza de todos os continentes.

Mas as coisas começam a mudar.

Aprendeu-se; e o sistema continental de Napoleão reapparece no proteccionismo systematico das nações que se defendem. Por outro lado, se a Inglaterra é ainda senhora dos mares, o seu imperio

terrestre estendeu-se de modo que se encontra em frente do russo. O duello do elephante e da baleia, na phrase expressiva de Bismarck, dará brado no mundo.

Entretanto, um seculo já, de fortuna incomparável, fez da Inglaterra um monte de dinheiro. Além, do outro lado do Canal, a unidade é o *franco*; aqui é a libra (que nunca se diz *pound* senão em contas, mas sim *sovereign*). O thermometro da riqueza subiu vinte e cinco vezes. E se geralmente se conta por *sovereigns*, a gente fina não falla senão em *guineus*, que é um pouco mais.

O dinheiro é o orgulho do inglez.

XVIII

— *Make money, my son: honestly if you can... but make money!*

Este conselho aphoristico da mãe escosseza ao filho que embarca para fóra, põe a nú o fundo intimo do genio nacional:

— Ganha dinheiro, meu filho: honradamente, se poderes... mas ganha dinheiro!

É assim que sahem constantemente dos portos insulares os cardumes de gente que vão por todo o mundo ganhar dinheiro: honradamente, se poder ser... mas ganhar dinheiro. A exsudação humana da Inglaterra é um dos instrumentos fundamentaes da sua fortuna.

Isto pensava eu a bordo do vaporsinho que me levava, rio abaixo, até Greenwich e Gravesend.

A manhã era tepida. O ar pesava. O rio parecia um lago de chumbo derretido, com reflexos côn de ardósia. O fumo das chaminés, sem poder subir, pairava no ar mollemente. Os horizontes eram bre-

vissimos e interrogativos: sentiam-se revolver mundos para além das cortinas de sombra em que andavamos; e essas sombras tinham reflexos de fogo, ou de ouro, com a luz do sol, que lá por fóra seguia a sua derrota diurna. O silencio era quasi absoluto. Só se ouvia o bater compassado das pás do vapor na agua que, marulhando, escorregava para a popa. Respirava-se um cheiro acre de alcatrão, ou hulha. A bordo não ia senão gente infima: a passagem custa uns *pence*. Fica mal gastar tão pouco. O contraste d'este silencio e d'esta paz, com o tumulto quasi insensato das ruas, de onde ha pouco descera, operava sobre mim como um duche. Mas acordava para a realidade, quando ao pé de nós passava outro vapor, ou alguma longa barca deslizando lentamente com as vellas pendentes, porque não havia vento. De espaço a espaço, acordava-me o bater de martellos, repercutido pelo ar espesso. Para ambos os lados, a meia milha de distancia, porque íamos no meio do rio, *sentia* agitar-se invisivel a grande babylonia de seis milhões de homens, revolvendo-se no seu ataque diario de epilepsia vital. O esquecimento indolente da existencia ia-me parecendo muito mais humano, quando o marinheiro tisnado, de barba hirsuta e cachimbo de gesso ao canto da bocca, passando o virador na amura, regoucou:

— Greenwich...

Tinhamos chegado. O vapor atracára ao *pier*.

— Greenwich...

Este nome evoca ás grandezas da Inglaterra marítima, do periodo da minha infancia, quando as esquadras tinham muitas dezenas de navios: náos magnificas, de tres pontes e centos de canhões, como a *Wellington* que visitei em creança no Tejo; fragatas de uma cinta branca apenas, cortada de qua-

drados negros das portinholas dos canhões; brigues e escunas que eram os *avisos* de então... Revia os marinheiros de camisolas azues, os artilheiros de barrete redondo sobre a orelha, os soldados de jaquetas vermelhas: espadaúdos, fortes, herculeos, correndo em burricadas pela Ribeira-nova, enchendo as tabernas, devorando laranjas, trepando ás janelas suspeitas, jogando ao socco, e pondo n'uma vorosa os bairros marítimos de Lisboa...

Porque será que as recordações, ainda as mais estupidas, nos enchem de saudade melancólica? Vem do tempo ennovado que faz? Ou é que a saudade exprime o progressivo caminhar da vida para o destino do anniquilamento final?...

A Inglaterra, como todas as ilhas, faz-me o efecto de um navio maior. Não ha na vida a consistencia massiça da existencia continental. Talvez venha d'ahi, ampliado a um grande povo, o caracter comum dos insulares: indeciso na energia, enigmatico na sentimentalidade nebulosa. A Inglaterra é a não admirante da esquadra infinita de navios que em todos os mares do mundo, vão, veem, á vela, a vapor, transportando duas terças partes dos fretes do commercio universal. Singular destino, extravagante imperio fluctuante, em permanente viagem! Formigueiro immenso de barcos e gente, enleando o mundo inteiro na urdidura cerrada do traçado das suas viagens.

Este anno¹ a marinha mercante ingleza arqueava quasi dez milhões de toneladas:² o quadruplo do que era em 1830! Todas as marinhas, de todas as nações do mundo, sommadas, não chegam³ á somma

¹ 1890 é a data exacta.

² 9.600.000.

³ 8.700.000 toneladas.

da ingleza, que embarca um exercito de duzentos e cincuenta mil homens.¹

E por ser este o genio espontaneamente natural da raça, é tambem n'isto que ella revela o instincto de arte, mais ou menos latente sempre no homem. Não ha navios, não ha principalmente *steamers*, como os ingleses. São leviathans com fórmas de cysne. A graça, a elegancia das linhas da architectura naval ingleza não soffrem primazia. O francez, tão constitucionalmente artista em terra, no mar é pessado. Os seus vapores são atarracados, não teem leveza. Fui para Inglaterra no *Magdalena*, voltei a casa no *Bresil*, dois transatlanticos novos, que podem servir de typos de comparação: o *Magdalena*, leve e elegante, como uma ave; o *Bresil*, massigo e rombo, como um pachiderme. Em alguma cousa o inglez, sob pena de não ser homem, havia de denunciar essa palpitação abscondita chamada arte. O navio é o monumento, o palacio, e o *home d'este povo*, embarcado mesmo em terra, dentro das costas da sua ilha, amuradas ao longo das quaes vae correndo o *gulf stream* que dá volta aos mares do mundo.

O navio é a obra de arte ingleza. Já os proprios americanos, apesar do sangue, perdem a intuição da architectura naval. Se os navios franceses são atarracados, os americanos são esguios e desengonçados, sem proporção, nem harmonia nas fórmas. Os navios reproduzem assim os traços que se observam na architectura do corpo humano, de ambos os lados do Atlantico.

Multiplicando-se no mar, como a gente se multiplica, prolificamente, as frotas inglezas são já de

¹ 236.108 em 1890.

mais. É sensivel a crise da industria de armação de navios. O frete está aviltado. Esquadras enferrujam-se ancoradas nos portos. Ha tres annos, uma tonelada de nitrato, trazida do Pacifico a Inglaterra, pagava 35 ou 40 shillings: hoje trazem-na por 15, tal e tanta é a concorrecia. Briareu, com os cem, os mil, os seus milhões de braços dominando os titães do mar, coroando a Britannia, exagerou a sua força...

Á volta, o dia aclarára. Desde que, de Gravesend, se chega a Greenwich, começa o rio a parecer uma rua londrina, em que os barcos são carros. De ambos os lados avançam, sobre o lodo negro e luzidio da margem descoberta pela baixa-mar, os *piers*, os caes, com guindastes e gruas que vomitam vapor, rodando seccamente as correntes sobre os porões dos navios e barcos atracados. De cada lado do rio, ou rua, alinharam-se casarões de cinco andares, tercenas que parecem prisões de tijollo rubro mascarrado de preto, com as frentes sarapintadas de todas as cores em annuncios enormes dos fabricantes e depositarios. Depois, tectos e chaminés de officinas, montanhas de materiaes: madeira, areia, pedra, hulha, saccarias, pilhas de barris, que os carros possahtes, ou os wagons das linhas de serviço levam, ou trazem, do ventre bojudo dos navios. Nota singular: o primeiro barco atracado ao primeiro caes, depois da ponte de Londres, era a galera portugueza *Marianna*, se não me engano. Passaram-me n'um relance pela idéa os velhos tempos em que Lisboa foi o emporio da navegação do mundo.

Depois via planos-inclinados onde vapores, dormindo, concertavam; diques e carreiras de construção naval, estaleiros sem fim, com officinas e máquinas, e barcos preparando-se para saltarem á agua,

e, nadando, irem acompanhar os bandos das esquadras fluctuantes pelos mares do mundo.

De espaço a espaço, rasga-se uma travessa confluente: é um canal que conduz aos mares interiores chamados docas, onde estão amontoados os navios dorso a dorso, e, em multidão, os mastros e vergas, vistos de longe, parecem troncos e ramos de uma floresta no inverno, quando o frio despe as arvores do seu vestuario de folhagem. Lá dentro o movimento é intenso, o quadro magnifico. A agua desapparece. A terra some-se tambem. Os navios coalham a agua; as casas, os cabrestantes, as vias ferreas, as montanhas de mercadorias de toda a especie, encobrem igualmente a terra. A natureza tornou-se uma hypothese, quasi inverosimil. A violencia da industria humana affeçou tudo á sua vontade: até o proprio ar é artificial, produzido pela mistura acre do fumo com as exhalações capitosas das essencias resinosas. Céo, não ha. Aquillo que o fumo deixa vêr, é uma teia colossal de aranhas monstruosas, desenhada no ar espesso pelas vergas e cordagens dos navios infinitos, que vão, ou veem, dos confins mais divergentes do mundo: do Cabo, de Nova-York, de Buenos-Aires ou de S. Francisco, de Melbourne, de Hong-Kong, ou de Cantão. Fallam-se todas as linguas, vêem-se todas as côres de pelle, e todas as physionomias humanas. |

Era já quasi noite, quando á volta, o vaporsinho atracava ao *pier* que fica junto á agulha de Cleopatra. Para o outro lado, as cupulas douradas de Westminster cravavam-se no céo. Desembarquei, julgando-me em Alexandria, ahí, onde o genio do conquistador da India deixou estabelecido o empório do commercio do mundo, para uso fructo dos herdeiros do seu caudilho Ptolomeu.

XIX

Deitei-me essa noite e adormeci embalado pela velha de canudos brancos e oculos no nariz, que dizia ao filho no acto de emigrar:

— *Make money, my son: honestly if you can: but make money!*

Quantas impressões, quantas idéas, me sugeriam estas palavras: Ganha dinheiro, que é o essencial. Não te prendas com considerações de cavalheirismo, ou quaesquer outros preconceitos. Vae com esta: ganha dinheiro!

Lembrava-me o philosopho inglez actual, Spencer, cuja *Introduçao á sciencia social* consiste em limpar o terreno do que elle chama os successivos preconceitos dos tempos antigos: o amor da patria, a religião, o civismo, etc. Depois de tudo bem limpo e espanejado, fica o dito da velha:

— *Make money!*

Como eu já cabeceava de sono, Spencer apprencia-me de canudos, ou a velha sentada à mesa entre rumas de livros. E a minha somnolencia exprimia uma verdade, porque os philosophos genuinos são aquelles que se limitam a reduzir a fórmulas os sentimentos espontaneos do povo.

A população ingleza pode dividir-se em tres grandes categorias: os que vivem a gastar dinheiro; os que vivem, suando, a ganhal-o; e os que, sem o ganhar, e sem portanto o gastar, morrem de fome. Tudo se resume n'isto. Em geral, para os outros povos, ganhar a vida é uma obrigação constante, mas, n'un sentido, subsidiaria. O fim da vida não é vegetar, mais ou menos opiparamente. Aqui, não. Supprimidos todos os preconceitos, como o philo-

sopho e a velha querem, a vida fica para os homens um simples exercicio de ingestão e digestão. Chamam a isto espirito pratico, e orgulham-se de serem assim. Que lhes preste. É verdade que, por isso mesmo, se não são sobrios, tambem não são aváros. A avareza é o vicio da gente poupada, como os franceses, por exemplo.

É verdade tambem que esta idéa da vida se torna um dos fundamentos mais solidos da energia individual. Se a existencia é uma lucta, guerra de todos contra todos, como outro philosopho inglez, precursor de Darwin, a definiu, *bellum omnium in omnes*, nas proprias palavras de Hobbes: cada qual tem de preparar-se para a campanha, exercitando-se, e entrar n'ella vigorosamente, acotovellando o proximo, conquistando o seu lugar, sem preoccupações cavalleiro-sas — *honestly... if you can* — sem contemplações sentimentaes, ou metaphysicas — *trash*, preconceitos!

No seu conjunto, pois, este povo parece um exer-cito pela disciplina e pela submissão consequentes da propria fórmula que encontrou para a vida: um combate. *Is life worth living?* Vale a pena viver? Esta pergunta, excelente e suggestiva, dada como titulo a um livro mediocre de ha pouco tempo, era respondida affirmativamente. De certo vale a pena! Nem a resposta pode ser diversa, para quem não embaraça a vegetação animal com as afflicções torturantes do sentimento e das idéas, nem com as collisões por vezes tragicas, sempre crueis, da dedicação, do sacrificio, do cavalheirismo. É isso o que leva a considerar a vida indigna de ser vivida, para o espirito dos povos capazes de se arrebatarem pelo que o inglez chama preconceitos.

Os maus passos do combate da vida, quando a tomamos como uma lucta, em vez de nol-a faze-

rem aborrecer, fazem-nos-a amar cada vez mais com a esperança dourada na victoria. A prova d'isto é o amor pelos combates que a guerra desenvolve nos soldados. Retempera-se a força com o *training*. Cresce a aancia de vencer, ou de viver. N'esta pura esphera do instincto animal em que se agita o inglez, a vida é optima. Excellente durante as campanhas para a conquista da riqueza; excellente durante os tempos consumidos a gastar e digerir. Em Inglaterra não ha outros suicidios que não sejam os da fome absoluta, ou os do *spleen*, isto é, do vasio aborrecido que certas naturezas excentricas, depois de esgotadas todas as impressões animaes, encontram na saciedade.

Se, portanto, o individualismo naturalista dos ingleses dá de si a disciplina e a ordem social intrínseca, sob uma confusão, apparente para nós outros, meridionaes geometras: a ausencia dos *preconceitos*, que tambem para nós são, em geral (mas muito em geral!) os principaes motivos determinantes, permite que, dominados por uma idéa simples e fixa, a fleugma accrescente ainda aos inglezes as forças de que já dispunham.

Energicos, disciplinados e fleugmaticos, saem ás centenas de milhar todos os annos das suas ilhas, espalhando-se pelo mundo para o porem a saque. São um elemento natural, contra que debalde se levantarão artificios politicos. Ainda quando os acasos da historia tirem á Inglaterra o imperio sobre que reina: ainda então, e sempre, enquanto exportar duzentas mil cabeças por anno, o povo inglez dominará o mundo. A prova d'isto são os Estados Unidos. Independentes, porventura hostis, accrescentam incomparavelmente mais á grandeza do povo inglez, do que quando eram uma província no imperio colonial britannico. Esses Estados Unidos,

que, ha um seculo, em 1790, na hora da separação, tinham apenas quatro milhões de habitantes, contam hoje (1890) sessenta e dois milhões e meio. As levas de gente alemã fundem-se no stock saxonio; e a lingua, expressão suprema da nacionalidade, fica ingleza. Sobre 750 milhões de libras, que a tanto subiu o commercio externo da Inglaterra em 1890, quasi a quarta parte, ou 143 milhões exactamente, são importações e exportações dos Estados Unidos.

Por isto, se os jazigos de ferro e carvão que a Inglaterra descobriu no seu seio, quando a civilisação entrava na idade do vapor, são a base da sua riqueza, o instrumento d'essa riqueza e da sua força é a emigração de gente e o caracter peculiar d'esses homens.

De 1861 a 1889 emigraram do reino-unido:

Inglezes.....	3.670:000
Escossezes.....	761:000
Irlandezes	3.318:000
Somma.....	<u>7.749:000</u>

que se distribuiram d'esta fórm'a:

Estados Unidos.....	5.092:000
Canadá	815:000
Australasia	1.421:000
Diversos	421:000
Somma.....	<u>7.749:000</u>

Em vinte e nove annos, dá 267:000 por anno. E os quinze mil que todos os annos se espalham por diversos sitios, são os que vão para a India, para o Cabo, para o Brazil, para a Argentina e para o Pacifico, para a China e para o extremo

Oriente, plantar por toda a parte o pavilhão vermelho da luta pela vida, ceifando as searas do mundo inteiro.

Depois, esta onda de gente, refluindo dos portos de Inglaterra, arrasta consigo as emigrações fluctuantes, que, inglezando-se logo á partida, se incorporam no exercito dos colonos. Os judeus contam por um grande numero. Em 1890 sahiram dos portos inglezes 315:980 emigrantes, dos quaes 97:864 eram forasteiros. Os 218:116 nacionaes distribuiram-se, tres quartas partes nos Estados Unidos, e o resto, em proporção quasi igual, pelo Canadá, pela Australasia, e por diversos pontos. A somma d'esta emigração dispersa sobe de 15.000 a 22.000, porque hoje a emigração para Africa é já consideravel; baixando a da Australia, desde que a febre do ouro ali esfriou.

Em todos os climas, entre gente de todas as especies, explorando a riqueza do mundo por todas as formas, os inglezes vão, e geralmente vencem.

Porque? Qual é o segredo de que dispõem? Porque é que vencem, quando, por exemplo, o allemão, assim na raça, e exportando tanta gente como o inglez, geralmente naufraga? Porque o allemão não concebe a vida como o inglez.

O segredo da fortuna colonial britannica está nos dotes (ou na ausencia de dotes) dos homens. Destituidos de idéas, systemas e preconceitos, na phrase de Spencer; levados unica e energeticamente pelo instincto de ganhar, moldam-se ás circumstancias, palpam o terreno, estudam cuidadosamente os factos, vão pelo seguro. Ao passo que os continentes levam de casa uma bagagem regular de idéas e systemas, que as mais das vezes não servem para o caso especial em que se encontram. É por isso que chamaram aos inglezes o povo *pratico* por ex-

cellencia. Subjectivos por genio, encastellam a sua individualidade no recesso abscondito do eu; amoldando-se exteriormente a tudo, ficam sempre como eram. Ao passo que o continental communicativo, ou se perde, querendo affeçoar o proximo pelos seus pensamentos, ou se abastarda, desfazendo a personalidade propria ao contacto como a alheia.

Espalhando-se pelo mundo, tem quasi tantas organisações coloniaes, quantas colonias. É o que as circumstancias dão, conforme calha. Vão-se accommodando á lei da natureza. E por isso acham que é excellente viver.

XX

Depois de almoçarmos no *Amphitrión*, restaurante francez à la mode, arvorado em club para sophismar os regulamentos policiaes londrinos, a contento da fina flôr dos *swells*, largámos para *Earl's court* vêr o Buffalo-Bill, ou antes the honourable William Não-sei-quê, porque este figurão, além de coronel, é senador do Estado do Kansas. Ainda bem que não tenho a honra de ser cidadão de lá.

Quando entrei no circo, dei de cara, no camarote ao lado, com os meus companheiros de viagem: uma duzia de *gauchos* dos pampas, de jaleco e poncho, contratados pelo Buffalo-Bill para virem exhibir no circo o laço, as bolas, e as scenas do sport pastoril argentino. Fraternisámos. Vendo-nos rir, fallando uma linguagem humana, ininteligivel para elles, os meus vizinhos inglezes olhavam-nos com «aquele sorriso de complacencia estupida, peculiar na cara de um inglez vaidoso e contente de si», como diz o nosso Herculano nas paginas causticas da sua

viagem de Jersey a Granville. Contentes de si, estavam; vaidosos, não sei: mas tinham razão de quê.

Buffalo-Bill, de grandes melenas, cahidas sobre os hombros, bigode e péra de tenor de opera-comica, espingarda a tiracolo, e chapéo de abas largas na cabeça, galopava no circo, dirigindo a performance das pantomimas de *sport*. Este cabotin ridiculo ganhou, todavia, celebridade caçando verdadeiros bufalos, e batendo pelles-vermelhas authenticos, nas campinas do Oeste, ao tempo em que ainda havia feras e indios nos territorios americanos hoje lavrados a vapor para ceáras de trigo.

Passavam-me pela memoria, primeiro, as lembranças da minha infancia, quando um tio velho e solteirão que eu tinha, o tio Thomaz, me levava aos domingos de tarde á praça do Salitre vêr as pantomimas de D. José Serrate. Então, estavam presentes ainda as recordações das guerras da primeira metade do seculo; e lembra-me muito bem o entusiasmo que produziam em mim os simulacros de batalhas e assaltos, com estrondo de artilharia, charangas de musica e fardamentos vistosos... Parecia-me agora voltarem tempos antigos; e não eram *sorrisos de complacencia estupida*, mas sim alegrias ingenuas e risadas francas, o que eu via no rosto dos espectadores. Eu, elles, todos, me parecia termo-nos tornado creanças. E que não ha povo tão naturalistamente infantil, como o inglez.

Buffalo-Bill galopava atraz de uma manada de bufalos, com effeito: pobres bichos dignos de dó. Buffalo-Bill atirava ao ar, contra cacos que partia; e cada tiro provocava trovões de aplausos gutturaes. Buffalo-Bill, commandando a sua partida de cavalleiros, salvava a cabana perdida do *squatterer*, de um ataque dos pelle-vermelhas que appareciam armados de zagaia, listrados de côres, com pennas

nas cabeças, e tregeitos medonhos nas faces. Em uma tribuna, a meio da praça, gravemente, um orador explicava ao publico os diversos episódios d'assalto. Espontânea confissão da paralysis dos nervos da intelligencia do publico, e da sua necessidade de saber tudo, a fundo! Cousas d'estas fazem sorrir os continentaes.

Buffalo-Bill galopava, atirava, corria, tornava, enchendo a praça com a sua figura de barbaro transformado em *cabotin*, mixto grotesco de força e ridiculo, heroe-palhaço, cujas pantomimas reproduziam scenas representadas por elle muitas vezes a sério, durante as suas campanhas de caçador de bufalos. Podia por ventura haver espectaculo mais *inglez*? O realismo, porque elle verdadeiramente matara indios e bufalos; o *sport*, porque era cavalleiro e atirador eximio; o *clown*, porque o heroe-comico da pantomima desengonçava os queixos com as gargalhadas: tudo era de molde a satisfazer o publico. Por isso os muitos milhares de boccas do amphitheatro applaudiam com delirio. Deviam ser alguma cousa semelhante, na Beocia, os *fac-similes* das danças phryricas e dos jogos athleticos.

Para este povo inglez, que tem o instincto geographic, a exhibição dos esquadrões de azteques do Mexico, de colorados do Texas, de cossacos do Don, disputando entre si o premio da corrida, apresentando os exercícios mais singulares e arriscados da equitação, patenteando, aos olhos avidos dos espectadores, o mundo e as suas raças, no que ellas teem para o inglez de mais attractivo, que é o *sport*, eram com effeito um espectaculo absorvente.

Por isso vae já em duzentas recitas, e sempre que apparece nas esquinas o retrato sarapintado de Buffalo-Bill, com o annuncio de uma representação, o publico se amontoa no circo para o aclamar, en-

chendo-o de dinheiro. Depois de caçado o bufalo, Bill caça o *cockney*. Trocou o *far-west* pelo *west-end*, ficando sempre no extremo occidente da civilisação e da barberie.

Singular espectaculo, com effeito, o de uma tribu de indios, expostos nos seus *wigwams*, homens, mulheres, creanças, exibindo a estranheza da sua vida de barbaros, perante um amphitheatro de gente, deveras, sómente civilisada por fóra, e que por dentro tem intacta a força e a ingenuidade infantil e bronca de verdadeiros barbaros! Como lhes via luzir os olhos, quando as phalanges dos indios formavam em columna, e, jogando a lança e o escudo, soltando os gritos de guerra, avançavam nas danças bellicas, imagem dos combates!

A mim parecia-me que deviam ser quadros semelhantes os dos gregos nas pan-hellenicas; a elles via-lhes nos olhos que nos cerebros lhes acordava a memoria inconsciente das batalhas feridas para a conquista dos continentes, no avassallamento triumphante de todas as terras retardatarias do globo. Tinham então na face, não o sorriso de complacencia, mas sim uma illuminação de triumpho; porque, no spectaculo desenrolado a seus olhos, viam, sem terem consciencia d'isso, o magnifico drama da sua expansão victoriosa no nosso planeta.

Dos 52 milhões de milhas quadradas que mede a superficie terrestre do globo, mais da quinta parte, 15 milhões, são ingleses; e na sua superficie maritima tem a Inglaterra o dominio completo. Nunca houve imperio semelhante. Dos 1.500 milhões de homens que povoam a terra, a terça parte quasi, 450 milhões, falla a lingua, ou obedece ás ordens dos ingleses. As pequenas ilhas do norte da Europa, com as suas cem mil milhas de superficie e os seus trinta e sete milhões de habitantes, são à metropole

d'este imperio immenso, que á imaginação confusa dos espectadores de *Earl's Court* apparecia evocado pelas exhibições de povos selvagens, manobrando á voz de Buffalo-Bill.

É verdadeiramente pasmosa a expansão d'este povo que, semelhante ao romano, na ausencia d'esses *preconceitos*, aliás essenciaes para os concorrentes, tem a origem da sua força quasi *elementar*. Embarcando nos seus navios, repellindo a população exuberante, avassallou o mundo inteiro extra-europeu, fixando-se e procreando onde a natureza lh'o consentia; limitando-se a imperar, enriquecendo, quando o clima lhe não permittia substituir-se aos naturaes.

Na America fundou, pelo primeiro dos modos, um imperio: são os Estados Unidos, politicamente independentes, mas vassallos pelos costumes, pelas idéas, pelo commercio, pela lingua. São tres milhões e meio de milhas de terra, e 62 milhões de homens.

Na Asia fundou, pelo segundo dos processos, outro imperio: é a India, com os seus 284 milhões de homens, sobre 1.800 mil milhas de territorio avassallado, unificado, extrahido da somnolencia cauchetica em que o tinham feito cahir os mongolios e os arabes, para a vitalidade nova de uma civilisação pujante. A resurreição da India conservará para sempre a memoria da *victorian age* na historia da civilisação.

Depois é a Australia, onde o indigena foi exterminado, onde começa um futuro imperio como o da America, onde ha já mais de quatro milhões de europeus sobre tres milhões de milhas quadradas: é a Australia com o seu cortejo de ilhas, Fiji e Nova Guiné, Tasmania e Nova Zelandia.

Depois é o Canadá, irmão menor dos Estados

Unidos, igual em área, com seis milhões de europeus quasi; depois são os archipelagos e ilhas dos mares americanos, as Bermudas e as Falkland, as Honduras e as Bahamas, as Barbadas e a Jamaica, Trindade e as ilhas de Leeward e Windward, com as costas septentrionaes do Labrador, junto á Terra-Nova, e as costas tropicaes de Guyana. Esta legião de dominios somma 300 milhas, com dois milhões de habitantes.

Falta ainda a Africa, repartida ha pouco: a da Guiné, com Gambia, Serra Leoa, a costa do Ouro, Lagos e Yoruba, mais os territorios do Niger, vasta mancha de 350 mil milhas, habitada por 24 milhões de negros; a do sul que tem como capital o Cabo, e se estende por todo o interior nas terras dos Zulus e dos Basutos, com o Natal sobre a costa; e nas terras dos Bechuans e Mashonas até ao Zambeze, e do Zambeze para norte até ao Nyassa, indo ligar-se á direita com os estabelecimentos da costa Oriental, e na frente com o Egypto, que é tambem inglez. É um milhão de milhas, com quatro milhões de negros. A terceira Africa ingleza está na costa Oriental, em Zanzibar e Pemba, no Somali e no Sudão, com a ilha de Socotorá, á entrada do mar Vermelho: 1.255 mil milhas, 13 milhões de indigenas. E na cauda veem as ilhas dos mares africanos: as Mauricias, Santa Helena, Ascenção, Tristão da Cunha. Restam ao menos, de tudo isto, os nomes portuguezes!

Paciencia, que não chegámos ainda ao fim.

Na estrada da Inglaterra ao Extremo Oriente a derrota dos navios reclama estações de carvão e refresco: fortes de defeza, ao mesmo tempo, que assegurem a passagem. Logo na bocca do Mediterraneo está Gibraltar; depois, além, Malta; depois Chypre, depois o Egypto, depois Aden no mar Ver-

melho; depois Ceylão, no mar das Indias; depois Hong-Kong, na China, e Labuan e as colonias do Estreito, Benaug, Malacea, Singapura com Borneo. Avassallada a India, a Inglaterra desce pela Birmania, pelo Pegu, pelo Arrakan, ao mesmo tempo que sobe de Singapura até Menang, para avassalrar a vertente occidental da peninsula da Indo-China. São 27 mil milhas quadradas e quatro milhões de habitantes.

E este imperio colossal cresce todos os dias com a força irresistivel de um elemento, alimentado pela corrente constante da emigração, *gulf stream* de sangue que vae por todo o mundo exotico implantar o europeianismo, subjugando, ou exterminando os indigenas.

Por isso os *cockneys* de *Earl's Court* batiam palmas vertiginosamente, quando viam as carabinas da quadrilha de Buffalo-Bill afugentar os pelle-vermelhas da cabana perdida do *squatterer*, deixando em volta d'ella um montão de cadaveres... fingidos.

XXI

Tão vastamente espalhados sobre o mundo, sempre dispersos nas viagens que a distancia dos seus dominios determina, não admira que os ingleses adquirissem o temperamento nomada. Este traço fundamental do seu caracter activo feriu-me nitidamente na excursão que fiz para assistir ás corridas de Ascot. D'entre os contrastes de que é feita a alma d'estes insulares, não é o menor a idéa que teem de amarem sobretudo o conchego do *home*, e a realidade positiva de só verdadeiramente estarem bem correndo mundo.

São nomadas por essencia. Fóra da Inglaterra, a sua preoccupação de todos os instantes é a patria que reproduzem por toda a parte, vivendo isolados em colonias, de onde vão periodicamente, peregrinos como os arabes a Meka, retemperar-se no fogo sagrado. Na sua ilha estão, como a bordo, com o pensamento inquieto, a vêr se descortinam, no mar da sua vida, alguma novidade capaz de esterilizar a semente de *spleen* que germina no fundo do coração de todos elles.

Não se julgue que viajar aqui é um luxo. É uma necessidade e uma regra. Viaja toda a gente: os ricos e os remediados. Dissipador como é o inglez, as pequenas economias das familias modestas vão-se todos os annos em excursões a esse *continent* que os attrahe tanto, quanto teimam em desdenhar d'elle. Vão aos bandos, familias inteiras, quer haja, quer não haja homens; porque a mulher, desde que chega a certa edade e quer se case, quer não, troca o ar vaporoso por um ar viril pouco feminino. Vão, sobraçando o Murray, ou o Baedeker, com o bilhete e o programma da romaria organisado pela casa Cook, percorrer um itinerario certo, vêr Paris, Milão, Veneza, visitar a Suissa ou a Suecia, a preço e tempo fixos, sem os caprichos e devaneios da gente que pensa ou sente, mas com a regra pautada de quem se submette a um tratamento. Estas excursões fazem parte indispensavel da hygiene do temperamento: são derivativos, sem os quaes estoiravam de saude, ou murchavam de *spleen*.

Quando não viajam para fóra, andam n'um permanente rodopio dentro da propria casa. A gente fina londrina não vive em Londres mais de tres mezes, maio, junho e julho: fóra d'isso estão fóra, vadiando de castello para castello, em *parties, pic-*

nies, caçadas, visitas, e mais divertimentos que nos lembram o bom dito de Talleyrand: *Si ce n'étaient les amusements, la vie serait encore supportable.* É necessario ter musculos de aço, e comer como estas criaturas comem, homens e mulheres, para resistir a tanta estafa. Se as pernas fraquejam e a cabeça se ressentir, vem o alcohol excitar o organismo depauperado. O vicio não é exclusivo das classes miseraveis, nem do sexo forte.

Quando a carruagem que me levava entrou na esplanada de Ascot, pareceu-me achar-me em um acampamento. Aglomerava n-se cem mil pessoas na immensa planicie cercada por sombras massicas de arvoredo que se esbatiam no pardo azulado do céo, desdobrando as ondulações molles do terreno: cem mil pessoas e uma infinitade de veiculos, de todas as formas e feitios, desde o *break* irreprehensivel, tirado por trotadores dinamarqueses, até ao *dogcart* por pintar, em que, ao meu lado, jorna deára um casal de *farmers*: ella, embrulhada n'um chale preto; elle, mordendo o seu cachimbo de cerejeira entre os beiços ladeados pela barba hirsuta, côr de cenoura. A quatro soltas, magnificos cavallos baios, chegava um *mail* com os creados fardados, soltando pelas *longas*, aos quatro ventos da fama, o trote da grandeza do *squire*, sentado na almofada como n'um *throno*, governando as parelhas como quem rege provincias, quadrado, forte, cara redonda, suissas breves e ruivas, vermelho como um pimento, grave como um bispo, hirto como uma estatua. John Bull encarnára,

E como este *mail* eram innumeros, de toda a gente que se préza: uns proprios, outros alugados, uns optimos, outros bons, nenhum reles, com os estojos de bengalias suspensos aos lados, dentro da caixa os enormes cestos de provisões que em pouco

se abririam n'uma kermesse opipara de *lunchs*, regados por salceiros de *champagne*; e fóra, em cima, raimilhetes de mulheres louras, vestidas de claro, bordando no ar azul o matiz das suas umbrelas vermelhas.

Do outro lado da pista, em frente, alinhavam-se as tribunas, erguendo-se ao centro o *stand* do *master of Her Majesty's buckhounds*, o *Earl* de *Coventry*, summo pontífice da festa nacional das *races*. Por baixo das tribunas, n'uma platéa de relva, desce o *grand stand*. Ao fundo, por detraz, ficam os jardins inevitaveis em todo o edificio inglez: jardins coalhados de mesas com os açafates do *champagne* ao lado, com as pratas, as louças, os *crystaes*, as fructas, os gelados, os doces, as aves, os guisados, as tortas, os *pies*: uma sarabanda olympica de virtualhas que os creados, de calção, gravemente dispunham para serviço dos dentes das senhoras louras e dos cavalheiros luzidios, de ampla sobrecasaca, flôr ao peito, binocolo a tiracolo, monoculo no olho, e na cabeça o chapéo brilhante como um espelho. A um lado uma orchestra tocava *valsas*. Era o que se diz *charming*.

Para os ingleses, civilisação é isto, o que é *charming*: achar-se bem vivido, bem vestido, bem comido, impando com dinheiro n'uma kermesse, com senhoras. Por isto praticam heroismos. Indo atraz de um desejo vulgar, civilisam o mundo, persuadindo-se que se civilisam a si proprios. A sua idéa de civilisação, formal e exterior como é, consiste apenas em vaidade, luxo e goso: é a idéa espon-tanea de um barbáro.

Dando costas ás tribunas, atravessei a pista, guardada por um fio de arame e alguns policias, para me metter do lado opposto, entre o povo, atraz do qual se alinhavam, como em ordem de batalha, as

carruagens servindo de tribuna á gente que ahi devorava os seus *lunchs*. As tres grandes divisões sociaes achavam-se acantonadas: a flôr em frente, a media aqui sobre os vehiculos, a ralé cá em baixo, acotovellando-se contra a vedação da pista.

Era, como sempre em Inglaterra, uma multidão enjoativa. Graça campesina, é cousa que não ha: os campos são suburbios. Pittoresco da pobreza, tambem não ha: os pobres vestem a farraparia que os ricos deitam fóra. Assim as multidões, sem carácter, teem um ar tristonho e banal. Pede-se esmola de chapéo alto; guardam-se porcos de *capote* com flores esfrangalhadas. É mais um traço grotesco d'esta sociedade, em que o contraste e o desequilibrio se mostram em tudo, desde o mais alto até ao mais baixo, desde o mais intimo até ao mais apparente.

A plebe não tem alegria. Grunhe em vez de cantar; rosna em vez de fallar. Ondula espessamente, silenciosamente. Grandes cestos de laranjas substituem os banquetes requintados do outro lado. E em clareiras que se abrem na multidão cerrada, vê-se o escossez classicó, de *tartan* ao hombro, borzeguins e pernas nuas, tirando da gaita de folles os sons nasaes e melancholicos dos *lieds* das montanhas. Em outros circos estão prestimanos, explorando a boa fé ingenua e bronca da gente. Além, o espaço é maior: os *minstrels*, mascarrados de preto, vestidos caricatamente, arranham em rabecas, assobiam em flautas, choramingam nos *banjoos*, acompanhando isso, a que chamam musica, de esgares, saltos, grunhidos com pretenções a cantigas, no meio das gargalhadas animaes soltas de boccas escancaradas até ás orelhas. O inglez só se diverte com violencia: a sua machina pesada é insensivel ás impressões delicadas. D'este lado, a brutalidade é plebeia:

além, é dourada. Essencialmente, porém, é a mesma causa.

As corridas são a festa nacional, porque é ahi que a sociedade exhibe a sua flor: cavallos e mulheres. Estas duas especies de criaturas são outro orgulho da Inglaterra.

XXII

E que esplendida exposição de mulheres havia nos *stands*! O sol por momentos quizera ser da festa, e, beijando os cabellos de ouro das inglezas, tirava-lhes scentelhas fulvamente metalicas: pareciam coroadas de libras, n'essa apotheose da riqueza.

Mostraram-me, com reverencia, tres ou quatro *professional beauties* que tinham, infelizmente, a consciencia do seu papel. São mais ditosos os *thorough breeds* favoritos: não sabem que invejas provocam.

Para a multidão dos ricos, as duas divindades são estas: o *favourite* e a *professional beauty*. O naturalismo bretão adora-se a si proprio, nos dois productos fabricados pelo *training* e pela seleccão hereditaria. E este culto tem tanto de animalmente capitoso que um amigo meu, temperamento de artista como não ha outro, fino e *blasé* ao mesmo tempo, dizia-me algures que em parte alguma sentia, como em Inglaterra, acordar-lhe o instincto sexual.

Ha com effeito, ou seja do clima, ou seja do que fôr, uma excitação orgiaca dos sentidos que explica os romances de Fielding e de Smolett, no seculo XVIII; o carnaval da Restauração no seculo ante-

rior; o desbragamento precedente da epocha de Henrique VIII, e a renascença de hoje que se rasga ás tiras o véo puritano de esforço, ou hypocrisy, lançado, umas vezes pela teima, outras só pelo *cant*, aos hombros herculeos de uma raça exuberante:

Ta ra ra boom de ay!

Tanto o cavallo *favorito*, como a belleza *professional*, teem um padrão fixo que se substitue, repetindo-se sempre. A mulher é sempre loura. Já em Roma, no tempo de Cesar, depois que esse grande janota voltára de conquistar as Gallias e de travar relações com os allemães, todas as mulheres elegantes se faziam louras. A tintura dos cabellos era regra na cidade antiga, que tambem açoitava com as mesmas impressões naturalistas os nervos vibratéis dos gregos, ou dos neo-gregos da Provença, artistas que Roma attrahia com o esplendor da sua riqueza.

Mas as impressões intimas que a conveniencia contém, não podendo exprimir-se pelas fórmas usadas entre os povos dotados de espirito de sociedade, hão de encontrar derivativo apresentavel em manifestações admittidas que satisfaçam a violencia dos temperamentos. Por isso, agora que uma partida acabou, e se levantam no disco os numeros dos cavallos novos que vão bater-se; agora, n'este intervallo de pausa que succede á anciedade febril da corrida, erguendo-se todos em bicos de pés, com o pescoço estendido, o olhar saltando, o peito offegante; agora, em vez de uns minutos de repouso bom e de conversa amavel, é que eu descubro a razão da anciedade de ha pouco. Depois de uma corrida, começa logo a aposta para a outra. Não ha descanso. Todos esses pescoços, todos esses olha-

...s, toda essa ancia, não voavam atraz do cavallo: ...n atraz da apostas. Era a ancia do dinheiro que ...s levava. E venham estes angulosos moralistas ...régar contra nós, meridionaes, porque temos lote-
rias!

O cavallo e a mulher são, com effeito, divindades; mas o templo, a cella, onde se lhes presta culto, é além, na *enclosure* dos *book-makers*, d'onde sahe uma gritaria medonha:

— *One to twenty! Three to one!*

Cada cavallo tem a sua cotação. Cada corrida provoca o seu alarido. Dentro do cerrado, contra as vedações de arame, dos quatro lados voltados para a multidão de *gentlemen* que se apinha em roda, os *book-makers* parecem feras a quem roubaram os filhos. Mette medo olhal-os. A face injecta-se-lhes, a voz enrouquece de gritar, os braços agitam-se epilepticos. E, sentados em bancos, os caixeiros vão fleugmaticamente registrando as apostas dos *gentlemen* que, em monosyllabos orgulhosos e gestos imperativos, commandam o leilão.

Tudo apostas, tudo joga: o homem gravissimo de suissas brancas, e a loura *miss* de olhos cõr de pervinca. Um cavalheiro, meu conhecido, cuja fortuna andará por 50.000 libras, apostou de uma vez 10.000, o quinto dos seus haveres. São uma gente temeraria, capaz de tudo; e é exactamente por isso que tanto teem feito.

Uma vez, não me lembra onde, vi uma gravura que me impressionou. Era uma rapariga loura, lendo um livro ao pae, velho marinheiro sentado em uma poltrona com um copo de *whisky and soda* ao lado. No fundo, uma janella por onde se via o mar; na parede, o retrato de Nelson. Em baixo o titulo: *The nord-west passage*, com esta epígrafe:

It might be done, England should do it.

Era possivel? Cumpria á Inglaterra fazel-o.

Este orgulho da força é o nervo intimo do caracter britannico; mas no caso das apostas ha outro orgulho paralelo que é ainda uma variedade do antecedente: o orgulho do dinheiro. Não é, para o inglez, o dinheiro á primeira, a suprema das forças?

A mulher, o cavallo e o dinheiro: eis os tres idolos do naturalismo britannico.

A mulher é a sua vaidade, o cavallo o seu instrumento, o dinheiro a expressão da sua força triunphante. Apostar e jogar são affirmações positivas d'essa força, que para elle é a summa essencia do mundo. Apostar e joga com a violencia concentrada que põe em todas as cousas. A machina é pesada e rija: necessita de estimulantes fortes que a ponham em acção. São como os molhos picantes e as pimentas na mesa. Depois, a aposta é um perigo, uma aventura, um duello: o marrar cego de um touro contra o desconhecido. O orgulho do dinheiro encontra-se exprimindo o orgulho da força: não é como no gastar simples, em que apenas se satisfaz a vaidade. O jogador que aposta a valer, com a consciencia das consequencias da perda, arrisca-se sem um gesto, sem uma ruga na face, nem uma exclamação nos labios. Observei-os: só me pareceu vêr-lhes um fulgor particular nos olhos. O orgulho concentra e reprime. As paixões absorventes emmudecem. Jogado o lanço, os nervos estão contrahidos na anciedade de vencer. A aposta é o *sport*, na esphera dos sentimentos; os exercicios athleticos são o orgulho, na esphera rudimentar da força animal.

Sport é portanto a formula synthetica do caracter d'este povo, de que assisti, em Ascot, a uma das exhibições mais suggestivas. *Sport* quando jo-

gam, *sport* quando correm, remam, ou caçam: *sport* quando amam, *sport* quando gosam, *sport* quando se lançam pelo mundo fóra em busca da fortuna, avassallando povos, dominando mares, exterminando feras, por necessidade irremediável da luta pela vida, ou para desfastio da sua existencia cheia que o *spleen* da saciedade tortura.

Paradoxo singular! O inglez fazendo da energia animal a propria essencia da vida, não sabe, não conhece, porém, que destino dar ás victorias alcançadas tão heroicamente. Como Ixion, agarrado á roda, continua a agitar-se no vazio para satisfação da energia insaciável, supondo ser civilisação o *fac-simile* brunido e requintado das lutas barba ras. N'este paradoxo que fere a observação dos continentaes, está porém o segredo da victoria; porque se raciocinassem a actividade, n'esse instante perderiam a força que os impelle. Salomão jámais formularia aqui a sua definição da vida: *vanitas vanitatum...* O inglez agita-se, vae, marra e vence: por isso mesmo ha n'elle o quer que é da violencia dos touros. Se os touros soubessem, não marravam.

Toda a diferença que ha entre um continental e um inglez, é que um é capaz de contemplação, e o outro, se alguma vez se encontra a sós consigo, surgem-lhe perante o espirito visões, ou extravagâncias. O subjectivismo do inglez põe-o sempre a dois dedos da loucura: por isso, instinctivamente, evita a reflexão, procurando derivativos na vida animal com o *sport*, e na vida de sociedade com o typo *sui-generis* criado por quem não sabe conversar. Quando fallam, o que não é a regra, contam anedocas; e com as mulheres *flirtam* equivocamente, levando ás vezes as liberdades muito mais longe do que os limites continentaes. Quando não *flirtam*, lêem novellas *sensacionaes*, para alimentar a excitação

sentimental; e quando não viajam, lêem viagens, phantasiando derrotas, embriagando-se em perspectivas e aventuras, para saciar a inquietação constitucional do espirito.

Eis ahi porque são nomadas. Até quando não viajam, viaja-lhes em permanencia a imaginação, nebulosamente perdida pelos horizontes longínquos, e tão incinzeirados como era o céo d'aquelle tarde em que, trotando, voltava de Ascot ao meu albergue á beira do Tamisa.

Sobre o rio fundeavam as casas de verão flu-ctuantes que se alugam para as familias irem, rebocadas por um vapor, ao longo dos rios, como na China, assentando aqui e além os seus penates mo-vediços. Na estrada encontrava os carros-casas com uma chaminé no tecto, wagons onde tambem se vive e se cozinha, ambulantemente, de logar em logar, á procura de uma terra promettida que nunca se encontra.

Estas viagens obscuras no centro de Inglaterra, representavam-me a viagem épica dos ingleses so-bre a terra inteira, á caça do dinheiro, com a idéa de conseguirem gosar a vida, prestando culto á *professional beauty* e ao *thorough bred*. E são todavia os primeiros campeões da civilisação do mundo; o que prova como, tantas vezes, Deus escreve direito por linhas tortas.

XXIII

O meu albergue era em um canto delicioso cha-mado Maidenhead, acima de Windsor, sobre o Ta-misa, ahi onde o rio é já um regato, só navegavel á força de reprezas e comportas.

A tarde ia cahindo, e as oito milhas de estrada que vão de Ascot a Maidenhead são como uma rua de *park*, em que os chalets e palacios se desentramham da espessa folhagem das mattas. Como aqui ha dinheiro para tudo, em Ascot alugam-se casas por 200 e 300 libras, só para servirem durante a semana das corridas. A tarde ia cahindo, suavemente. Na estrada via os mesmos enxames de creanças louras — como esta gente é prolifica! — o mesmo caracter suburbano que o campo tem sempre, as mesmas fachadas vestidas de hera e trepadeiras, a mesma nitidez, o mesmo asseio, o mesmo bem estar por toda a parte. A metade sul da Inglaterra é um immenso jardim. Luziam as vidraças das janelas como espelhos, sem uma nodoa; e para além dos vidros arrendava-se a curva das cortinas denunciando interiores de salas conchegadas e quentes. Por fóra, verdura e flores; por dentro, o macio e morno conchego dos ninhos; creanças feitas de leite e rosas, dançando na estrada; um ar tepido, um crepusculo brando: tudo isso me apontava uma face do caracter inglez que não posso deixar esquecido. É a ternura *lakista* de onde brota o veio abundante de poesia romantica; e a doçura maviosa, a ingenuidade amavel, o carinho meigo que os inglezes, principalmente, como é natural, as inglezas, teem dentro de si, conjunctamente com a energia taurina. Conta-se que Rossini, ouvindo pela primeira vez a Nilsson, que era uma mulher colossal, lhe chamou baleia que engulira uma toutinegra. Lembrou-me o dito de Rossini. Tambem são herculeos, tambem trazem no peito, ou no estomago, uma cotovia.

São sentimentaes. Não ha na Europa moderna lyrismo subjectivo comparavel ao da poesia ingleza. A affinidade electiva não é aqui palavra vã. Os ca-

samentos fazem-se por esse motivo, e não contratados entre os paes, como em França, por conveniencia das familias. São romanticos por natureza. E é por isso mesmo que são, como os temos visto, temerarios, aventurosos, impellidos pela sêde de ganhar, e dominados pela vaidade do dispêndio.

De todos os europeus que eu conheço, não ha duvida que são os mais proximos do homem barbaro, apesar de, por um concurso de circumstancias, a primeira das quaes é a riqueza, serem os que primam nas cousas formaes e exteriores da civilisacão. Nem admira: teem o sangue moço; não contam, como nós, continentaes latinos, vinte e cinco seculos de vida historica. Perante a nossa velhice, são uns fedelhos: teem mais de mil annos menos que nós, pois foi em 450 que as saxões barbaros se estabeleceram na Gran-Bretanha. Os annos fazem muito ao caso. Não admira, pois, que tenham os defeitos vantajosos da mocidade ardente. Não admira a sua energia cega, nem a sua vaidade quasi infantil; não admira que resumam a vida em duas palavras, *show* e *business*: o negocio, fórmula actual da energia, e o luxo, satisfaçao quasi infantil da vaidade. Não admira a confiança que teem em si proprios, porque nem idéa exacta fazem do que as cousas são. Não admira que, senhores de si e de tudo, gastem como ganham, sem olhar ao futuro. Quando muito, *seguram* a vida dos filhos; de resto, a obrigação dos paes é apenas educal-os, e, desde que teem azas, soltal-os pelo mundo fóra, a ganhar por seu turno a vida, como sucedeu aos paes. O instincto conservador, a idéia da successão familiar, ancorada fortemente na propriedade: esta herança antiga dos povos envelhecidos, não a teem, como novos que são no mundo, e além d'isso afortunados por uma sorte incomparavel.

E se, nem dentro da propria familia concebem a solidariedade, como a hão de imaginar sequer dentro da nação, entre as suas diversas classes? Cada qual defende-se; para isso tem braços: é a regra. A vida é uma lucta: principio fundamental de uma sociedade que, por isso mesmo, não saiu ainda, essencialmente, do nimbo das idéas barbaras. D'ahi vem a sua força entre civilisados; d'ahi o seu encanto espontaneo; d'ahi, tambem, o effeito grotesco que nos produzem, porque esses barbaros affectam de civilisados em tudo quanto é exterior na civilisação.

Os duzentos ou trezentos milhões de libras que a Inglaterra accumula todos os annos, enriquecem cada vez mais os ricos; e por isso mesmo afundam cada vez mais os pobres na sua miseria, apesar de toda a philantropia individual e official. Se a vida é uma lucta, ha de haver vencidos; e os vencidos são as vastas plebes proletarias que formam a base do edificio d'esta plutocracia.

Porque isto de riqueza é uma idéa relativa. N'uma sociedade pobre, mas onde a fortuna está regularmente repartida, todos são ricos; n'uma sociedade, onde a ostentação e o luxo accendem a cubiga dos que teem menos, a miseria é insuppor-tavel...

E n'estas cogitações se foi a jornada. Chegavamos a Maidenhead. Jantámos, conversámos, dormimos; e na manhã seguinte, no rio coalhado de guigas, preparava-se uma regata. Contra as margens encostavam os vaporsinhos carregados de gente, engrinaldados de festões e ramos de flôres. A distancia fundeava uma d'essas casas-barcos de verão, e as janellas abertas de par em par estavam garnecidas de *misses*; no terraço do tecto, convertido em jardim, passeiavam. Como insectos corriam si-

lenciosa, rapidamente, na agua os barquinhos electricos, sem o pennacho enjoativo de fumo. Além, para baixo, fica a ponte do caminho de ferro onde a cada instante sôa um trovão, passa uma nuvem negra despedindo scentelhas: é o comboio. O dia está quente e humido. O céo baixo. Chovisca por vezes. A regata já começou. O meu visinho, no terraço do hotel, diz-me com desvanecimento, observando a musculatura dos rapazes:

— O *sport* substitue para nós o serviço militar obrigatorio das nações continentaes. Com a riqueza que possuímos, se não fossem os exercícios physicos, já tinhamos cahido no dessoramento. Com o nosso temperamento exuberante, se não fosse o *sport*, descambava tudo n'uma orgia. É necessario fatigar o corpo, para o fortalecer. Só o *training* enrija. *Splendid fellows!*

Girava-lhes com efeito nas veias o sangue dos *rovers* scandinavos, dos *vickings* normandos, os piratas que desciam das regiões sombrias dos mares do norte á caça, pelas costas européas. Parecia que as aguas do rio vergavam com o peso da sua energia athletica, e que se abriam confusas, quasi ironicas, na sua limpidez crystallina, deixando passar essa tromba de gente fortemente ruda, sem transparencia, nem fluidez na idéa.

O *sport* salva-os com efeito do embrutecimento. Remam, patinam, jogam o *cricket*, o *foot-ball*, montam, correm, caçam a raposa em casa, o tigre na India, o bufalo na America, o elephante no Cabo, a cavallo em avestruzes, á falta dos *thorough breds* que galgam sebes, saltam rios, no *steeple chase* permanente, que é o programma da sua existencia.

Splendid fellows!

Educam-n'os desde o principio para isso. O fim que teem em vista não é produzir instrumentos in-

tellectuaes: é formar individuos *healthy and active*, sadios e herculeos, bravos e bons inglezes, uteis, servicaes, verdadeiros, *honest gentlemen*, e christãos sem cogitações metaphysicas, antipathicas á raça. O ensino é todo pratico e applicado, nas escolas; e as universidades, em vez de academias de sciencia theorica, são collegios onde os filhos-familias ricos se preparam para a vida de gozo e ostentação que os espera. A liberdade de testar e os morgados fazem com que, n'esta sociedade aristocratica, onde as familias teem proles numerosas, um filho, o mais velho, herde a opulencia; e aos outros fique a liberdade de irem pelo mundo fóra ganhar riqueza com que possam voltar á patria, fundar novas casas e terminar a vida no seio do luxo em que nasceram. Escolas especiaes ensinam os futuros emigrantes, applicadamente, para os varios destinos, recheando-os de factos e informações, paciente e cuidadosamente colligidos. É a bagagem com que partem: não é uma educação que levem. É o instrumento, não é a idéa. O saber não constitue um fim, é apenas o meio de ganhar dinheiro. As profissões que, no continente, se chamam *liberaes*, aqui exercem-se commercialmente. Medicos, advogados, engenheiros, são sociedades commerciaes. Mercurio baptisa tudo com o seu caduceu. Mercurio tem azas nos pés, salta, vae, vem, como elles, pelo mundo inteiro, levando por toda a parte a sua temeridade audaz e a sua tenacidade forte. Morrem muitos no combate? Tanto melhor; assim, pela selecção, se apura a raça, e cada vez nascem mais aptos para rapar por toda a parte o que houver aprovitável.

Platão considerava inconciliaveis as duas qualidades de athleta e de pensador. Ora, os inglezes são incontestavelmente uma raça de athletas.

Li um bocado nos dias
desporto portugues

XXIV

Tudo em Inglaterra, absolutamente tudo, se torna *sport*. Desde que formularam a existencia como um combate e inventaram a lei do *struggle for life*, exprimindo, com essas doutrinas de um naturalismo cru, o instincto mais profundamente constitucional do seu genio, não admira que a idéa da lucta inspire de principio a fim os actos dos ingleses. A falta de senso metaphysico não lhes deixa perceber as cousas á moda continental classica: não sentem o principio de harmonia immanente no mundo, percebendo apenas as fórmas antitheticas da phenomenalidade.

Tudo é *sport*, isto é, exercicio destinado a dar pasto á força de temperamentos exuberantes, em vez de acção coordenada para a realização de um fim superior ao individuo. Tomemos um exemplo. O francez trabalha, junta e enriquece, para que? para crear uma casa e uma familia, a quem deixa o fructo do seu trabalho. O inglez, pelo contrario, nunca obedece á idéa mais abstracta da familia; trabalha e ganha por necessidade de um temperamento irrequieto, de um genio insusceptivel de contemplação. Trabalha e ganha pelo mesmo motivo que depois o faz gastar perdulariamente, sem cuidado na herança dos filhos. Tratem de si. Instruidos e equipados para a lucta da vida, deita-os pelo mundo fóra, a batalhal-a.

Outro exemplo é a politica. Dos varios *sports* ingleses, é este o mais attrahente. A maneira que teem de encarar a acção politica explica as diferenças de

facto estranhas, quando se compara o que succede aqui, ao que se passa do outro lado do Canal. No continente, a accão politica é sempre subordinada a idéas doutrinaes, ou ao ponto-de-honra; aqui é um conflicto e um jogo da mesma natureza essencial dos jogos athleticos. Degladiam-se interesses positivos, e debatem-se energias individuaes. A fórmula porque o fazem não offende, nem melindra, como succederia entre os povos continentaes, em que o espirito de sociabilidade domina. Podem na lucta do *box* dois campeões partirem-se respectivamente as caras: nem por isso ha offensa. Tambem na politica são licitas as maximas injurias. É de boa-guerra. O ponto-de-honra não se concebe, quando não ha instineto de sociabilidade. Assim, o duello é causa desconhecida; e as maximas affrontas, ou se engolem em secco, ou vão escancarar-se crumente perante os tribunaes publicos.

Por isto, a pratica dos costumes parlamentares ingleses, quando se adoptou por copia servil entre os continentaes, nervosamente susceptiveis, deu de si, ou uma exacerbção de odios e attritos pessoaes, ou, o que foi peior ainda, um descaramento completo. Nós não podemos comprehender que homens se insultem publicamente por *politica*, por *sport*, continuando a estimar-se á saída da camara, ou do comicio, como aqui succede. E por isso o commentario dos debates é o duello; ou então um rebaixamento vil em que, ao descaramento das polémicas, succede o desprestigio da classe dos politicos. Aqui, pelo contrario, ninguem se desprestigia, nem pelos insultos que diz, nem pelos que ouve. É da guerra. Ficam com a cara esfrangalhada, mas a galeria applaude quem tem mais força, ou é mais dextro. A politica é o maximo *sport*.

E não ha, com effeito, *sportman* d'este genero

mais completo e acabado, do que o *great old man*, Gladstone, que, agora mesmo, corre a Inglaterra na campanha eleitoral destinada a derrubar o ministerio Salisbury. Para que? Para nada; pois fará exactamente o mesmo; nem é lícito hoje seguir em Inglaterra (e quasi em toda a parte) senão uma política: o possibilismo. Sobre todas as questões classicas paira, como o *fatum* da tragedia antiga, aquillo a que se chama a questão social, isto é, o correspondente, nos tempos modernos, á guerra dos es-rayos que deu cabo da republica romana.

É certa, porém, a victoria de Gladstone, porque os ingleses fizeram d'elle um *favourite*. Vêem-se retratados no *great old man*: nas suas chimeras philanthropicas, na estreiteza e na falta de espirito comprehensivo do seu talento, na sua actividade quasi milagrosa, no seu nervo, na sua energia phenomenal aos oitenta annos, correndo em permanencia a Inglaterra, assistindo a *meetings*, aclamado hoje, corrido a cacos e batatas, com que lhe racham ámanhã a cabeça; nos intervallos recolhendo-se ao seu castello, e empregando os ocios a cortar arvores: especie de titan politico, ou hercules parlamentar, com a sua face aguda, os seus collarinhos anachronicos, e uma physionomia quasi historica, em que a Inglaterra venera o puritanismo declinante, extasiada e attonita perante a corrente inexgotavel de discursos que os labios de Gladstone despejam, quando se agitam nas convulsões d'aquelle *diarræchal eloquence*, a que Disraeli, o seu rival, fazia uma troça desapiedada... Este periodo saiu gladstoniano.

Dirigiam-se os meus passos para o palacio de Westminster, construido junto á velha abbadia, la-deando o Tamisa, em cujas aguas plumbeas se espelham as torres e agulhas, as pilastras e laçarias,

d'essa enorme montanha de pedra erguida para habitação do parlamento.

Westminster e os tribunaes de *Temple bar* (para leste, no fim do *Strand*) são as duas edificações mais consideraveis da Londres novissima. Alojando *imperialmente* o parlamento e os tribunaes, o povo inglez manifestou o seu culto pelas duas instituições fundamentaes da vida nacional. E os architectos, delineando estes dois monumentos, conforme a tradição britannica dos tempos das duas rainhas, a rainha Izabel e a rainha Anna, fizeram n'isso mesmo a apotheose da terceira grande rainha ingleza, a rainha Victoria.

Essa architectura do palacio de *Temple bar* (parece-me tel-o observado já) coaduna-se com a paisagem e o clima britannicos; mas, n'este caso especial de que agora tratamos, ha mais. Um palacio de estylo inglez não tem a ordenação unitaria e harmonica das construcções classicas: é um aggregado de torres, e tectos, e porticos, e passagens, irregular, asymmetrico, e que tanto pode parar onde está, como prolongar-se indefinidamente por juxtaposições successivas. E é exactamente assim o direito inglez, em que cada caso e cada sentença formam um aresto, em que não ha principios geraes, nem codificação systematica: emmaranhada construção de textos, datas, precedentes e circumstancias, nas quaes se perde a paciencia do jurisperito, e mais ainda a do litigante, exactamente como os meus olhos se perdiam na contemplação da immensa mole de *Temple bar*.

Depois, a architectura monumental não se distingue da domestica, tambem exactamente como a legislacão ingleza, que nunca adquiriu as linhas struturaes das construcções systemáticas, ficando confundida nas origens primitivas do direito patriarchal.

O palacio de *Temple bar* tanto podia ser a morada da justica, como a habitação magnifica de um senhor feudal, á antiga. São torres acastelladas, tectos esguios coroados de tympanos e bordaduras, guaritas com setteiras nos angulos dos corpos saillentes, *bow windows* repetidas, arcarias ogivaes, corredores e pateos obscuros que parecem entradas de fortaleza antiga, com a sua ponte levadiça e os archeiros couraçados de ferro, fazendo alas.

É immenso, em boa verdade; mas a um continental só infunde impressões de grandeza aquillo que tem proporções nitidas e ordenadas. O tamanho é questão secundaria. O Parthenon, e não ha nada superior em magnificencia, era bem pequeno.

Perante Westminster, o caso é outro. A concepção architectural formulou-se de um jacto, e a fachada, avançando sobre as duas torres, contra o rio, debruçada na margem, tem uma grandeza esmagadora de edificio gigantesco, quasi oriental, assyrio, ou babylonico, apesar dos pormenores. Observado a distancia, fundida n'um todo essa enorme montanha de pedra que cobre quatro acres de superficie, coroada pelas agulhas das torres cravando-se no céo e dardejando no ar o reflexo das suas douraduras, a impressão resultante é fortemente accentuada. Se não levanta o espirito em entusiasmo, como sucede perante as sublimes concepções do genio: obriga-o a curvar-se humilde diante de uma ingente manifestação de força.

Ao pé, a repetição insistente, a copia constante das mesmas linhas e motivos de construcção, fatiga. Entre gigantes esguios que vão no alto acabar em agulha, rasgam-se janellas enormes encaixilhadas em pedra, para distribuir no interior abundantemente a luz escassa d'estes céos de chumbo. As mesmas laçarias, as mesmas ogivas, os mesmos co-

lumnellois e maineis, baldaquins, rosas, nervuras vegetalmente desenhadas: todos os motivos que fazem das fachadas dos edificios d'esta especie alguma cousa semelhante a uma folha immensa que, secando, se arrendou, reproduzem-se fatigantemente, tal é a extensão do monumento.

O estylo ogival não comporta a repetição. Uma columnada, uma arcaria, podem reproduzir-se e prolongar-se indefinidamente. Não sucede o mesmo com as fachadas chamadas *gothicas*. Por isso, atendendo ás proporções gigantescas de Westminster, a idéa de seguir para o palacio o typo vizinho da abbadia antiga, deu de si uma construcção monstruosamente monotonía. Quando, como eu fiz, se faz o circuito do enorme edificio, cuja mole assusta e cujas perspectivas distantes deslumbram, acaba-se fatigado de tão escassa invenção, e afflito por tamanha monotonía.

XXV

Antes de visitar o parlamento, mostraram-me o grande *hall* que serve para os processos politicos. Essa immensa sala é, no seu genero, magnifica; e digo no seu genero, porque eu prefiro as salas marmoreas, sem *conforto* domestico, logo á primeira vista feitas para as solemnidades, em plena comunicação com a luz e com o ar. O *hall* de Westminster, pelo contrario, tem os caracteress communs das habitações de quem é forçado a viver em divorcio com a natureza ambiente. Disseram-me que o tecto magnifico de castanho esculpido, tecto obscuro que absorve a luz, data do seculo xi.

Em toda a volta da sala, as guarnições de madeira entalhada revestem as paredes até certa al-

tura, e d'ahi para cima cobrem-nas guadamecins fulvos, banhados em ouro, ou tapeçarias vermelhas, cahindo em dobras pesadas e graves. Do tecto descem lustres. Pelas janelas de vidraças coloridas cõa-se uma luz desnatural, violentada pelos tons dourados ou vermelhos, verdes ou violetas. Esses tons duros, e os contrastes violentos do claro-escuro, são indispensaveis, quando faltam os nossos aureos banhos de luz quente do sol, para dar a grandeza que não ha no céo; pedindo ás invenções do luxo e da arte aquillo que, nos ares gloriosos do Meio-dia, a natureza distribue a mãos largas, gratuitamente. Leva em si rios de diamantes, de rubis, de saphiras e de esmeraldas, a ondulação da nossa luz.

As salas das duas camaras são eguaes. Eu vi a dos *Commons*, onde havia sessão esse dia. A impressão foi a mesma do grande *hall*: está-se em casa, casa rica, sem faltar nenhum conforto, e onde o luxo tem um ar grave; mas está-se em casa, não se está n'um *templo*. O senado romano, tendo ao fundo o altar da Victoria, perante o qual ardia o incenso e os senadores juravam estendendo a dextra, devia ser inteiramente diverso d'este recinto cubico, quasi escuro, em que raros cavalheiros, de chapéo na cabeça, ouvem fallar um collega.

Os deputados são 670, mas repetidas vezes as sessões se suspendem por falta do numero legal, que é 40. As bancadas estão quasi completamente vasias. Essas bancadas, dispostas em amphitheatro, enchem tres faces da sala, que é um rectangulo alongado. Os deputados não teem carteiras: só cadeiras; tomam notas sobre o joelho. A meia altura das paredes, por cima do amphitheatro, avança a galeria aberta dos ouvintes. As sessões não são publicas. Ha os mesmos tectos entalhados de madeira

brunida, os mesmos guadamecins, os mesmos revestimentos de preciosa talha, as mesmas tapeçarias, onde a luz colorida das vidraças se fixa em manchas polychromicas.

Em frente, correspondendo ao altar da Victoria, está o throno do *speaker*, personagem de voz nasal e cabelleira branca, postica, conforme o rito. Este amor grotesco do inglez pelas farragens de operacomica impressiona, quando se oppõe, por contraste, á sem ceremonia com que os deputados fallam e passem de chapéo na cabeça, como na rua. Não sou dos que se pronunciam contra o valor do *culto externo* nas funcções publicas. Infelizmente, a verdade é que o homem necessita de ser impressionado pelos sentidos e manietado pela tradição, para se deixar governar. Mas a cabelleira do *speaker* offendeu-me tanto, quanto o fardamento historico dos guardas da torre de Londres. É caricato. A primeira condição do *culto externo* é crear uma atmosphera de respeito. E se na camara se está como na rua, se não ha tribuna, nem portanto o consequente abuso da fallacia, para que é, e de que serve, a cabelleira do *speaker*?

Quem falla tira o chapéo e levanta-se de pé; mas falla do seu lugar. Em frente do throno do *speaker* fica em baixo, atravessado, o bufete dos officiaes da camara; e entre os dois amphitheatros lateraes, na metade superior da sala, a vasta mesa, a cujos lados se sentam os ministros.

N'esta sessão fallou o sr. Balfour, pedindo á camara que apressasse os seus trabalhos para ultimar o voto das leis promettidas no discurso da corôa, pois o parlamento ia ser dissolvido, e convocadas novas camaras. Não era novidade, mas era a primeira vez que se dizia oficialmente. Por isso havia na sala umas dezenas de pessoas, e se escutavam

as palavras do ministro, que já abertamente era considerado homem batido no *sport politico*. Ninguem punha em duvida a victoria de Gladstone. Todas as attenções nervosas se voltavam para a lucta eleitoral. O parlamento agonisava, e por isso mesmo cada deputado queria ver votado o projecticulo necessario para influir no respectivo circulo.

O coronel Nolan, que obsequiosamente me proporcionara o accesso á parte da tribuna separada para o corpo diplomatico, fez favor de me munir com a ordem do dia da sessão e o texto dos projectos de lei respectivos. Conservei esses documentos. A precisão minuciosa da redacção das leis e a sua concisão, são modelos. Modelos são os relatórios summarios que as precedem. Não ha os palevreados tão nossos conhecidos, nem as exhibições quasi pueris, ás vezes, de um saber avariado, ou de nma doutrina feita á tesoura. É tudo rapido, preciso, nitido, pratico. Do mesmo modo são as discussões. Poucas palavras, breves. Discursos de tres dias é cousa que não ha, nem de tres horas; ninguem está para os fazer, porque ninguem teria paciencia para os ouvir. Por isso é extraordinaria a quantidade de trabalho que abatem n'uma sessão. Não se perde metade do tempo nos incidentes imprevistos de antes da ordem do dia, porque não ha perguntas aos ministros que não sejam préviamente comunicadas á mesa e incluidas no catalogo dos trabalhos diarios. A folha que tenho aqui, para 13 de junho, enumera nada menos de 44 perguntas aos ministros, além de 49 projectos de lei, dos quaes 21 de iniciativa governamental. As commissões funcionam conjunctamente com a camara. Os deputados andam n'un entrar e sahir constante. O expediente leva-se a correr. E as sessões duram longas horas, antes e depois de jantar, pois é no proprio palacio

das côrtes que os deputados jantam. Parece que em parte alguma se come melhor em Londres. As senhoras veem fazer companhia aos maridos, e é muito divertido, *jolly*.

A lei que no meu dia provocou alguma discussão foi a das escolas na Irlanda. Tocava-se em uma das feridas constitucionaes da Inglaterra, em uma das questões ardentes da actualidade; e tanto mais vibrante, quanto Gladstone fizera do *home rule* irlandez a *platform* da campanha eleitoral que absorvia todas as attenções, e de que os debates d'esta camara agonisante não eram mais do que os echos sem maior importancia.

Entre as questões constitucionaes da actualidade em Inglaterra figura em primeiro logar o *home rule*, ou autonomia da Irlanda; e não tanto pelo que vale em si, como pelo que indica no sentido da resolução das questões paralelas. O problema particular da Irlanda resolve-o dia a dia a emigração, despoovoando os campos, onde os donos das terras substituem á lavoura a engorda de gados. Mas o *home rule*, hoje, conforme Gladstone ousadamente o disse no seu discurso de Edimburgo, não é já sómente dar, ou não dar, satisfação ao autonomismo irlandez; mas sim saber se a Inglaterra continuará a proseguir no caminho da centralisação, á moda continental, conforme lh' o reclama a conservação do seu imperio ultramarino; ou se, dando costas a esse modernismo, regressará á sua tradição localista, consagrando-a em moldes constitucionaes federativos, á imagem dos Estados Unidos, a nova Inglaterra americana.

O *home rule*, que Gladstone prégava em Edimburgo para a Irlanda, era um corpo de instituições identicas ás das colonias autonomas, com finanças, impostos e administração proprios. E fallando na

capital da Escossia, o *great old man* dizia que, se a Escossia quizesse tambem o *home rule*, tambem o teria.

A chimera de uma metropole federal, regendo um vastissimo imperio ultramarino, mostra a nü o ponto de crise a que a Inglaterra tinha de forçosamente chegar, e em que se encontra. Por um lado, o temperamento da raça, naturalista e individualmente exuberante; por outro a tradição de uma historia em que as nacionalidades enfeixadas no Reino-Unido não chegaram ao ponto de fusão e penetração reciprocas, estão chamando o radicalismo para a forma federal. Mas este pensamento briga fundamentalmente, em primeiro logar, com a revolução económica que transformou a Inglaterra n'uma fabrica-banco para explorar o mundo inteiro, dependendo d'elle para a subsistencia alimenticia; e em segundo logar, com o facto do dominio político exercido sobre toda a superficie do globo, n'um imperio retalhado a que unicamente imprime nexo e garante estabilidade, a manutenção de um poder militar-naval incomparável.

A historia inteira, vindo em socorro do bom-senso mais elementar, mostra-nos que o *imperialismo* da Inglaterra é a consequencia necessaria do seu papel económico e da vastidão dos seus domínios; dizendo-nos que no dia em que a Inglaterra quizesse voltar ao *puritanismo* federativo, n'esse dia, com aplauso do mundo inteiro, o seu poder político teria desabado.

XXVI

Outro problema é exactamente o da conservação e exploração do imperio ultramarino. Não falta quem, argumentando com o exemplo dos Estados Unidos, advogue a doutrina da abstenção perante as tendências separatistas das colonias. Como nação, a Inglaterra faria o mesmo que, no povo, os paes fazem aos filhos: educal-os, creal-os, e depois—ala! a tratar da vida. A sorte que os Estados Unidos tiveram no fim do seculo passado, é o futuro que esperaria as mais colonias que quizessem tornar-se independentes. Creadora e amamentadora de nações, a Inglaterra não deve outra vez commetter o erro de se lhes oppôr á emancipação; pelo contrario, deve favorecel-a. E quanto aos paizes submettidos ao imperio inglez, como a India, a doutrina é a mesma. No dia em que engeitassem a tutela protectora da Inglaterra, deixal-os á sorte das suas preferencias. Opta a India pela Russia? Pois Gladstone não hesitou uma vez em declarar que, a ser assim, o melhor era cruzar os braços, e deixar que os indios fossem russos. Essa consequencia paradoxal do doutrinari smo hirto do *great old man* não o inutilisou, porém. O inglez não toma ao pé da letra o que se diz: só lhe importa o que se faz.

As affirmações mais estapafurdias dos litigantes politicos considera-as materia de *sport*. Não tira, nem põe. O instincto diz-lhe que, acima de todas as extravagancias dos homens systematicos, está, para esses proprios homens, e para toda a nação, a força ineluctavel das cousas.

A prova provada d'isto que digo é o que está

sucedendo, n'esta propria ordem de idéas, com a questão da ocupação do Egypto. O radicalismo inteiro protesta contra ella. Gladstone terminante mente afirmou que procederia á evacuação; mas pode com segurança prophetisar-se que não cometerá semelhante erro. A politica *imperial*, proclamada theatricalmente por Disraeli, quando foi da coroação da rainha Victoria, imperatriz das Indias, é a unica politica possivel.

As nações, sob pena de morte, não podem abdicar. E o suicidio é um phenomeno da esphera da liberdade individual apenas. Ora a idéa de dar aos indios a opção do protector não passa de uma extravagancia do acanhado criterio philanthropico do *old man*, que n'isto só poderemos considerar grande, reconhecendo que é *representative* de uma parte muito consideravel, porventura predominante, das opiniões individuaes inglezas. Não se confunda, porém, que é um erro, a somma das opiniões individuaes com o instincto synthetico de um povo. *Víritim*, os inglezes serão abstencionistas; mas o sentimento collectivo é imperialista.

É, e sel-o-ha tanto mais, quanto mais de perto se chegar á situação para que o Oriente caminha. Já na Birmania o imperio inglez raia com os franceses do Tonkin e do Annam. Já no planalto do Pamir e em todo o Afghanistan, inglezes e russos estão frente a frente, chocando-se, no alastrar de uma expansão energica. Ameaça ruina o imperio inglez? Não; mas cahiria por terra, no momento em que lhe faltasse a segurança da estrada do Oriente que tem como estações successivas, Gibraltar, Malta, Chipre, o Egypto, Aden. Essa cadeia de baluartes adquiridos, uns á força, outros por compra, outros por arte, tem hoje, desde que o Egypto e o canal de Suez ficaram britannicos, o élo basillar no valle

do Nilo. A evacuação é uma catureira, não é outra cousa.

Se eu fosse inglez, aplaudiria *manibus pedibus que* a politica de Beaconsfield, tão evidentemente sensata que convenceu o melhor dos *whigs*, scizionando o partido, e ligando-se aos *tories* do ministerio Salisbury o grupo *unionista* de Hartington e Chamberlain. Com o *old man* ficou a cauda extrema do partido, que já hoje se dobra para o morder pela bocca serpentina de Labouchère. Se eu fosse inglez, iria com a corrente de opinião que, em vez de pôr os olhos na futura emancipação das colonias, defende, ao contrario, uma politica de estreitamento de relações com ellas; oppondo ao proteccionismo radical das nações européas do continente, e ao americanismo da doutrina de Munroe, proclamada nas pautas de Mac Kinley, um *zollverein* ou liga aduaneira dos ganglios dispersos do corpo nacional-colonial inglez.

Só d'esta fórma se concebe o caracter de metrópole das ilhas britannicas. Emancipadas as colonias, defendidas as nações estranhas por uma judiciosa politica económica, a Inglaterra, sem mercados para os productos da sua industria, sem fretes para a sua marinha, e tendo de comprar quasi tudo quanto come, ficaria condemnada á ruina. Grave symptoma e comprovação d'isso que affirmo é, já hoje, a sensivel queda das exportações e a baixa dos fretes marítimos, com os portos atulhados de vapores a enferrujarem-se.

Para esclarecer melhor este ponto capital da situação ingleza, os leitores desculparão que eu corrobore as considerações feitas com os algarismos respectivos. Não ha melhor eloquencia do que a dos factos.

A somma total do commercio externo da Ingla-

terra, em 1890, foi de 743 milhões de libras sterlinas, dos quais 420 na importação e 323 na exportação. O *deficit* de 97, digamos 100 milhões, provém da excessiva somma de alimentos e matérias primas que os estomagos e as fábricas inglesas não encontram, nem podem encontrar, na área das suas ilhas. D'esse *deficit*, metade, ou 50 milhões, são pagos aos Estados Unidos por compras de trigo e algodão, principalmente, depois de encontrado o valor das exportações de manufaturas.¹ Mas essas exportações diminuem, não podendo diminuir as importações, senão quando a Inglaterra, em vez de comprar a estrangeiros as subsistências e as matérias-primas de que necessita, as obtivesse nas suas próprias colônias. Ora, em 1890, o comércio total das colônias somou 204 milhões, nos quais a Australasia entra por 133, a África Austral por 15, e a América Septentrional por 56. Mas do total de 204 milhões, as relações com a metrópole representam apenas 91, sendo 113 de relações com posse-

¹ A dependência da Inglaterra é geral a quasi todas as nações. Eis aqui os algarismos de 1890: (milhões de libras).

	Importação	Exportação
Estados Unidos	97	46
França	45	25
Allemanha	26	30
Hollanda	26	16
Russia	24	9
Suecia-Noruega-Dinamarca	19	10
Belgica	17	13
Hespanha e Portugal	8	8
Italia	3	8
Turquia	5	7
America do Sul	13	21
China	6	9
Austria-Grecia-Rumania	8	4

sões ingleses e com mercados estrangeiros. Se na Australasia estas ultimas representam apenas 16 milhões sobre um total de 133; se na Africa Austral representam menos de 2 milhões sobre o total de 15: no Canadá, o caso muda de figura. Sobre o total de 56 milhões, metade é estrangeiro; e o mais grave é que as relações commerciaes externas tendem a subir, enquanto as nacionaes declinam. De 15 milhões que eram em 1875, são 10 apenas em 1890; ao mesmo tempo que o commercio estrangeiro subia de 26 a 46 milhões.

O estabelecimento de direitos diferenciaes é o remedio preconisado para nacionalisar o commercio colonial, permittindo assim á metropole abastecer-se de alimentos e materias-primas na área dos seus dominios, e libertar-se da dependencia dos estrangeiros. O *zollverein* imperial prende-se directamente, como é obvio, com a politica externa da Inglaterra; a qual, por seu turno, depende essencialmente da direcção centralista, ou federalista, que tomar a constituição do Reino-Unido. Mas, no systema das questões internas, a politica constitucional relaciona-se, intima e directamente, com o proteccionismo reclamado pela agricultura, e condemnado pela industria e pelo operariado como encarecendo a vida; relaciona-se com o jacobinismo politico da extrema esquerda *whig*, e com o socialismo do proletariado que reclama leis de protecção e emancipação.

Não parece indicado que a Inglaterra entre n'um caminho de proteccionismo rural, analogo ao franzez, pois a agricultura ingleza está condemnada pela transformação da metropole em officina e banco de um grande imperio; mas este proprio facto engrandece as proporções, e aumenta a gravidade do jacobinismo e do socialismo.

Nos campos, o proprietario perde todos os dias

a sua influencia, ao mesmo tempo que o alargamento do censo eleitoral multiplica o numero dos votos ruraes. A maioria dos proprietarios é conservadora; mas a maioria dos votantes é radical, ou pelo menos liberal. Antigamente, a Inglaterra chegou a realizar uma reprodução da Roma republicana e senatorial: uma democracia governada por uma aristocracia. A opinião reinava e os grandes governavam. As velhas famílias fabricavam o pessoal necessário para as funções publicas: ministros, deputados, generaes, diplomatas. Hoje, o caso é inteiramente outro. Com a expansão do imperio e com a acumulação da riqueza, no régimen natural da concorrência e da selecção animal, desapareceu a classe média remediada, quer nos campos, quer nas cidades; e ao mesmo tempo a aristocracia histórica cedeu o imperio a uma plutocracia. O vasto e sólido strato de pequenos proprietarios ruraes, base social da nação francesa, dá estabilidade à sua democracia, armando-a contra os desvairamentos demagogicos e contra as allucinações anarchistas das plebes urbanas. Em Inglaterra, onde, perante uma minoria de plutocratas, se agita a multidão proletaria, a democracia só encontra um escudo contra os desvairamentos anarchistas no bom senso fleugmatico do genio nacional, e na sua antipathia pelas idéas geraes systematicas.

Mas a propria nitidez d'esta situação social mostra, sem necessidade de mais explicações, como o campo é adequado para a sementeira demagogica e socialista; e como a consequencia de um tal estado é a confusão e o enfraquecimento dos partidos politicos históricos. A historia agora é outra. O espirito conservador inglez, de quando era aphoristica a phrase *Nolumus leges Angliæ mutari*, acabou. Se o *imperialismo* e as inclinações para o so-

cialismo de Estado, á moda allemã, rejuvenesceram o partido *tory*, é positivo que as suas raizes aristocratas lhe prejudicam a acção. Por outro lado, os *whigs* são já verdadeiramente *cabelleiras* no seu radicalismo individualista e philanthropo, pois a era do *puritanismo* passou para a Inglaterra, revolvida pelos interesses de um enorme imperio, e atormentada pelas contendas asperas das classes industriaes hostis, patrões e operarios. Os partidos velhos acabaram de facto com o cyclo historico d'onde provinham: acabaram de facto, embora se conservem os nomes, pela influencia pessoal de chefes quasi posthumos, como Gladstone que indiscutivelmente sobrevive. A democracia ingleza encontrará, porém, certamente, uma formula e um partido novo que satisfaçam ao mesmo tempo as exigencias externas do imperialismo e as necessidades internas da lucta ardente do proletariado industrial, evitando os perigos parallelos da demagogia e do anarchismo, tão mortaes como a resurreição anachronica do puritanismo *whig*, isto é, *cabelleira*.

XXVII

Como se sabe, em Inglaterra, o *meeting* funciona ao lado do parlamento, á maneira dos comicios romanos que tambem eram, ao lado do Senado, uma quasi instituição representativa. É nos *meetings* que a opinião publica se define e se formula; e como tambem no *forum* romano havia permanentemente oradores praticantes da vida politica, ou da advocacia, assim sucede em Hyde Park, onde todos os dias ha quantidades de pequenos comicios. O orador sobe a um banco, sobre a relva; os ouvintes

fazem roda. Os assumptos são por via de regra bíblicos, ou políticos.

Um dia que, passando no *park*, parei a examinar este phänomeno, a primeira exhibição que vi foi a de tres pinheiros esguios e vermelhos, na pelle e nos cabellos, com as suas longas sobrecasacas pretas penduradas nos hombros, cantando psalmos. A roda do povo, uma centena de pessoas, na maioria mulheres e creanças, pareceu-me indifferentes e por vezes até disposta á mofa. Para outro lado, havia um velho de barbas brancas com a *Biblia* aberta na mão, lendo textos e fazendo commentarios piedosos e philanthropicos, n'uma voz agreste, dando á falla uma entonação ao mesmo tempo arrastada e plangente. Era comico. Produzia pequeno efecto. Não vi que o escutassem mais que duas velhas pobres, e um gaiato que lhe fazia esgares. Mais além, vi, porém, um grande ajuntamento e uma vozeria consideravel, com estrepitos de gargalhadas, e uivos e guinchos de alegria. Que era? Acerquei-me, acotovellando a turba para penetrar até ao orador.

Era um homem moço, operario, trajando, como todos, á burgueza, de chapéu de côco e *frak*, e falando com uma impetuositade, uma abundancia e um pittoresco, devéras notaveis. O seu discurso enfiava um rosario de casos commentados por parabolás. Não argumentava com raciocinios e deduções: fallava ao espirito pratico, ao sentimento, e ao *humour* dos ouvintes. O thema era as eleições. Em quem deviam os operarios votar? quaes preferir? os *tories*, ou os *whigs*?

— A gente do sr. Gladstone, dizia o orador, accusa lord... (não me lembra que lord) por pagar quinhentas libras por anno ao seu intendente das estrebarias. Mas que temos nós com isso? O dinheiro é d'elle, gasta-o conforme lhe apraz. Agora

observo eu, *I say now*, que é muito mais grave o caso dos srs. Colman & C.^a (os fabricantes de conservas) que teem carruagens, creados e cavallos, á custa do trabalho de centenas de operarios, que exploram, impondo-lhes dias de onze horas, e dando-lhes férias de dez shillings...

— *Hear, hear*, clamava a assembléa.

— E Colman & C.^a são dos amigos do sr. Gladstone. É dos radicaes que temos a esperar alguma cousa?

— *No, nothing!*

Effectivamente, Gladstone estava dando o *home rule* como *platform* ás eleições, sem se pronunciar sobre as questões sociaes, especialmente sobre o dia de oito horas. E tanto isto lhe ia custando a perda da campanha, que á ultima hora mudou de rumo, e abertamente se pronunciou pelo dia de trabalho legal, na doutrina dos 8 8 8: oito horas para a educação do operario; oito horas para o descanso; oito horas para ganhar, com a féria, o pão.

Não pode haver prova mais eloquente da influencia decisiva que, nas eleições d'este anno, tiveram as classes operarias; e não tanto pela apresentação das candidaturas que no proximo parlamento constituirão o nucleo do *labour party*, como porque, ampliado conforme está o suffragio, as plebes proletarias são o elemento decisivo no debate das eleições entre partidos, já quasi por completo transformados em clientelas pessoas. Perante a plutocracia que se substituiu á aristocracia rural historica, levanta-se a columna espessa dos proletarios, reclamando melhor talher no banquete da vida. E a prova do fundamento com que reclamam (o que não quer dizer da sensatez de tudo o que reclamam) está nas proporções da caridade official ingleza.

Voltando de Gravesend, no vapor, tive uma longa

conversa com um velho carpinteiro-de-machado que recolhia *up to London*. Parecia um santo homem.

— Custa menos viver a dois do que sósinho; dia-me o pobre que por isso se casára, como todos.

— Tenho de meu uma mulher, não partilho com ninguem!¹ Mas esta consolação dura pouco. Vem os filhos com uma rapidez desoladora; e pelos doze ou quinze annos mais proximos, não é possivel pôr de parte um *penny*. Depois, ha um desafogo: quando os mais velhos já podem sahir e ganhar alguma cousa. Muitos poucos fazem muito. É o periodo afortunado, em cujo declinar se desenham os prenuncios de miseria futura. A edade cresce, o corpo gime, as forças diminuem. Os patrões olham com desconfiança para os cabellos já russos, para o peito curvado: hesitam em admittir-nos. Vem um que, por favor e compaixão, offerece dois *shillings*, ou meia coroa menos do que o preço corrente do trabalho. Ganha-se menos, paciencia! mas tambem o trabalho é mais suave. À mesa, porém, cada vez mais núa melancolicamente pensamos, que a velhice, inverno da vida, bate com violencia á porta... Até certa epocha, os filhos foram excellentes para os velhos. Mas andam todos longe, por fóra, ganhando a vida. D'antes, mandavam algumas porções de dinheiro para casa: agora... Já teem queridas, *sweethearts*, já se casaram, já teem filhos, e não podem dispensar um *penny*. É fortuna quando não chega o dia de recolher a filha, batendo á porta com um bastardo ao collo...

E o carpinteiro, depois de traçar d'esta forma o quadro typico da vida operaria, contando talvez a sua propria historia, deixava cahir a cabeça sobre

¹ *I ha'e a wife ó my ain, I'll partake wi'naebody.*

o peito, quem sabe? lembrando-se, porventura, do dia em que a Ellen fôra deitar-lhe em casa o fruto dos seus amores vagos, e fugira de novo, batendo as azas... Pobre velho!

Em Inglaterra nunca houve cousa semelhante ao terremoto da revolução franceza, copiada mais tarde pelos paizes latinos; nunca se destruiram de todo as velhas corporações de officios, jurandas, ou *guilds*, em nome de uma falsa liberdade concebida por cabeças duras de juristas secos. Das *guilds* históricas sahiram, no primeiro quartel do seculo, as *trade's unions*; e sobre essas corporações de officios, se crearam as *uniões* novíssimas, ampliadas aos trabalhadores braçaes.

Das leis de 1825 data a era moderna das *trade's unions*. 1833-1834, com as suas *grèves* geraes, está para as modernas associações corporativas, como 1889 e a famosa parede das dockas de Londres para o novo-unionismo, em que se agremiam, não sómente os officiaes de officio, como os simples trabalhadores, *skilled* e *unskilled labour*. Thomas Burt é a principal figura do movimento anterior; John Burns, o *leader* do unionismo actual.

É ao mesmo tempo viril e ingenua, *sympathica* e generosa, a figura de Thomas Burt. Operario mineiro, educou-se a si proprio, como Stephenson, nos intervallos do trabalho. A influencia preponderante e a auctoridade que ganhára entre as populações mineiras, instituindo e organisando o syndicato das associações operarias; estabelecendo o pagamento de quotas fixas; tendo já em 1871 aggremiado e arregimentado dezesete mil socios, constituido para a sociedade uma renda annual de dez mil libras, com um fundo de reserva de vinte e cinco mil; prégando a abstinencia do alcool, o grande inimigo do trabalhador inglez; chamando os operarios ao caminho

dos bons costumes e dando-lhes consciencia da sua força pela comprehensão do seu dever: toda esta longa obra de regeneração, em que as qualidades solidas do genio inglez se manifestam superiormente, fizeram com que, em 1873, Burt, que tinha então trinta e sete annos, fosse eleito deputado pelos mineiros. O subsidio (indispensavel a um proletario) era pago pelo cofre do syndicato. E desde 1873 até agora, Burt tem conservado o seu lugar no parlamento, apesar das repetidas rixas travadas com os seus eleitores. Um vento novo de guerra social agitava o proletariado, mas Burt, fiel ás antigas idéas, oppunha-lhe sempre a sua «convicção de que é pela educação, pela associação, pela cooperação e por movimentos pacificos de carácter analogo que de futuro serão resolvidos os problemas afflictivos do presente».

O pensamento conservador formulava-se no proprio seio do proletariado. O instincto inglez da prudencia conseguiu conter por um tempo a inundação borbulhante.

XXVIII

O grande argumento do libello contra as *trade's unions* era que, instituidas segundo os moldes capitalistas, com um fim de previdencia, se tinham tornado conservadoras. Os soccorros, as reformas, as pensões, os enterros: toda a especie de subsídios prestados e garantidos, dando segurança ao viver actual do operario, desviavam-no da campanha necessaria para a sua emancipação como classe. Os proprios benefícios alcançados, levando á resignação, eram perniciosos. Depois, as *trade's unions*, sucedendo ás *guilds* historicas, eram corporações de officio, e deixavam de fóra, ao desamparo, a legião

vasta e miseravel dos trabalhadores braçaes, *unskilled labourers*.

A grande *strike* das docas de Londres em 1889 inicia um periodo novo. O trabalho das docas é o ultimo refugio de todos os naufragos da sociedade. Quem nunca viu uma vez a multidão de miseraveis que todas as manhãs se accumula ás portas, esperando a esmola de um jornal de trabalho, não faz inteira idéa do que é no mundo a desgraça, nem a extravagancia resultante do choque dos elementos sociaes no auge da civilisação. Um Danto da nossa idade poria as scenas d'esse genero no derradeiro circulo do seu inferno. Paire no ar uma atmosphera de vicio, respira-se o cheiro acre da immundicie miseravel, vêem-se os detritos e farrapos nojentos da vida civilizada. A multidão dos párias vem de toda a parte: são moços de lavoura a quem a terra ingrata repelle os braços, são moços da cidade vencidos na lucta da concorrencia descarãoavel, são lojistas fallidos, são artifices sem trabalho, são soldados, são caixeiros: todas as classes confundidas pela fome niveladora, no meio da multidão espessa dos vagabundos alcoolisados dos bairros do *East End*, quasi selvagens repellentes, com o olhar baço, a pelle em escaras, os andrajos esfarrapados, á espera de ganhar uns *pence*, carregando fardos, para depois os gastarem, embrutecendo-se, no *gin palace* da *Commercial road*.

Burns se chama o apostolo do *unionismo* novo, saído da gréve colossal de 1889, e que no anno seguinte conseguiu que o congresso de Liverpool, apesar de presidido por Burke, votasse o dia legal de oito horas. A idéa nova das reivindicações proletarias saiu então da esphera historica das corporações de officio, e dos limites particulares e conservadores do espirito inglez, para o campo aberto

da solidariedade de todo o trabalho, officinal ou bracial, *skilled* ou *unskilled*, e para a grandeza de uma lucta geral e revolucionaria do proletariado contra o capitalismo, á maneira do continente.

A idéa dominante até então fôra o *self help* clásico, o particularismo: cada qual tratar de si, sem se importar como vão e como são as cousas em volta. Em Liverpool, o pensamento vencedor foi, pelo contrario, um socialismo de Estado, semelhante por muitos lados ao francez e ao allemão. O congresso votou a conveniencia de se crearem bolsas de trabalho, cousa antipathica ás antigas corporações de officios; a utilidade da instituição de officinas municipaes ou communaes; e finalmente a necessidade de uma lei, *act of parliament*, fixando em oito horas o dia legal de trabalho. Estavam representadas no congresso de Liverpool 311 *trade's unions*, isto é, o quarto, ou talvez o quinto, do numero total d'essas associações, antigas e novas. Mas a questão do dia de oito horas (que, de resto, Gladstone se comprometteu a propôr ao parlamento) levanta séria resistencia entre os proprios operarios, para quem importaria, em muitos casos, uma reducção de salario. Assim, o congresso de novembro de 1891, reunido em Newcastle, votou uma moção contraria ás resoluções do anno anterior em Liverpool.

Como quer que seja, o *unionismo* novo deu uma feição tambem nova ao movimento do proletariado britannico, estimulando a propria existencia das instituições antigas, e imprimindo a unidade de um partido em accão ao que antes eram apenas as instituições defensivas de classes particulares de operarios. Um dos caracteres mais geraes e mais symptomaticos da evolução das *trade's unions*, nos ultimos annos, é, com effeito, a fusão e amalgamação successiva por identidade de profissões. Assim, o

numero total de institutos não tem crescido, mas teem augmentado muito as suas proporções. Em 1861 havia 2:000 sociedades com um milhão de associados; hoje o numero de sociedades não será maior, mas o de associados triplicou, ou quadruplicou. Os machinistas, por exemplo, eram 33:000 associados em 1869, e 67:300 em 1890. Os carpinteiros e marceneiros galgaram, de 9:305, a 31:784; os alfaiates, de 3:994, a 15:276; e assim á proporção. Estas notas que aqui vou colligindo são do livro de G. Howell, deputado e antigo pedreiro, que tem por titulo *Tradeunionism New & Old*.

As sociedades fusionadas transformam-se em *lodges*, ou succursaes da séde: assim, os carpinteiros e marceneiros teem 501 *lodges*; os alfaiates 355; os machinistas 497, das quaes 418 no Reino-Unido, 42 nos Estados Unidos, 32 nas colonias inglezas, e o resto no estrangeiro.

D'estes factos inferem-se duas considerações, qual d'ellas mais grave. A primeira é que o *unionismo* moderno solidarizou todo o pessoal de cada officio, passando por cima das distincções de local: facto gravissimo para a estratégia das campanhas, ou *strikes*, da guerra social. A segunda é que, apesar do alistamento dos trabalhadores braçaes nos exercitos combatentes do proletariado inglez, a organização mantém ainda os quadros tradicionaes, baseando-se sobre as classes de profissões. Esta circunstancia é decisiva para o futuro das campanhas, pois não ha as associações universaes revolucionarias do continente, onde predomina o espirito abstracto, e onde se insinuam facilmente os pescadores politicos de aguas turvas.

A contribuição varia de sociedade para sociedade; mas o minimo de quota e accessorios é de um *shilling* por semana. Se computarmos em tres milhões

os associados, encontramos receitas annuaes de oito milhões de libras. Não é nada de espantar. Treze sociedades apenas, a dos machinistas, caldeireiros, serralheiros de machinas, fundidores, moldadores, ferreiros, carpinteiros, pedreiros, assentadores de tijollo, alfaiates, compositores, impressores, e carruageiros, que em 1869 tinham a receita annual de £ 192:787, tiveram em 1889 a somma de £ 531:486: os reditos triplicaram.

E por outro lado, as despezas diminuiram relativamente. Em 1869 foram de £ 225:468; em 1879 de £ 614:417; em 1889 de £ 388:054. A maneira que as proporções das sociedades crescem, a captação dos encargos normaes baixa; ao passo que, á medida que a força das associações aumenta, diminue a frequencia das batalhas, ou *strikes*, origem de encargos anormaes, como os que fazem avultar a despesa em 1879.

Nos mesmos tres annos de 1869, 1879 e 1889, respectivamente, o saldo em caixa, ou thesouro de guerra, das treze sociedades estudadas, era de

£ 126:422
£ 309:373
£ 623:064

E se os saldos se encontram na mesma relação que suppus para os reditos, o thesouro de guerra actual do proletariado britannico deve attingir a somma já respeitavel de dez milhões esterlinos, ou 45:000 contos de réis, ao cambio par—que é para nós uma saudade do passado!

Esta circunstancia, posta ao lado do caracter da organisação por officios, está claramente indicando que, seja qual fôr o futuro da guerra social na França, ou na Allemanha, esse futuro na Inglaterra

será diverso, como é diverso o genio do povo inglez. Nem me parece que o jacobinismo afrancezado da cauda extrema do radicalismo possa medrar; nem que o anarchismo á francesa possa tambem fructificar. Tambem não creio no advento d'elle em França, onde a democracia está defendida por uma legião de pequenos proprietarios ruraes, ponto de apoio social da republica presente contra a demagogia urbana, e explicação politica do proteccionismo rural francez. Mais depressa é para temer uma catastrofhe d'essa natureza na Allemanha, já pelo genio ao mesmo tempo idealista e mystico do povo onde se ergueram os anabaptistas; já porque ahi o socialismo préga a revolução radical por via da revolução politica, acclamando o advento de um estado socialista; e os governos, sem poderem deixar de transigir até certo ponto n'este sentido, não teem outro apoio para defender a ordem publica, senão o regimen do militarismo.

Em Inglaterra, nem ha militarismo, nem classe média. O exercito são apenas cem mil homens na metropole. As Indias, o Egypto, as colonias, contam o dobro de soldados, ingleses e indigenas; mas estas forças não importam para o caso de que agora tratamos. No Reino-Unido são cem mil soldados contratados: serviço democratico militar não ha, como se sabe. E são além d'isso uns cento e oitenta mil voluntarios, milicianos, ou guardas nacionaes, que talvez podessem servir em caso de invasão, mas sem valor para o de revoluções intestinas. Militarismo não existe, portanto; classe média tambem não, nem nos campos, nem nas cidades.

Simplificada, a situação apresenta-se nitidamente: perante uma plutocracia, um exercito de proletarios, armados já com direitos politicos. A victoria constitucional do *labour party* não me parece, por-

tanto, difficil de prophetisar. Mais difficil é dizer o que farão d'ella. Irão, á franceza, ou á allemã, pôr a sociedade ao avesso, architectando uma qualquer *civitas solis*? Não teem, felizmente para elles, imaginação que dê tanto. E sobram-lhes as qualidades solidas da prudencia.

Quanto a mim, succederá que, n'este typo da sociedade capitalista, onde, por isso mesmo, as consequencias se observam melhor e mais cabalmente, a questão se resolverá por si propria. O capital, chegando ao apogeu da sua expansão, encontrarse-ha sem valor. Já hoje o desconto anda abaixo de 1%. E o trabalho, organizado cooperativamente, e os operarios, educados no tirocinio da historia, alcançarão o que está na natureza das cousas, isto é, o governo de uma sociedade industrial, e o produto integro da producção.

Quanto a mim, dos tres grandes povos industriaes da Europa, o inglez, o francez e o allemão, será o inglez o primeiro que ha de encontrar a formula practica da constituição da sociedade futura do trabalho. E isto por uma razão simples: é porque é o povo em que as faculdades racionaes ou inventivas menos valem, sendo aquelle que mais obedece aos instintos naturaes de conservação da especie.

XXIX

«É tal a perversidade do homem, que os seus desejos são insaciaveis. Primeiro contenta-se com dois obolos; desde que os obteve, quer augmentos successivos e illimitados. Por sua natureza, a co-

biça é infinita, e todavia a existencia da maior parte dos homens passa-se na procura dos meios de a satisfazer».

São de Aristoteles, no livro segundo de sua *Politica*, estas palavras que nos deixou de um tempo, em que a ruina das democracias hellenicas, vencidas pelo imperio macedonio, permittia ao educador de Alexandre estudar retrospectivamente as instituições da sua raça. Desde que os cidadãos conquistam a liberdade civil e política, principia o empenho para alcançar a igualdade das riquezas. Esta observação do stagyrita volta a realisar-se no nosso tempo.

Se o industrialismo das classes dominantes, se a furia de ganhar, invadindo todas as classes, e creando o que já está denominado como *capitalismo*, e consiste na generalisação das velhas formulas de especulação e das artes exclusivas do commercio de mercadorias: se a aventura e o jogo bolsista regem agora o mundo economico, confirmando as primeiras palavras de Aristoteles, as classes trabalhadoras que no tempo d'elle eram escravas, depois de libertadas, entram em scena, formando, com as suas grèves, strikes, huelgas ou paredes, o côro da grande tragedia do Dinheiro, n'este ultimo quartel do seculo XIX.

A guerra social, de que por enquanto apenas vimos escaramuças e uma unica batalha, a Communa de Paris, em 1871, será o fundo sombrio da vida do seculo em que vamos entrar breve.

E essa ambição de igualdade que Aristoteles considera como consequencia indispensavel da liberdade politica, havia de, por força, aparecer primeiro n'aquelle nação onde tal doutrina era tradicional; onde o direito do suffragio e a representação primeiro se estabeleceram modernamente, para

de lá serem transportadas ao continente europeu. Conflictos entre operarios e patrões houvera sempre, em toda a parte; de insurreições, jacquerias, tumultos de proletarios e escravos, está cheia a historia antiga e moderna; mas este processo de reivindicação consciente por meios legaes e constitucionaes, declarando guerra ao capital com a suspensão do trabalho, combatendo com o sacrificio voluntario do pão de cada dia, associando-se, creando cofres de resistencia e socorro para a hora da crise: tudo isto appareceu pela primeira vez no nosso seculo e em Inglaterra.

Outro motivo ainda, fazia com que assim fosse, porque os jazigos de carvão e ferro da Grã-Bretanha davam a primazia industrial a esse povo, em cujo gremio tinham nascido Stephenson e Harkwright. Tinham os thesouros da materia prima industrial, e tinham a genio da invenção mechanica. Estavam destinados a exercer, primeiro que ninguem, o imperio da grande industria fabril.

Por taes motivos, pois, as *strikes* são uma invenção collectiva do operariado fabril inglez no nosso seculo; surgem com o desenvolvimento da industria britannica, engrandecida com a descoberta da machina de vapor; e nada admira, antes é obvio, que rebentem perante a concorrencia que o braço humano encontra na accão brutalmente esmagadora das machinas fabris: braços de aço a que o vapor é sangue, braços infatigaveis, braços que, como os de Briareu, se multiplicam, dispensando os homens, reduzidos á sorte immediata de emigrarem, ou morrerem á fome.

A grève dos fandeiros e tecelões de algodão do Lancashire, em 1810, foi o primeiro ensaio; a que logo, em 1812, succede a *strike* de Nottingham, em que os operarios destroem as *carruagens* de fiação.

e os teares mechanicos. 1815 é a data funebre da grève dos tecelões de Manchester e de todo o centro da Inglaterra, em que houve *meetings* de cem mil homens, e um conflicto com a polícia, morrendo meio milhar de pessoas. Era a primeira batalha sangrenta.

Outras classes de operarios seguiram o exemplo. Em 1820, foram os tecelões de lã. Em 1822, os carpinteiros. Em 1825, entram em scena os carregadores de embarque e carpinteiros navaes (*shipwrights*) do Tamisa, cuja campanha se repete em 1839, no Clyde. Em 1834, são os estampadores de Kelvin-dock arruinando os fabricantes, precipitando na fome duas mil familias. Depois começa a batalha nas minas de carvão em 1831, em 1844 nas hulheiras de Durham, em 1849 nas de Marley Hill. Os machinistas de Manchester levantam-se em 1837 e em 1851; e os operarios do algodão, depois da sangrenta catastrophe de 1815, voltam a declarar grèves em 1829, 1830 e 1836 em Preston, e em 1829 em Manchester.

A guerra já tinha no meiado do seculo outro caracter. Comegando pela opposição ás machinas fabris, o operario já via que a sorte das cousas o condemnava á condição de servo d'esses operarios de aço, que multiplicavam e embarateciam enormemente a producção. Barateando-a, abriam os mercados de todo o mundo. O consumo parecia illimitado. Trabalho não faltaria, pois.

E esta propria revolução, experimentada pela industria, tornava mais facil o desabrochar da cubica operaria. O fabricante, em vez de se emancipar, collocára-se ainda mais na dependencia do trabalhador. A interrupção de uma officina manual não é ruinosa. Cessa o trabalho, pára o dispendio. Mas n'uma officina mechanica, onde é enorme o capital

immobilisado, o juro esmaga quando se não trabalha. A machina come sempre. É dinheiro que reclama salario.

Por outro lado, a complexidade e a vastidão das operações commerciaes de uma industria de exportação, ampliada a todo o mundo, eram nova causa de prejuizos enormes com as suspensões de trabalho.

O operario percebeu, pois, que passára á condição de engrenagem indispensavel de um vasto machinismo; adivinhou que, com a simples abstenção podia ameaçar de morte a construcção inteira; viu que o fabricante estava á sua mercê e que chegára o momento de poder exigir melhores condições de vida.

Para o conseguir, porém, era mister associar-se, pois enquanto os patrões podessem ir ao mercado de homens buscar substitutos para os refractarios, as reivindicações isoladas seriam estereis e de consequencias funestas para os seus autores apenas.

Com o instincto pratico peculiar da raça saxonica, o operariado inglez achou logo a instituição adequada aos seus intuitos nas *trade's unions*, associações corporativas que davam solidariedade a todos os officiaes de um mesmo officio, afastando assim os perigos da concorrecia na hora da lucta; ao mesmo tempo que creavam os cofres para subsidiar a guerra, impedindo tambem as emprezas aventurosas. Desde logo as *grèves* se tornaram organicas no regimen do trabalho industrial inglez, perdendo o caracter historico de luctas temerariamente provocadas pela paixão, ou pelo desespero.

Por este tempo, no meiado do seculo, a Inglaterra, inaugurando a primeira exposição universal em 1851, em Sydenham, affirmava o caracter, universal tambem, que a sua industria adquirira, e

a edade nova que se abria para a producção fabril.

E não é necessaria uma perspicacia extrema para ver como, internacionalisada assim a industria, aberta à concorrencia em todo o mundo, as mesmas idéas que tinham levado á invención das *trade's unions*, haviam de tambem amplificar-se, internacionalisar-se, abrangendo na solidariedade do trabalho todos os operarios europeus.

Essa semente, porém, só mais tarde germinaria.

Não se imagine todavia que, até 1851, o continente desconhecesse as *grèves*: pelo contrario. A estatística accusa, no periodo que decorre de 1830 a 1860, na Belgica, 1611 operarios processados por delicto de coalisão; sendo 1090 condemnados a multa ou prisão, e 521 absolvidos. Em França, o anno de 1831 vio a terrivel *grève dos canutos*, de Lião, que deram o motto para a insurreição medonha de junho de 1848, em Paris: *Vivre en travaillant ou mourir en combattant*. O anno de 1833 é cheio de pequenas *grèves*; em 1845 ha a dos carpinteiros de Paris, e dois annos antes houvera a dos mineiros de Rive de Gier.

Mas o caracter subalterno da industria fabril continental, a menor educação das suas classes operarias, e a mistura de idéas politicas da tradição utopista do socialismo de Fourier e Saint-Simon: tudo isto eram causas para que até então o movimento fosse capitaneado pelos ingleses, restricto como se achava aos limites da Grã-Bretanha.

A idéa de internacionalizar as *trade's unions*, dando ao movimento operario um caracter cosmopolita, teve um principio de execução no banquete de St. Martin's Hall em 1864, poucos mezes depois de votada em França a lei das coalisões que tornava as *grèves* legalmente possiveis.

Esse direito novo de resistencia collectiva dos operarios, iniciado pela Inglaterra, transferia-se para o continente e era, explicita ou tacitamente, admittido em todos os estados, dando liberdade ás coalisões de operarios para deliberarem e suspenderem o trabalho em commun, forçando os patrões a conceder-lhes condições mais vantajosas.

Se, em these, o salario, como diz Max Wirth, se regula como o preço das demais mercadorias, é facto que o mercado do trabalho não acompanha as oscillações dos productos. Durante os periodos de transição, frequentissimos, os patrões, porém, apressam-se a baixar os salarios, sendo naturalmente remissos em os elevar. E sobretudo em paizes onde variem muito as condições dos meios de circulação, onde reine a moeda de papel, onde os preços oscillem gravemente, as desvantagens para o operariado serão consideraveis.

O fundamento constitucional das *grèves*, no regimen industrial do nosso seculo, acha-se formulado n'estas palavras do sabio prescrutador allemão das leis do trabalho no seculo XIX. Mas a verdade é que, se no primitivo pensamento creador das *trade's unions* não entrava mais do que a ambição de trazer o salario á norma, agora, isto é, na segunda metade do seculo, a internacionalisação da concorrencia industrial, o exito das *grèves* repetidas, as reformas da legislacão dos paizes, a crise da republica de 1848, a politica socialista do segundo imperio francez, e a accão do idealismo pratico dos allemães, conspiravam para dar um programma mais vasto, geographicamente e socialmente, ao movimento de resistencia operaria.

No espaço que decorre entre a exposição de Londres em 1851 e o banquete de St. Martin's Hall em 1864, já em Inglaterra, já no continente, as

grèves tinham-se generalisado, tinham-se repetido, tinham-se accentuado de um modo victorioso.

Na Belgica, ha n'esses treze annos 446 processos de *grèvistas*. Em Inglaterra, além das *strikes* dos operarios constructores de Londres em 1859 e 1861, as campanhas declararam-se, sobretudo, nas minas e na metallurgia: em 1853, são as carvoarias de Leeds e do Durham; em 1858, é o Yorkshire com dez mil operarios em *grève*; em 1862, são os altos fornos de Chatam e de Leeds; em 1863 e 1864, é a *strike* geral das minas de carvão do Reino Unido.

Como se vê, a Inglaterra ainda então presidia a um movimento que, porém, adquirindo agora caracteres novos, ia internacionalisar-se.

A organisação da Internacional, a publicação do evangelho operario, o *Das Kapital*, de Karl Marx, e a adhesão dos operarios e radicaes franceses á nova seita, são os factos capitales do periodo novo em que entrava o movimento. Ao mesmo tempo que se fundava uma *trade's union* universal, abrangendo todas as nações e todos os officios, apparecia o livro destinado a fornecer a theoria economica e historica d'essa revolução, que desde a applicação das machinas industriaes surgira, empirica e espontaneamente, em Inglaterra.

Karl Marx ergueu-se como o Papa do proletariado. Escriptor possante, dotado de um saber vastissimo e de uma força de analyse abstracta extraordianaria, o seu livro annunciava ao operariado uma éra nova. A doutrina, ainda hoje de pé, summarisa-se no seguinte: Feitas as contas ao valor venal das mercadorias, vê-se que o trabalhador recebe como salario uma pequena parte do producto liquido. Porque? porque o capitalista retém em seu poder as machinas e instrumentos de trabalho, sem os quaes a producção é impossivel; e detentor d'este

quasi monopólio, usurpa a parte do valor integral que legitimamente pertenceria ao operário, único produtor.

O capital, portanto, não passa de um furacão, vicio mantido pelos erros e cegueira da história, e absurdo perante a crítica económica. D'ahi, portanto, a sanção da guerra social. As *grèves*, universalizadas e tornadas possíveis pelo estabelecimento da solidariedade cosmopolita dos operários, irão reduzindo, cerceando, até annullarem, o como que tributo lançado pelo capital à produção, e atribuindo ao trabalho o producto integro.

Os edifícios, as máquinas e instrumentos, em vez de serem propriedade individual, hão de passar ao domínio das comunas operárias, para n'ellas e com elles os trabalhadores poderem exercer os seus ofícios.

A esta doutrina chamaram collectivismo, removendo por tal fórmula o comunismo clássico. Transferida para o continente, a guerra operária adquiriu logo o carácter de generalização e idealismo, estranho à Inglaterra. Contribuía o allemão dando-lhe o valor de uma revindicação histórica, ampliando-lhe a acção ao mundo inteiro; e Marx vinha com o seu espírito matemático, abstrato, seco e ariamento positivo, suceder às predicas poéticas do messianismo redemptor de Lassalle, que para muitos parecerá um Christo da igreja nova. Marx era o seu santo Agostinho, fundador da doutrina.

Ainda então a Alemanha não contava no mundo, como poucos anos depois veio a contar. Ainda não havia império; ainda não havia uma grande nação, disposta e decidida a concorrer com a Inglaterra e com a França no mercado industrial. Ainda a França estava à frente da Europa, sustentando o Império, já com dificuldade, porém, o sceptro da política internacional.

Paris era ainda a capital da Europa politica; e a França, graças á administração imperial, tornára-se um concorrente sério da Inglaterra fabril. Em França, em Paris, portanto, havia de radicar-se a nova doutrina, se, com effeito, queria conquistar o mundo.

As velhas utopias de Fourier e Saint-Simon, que na primeira metade do seculo allucinavam os cerebros francezes, tinham naufragado despedaçadas, não só pela fusilaria das tropas nos crueis dias de junho de 1848, como tambem pela critica invencivel do demolidor Proudhon.

Mas, embora despedaçadas, d'essas illusões antigas restava mais de um sectario, educado no genio da conspiração; e da critica proudhoniana, por tantos lados identica ao verbo novo de Marx, havia tambem, em camadas mais novas, discipulos e entusiastas.

Sobretudo havia em França o que é proprio do genio gaulez em todos os tempos: o espirito quasi infantil de opposição, agora exacerbado pelas vitorias do liberalismo republicano contra o imperio, e o instincto de cabala politica e revolucionaria.

A consequencia de tudo isto foi que a Internacional, nascida das *trade's unions* inglesas, generalisadas, systematisadas, como doutrina e como acção, pelo genio allemão, se tornou em Paris uma sociedade revolucionaria. Encontrada como estava a nova formula redemptora, era necessario derrubar o Imperio, crear uma França nova, uma outra Europa: o mundo inteiro creal-o de novo, sobre as ruinas fulgurantes do velho mundo rido de cancros. Exaltada, a imaginação franceza tomou o freio nos dentes.

Ao lado da Internacional que era uma sociedade mais ou menos legal, e publica em todo o caso, creou-se uma sociedade secreta, onde os iniciados

aprendiam todo o alcance de uma doutrina, todas as traças de um edifício, de que os estatutos da Internacional não eram mais do que andaimes. N'esta sociedade, a «Alliança», reuniam-se a flor do jacobinismo francez, os detritos das velhas revoluções, e os proceres do anarchismo incipiente.

Os missionarios espalhavam-se por toda a Europa, prégando secretamente a boa nova. Não havia capital sem federações da Internacional, ladeadas pelas secções secretas da Alliança dos iniciados.

Até Lisboa as teve. Depois do banquete de Saint Martin's Hall, já historico, houvera os congressos de Genebra em 1864 e 1866, e o de Lausanne em 1867, o de Bruxellas em 1867, proclamando-se por toda a parte, abertamente, a doutrina do collectivismo, isto é, a necessidade da expropriação dos detentores das fabrícias, das machinas e ferramentas, que ficariam na propriedade das comunas; bem como a expropriação das minas, pedreiras, caminhos de ferro, florestas e terras de lavoura, na posse dos estados.

Veio a guerra franco-allemã e o resultado do carácter novo que a guerra social tomára foi a batalha tragica da communa de Paris de 1871, em que tudo se desfez em sangue e incendios.

A historia posterior é diversa.

E já agora que nos embrenhámos n'este caminho, proseguiremos n'elle até ao fim, antes de voltarmos a Inglaterra.

XXX

Depois da catastrophe de Paris, que foi para o collectivismo de Marx como os dias de junho de 1848 para o Saint-Simonismo, entraram em scena elementos inteiramente novos. A democracia socialista, em vez de sahir victoriosa da batalha, sofreu o mais rude golpe. Em França, instalava-se a republica; mas ao lado, na Allemanha, erguia-se um imperio formidavel, arbitro dos destinos da Europa. Paris, decapitalisado politicamente, a França industrialmente subalternizada pelo tratado de Frankfort, eram as consequencias da grande guerra. E o imperio erguido na Allemanha, unificada pela Prussia, constituia-se como uma poderosa machina industrial, tendo á frente, além do imperador herdeiro da tradição cesarista dos principes da Prussia, o chanceller que fôra discípulo de Lassalle e se propunha atacar, pela protecção do estado e com a auctoridade, o problema do proletariado.

O internacionalismo, conforme se propozera antes de 1871, isto é, a republica operaria, tendo por capital Paris, e por espirito a democracia revolucionaria á francesa, passava, portanto, á historia. Desmembrada a Internacional, perseguidas as sociedades secretas, não quer dizer, porém, que se varressem do animo do proletariado as esperanças collectivistas. Caducaram as sociedades: a doutrina ficou. A accão das leis repressivas, o beneficio das leis protectoras, a propaganda do socialismo de estado, as prédicas do socialismo evangelico: nada d'isso bastou para que, na novissima Allemanha in-

dustrial, deixassem de apparecer os episodios da guerra operaria, nem a importancia crescente da democracia socialista.

A *grève* de Margarethe, na Westphalia, inicia para a Alemanha uma historia já longa para a França, para a Inglaterra, para a Belgica. Em 1882, são as hulheiras de Dux e de Brux, na Bohemia, que se sublevam, havendo conflictos graves com a força militar. Em 1885, levantam-se os pedreiros em Berlim; estalam *grèves* em Brunn. Na Westphalia, região mineira e metallurgica, pode dizer-se que as *grèves* se contam pelos annos; e que a ordem é, como a paz classica de Varsovia, devida ás espingardas do exercito.

Em Inglaterra, a serie das *strikes* não pára. Com o bom senso de ingleses, as *trade's unions* não se deixaram absorver pelo sonho utopico da Internacional. Continuaram a funcionar regular e normalmente, amparando os operarios onde quer que havia um conflicto.

Em 1865, são as minas de carvão e ferro, continuando a historia que deixámos interrompida no anno do banquete de St. Martin's Hall; são as minas de carvão que tornam a entrar em batalha, em 1867, no Yorkshire; em 1868, em 1871, em 1875, revolucionando todo o paiz de Galles, em 1877 e depois ainda. Os operarios das docas levantam-se no Clyde, em 1867; em Londres em 1872; e em outros pontos varias vezes, até á *grève* medonha de ha dois annos, apaziguada pela intervenção do cardeal Manning. Os vidraceiros fazem *grève* em 1868, e os operarios de construcção de Londres em 1872 e em 1877. E os fioandeiros e tecelões do algodão, classe por onde começára em 1810 o movimento de revindicação operaria, levantam-se em Belfast em numero de quarenta mil, no anno de 1874, para,

quatro annos depois, declararem a *strike* monstro, grèves terrivel generalisada a todo o Lancashire.

O *Economist*, registrando o numero das grèves inglezas, accusa 191 em 1877; 267 em 1878; e 327 em 1879, principalmente nas minas, e nas industrias metallurgicas, de construcção e textis. O movimento crescia. E se já hoje não surgem tanto as grèves enormes, com um caracter quasi tragico, é porque d'esses proprios conflictos veio a um tempo a força e educação do operariado, e a intervenção protectora do estado, que em parte alguma é mais real, mais practica, e mais efficaz do que em Inglaterra.

Em parte alguma, tambem, o governo é menos do que nos Estados Unidos; e á maneira que a república americana, pelo progresso industrial e pela densidade da população, se approximava das condições europeas, necessariamente se repetiriam, além do oceano, os phenomenos de á quem.

E repetiam-se, repetem-se, mas com esse caracter de originalidade extravagante, filho, a um tempo, da falta de homogeneidade do povo, da liberdade de manifestação das excentricidades, da ausencia de tradição, e do grau da loucura que por detraz do espirito pratico reside em todo o cerebro saxônio.

Em 1869, um certo Stevens, alfaiate de officio, lembrou-se de fundar a *cavallaria do trabalho* (*kingshts of labour*) sociedade em que entravam por tres quartas partes operarios e por um quarto burgueses, excluindo medicos, advogados, jogadores de bolsa e taverneiros de aguardente. O fim consistia na defesa dos interesses do trabalho pela solidariedade, como nas *trade's unions* em geral, e especialmente na equalisação do salario das mulheres e dos homens. O meio estava nas *strikes* como practica, e

como principio geral no exercicio do direito de sufragio para a conquista do poder. Em breves mezes a sociedade contava um milhão de socios, sem distincção de sexos, nem de nacionalidades.

Em 1876-1877 apparece nos Estados Unidos a grande gréve do pessoal dos caminhos de ferro, que se estende para ambos os lados, desde Nova-York até S. Francisco; em 1883 são os telegraphistas; em 1886 são os tramways de Nova-York, depois os caminhos de ferro. Os *cavalleiros do trabalho* abalavam assim a sociedade, atacando-a na sua musculatura; ao mesmo tempo que provocavam grèves nas hulheiras e metallurgias. Em 1880, são as minas da Pensylvania; em 1882, as do Maryland; em 1884, os altos fornos do Massachussets; em 1885, as hulheiras de Pittsburgue e as forjas do Ohio e da Pensylvania.

Na Belgica, 1867 vê a grève medonha de Mar-chienne-le-Pont; 1869 a da fabrica de Cockerill, em Seraing, quando os operarios apedrejaram a tropa, de noite, e, depois das descargas da fuzilaria, a cavallaria caia sobre a multidão de sabre em punho, e a infanteria á bayoneta calada varria as ruas, deixando-as coalhadas de mortos. Era no tempo das esperanças de redempção milagrosa pela Internacionais: eram os prodromos da communa de Paris, e o écho da grève de Roubaix, que ficou historica. Depois, em 1876, vem a grève de Charleroi como refracção do terremoto de 1875 no paiz de Galles. Em 1884, aparecem os vidraceiros de Charleroi.

Passemos a fronteira, vamos a França, onde as grèves de Roubaix em 1867, de Ricamarie em 1869, do Creuzot, finalmente, em 1870, nas vesperas da guerra, precipitam o movimento, inquinadas de elementos politicos, accesas por agitadores revolucionarios. Em Roubaix tinham os fabricantes introdu-

zido teares aperfeiçoados que economisavam a mão de obra. Um operario podia servir dois teares, em vez de um só. D'ahi, reclamações de augmento de salario para a partilha da economia. Perante a recusa, abandonaram em tumulto as officinas. Eram mais de vinte e cinco mil. As auctoridades pediram reforços de tropa a Lille; antes, porém, que as tropas chegassem, houve horas de tumulto desenfreado. Invadiram as officinas, despedaçaram os teares novos, saquearam e incendiaram as casas de dois fabricantes, deram vasão aos odios comprimidos de muitos annos, como nas guerras de escravos, ou nas *jacqueries* da Idade média.

Depois da tragedia de 1871, por cinco annos não ha *grèves* em França; mas logo, em 1876, surgem os carpinteiros; de Paris, em 1880 e 1882, os marceneiros. Em 1878, ha as *grèves* monstruosas de Decazeville e de Anzin, repetidas em 1884 e 1886; acompanhadas, em 1881, pela de Commentry. Estes são os fastos nas minas e na metallurgia; nas industrias textis, em 1879, declararam *grève* os *ca-nuts* de Lyão, e em 1882, os tecelões de Roanne e de Bessèges.

A *Statistique générale de la France* accusa por estes numeros a extensão, a duração e a importancia numerica das *grèves* francezas nos ultimos annos:

Annos	Numero de <i>grèves</i>	Dias de duração	Numero de grevistas
1882	182	3:696	42:156
1883	144	1:442	32:908
1884	90	1:445	23:702
1885	108	1:056	16:671
1886	161	1:787	19:556
1887	108	732	10:117

O numero de dias de trabalho perdido em 1887,

calcula-se em 87:803; e em 1886, em 445:974. A grève de Decazeville (1886), ensanguentada pelo assassinato do engenheiro Watrin, entra por si só, no total, com 240:000 dias. As duas grèves mais importantes, em 1866, depois da de Decazeville, foram a dos tecelões de Amplepuis (perda de 45:600 dias) e de San Quintino (18:122 dias). As maiores de 1887, foram as dos fiaudeiros de Roubaix, dos tecelões de Armentières, e dos moleiros de Revia e de Laison, nas Ardennas.

Em França, como em Inglaterra, como em toda a parte, diminue a frequencia, a importancia e o ardor das grèves. Porque?

— É isso o que estudaremos em seguida.

XXXI

Temos contado as batalhas, temos enumerado as perdas. Quem fosse a calcular a somma de jornaes perdidos pelos operarios nas successivas campanhas da guerra social, chegaria a sommas fabulosas; tendo de concluir que esse processo de combate é fundamentalmente ruinoso, e achando no apasiguamento dos ultimos annos um argumento: seria a consequencia da desillusão do proletariado.

Ora é isto o que a estatistica refuta de um modo terminante.

Na sua historia dos preços, o celebre estatístico inglez Mulhall apresenta a seguinte tabella dos salarios de varios officios em Inglaterra, nas datas adeante indicadas e que abrangem o periodo de guerra operaria anteriormente estudado:

aos estadistas a primeira urgencia; porque, no consumo interno, é mais facil alterar os preços dos productos e mitigar a ambição dos operarios, sem aniquilar industrias que, sujeitas á concorrença dos preços externos, não supportariam a lucta.

Assim, do movimento iniciado no nosso seculo e que sem duvida alguma se accentuará no seculo xx, ha de resultar, quanto a nós, a nacionalisação geral das industrias, consumindo cada qual a producção propria e trocando com outros os excedentes. Exemplos como os da Inglaterra, fabrica immensa que fornece de manufacturas o mundo, recebendo do mundo inteiro as materias primas e os alimentos, são evidentemente factos contra a natureza social e economica, embora proviessem, com effeito, de condições da natureza geologica.

Por outro lado, nacionalisando-se as industrias, crescendo parallelamente a educação das classes trabalhadoras e a centralisação industrial e commercial no regimen capitalista em que estamos vivendo, é facil tambem prever que um dia virá em que, mediante o credito e a cooperação, os trabalhadores dispensarão a intervenção do capital credor de juros, isto é, individualizado.

N'uma palavra, para que o producto integral do trabalho pertença ás classes trabalhadores, é necesario que ellas, pelo grau da sua educação moral e intellectual, possam prescindir da direcção economicamente protectora do capital. Antes d'isso todas as revoluções são insensatas; depois, todas as resistencias serão vãs.

D'onde se conclue que o operario inglez podia, em 1880, com o producto da sua férias, comprar mais 44 por cento de objectos necessarios á vida, do que um seculo antes. Mas como, por outro lado, as rendas de casas triplicaram no mesmo periodo, os 44 ficam reduzidos a 20 por cento.

Tal é o resultado pratico da campanha das *trade's unions* inglezas, sendo positivo que, apesar da melhoria obtida pelas classes operarias, apesar das perdas das *strikes* que são como as despezas de guerra, a industria ingleza, não obstante a concorrencia crescente das nações continentaes e a generalisacão do proteccionismo, não tem deixado de progredir. Esta é a prova provada de que as *strikes* operarias conseguiram normalisar as relações do capital e do trabalho em Inglaterra, sem prejudicar a economia da producção.

Os salarios de toda a especie, affirma Mulhal, subiram cerca de 40 %, desde 1850 e até 1880, em média, sobre o mundo civilisado. Uns attribuem a elevação, accrescenta, á consequencia das descobertas de ouro na California e na Australia; outros á propagacão da instrucção publica; outros á expansão industrial e á maior procura de braços. Parece, todavia, mais provavel ao auctor que seja a consequencia dos caminhos de ferro, facilitando a emigração e permittindo o deslocamento facil dos operarios em demanda de melhor salario.

Não ha duvida que a emigração entra como elemento indispensavel no problema; mas é obvio que, se as pretenções dos operarios a melhoria de salario podem obter-se emigrando, antes de recorrer á emigração, os patrões concordaram, sob pena de ruina, em satisfazer-lhes os pedidos. Quanto a nós, é evidente que a elevação do salario liquido, na Europa e nos Estados Unidos, provém principalissimamente

do movimento de resistencia operaria, denunciado n'este seculo de um modo regular; o que não quer por forma alguma dizer, nem que o operario possa arbitrariamente alterar as condições fataes do mercado do trabalho, nem que a emigração e outras causas apontadas deixassem de concorrer para os resultados expostos.

A elevação dos salarios em Inglaterra e França, entre 1840 e 1880, exprime-se por estes numeros:

INGLATERRA

	<i>Pence</i> por dia		
	1840	1860	1884
Ferreiros	42	56	64
Pedreiros	46	60	70
Carpinteiros.....	40	50	60
Latoeiros	44	60	70
Fiandeiros	36	40	48

FRANÇA

	<i>Pence</i> por dia	
	1840	1880
Ferreiros	25	35
Pedreiros	22	35
Carpinteiros.....	22	35
Latoeiros	22	33
Fiandeiros	24	36

A elevação média, a partir de 1840-50, é, respectivamente ás cinco classes, de 45, 55, 55, 55 e 42 por cento: elevação tanto mais grave, quanto os preços das subsistencias no mesmo periodo (excepto carne, manteiga e vinho) baixaram. Assim

se explica o enorme desenvolvimento das caixas economicas por toda a Europa, pois em toda ella é geral o phenomeno estudado em Inglaterra e França.

Conforme os *Census Reports* dos Estados Unidos, a média das economias operarias, a partir de 1850, vem subindo n'esta escala :

	<i>Libras</i> por anno	<i>Pence</i> por dia
1850.....	51	40
1860.....	61	48
1870.....	69	53
1880.....	73	57

O accrescimo é tambem de 44 %, como na Europa; os *knights of labour* alcançam resultados identicos ao das *trade's unions*.

Todavia o trabalho é mais remunerador nos Estados Unidos, porque ahi o salario liquido é maior, como se vê d'esta tabella :

	<i>Shillings</i> por semana		
	Salario	Alimento	Sobra
Inglaterra.....	31	14	17
França.....	21	12	9
Allemanha.....	16	10	6
Belgica.....	20	12	8
Italia	15	9	6
Hespanha.....	16	10	6
—	—	—	—
Europa, média....	20	11	9
Estados Unidos...	48	16	32
Australia	40	12	28

Mulhal affirma que a condição dos operarios só se pode considerar satisfactoria quando um dia de

salario representa mais de dois de alimento ; e isto é o que sucede em Inglaterra, onde a sobra representa 55 e o alimento 45, do total de 100; e na Australia e Estados Unidos, onde a sobra sobe, respectivamente, a 10 e a 67.

De facto, conclue o auctor a que nos referimos, longe dos patrões defraudarem os operarios, é manifesto que, mórmente em Inglaterra e pode dizer-se que na Europa em geral, a parte do capitalista está reduzida ao minimo, além do qual deixaria de ser lucrativo empregar capitaes na industria.

Em França, na Allemanha, e em outros paizes, em que os capitaes teem juros superiores aos de Inglaterra, claramente a quota parte do capitalista ha de ser maior, e por isso a do operario menor, na constancia de preço de venda do producto. E se essa constancia se altera por virtude de direitos protectores, elevando-se o preço artificialmente, logo o encarecimento da vida reduz o salario liquido, embora seja elevada a taxa dos jornaes industriaes.

Em conclusão, portanto, de todos os numeros que ficam adduzidos, havemos de concordar na efficacia e no acerto dos meios empregados pelas classes operarias, para reivindicarem a sua quota-parte do preço dos productos fabris. As *strikes* d'este seculo tiveram como resultado positivo augmentar os salarios em cerca de metade do que eram; reduzindo, pode dizer-se, o lucro da industria fabril á norma do preço do dinheiro, ou juro.

Se o augmento do salario não é igual á sobra, isso não provém de encarecimento dos alimentos, mas sim do excessivo preço das casas de habitação nas cidades. A construcção de bairros operarios, e ainda mais, a descentralisação das fabricas para os campos, seriam o correctivo natural e necessario.

Explicada e comprovada, portanto, a efficacia das

paredes operarias, estes proprios numeros nos mostram por que razão as *grèves* não teem já hoje o caracter terrivel, nem a magnitude e frequencia de ha trinta annos. E que emendaram muitos vicios, e approximaram da norma as relações do capital e do trabalho, educando na propria lucta os interessados, tanto patrões, como operarios, para não abusarem, uns da *tyrannia* que o dinheiro dá, outros da força que dá o numero.

Á sombra das leis que permittiram as coalisões operarias, expandiram-se, mais ou menos desordenadamente, as sociedades de resistencia e as paredes promovidas ou patrocinadas por ellas.

Exaltou-se a imaginação, acendeu-se o idealismo; fez-se, de uma questão prática, um programma de redempção social; generalisou-se o plano de guerra até á suppressão immediata do capital na industria pela expropriação collectivista; e alargou-se o campo de ação até á chimera de um cosmopolitismo operario, ligadas as classes de todos os paizes pelos vinculos da Internacional. Essa chimera desfez-se n'uma tempestade de fogo e sangue, de incendio e morte.

À paz dos primeiros annos posteriores a 1871, paz resultante da desordem e do cansaço, sucedeu o estado anterior ao periodo de embriaguez idealista. Dentro de cada nação, as classes operarias associadas defender os seus interesses, na medida do possivel. Mas, da guerra de 1870, resultou a entrada, no mercado industrial do mundo, da Alemanha com a força de um grande imperio; e a hegemonia politica exercida por ella na Europa, durante vinte annos, pelo menos, pensou o imperador podel-a exércer na economia industrial do mundo, para de tal modo satisfazer as exigencias mysticas do seu espirito, as tradições da sua dynastia, e, ao

aos estadistas a primeira urgencia; porque, no consumo interno, é mais facil alterar os preços dos productos e mitigar a ambição dos operarios, sem aniquilar industrias que, sujeitas á concorrença dos preços externos, não supportariam a lucta.

Assim, do movimento iniciado no nosso seculo e que sem duvida alguma se accentuará no seculo XX, ha de resultar, quanto a nós, a nacionalisação geral das industrias, consumindo cada qual a producção propria e trocando com outros os excedentes. Exemplos como os da Inglaterra, fabrica immensa que fornece de manufacturas o mundo, recebendo do mundo inteiro as materias primas e os alimentos, são evidentemente factos contra a natureza social e economica, embora proviessem, com effeito, de condições da natureza geologica.

Por outro lado, nacionalisando-se as industrias, crescendo parallelamente a educação das classes trabalhadoras e a centralisação industrial e commercial no regimen capitalista em que estamos vivendo, é facil tambem prever que um dia virá em que, mediante o credito e a cooperação, os trabalhadores dispensarão a intervenção do capital credor de juros, isto é, individualizado.

Numa palavra, para que o producto integral do trabalho pertença ás classes trabalhadores, é necesario que ellas, pelo grau da sua educação moral e intellectual, possam prescindir da direcção economicamente protectora do capital. Antes d'isso todas as revoluções são insensatas; depois, todas as resistencias serão vãs.

perativas, casas, etc.), a cuja sombra o capital **cáp**iosamente realisava lucros: procurar, em **summa**, levantar o nível intellectual e moral, e quanto possível o rendimento do trabalho, pela lucta, quando a lucta é necessaria: eis a missão fecunda e vitoriosa do movimento, a cujo estudo nos démos ao depararmos com as *trade's unions* inglesas.

Mas, acima de tudo, como expressão **summaria**, está o aumento de salario, porque as mais das revindicações se traduzem n'elle: e o aumento de salario limita-se pelas condições do mercado dos productos. Assim que o capital de uma industria não produza liquido o juro corrente do dinheiro, a industria morre, o trabalho desapparece, e os operarios teem de emigrar. Não conseguem suprimir o capital: obrigam-no a ir procurar outro rumo, supprimindo o trabalho. A grève é uma espada de dois gumes: mal jogada, mata quem a empunha.

A capacidade crescente das classes operarias, resultado da vida democratica e da propria guerra social; o terem alcançado uma parte relativamente mais consideravel do valor venal dos productos, na repartição do salario; o não desistirem do ideal de uma sociedade collectivista, estando assim armadas para aproveitarem do menor ensejo: tudo isto faz com que as nações que em grande parte vivem do rendimento de industrias de exportação, soffram de um mal-estar social e economico, sómente corrigido pelo derivativo da emigração. E o que de ha muito sucede em Inglaterra, e hoje principalmente afflige a Alemanha.

E a esta circunstancia se ha de, sobretudo, attribuir a revolução que teem soffrido as idéas quanto ao commercio externo, dando-se por toda a parte a preferencia ás doutrinas protecccionistas. Defender o mercado interno do consumo, parece com razão

Inicialmente, pela força; porque, nas sociedades em que a origem do poder está no suffragio dirigido pela opinião livremente expressa, nenhuma tentativa de tyrannia contra a razão pode vingar, nenhuma oligarchia illegitima consolidar-se.

As *grèves*, portanto, justificadas pelo direito, em sociedades para quem a concorrencia é a formula da existencia progressiva, e auctorisadas pela lei, propagam-se, generalisam-se, produzindo os resultados que observámos. O proletariado tirou, porém, do exito inferencias inadmissiveis, quando imaginou que, repetindo as *grèves*, não para defender interesses feridos ou reivindicações legitimas, mas sim para provocar a lucta de classes, precipitaria o momento da exaltação do quarto estado com o estabelecimento de instituições collectivistas.

Verdade é que nenhuma das grandes revoluções historicas vingou, sem a preparação indispensavel de luctas sangrentas. Mas não é menos verdade que o proletariado não podia, por muitos e variados motivos, abolir o capitalismo em que vive a Europa: pela propria incapacidade politica das classes operarias; pela impossibilidade de fundir n'um sistema solidario os paizes coloniaes productores de um sem numero de alimentos e materias primas industriaes; pela intervenção indispensavelmente consequente, da especulação mercantil no funcionamento da sociedade economica; pela energia do espirito nacional nos paizes civilisados, contrapondo-se ao cosmopolitismo do trabalho; pela distancia de momento evolutivo em que os trabalhadores ruraes se encontram dos fabris, etc.

Portanto, pugnar pela diminuição das horas de trabalho, pelo augmento de salario, contra as maçinas concorrentes, contra as penalidades deprimentes, contra as falsas instituições protectoras (co-

perativas, casas, etc.), a cuja sombra o capital capiosamente realisava lucros: procurar, em summa, levantar o nível intellectual e moral, e quanto possível o rendimento do trabalho, pela lucta, quando a lucta é necessaria: eis a missão fecunda e vitoriosa do movimento, a cujo estudo nos démos ao depararmos com as *trade's unions* inglesas.

Mas, acima de tudo, como expressão summaria, está o aumento de salario, porque as mais das reivindicações se traduzem n'elle: e o aumento de salario limita-se pelas condições do mercado dos productos. Assim que o capital de uma industria não produza liquido o juro corrente do dinheiro, a industria morre, o trabalho desapparece, e os operarios teem de emigrar. Não conseguem suprimir o capital: obrigam-no a ir procurar outro rumo, supprimindo o trabalho. A grève é uma espada de dois gumes: mal jogada, mata quem a empunha.

A capacidade crescente das classes operarias, resultado da vida democratica e da propria guerra social; o terem alcançado uma parte relativamente mais consideravel do valor venal dos productos, na repartição do salario; o não desistirem do ideal de uma sociedade collectivista, estando assim armadas para aproveitarem do menor ensejo: tudo isto faz com que as nações que em grande parte vivem do rendimento de industrias de exportação, soffram de um mal-estar social e economico, sómente corrigido pelo derivativo da emigração. E o que de ha muito sucede em Inglaterra, e hoje principalmente afflige a Alemanha.

E a esta circunstancia se ha de, sobretudo, attribuir a revolução que teem soffrido as idéas quanto ao commercio externo, dando-se por toda a parte a preferencia ás doutrinas protecccionistas. Defender o mercado interno do consumo, parece com razão

~~aos~~ estadistas a primeira urgencia; porque, no consumo interno, é mais facil alterar os preços dos productos e mitigar a ambição dos operarios, sem aniquilar industrias que, sujeitas á concorrença dos preços externos, não supportariam a lucta.

Assim, do movimento iniciado no nosso seculo e que sem duvida alguma se accentuará no seculo xx, ha de resultar, quanto a nós, a nacionalisação geral das industrias, consumindo cada qual a produção propria e trocando com outros os excedentes. Exemplos como os da Inglaterra, fabrica immensa que fornece de manufacturas o mundo, recebendo do mundo inteiro as materias primas e os alimentos, são evidentemente factos contra a natureza social e económica, embora proviessem, com effeito, de condições da natureza geologica.

Por outro lado, nacionalisando-se as industrias, crescendo parallelamente a educação das classes trabalhadoras e a centralisação industrial e comercial no regimen capitalista em que estamos vivendo, é facil tambem prever que um dia virá em que, mediante o credito e a cooperacão, os trabalhadores dispensarão a intervenção do capital credor de juros, isto é, individualizado.

Numa palavra, para que o producto integral do trabalho pertença ás classes trabalhadores, é necesario que ellas, pelo grau da sua educação moral e intellectual, possam prescindir da direcção economicamente protectora do capital. Antes d'isso todas as revoluções são insensatas; depois, todas as resistencias serão vãs.

XXXII

O grande inimigo da victoria decisiva do proletariado em Inglaterra está no vicio inherente á qualidade basillar da raça: a energia animal. Esse vicio é a embriaguez.

É o vicio de todas as classes, não é exclusivo do proletariado. Acirra-se, é claro, com a miseria; mas floresce no seio da opulencia. Arrebata a gente bruta e boçal; mas seduz tambem a gente fina e requintada. Todos padecem d'elle, porque todos teem a mesma qualidade da exuberancia do temperamento.

—As senhoras, dizia-me o Dr. D..., em vez de alcool, tomam chloral e agua de Colonia. Só assim resistem ás estafas da vida de sociedade na *season*; e uma vez tomado o gosto... Ultimamente, introduziu-se a inhalacão do nitrito de amylo e do chlorophormio. Tambem usam o ether; mas, não sei por que razão, é nas classes baixas que se tem vulgarizado mais. No norte da Irlanda, chega a bater o proprio whisky... Toda a gente se embebeda: é o nosso vicio nacional.

—O clima, tambem, entra n'isso por muito.

—*Certainly*, indubitavelmente. Ha tal que ganha por semana vinte *shillings*, e dez, deixa-os na taberna. São trinta mil pessoas presas cada anno em Londres por embriaguez¹; dois terços teem a bebedeira aggressiva. São presos em desordens². Ha

¹ 1860..... 18:199 prisões, ou 6 % da população
1880..... 29:868 " " 6,3 "
1890..... 31:310 " " 5,4 "

² Presos por embriaguez simples, 5:478 homens e 3:369 mulheres; com desordem, 13:471 homens e 8:722 mulheres.

uma quantidade enorme de caras rachadas e de olhos vasados. E as mulheres são quasi tantas como os homens.

—Mas as sociedades de temperança, e a propaganda dos *teatotalers*?

—Historias, meu caro! Nada d'isso corrige o vicio que é constitucional. Bebem chá, porque lh' o dão de graça; e quando não teem absolutamente um *penny*, para gastar no *gin-palace*. Quer uma prova? É o valor das bebidas alcoolicas ingeridas annualmente por cada inglez, em todo o Reino-Unido. Somos fortes em estatísticas.

—De certo.

—Pois essa capitação de vinho, aguardente e cerveja—o vinho e cidra entram por um decimo, a aguardente por quatro, e a cerveja por metade—tem subido sempre. Em 1820 era de £ 2.8.6; em 1840 e 1860 de £ 2.18.6; em 1880 de £ 3.10.11. Quer prova mais eloquente? Não a ha.

Iamos conversando, na digestão lenta do jantar, vagarosamente, porque era cedo ainda para a hora aprazada com o *detective* que essa noite nos levaria aos antros miseraveis do *East End*. Encontrámonos pelas dez horas e seguimos.

A menos de uma milha além da praça, onde, em face do cruzamento das ruas, está o edificio do Banco de Inglaterra, que parece uma fortaleza, bifurca-se a grande arteria de leste da cidade. Do banco à bifurcação, chama-se rua de Cornhill e rua de Leadenhall. Na bifurcação, um dos ramos prolonga-se directamente para leste, com os nomes de *Whitechapel road* e *Mile End road*; ao passo que o outro ramo inclina sobre o Tamisa, com o nome de *Commercial road*. Cada uma das avenidas divergentes terá tres milhas de extensão, até ao ponto onde a segunda termina. N'esse ponto, abre-se em

duas *roads* divergentes, uma que vae ás docas das Indias orientaes, outra que vae ás docas das Indias occidentaes.

Já n'esta altura a margem do Tamisa está arrendada em docas e entrepostos commerciaes; já para traz nos ficam as *docas de Londres*.

Mas, para concluir a descripção topographica: no ponto em que a *Commercial road* termina, sobe directamente para o norte a *Burdett road*, que vae cair perpendicularmente sobre a de *Mile End*. E assim as tres grandes *roads*, ou avenidas do *East End*, encerram um perimetro triangular com o vertice voltado para a *City*, com a base de *Burdett road*, pouco menos de uma milha, com os lados de quasi tres milhas, delimitados, um pela avenida *Commercial*, outro pelas de *Mile End* e *Whitechapel*. Esse perimetro triangular era o campo escolhido para as nossas operaçoes da noite. É um dos antros medonhamente miseraveis de Londres: labyrintho immundo de viellas e pateos, recessos onde nunca entra luz, ruinas abjectamente esfrangalhadas, covis de gente quasi selvagem.

O *detective* que nos acompanhava era um gigante espadaúdo. Infundia-nos uma confiança de que bem careciamos, no meio do bairro celebre pelas façanhas de Jack-o-estripador. A uma observação que lhe fiz, o *detective* respondeu-me grave:

— De certo. Seria temeridade vir sósinho a estes sitios, mesmo de dia. De noite, nem os d'aqui se atrevem: quanto mais estrangeiros! Isto já não é Londres. Londres acaba com a *City*. É o *East End*. A maior parte d'esta gente não sabe que existe *Hyde Park*. Aqui nascem, aqui morrem.

Caminhavamos, seguindo o *detective*. Nas amplas avenidas modernas que delimitam o bairro, arborisadas como os *boulevards* de Paris, rodavam os

tramways, e as vidraças das lojas, profusamente iluminadas, projectavam clarões sobre a gente que circulava. Era uma noite serena e tepida de junho. Porta sim, porta não, havia uma taberna, e o gaz illuminava cruamente os renques de garrafas, scintillando sobre os bronzes polidos dos balcões. Contra as grandes vidraças transparentes, collavam-se faces, com o olhar ávido no extasis da fome, ou do vicio.

Eu já disse, creio, n'estas cartas, que a população do *inner London* era, em 1890, de 4.309:000 habitantes; e que trinta por cento, cerca da terça parte, são miseraveis, assim classificados:

Criminosos, ou quasi.....	37:545
Pobrissimos (<i>very poor</i>).....	316:838
Pobres, com salarios irregulares, ou insuficientes.....	938:050

Sobre este lastro da miseria, vem a população operaria com 2.167:126; e sobre tres milhões e meio de desgraçados e trabalhadores, ha 849:441 pessoas que teem de seu. Uma constituição social que dá como resultado semelhante distribuição da riqueza, é o fundamento de quanto escrevi anteriormente. E este cancro da miseria de Londres, o apostema, *wen*, britannico, alastrá-se medonhamente, como doença geral da economia ingleza.

Os registos da assistencia publica, na Inglaterra e Galles, accusam a existencia de um milhão quasi de pobres socorridos!¹ Todavia, justiça é dizer,

¹ 1860..... 844:000, ou 42,9 % da população total.
1870..... 1.032:000, ou 45,5 idem.
1880..... 808:000, ou 31,8 idem.
1890..... 759:000, ou 25,8 idem.

que desde 1870 as cousas teem melhorado consideravelmente, baixando a percentagem dos pobres de mais de 4 a menos de 3. Mas o caso, talvez mais grave ainda do que a miseria dos miseraveis, é a idéa que os ricos fazem da pobreza. Soccorrem-na sem caridade humana; combatem-na, como se combate uma epidemia. Para elles, o pobre é um leproso. Quando um *gentleman* trava relações com o seu semblante, suppõe sempre que trata com pessoa disposta de meios para gastar dinheiro illimitadamente. Julgar alguém pobre, é uma offensa. Com a idéa que formaram da vida, o pobre é com effeito um vencido: *victis! beati possidentes!*

O *detective* virou, guiando-nos para uma rua escura como breu. Dos lados passavam sombras esguias de homens sinistros, fallando sós. Iamos em fila no meio da rua. O *detective* levava na mão o apito policial. Chegámos a um largo onde as casas, miseraveis casebres esburacados, retrahindo-se, formavam um recanto lugubre. No chão havia montes de lixo podre. Para um lado, jazia naufragada uma carroça com o eixo partido. Solidão absoluta.

—Foi aqui, disse-nos o *detective*, parando e apontando o canto: foi aqui que *Jack-the-ripper* vasou as tripas á sua primeira victima.

Seguimos adeante; e depois de uma volta, o polícia, nosso guia, bateu á porta de um casebre imundo. De dentro respondeu, grunhindo, uma voz roufenha. Abriu-se a porta e descemos, porque o covil ficava meio enterrado. Era um recinto que teria, quando muito, duas vezes o tamanho do catre de ferro arrumado a um lado. Uma candela de petroleo, sem velador, illuminava cruentamente o quarto, se tal nome se pode dar ao sitio onde estavamos. No leito, sobre uma enxerga, dessorando líquidos immundos, coberto com uns farrapos sem nome, es-

tava deitado um homem calvo, cosendo uma bebedeira de aguardente. O seu halito, misturando-se com o cheiro do petroleo e com o fermento da pordidão, formava um ar irrespiravel. Uma mulher, de pé, ao lado, disse para o *detective*:

— Ha quinze dias que não tem trabalho nas docas.

Que eu não sei se o nome de mulher convém ainda a essa creatura, velha antes de tempo, com o ventre obeso, os cabellos raros e empastados sobre a cabeça, traçando nos hombros nus um chale verde de sebo, com uma saia immunda, arrastando nos pés chinellas asquerosas. Tinha um olhar de idiota.

— Também bebe; disse-nos o polícia, gravemente.

O ar do quarto podia cortar-se à faca. Havia mais uma cadeira partida, uns frangalhos de roupa suspensos de uma corda, e a um canto, na sombra espessa, alguma cousa que me parecia mexer. Approximei-me, baixei-me: era uma creança inteiramente nua. Quis fazer-lhe festa; mordeu-me como um bicho, com um ar selvagem acceso nos olhos. A mãe grunhiu, o pai respirava offegantemente; e o *detective*, ao sahirnos, disse-nos:

— Foi sobre aquella cama que *Jack-the-ripper* vasou as tripas a outra mulher. Não viram ao lado, na parede, umas pastas negras? É o sangue que borbotou: ainda lá está.

XXXIII

Não era nosso intuito visitar, um por um, os locais dos assassinatos do feroz extripador. Seguimos. A cada passo topavamos com mulheres incom-

pletamente vestidas que, desgrenhadas, andavam pelas ruas à caça.

— É o que ha de peior na prostituição, dizia o *detective*, contando casos que a penna se recusa a referir.

Estavamos no ultimo abysmo da degeneração da especie humana. Nos dois pólos, de oeste e de leste, tem Londres o zenith e o nadir da vida: falta-lhe para equador o instincto racional, estheticó e caridoso, que em outros povos humanisa a sociedade, apagando os contrastes monstruosos. A embriaguez e a prostituição apresentam-se n'este polo abjectas; no polo opposto, são douradas.

Não ha homem mais carnal do que o inglez; por isso talvez em parte alguma se explore a concupiscencia como aqui. Se não fosse a severidade da lei, ás vezes quasi grotesca, tudo isto descambava n'uma kermesse formidavel. Uma das explorações mais communs é a dos ataques ao pudor nos caminhos de ferro, principalmente. Ninguem entre em um compartimento onde veja mulher só, pois corre o risco de ir parar ao tribunal, e pagar uma multa á queixosa. Inventam as cousas mais desavergonhadas, sem córarem. Um amigo meu, prevenido, fugia de um compartimento, no *underground*, onde via seraphicamente encostada uma virgem de olhos garços. Dirigiu-se para o compartimento dos fumadores, e ella que o bispára, seguiu-o. Elle observou-lhe que era um *smoking*; ella, sorrindo meiga, respondeu:

— *I don't object*: não tem duvida.

— *Objecto* eu, disse o meu amigo; e safou-se.

Mas voltemos a Whitechapel.

O *detective* levava-nos atravez dos labyrintos tenebrosos. Formigueiros de creanças appareciam de cada canto, botões de rosa já murchos, semi-nús,

immundos, com ares de espanto selvagem, ao observar-nos, à luz intensa do *gin palace*, onde entravamos. Lá dentro via-se peior. A luz do gaz embaciava com o ar pesado e suffocante, impregnado de exhalações alcoolicas, de fumo de tabaco e gente suja, cheirando mal.

A um canto, curvada sobre o estomago, uma velha, de cabellos grisalhos soltos em méchas, fumava o seu cachimbo de gesso. Lembrou-me um esquimó. De pernas abertas, mãos nos bolsos, tinha ares simiescos um homensinho magro de pera quasi branca, nariz agudo e olhar estupidamente petulante.

D'ali fomos a um dos *slums*, onde se dorme por tres ou quatro *pence*.

— Ganham immenso dinheiro, dizia o policia. Excellent negocio!

Alberga-se ahi de noite a população vagabunda que povoa as docas. Dormem no chão, com a cabeça apoiada sobre uma corda esticada de um a outro lado da caserna. Ha um fartum nauseabundo, de traparia podre em fermentação. Em baixo, na entrada, bebe-se. Encontra-se gente de toda a especie, de toda a origem. Não ha rico, nem pobre, grego, nem barbaro, perante a lei do trabalho. As docas são um capharnaum, onde o mundo inteiro se congrega. A farraparia dos trajos ricos, sobre-casacas, talvez de Poole ou de Hill, chapéus que foram espelhos, botas já sem tacões: tudo isso se observa, ao lado da cabaia do chinez, da tunica do marroquino, emmoldurando figuras patibulares, faces terrosas com filetes, ou pastas de vermelhidão alcoolica. Pelo meio das perspectivas lugubres das casernas sombrias, destacam-se sinistramente, na treva espessa, as claridades vacillantes dos bicos de gaz.

Atravessámos depois um bairro de judeus. Era noite de Sabbath. Havia casas relativamente boas, e pelas janellas viam-se, atravez das vidraças, as mesas postas para a refeição da noite. Topavamos com lettreiros de lojas e indicações de moradores, escriptos em hebraico. Para aqui veem as levas de judeus expulsos da Russia; d'aqui sahem como emigrantes, a espalhar-se pelo mundo. Parece, conforme nos dizia o *detective*, que a população não olha com bons olhos estes intrusos.

Já era alta noite; já as lojas estavam fechadas nas *roads* espaçosas que encerram o labyrintho da miseria; e nos passeios obscuros, com as arvores projectando as suas sombras espessas, as mulheres, a vaguear mais ou menos bebadas, pareciam espetros da abjeção dormitante na vasta alfurja de Whitechapel.

Estavamos na encruzilhada do fim da *Commercial road*, onde começam a descer as duas avenidas divergentes para as docas das Indias. Do Tamisa vinha uma aragem humida. Sentia-se que lá em baixo, na floresta de mastros e vergas, estava dormindo o monstro que em breves horas, ao acordar, resfolegando vapor dos cylindros das machinas, agitando-se na vertigem dos guindastes e cabrestantes, servido por um exercito de carregadores escravos, atroaria outra vez o ar com a sua epilepsia gigantesca.

Mettemos por uma viella ingreme: estavamos no bairro chinez. Londres ganhava para mim as proporções de um mundo. Os lettreiros, os annuncios, as indicações, viam-se gravadas em caracteres siniços; e ao ar da noite, já começado a destingir com a alvorada, balouçavam-se dragões phantasticos das bandeiras dos armazens fechados. Na rua não havia viva alma, mas, de um lado e de outro, duas casas

minusculas tinham luz. O *detective* bateu a uma: não lhe abriram, e as vozes que se ouviam, calaram-se.

— Não querem abrir. É uma casa de jogo. Vamos aqui: é uma taverna de opio.

Bateu-se á outra e subimos, depois do policia ter mostrado o seu *passe*. Subimos por uma escada escura, ingreme e estreita, no topo da qual nos esperava Mrs. Johnson, ingleza, casada com o Sr. Johnson, um chinez de rabicho, que mantinha e explorava a casa de opio de *Ratcliff highway*. Sua esposa era uma fervorosa adepta da *temperance society*, o que não a impedia de ganhar a vida com a taverna de opio. *Make money, my son, honestly if you can...* Ganhar a vida, é o primeiro dever.

Quando se nos abriu a porta e entrámos na casa de opio, não enxergavamos cousa alguma. Era uma atmosphera de fumo agridoce. Minutos depois, a vista afez-se, e distinguimos de cada lado do quarto um estrado com almofadões sebosos, sobre os quaes sete ou oito pessoas, estendidas, apresentavam os graus successivos da embriaguez, desde os embevecimentos dos primeiros instantes, até á quasi-morte em que acabam com uma pallidez cadaverica, inertes, exangues os beiços. Os que ainda podiam, inhalavam docemente o fumo, expellindo-o em rollos espessos pelos beiços distendidos. Mrs. Johnson, activamente, renovava os cachimbos, enciendo-os com as bolas de opio, da consistencia de grude. Cada bola não dura mais de dois minutos. A janella estava fechada. O calor era suffocante, o fumo asphyxiava, o fedor dava nauseas, a porcaria era repellente. Lembra-me que desci a escada n'um pulo, e, ao achar-me na rua, parecia-me estar salvo.

De que? d'este inferno medonho em que todos

os vicios me tinham passado perante os olhos n'uma exibição desoladora, levado pelo braço da auctoridade impassivel. Tudo isto é horrivel, mas a verdade é que já o foi mais. A criminalidade baixou consideravelmente.¹ A taxa dos pobres representa um orçamento tão grande como o de Portugal. Convém a este respeito ler a obra de Fowle, *The poor law*. São oito milhões de libras sterlinas; é uma contribuição de 10 shillings 9 pence, para o habitante de Londres, e de 5 shillings 9 pence, para o inglez em geral. Com este dinheiro se soccorrem cerca de cem mil pessoas por dia² em Londres, e

¹ Eis alguns numeros que o demonstram, relativos á Inglaterra, cuja população, de 1868 para 1890, subiu de 22 para 29 milhões.

	1868	1890
Crimes.....	58.441	38.650
Prisões.....	29.278	17.672
Condenações	14.340	9.242

	População das prisões em 31 de março	Criminosos suspeitos
1868.....	—	54.249
1879.....	19.818	—
1882.....	—	38.420
1885.....	16.618	—
1890.....	—	31.225
1891.....	13.076	—

² Soccorros em Londres no ultimo dia da segunda semana de novembro de 1891:

Domicilios.....	58.035
Errantes :	
Adultos.....	2.0816
Menores de 16 annos.....	11.976
	<hr/>
Em 1890.....	90.827
	92.048

cerca de oitocentas mil em toda a Inglaterra e Galles.¹

Pela gamella dos pobres comem, porém, muitos remediados. A assistencia tem um exercito de 4.030 medicos, de 624 empregados, de 651 mestres nas *work-houses*, de 1.387 serventes de toda a especie: somma, 6.692 individuos que custam £ 1.400.000. Junte-se, para despezas geraes e administrativas, £ 1.100.000, e temos que, dos oito milhões, só cinco e meio são distribuidos em soccorros. O serviço custa mais de 30 por cento,² o que é horroroso, mormente quando se trata de caridade. Mas caridade é uma palavra, cujo sentido mystico e metaphysico, não é accessivel a paladares que reclamam pratos fortes apimentados e bebidas capitosas e excitantes: gente sempre de mangas arregaçadas, para o *boxing* da existencia, quer seja para a debater, quer seja para a gozar. Os pobres são os vencidos no *steeple chase* da vida. Soccorrem-se, utilitaria-

¹ Totaes de 1889 :

Domiciliios	192.000	} 795.000
Errantes..	603.000	
Validos.....	99.000	
Alienados.....	76.000	
Vadios.....	7.000	

² Eis aqui as contas dos dois annos :

	1880	1885
Sustento domestico.....	£ 1.757.749	£ 1.921.587
Soccorros fóra.....	£ 2.710.778	£ 2.469.846
Asylo de alienados.....	£ 994.204	£ 1.188.012
<i>Work houses</i>	£ 319.426	£ 501.930
Pessoal.....	£ 1.053.218	£ 1.356.943
Outras despezas.....	£ 1.181.511	£ 1.053.280
Totaes.....	<hr/> £ 8.016.886	<hr/> £ 8.491.600

mente, por medo, e como defeza. Carinho não ha. A sentimentalidade philantropica, paixão muito commun, compraz-se em objectos mais pittorescos, ou mais românticos. Wilberforce poz em moda os negros; e Mrs. Beecher Stowe, com a sua *Uncle Tom's cabin*, sensibilisou duas ou tres gerações de *mises*, chorando sobre a sorte dos escravos: ellas que tinham alli ao pé a legião medonha dos miseraveis londrinos. Tambem é contrafeita, tambem é excêntrica, tambem é *constipada*, a maneira porque amam o proximo. Em regra, preferem-lhe os brutos. Innumeráas sociedades protegem os animaes, quando a gente rebenta com fome, estoira com alcool, ou enregela com frio.

Era ruminando estas cousas que, já de madrugada, eu caminhava pelo *embankment* na direcção do meu quarto no *Savoy*, quando um episodio, alias commun, me demorou ainda. Sobre um banco do jardim cabeceava esqualida uma mulher que devia ter sido bella. Ao collo, uma creança de peito dormia. Ao lado, estava estendido um desgraçado, e no chão, accorados, dois pequenos. Era uma familia feliz que tinha conseguido poder passar a noite n'um banco do jardim; outros ficam sob os pilares das pontes. E ha, todas as noites, oito ou dez mil pessoas em Londres, sem cama para dormir, nem tecto que os abrigue. E perdem-se todos os dias, sumidos na voragem, outros tantos desgraçados, sem que haja mais noticia d'elles...

Parei a considerar este quadro compungente. E era verão, a madrugada tepida. Que será quando tudo gela, vergastado pelo frio?

Já a aurora inundava o céo, e as torres e coruchéus de Westminster desenhavam-se orientalmente no ar. Eram sombras, ou eram visões da minha imaginação excitada? Parecia-me levantar-se no hori-

zonte a estatua de Nabuco, de que a *Biblia* falla: tinha os pés feitos de um barro amassado com lágrimas...

XXXIV

Com efeito, esta poderosa sociedade capitalista tem os pés de barro; esta montanha colossal de riqueza assenta sobre contrafortes de miseria inconsistente e esboroadiça.

Organisada e instrumentada para explorar a riqueza do mundo inteiro, agora que as nações aprenderam na sua escola, e por toda a parte se organisa o bloqueio planeado por Napoleão no começo do seculo, principia a sentir um mal-estar grave: as exportações fabris cahem rapidamente,¹ cahe o frete marítimo, accumulam-se inactivos os vapores nos portos, e as fallencias repetem-se insistentemente. Esta crise, porém, não é a mais grave: basta enfreiar um pouco a velocidade da hypertrophia vertiginosa da industria e do commercio, para restabelecer o equilibrio compensador, porque, ainda quando falte de todo o estrangeiro para consumir os generos inglezes, a politica do *zollverein imperial* segurará sempre o mercado colonial britannico.

Mais grave é o facto da excessiva abundancia do capital sonante, sugado de todo o mundo. O denominador supremo das utilidades, que é o dinheiro, sómente é util enquanto se acha em relação com a circulação dos productos consumiveis. Absorvendo-o e enthesourando-o, chegaram afinal a definil-o.

¹ Os primeiros oito meses de 1892 mostram uma diminuição de 15 milhões, sobre 160 em 1891.

Troca-se sem quebra, mas aluguer, ou juro, já quasi se não dá por elle. A taxa do desconto baixa a $\frac{7}{8}$, menos de 1 %; e os *consolidados* estão quasi ao par do nominal de $2\frac{3}{4}\%$. O regimen capitalista tirou de si a propria definição, reduzindo-se ao absurdo, isto é, annulando o juro do capital. Tanto multiplicaram as obras que economisam dispêndio; tanto fizeram avultar os rendimentos liquidos; e tão incongruentemente os repartiram que, afinal, achou-se uma classe podre de rica, e tamanha se tornou a *offerta* de capital, que quasi se não pode tirar renda d'essa riqueza, pois ninguem come, nem bebe, nem respira ouro; e o monopolio de um objecto, que não tem senão uma utilidade relativa, evaporou e desfez, quasi por completo, a renda d'esse objecto monopolizado.

Por outro lado, foram tantas e tão subtis as invenções da especulação e do credito; multiplicaram por tal forma a instrumentalidade do capital, que mais rapidamente se chega ainda ao momento da annulação da sua renda. Os bancos inventaram circulações fiduciarias, triplicando a potencia do dinheiro, para triplicarem o rendimento em juros; os capitalistas inventaram as sociedades por acções, para federarem os pequenos capitaes infructiferos; inventaram logo os *bonds*, *debentures*, ou *obrigações* de juro fixo, para arrebanharem os cautelosos, gente de pequenas posses que necessita contar com a renda certa do seu dinheiro; depois fizeram-se os titulos de valor minimo, de libra, para penetrar até ao fundo das camadas sociaes e aspirar todo o dinheiro que lá houvesse; finalmente, como na immensa multidão dos titulos, floresta espessa em que o bandido pullula, o capitalista se perdia, inventaram-se os *trusts*, instituições que teem por fim associar capitaes para comprar titulos, e distribuir *pro rata* os

diversos juros e dividendos. O capitalista nem o trabalho tem de escolher a collocação: outro se encarrega d'isso.

Esta suppressão absoluta do trabalho é desnatural. A constituição pura do capitalismo havia de levar á annulação da renda do capital, que já se accentua hoje, e se ratificará no seculo em que vamos entrar. Annullada a renda, o capital não é mais do que sobra do trabalho, monetizada, circulante, mas não reproductiva: capaz de gerar filhos, segundo a expressão hollandeza. Este facto capital foi a impressão synthetica mais nitida que produziu em mim o espectáculo da riqueza sem par em povo algum do mundo, actual, nem transacto. E, parallelamente a este facto, está a força e a educação crescente das classes trabalhadoras; e depois ainda, um phänomeno de gravidade summa, que é a collectivisação de uma quantidade enorme de capitais, em instituições de mão-morta das quaes as *trade's unions*, com saldos de dez milhões de libras e receitas de cinco ou seis, são um dos exemplos mais conspicuos.

Stanley Jevons, esse forte espirito malogrado, cuja perspicacia penetrante descortinou alguns dos problemas mais complexos da economia da riqueza, formulou a lei por virtude da qual os capitais móveis de uma sociedade crescem progressivamente em razão das suas immobilizações.

Cada *melhoramento*, como usualmente se diz, cada arroteia de terras virgens, cada instalação mineira, cada linha de vapores, cada caminho de ferro, cada porto artificial: todas as obras da civilização económica, determinam aumento de rendimentos, pela economia de trabalho que trazem, ou pela abundância de productos que occasionam.

No regimen capitalista em que o mundo vive

desde a epocha das descobertas, no seculo xvi, e ~~as~~ suas sobras, ou economias, traduzem-se em capital, isto é, em valor destinado a instrumento de nova immobilisações, de novos lucros, de novas causas de enriquecimento. A valorisação, portanto, do capital dá-se conforme o lucro médio das immobilisações, e d'esse lucro resulta a taxa do juro.

O juro não está em razão directa da maior ou menor riqueza de uma sociedade, ou por outra, da maior, ou menor, abundancia de capitaes: está em razão do rendimento médio das immobilisações. Assim, as nações novas da America, onde a riqueza natural a explorar é muita, dão aos capitaes juros muito superiores aos das praças da velha Europa já lavrada, sugada, e servida de um modo, pode dizer-se, completo.

A intervenção, porém, de um elemento ou *genero intermediario*, no sistema das trocas, determina para logo a especulação sobre elle; e, na mobilisação sempre crescente dos haveres, o jogo, que é a especulação mercantil applicada ao capital, invade todos os espiritos. O delirio da riqueza assalta as classes todas. O furor invade por completo as cabeças. O jogo allucina o homem, por lhe acenar com a tentação de libertar-se do preceito natural do trabalho; sem se lembrar de que o trabalho, sendo a condição, foi tambem o premio da vida humana. A ociosidade é antipathica ao nosso temperamento. O jogo tem em si proprio a condenação pelo absurdo; pois não ha homem mais escravizado, mais completamente vítima da sua allucinação, do que esse que vemos em permanencia devorado pela añaia de ganhar, pelo medo de perder, pela furia das combinações, pelas crises da audacia, pelo torpor do desanimo.

Antigamente o jogo era um vicio, quer dizer,

pratica excepcional e condemnada de gente reproba. Antigamente, a especulação era o fôro exclusivo dos commerciantes, classe á parte, regida por leis suas proprias, e olhada pelo commun com receio, temor e desdem. Agora, o jogo e a especulação universalisaram-se á sociedade: de excepção, tornaram-se regra. O vicio fez-se uso. O preceito da velha escozeza: *Make money, my son, make money! honestly if you can—but make money!* tornou-se evangélico. O que d'antes eram artes manhosas de trocatintas, são agora modos de proceder correntes de gente recamada de veneras e titulos, e de sociedades pomposas e graves.

A propria lingua transforma-se. No *bagout* bolsista, na linguagem dos negocios, expressa tambem em *francez* comospolita, pois Paris, que é a Antiochia de prazer dos novos tempos, é tambem um *tripot* internacional: na lingua *des affaires*, a palavra *serieux*, applicada a um homem, não quer dizer já que elle seja digno de respeito, mas sim que elle possue o que se chama *de la surface*, isto é, que pode, ou que parece poder, com a responsabilidade incorrida. As trapaças, os *pescanços*, as batotas: nada d'isso diminue o *serieux*, para o qual basta terem-se *les reins solides*.

A vida torna-se, portanto, um exercicio a que é estranha toda e qualquer idéa de dever, de ordem, de justiça, de moral. Os caçadores de negocios vão pela selva obscura da sociedade, farejando, sondando, preparando o salto, com a garra desembainhada, o ouvido attento, a respiração suspensa, contidos apenas por um receio: o de naufragarem nas syrtes do codigo.

Quando á imaginação creadora dos gregos apareceu mythificada a natureza, os gregos metteram n'um mesmo mytho, o de Hermes, a que os lati-

nos chamavam Mercurio, duas classes: a dos traficantes e a dos ladrões. É que nos tempos primitivos, ainda hoje actual nos povos selvagens, o comércio consiste em astucia, exclusivamente. A civilisação moralisou-o, a ponto de o tornar o instrumento fecundo e fertil da distribuição das mereadoras no mundo; da mesma forma que levantou a feiticeria primitiva ás eminencias da medicina. Caso para pensar: as praticas honradas e simples do comércio são vencidas por aquillo a que se chama *les affaires*, regressando espontaneamente ao naturalismo primitivo...

Porque?

Pela razão que deu Stanley Jevons: porque a riqueza é muita, e os capitaes moveis superabundantes, e como consequencia da instrumentação completa a que a Europa chegou. Porque o dinheiro acotovelha-se desesperado, em procura de rendimento; porque o juro baixa todos os dias, e o capital perde progressivamente de valor. E no meio da symphonia de uma riqueza incomparavel, os possuidores do instrumento d'essa riqueza vêem fugir-lhes o terreno, dissipar-se o objecto da ambição, desenham-se as linhas de um mundo novo. O delirio do jogo e da especulação traduz inconscientemente o medo do futuro, e exprime com clareza o receio do presente.

O capital treme, e acolhe-se á protecção dos imperios poderosos: vae á Russia, vae á Inglaterra, comprar fundos. O rendimento, n'essas especies, é diminutissimo: $2\frac{1}{2}$, 3 %. Sommas que ha cincoenta annos davam a opulencia, dão hoje uma estreita mediania. A tentação está creada; aberta a porta á imaginação. De um lado existe o peculio e a avidez de um juro alto, do outro o genio inventivo do cavaleiros da industria. Que mais é necessario?

Não é difficultar marcar os momentos successivos da especulação, parallelos ao progresso e á democratização da riqueza.

Em tempos antigos, uma companhia ou sociedade industrial consistia, de um modo elementar, na reunião de individuos que se quotisavam para uma determinada empreza, correndo os riscos, e repartindo os lucros. Depois, ocorreu a idéa de mobilisar a quota, e appareceu a *acção transmissivel*, ao mesmo tempo que a lei fixava o limite da responsabilidade á quantia descripta nas acções.

As companhias anonymas, *joint stock limited*, invenção ingleza já do nosso seculo, são o ponto de partida de um movimento, rapidamente precipitado, até ao ponto de produzir a ebullição gigantesca d'estas ultimas dezenas de annos: essa tempestade de papel que se agita em nuvens pelos ares, vária nas cōrēs, crivada de algarismos, subindo, como tromba marinha que sorve as ondas espumantes dos ingenuos, de bolsa aberta, a offerecerem o fructo das suas privações aos mésinheiros cujo officio consiste em *empoisonner le marché*. Como nos parece hoje simplorio, honesto e bom, perante os *commis voyageurs* da finança, o Gaudissart de Balzac, explorando, na província, a *Huile céphalique* do amante Popinot!

Desde que apareceram as sociedades anonymas e as *acções*, avultou a materia prima do commercio de titulos, antigamente limitado ás sommas relativamente minimas das dividas nacionaes. Ninguem ignora as proporções gigantescas tomadas n'este seculo pelas dividas das nações; mas não é só esta especie de mercadoria que veio dar ás Bolsas um logar culminante no mecanismo economico do mundo. Não é unica, nem é até a principal, sob o aspecto que vemos agora.

No mercado dos titulos negociavam-se, com efecto, em concorrencia, de um lado, fundos publicos de renda certa, e do outro acções de bancos e companhias de dividendo incerto. O publico extranho aos negocios, o pequeno capitalista desejando crear para si um rendimento fixo, independente dos azares do commercio, dava naturalmente a preferencia á especie dos fundos publicos, de que as guerras do principio do seculo tinham feito avultar consideravelmente a somma.

Estas duas causas impediam a consolidação de quantiosos capitaes na revolução industrial que se avisinhava, com a construcção da rede dos caminhos de ferro do mundo. Por outro lado, a lucidez de vistos dos *business men* reconhecia que, se podesse assegurar-se ao capital subscriptor um juro certo, juro relativamente baixo, sendo a sua taxa determinada pela dos fundos publicos, havia lucros enormes a colher das emprezas que assim se fundassem com capitaes tomados por emprestimo. Os accionistas de taes emprezas repartiriam entre si o excesso de rendimento afferente a um capital enorme emitido; ao mesmo tempo que governariam cesaristamente, com um desembolso minimo, por vezes nullo, sommas colossaes de dinheiro invertido nas emprezas ideadas por elles. Para levar isto a efecto, que era necessario? Identificar os titulos de nova especie com os fundos publicos; atribuir ás companhias um caracter soberano. Foi o que se iniciou em França, no meiado do seculo, para a construcção da rēde dos caminhos de ferro, e para a instituição do credito predial. N'este caso, por uma combinação habil, a hypotheca era garantia do juro das obrigações; no primeiro garantia-o o Estado.

As obrigações, inventadas em França, com as

acções, de invenção ingleza, juntaram-se, portanto, á materia preexistente dos negocios de Bolsa, isto é, aos fundos publicos. A Inglaterra ideára o anonymous: a França inventou a dívida particular circulante, transformando as companhias em verdadeiros estados, e a sociedade económica n'um feudalismo de especie nova.

É de França tambem que vem a invenção subsequente das *partes-de-fundador*. Com as *obrigações* garantidas conseguiram-se chamar á industria e ás obras publicas as economias dispersas do publico. Mobilisadas em papel, circulavam, com as *acções*, ao lado dos fundos publicos. Conseguira-se mais concentrar os grossos lucros, que theoreticamente pertenciam, ou ao estado, ou a quem dera o dinheiro, nas mãos dos accionistas iniciadores. Assim a *acção* do Norte de França, de um desembolso hypothetico de 400 francos, vale hoje 1.900 ou 2.000, porque rende á anno 70 francos. Os accionistas quintuplicaram os haveres.

Lucros tão consideraveis, abriam os olhos á cubica. Empresas tão magestaticas, não se constroem sem untar muitas mãos. Se a iniciativa propulsora do capital-acções era muito, a iniciativa do agente homem-do-mundo, ou cavalheiro-de-industria, não valia tambem menos. Pagar-lhes os serviços a dinheiro sonante, podia ser arriscado; interessal-os nos lucros futuros, não. D'ahi as *partes-de-fundador*, ou acções beneficiarias, titulos sem desembolso que antecipadamente descontavam o futuro, e cujo valor consistia em *esperanças*, como se diz nos dotes das noivas que teem parentes ricos. A empreza do canal de Suez assignala este momento novo, a que está ligado o nome de Lesseps, verdadadeira encarnação, quasi épica, do Gaudissart de Balzac.

A Bolsa, por tal forma, podia dirigir-se a todos

os paladares, excitar todas as cubicas, lançar a sua rede sobre toda a especie de pecúlio guardado por quem quer que fosse o dono. Ao homem pacato e prudente offerecia os fundos das nações de primeira ordem; para levantar, com pequeno risco, os rendimentos da carteira, estavam os fundos menores: turco, egípcio (antes da ocupação ingleza) peruano, argentino, etc. Offerecia-lhe as obrigações prediaes e ferro-viarias, garantidas, tão solidas como fundos publicos. Com a tentação de um juro mais alto, offerecia tambem as obrigações não garantidas de emprezas que, porém, tinham nas receitas assegurado o serviço. É verdade que estavam á mercê de um *coup de main*, como os que tornaram Jay Gould, o bandido celebre, cem vezes millionario; mas esse desafogo da aventura bolsista não era ainda frequente.

Ao rico, ao aventuroso, as *acções*, mais ou menos arriscadas, dos bancos, das companhias, em que o dividendo é incerto, mas por isso mesmo pode exceder a taxa normal do dinheiro. A's imaginações férvidas, as *partes-de-fundador*, prenhes de promessas futuras e de esperanças douradas!

E tudo isto que era, pode-se dizer, nada no principio do seculo, subia já pelo meiado d'elle como uma cordilheira enorme de papel representativo de toda a riqueza predial, industrial, commercial, banaria: revolvida, cotada, remexida cada dia, nos vaevens da cubica cheia de avidez.

Toda a riqueza mobilisada, toda a riqueza democratisada se agita em turbilhão, passando, como n'um quadro dissolvente de lanterna magica, deante dos olhos dos que não teem, accendendo as cubicas, regando de esperança os máus instintos, pondo a nú a vileza humana, com a apoteose do exito e com o culto do deus dinheiro.

Em comícios de dezenas de milhares de accionistas, fundadores e obrigacionistas, Lesseps, Imperador do Panamá, falla ao seu povo, governa-o com boletins semelhantes aos de Napoleão; tem a sua imprensa assoldadada para cantar, a tanto por linha, as perspectivas magnificas da empreza, os rendimentos futuros das emissões, que vão em grande parte sumir-se nos bolsos dos corretores, jornalistas e oradores, nos camarins das *cocottes*, e nas mesas do *Café Anglais*. Democratisado, o capital entra no regimen universal do *réclame* e da trapaça.

A serie das invenções não está, porém, ainda esgotada. N'estes ultimos annos, a imaginação ingleza que, tendo iniciado o movimento com as *acções*, se deixara assoberbar pelos continentaes, voltou a ocupar o seu lugar eminente quando inventou a *acção de libra*, para as empresas africanas de diamantes e ouro. Mede-se bem o alcance psychologico d'esta idéa? Que vale uma libra, vinte e cinco francos, quatro mil e quinhentos réis, nos dias de hoje? Menos do que uma garrafa de vinho. São tentos de jogar; são ficções de capital. A civilisação democratizou a riqueza; a especulação pulverisa-a. Constitue-se um capital de milhões com migalhas inapreciaveis. Quem é o dono? Ninguem!

O capital chega d'este modo á sua expressão abstracta, e correspondente ao que é n'este fim de seculo: um signo sobre que se joga; uma hypothese sobre que se architectam esperanças; um trapesio em que a especulação manobra, enriquecendo, ou empobrecendo, os jogadores, activando a circulação do sangue metallico da sociedade.

Antes que da Africa viesse um grão de ouro, antes que sequer as minas se descobrissem: antes de nada, as *acções* de libra da *South Africa* valiam quatro libras. Amanhã valerão o valor dos ten-

tos de jogar; mas, entre hoje e amanhã, o dinheiro passou suavemente, indiferentemente, dos bolsos de uns para os bolsos de outros, custando isso apenas a somma perdida nas expedições e os cadaveres dos que ficaram. Tambem se perderam uns milhões e muitas vidas no Panamá, e então houve clamores. Porque? Porque um titulo de quinhentos francos já se considera uma capitalisaçao, e quando se lhe reduz o valor a zero, doe; ao passo que uma accão de libra não se conta, nem se lhe sente a perda.

Reducir o capital a uma verdadeira abstracção, pulverisando-o, eis ahi a ultima e genial invençao. Com ella se está colonisando o Transvaal, á sombra de especulações que teem cotado acções de libra á razão de duzentas, sem haver nem sombra de dividendo. Não se prevê bem que invenções novas podem já acudir á imaginação dos homens, no sentido de attingir experimentalmente a definição exacta dada, desde o tempo de Platão, ás riquezas. Realisou-se a doutrina: o dinheiro é uma abstracção, e o signo apenas sobre que se exerce a dansa das paixões excitadas pela cubiça.

XXXV

Não admira, portanto, que esta vertigem produza crises. Bagehot, o celebre autor do livro de *Lombard Street*, depois de descrever o mecanismo capitalista inglez, em tempos, é verdade, já antigos, reconhecendo a instabilidade, confessa, porém, que «esse modo é o melhor para explorar economicamente o mundo, cumprindo a Inglaterra a sua missão de centralisar os lucros commerciaes e industriaes».

Não é novidade que, no regimen da especulação, a riqueza se concentra pela força das cousas em uma oligarchia de ricos, embora essa concentração não tenha consequencias eguaes ás da antiga concentração aristocratica da terra. Agora tudo é vitalicio, e a roda da fortuna não está travada: gira incessantemente. E se a concentração da riqueza n'um grupo de individuos é o facto dentro de uma qualquer nação: internacionalmente, a Inglaterra, apesar da concorrença da França e tambem já da Allemanha, governa ainda plutocraticamente o mundo.

O caracter que o capitalismo tomou progressivamente, attingindo as suas ultimas consequencias, manifesta-se em varias ordens de cavallarias que inevitavelmente dão de si crises mais ou menos ge-
raes. As aventuras sahem coroadas de exito, quando as victimas são os batalhões dos especuladores anonymos, especie de soldados do exercito da finança, *chair à affaires* dos Napoleões bolsistas, como Jay Gould, ou plebe rustica dos novos senhores de balaço e cutelo. São fataes, quando, a meio caminho andado, se desmorona o castello de cartas da *combição*, esmagando sob as ruinas os audazes aventureiros.

Não vale à pena fallar do *train-train* ordinario da Bolsa, com o seu jogo diario, as suas operações de *reportes*, maré que permanentemente enche e vaza, e se tornou já, pode dizer-se, normal. N'estas notas fugitivas, apenas ha logar para as tempestades typicas, determinadas pelas fórmulas superiores que toma o jogo bolsista.

Os fundos das nações são ainda hoje a principal materia prima. Emitir um emprestimo é operação aventureira, ainda quando se trata de nações ricas e bem governadas. Disse-se abertamente que o ul-

timo emprestimo russo, embora para o publico subscripto muitas vezes, ficára em carteira. Os subscriptores não o quizeram pelo preço marcado, e a subscrisção foi simulada; o que acontece as mais das vezes, agora, por falta de confiança na solidez dos estados, logo, por exagero no preço de venda. A operação normal, natural e simples, dos governos pedirem ao publico a somma de que necessitam, abrindo os thesouros os seus *guichets* aos subscriptores, tornou-se impraticavel, desde que existe um verdadeiro feudalismo imperando no mercado dos capitaes. Um emprestimo contracta-se primeiro com um grupo que lhe *garante* a emissão, embolsando as luvas correspondentes. Depois, o grupo offerece-o ao publico; e se o publico lhe pega, o lucro realisa-se; senão, as carteiras dos bancos ficam inchadas de papel á espera dos compradores. Às vezes succede que os banqueiros não podem com a carga, e rebentam, como succedeu ainda ha pouco com a casa Baring, esmagada sob o peso dos fundos argéntinos; ou succede faltarem descaradamente, como Ephrussi fez com o emprestimo portuguez de 1890.

Estas fallencias de banqueiros, determinadas por exageros aventurosos, são talvez os mais graves motivos das crises de circulação. Mas taes crises veem tambem pelo motivo inverso, quando a audacia dos banqueiros é excitada e excedida pela cubiça das legiões de subscriptores, avidos de ganharem um premio, ou embriagados pela esperança de futuro, capiosamente propagada pela imprensa assalariada. No pequenino mundo portuguez, sucedeua ha dezesete annos, em 1876, e em reduzida escala, uma crise d'esta ordem. O dinheiro andava a rodo, o governo emittia directamente quarenta mil obrigações para a construcção dos caminhos de ferro do Minho

• Douro. Houve facadas nos *guichets* da subscripção, que foi do decuplo do que o governo pedia. Pela mesma occasião o Banco Commercial de Guimarães fez uma emissão de acções, cujo rateio teve de ser um quarto de acção para os subscriptores de 1 a 25 acções; meia para os de 25 a 50; uma para os de 51 a 100; e assim por diante, até aos de mais de 1.200, que recebiam $\frac{3}{4}\%$ das subscripções. Por aqui se vê como Portugal, que sempre foi grande em aventuras, não desmentia as suas tradições, já em 1876, antes de agora se lançar, outra vez, ao mar tenebroso, de ondas de papel...

Deixando os fundos publicos, pois que já entramos nos bancos, vejamos que fórmas toma a aventura e o jogo n'esta especie.

As crises antigas da Inglaterra, provocadas pelo exagero da emissão de notas, passaram já á historia, desde que as notas se subalternisaram no mar immenso de cheques, promissorias e mais titulos de credito, liquidados periodicamente nas *clearing-houses* annexas á Bolsa. A exploração dos depositos á ordem pela elevação da taxa do juro, é um meio de que não usa o banco *serieux*. É o expediente dos cavalheiros particulares de industria, que todos os dias levantam o vôo, emigrando com os peculios dos *gogos* que cahiram, deixando-se envenenar. Um banco sério, grave, e que se preza, não cahe n'essa ordem de operações: tem outras ao seu dispôr. Outras, que revertem em beneficio dos directores. São de duas ordens: a ficção da subscripção, e a ficção da cotação. A primeira é tanto mais facil, quanto o *engouement* do publico permitte multiplicar-se a fundação de bancos. A segunda faz-se na Bolsa, por um processo que chega a ser pueril, tão facil e elemtar se apresenta.

Com effeito, no estado de allucinação dinheiral

do espirito publico, enriquecer parece facillimo, desde que se tenha o espirito moldado para conceber certa ordem de combinações, em que defraudar a massa anonyma dos jogadores não se affigura roubo. Identico estado psychologico se via nos antigos contrabandistas que, roubando o estado, não seriam capazes de tirar cinco réis a quem quer que fosse. A abstracção é responsavel por muitos erros.

Levanta-se um banco. Eu, sem ter um real, subscrevo mil acções. Essas mil acções vou empenhal-as, ou no banco vizinho, ou até no proprio banco, obtendo assim o dinheiro necessario para as entradas. Se o banco vinga e lucra, embolso o premio; se o castello se desmorona, vem a crise e a fallencia, cousa indiferente para quem nada tinha. Cantando vim, cantando vou. Entretanto, enquanto o S. Martinho durou, fui vivendo vida regalada, à custa do ingenuo que subscreveu com dinheiro, ou que foi fazer o seu deposito.

Para chamar o subscriptor ingenuo, como na caça alemanha dos pombos, o modo é soprar o folle da *réclame*, na Bolsa e na sua imprensa, para que o subscriptor real acuda ao appello, vasando o seu sacco a comprar, com o premio mais elevado que ser possa, as acções subscriptas a credito por mim. Faz-se isso com o dinheiro do proprio banco, da mesma forma que os Estados manteem a cotação artificial dos seus titulos com o dinheiro do Thesouro. Faz-se até sem desembolsar, antes encaixando o lucro dos reportes, quando a viração da alta se mantém na meteorologia da Bolsa. Assim foi com a Companhia Real dos nossos caminhos de ferro.

A accão incha, a accão sobe; attingem-se cotações inverosimeis, imbecis, absurdas, como se viu ha annos, no delirio da *Union Générale*.

• É então que a especulação attinge tambem o seu momento ideal. O capital faz-se abstracção. O titulo é méramente um signo sobre que se aposte. Não ha relação alguma entre o valor real e a cotação. E, se antes vimos como a imaginação ingleza attingira a abstracção, no *nadir* da escala, com a acção de libra, isto é, sem valor apreciavel de desembolso: agora vemos como, no *zenith* bolsista, attingir-se tambem a abstracção, quando se compra por tres mil francos a acção de um banco formado nas nuvens.

A verdade é que se não compra. Joga-se. Espera-se que a cheia da alta cresça, e que os tres mil francos sejam ámanhã cinco mil; que se embolse a diferença; que o balão da esperança assim vá inchando, entumecendo sempre as algibeiras dos jogadores. Como no pacato e fossil jogo portuguez do *burro*, toda a questão é passar o valete, e não ficar burro. Ora a regra, é que os especuladores não ficam burros: burros ficam os torsiados, de orelha cahida, a zurrar miseria: os pobres anonymos que, no *bagout* bolsista, se chamam *gogos*. Mas, quando as cousas tomam proporções épicas e a allucinação invade a propria gente séria, fatalmente vem o *crash*, arrastando na mesma ruina os patetas e os espertos, como sucedeiu no caso da *Union générale*, recente entre tantos outros, precedentes e posteriores.

Falta, porém, registrar ainda outra especie que nos ultimos tempos tem tomado proporções enormes. É o syndicato, a que os ingleses chamam tambem *trust*. Não fallemos já dos syndicatos para emissões, indicados e exigidos pela constituição feudal do capitalismo moderno: fallo de outros syndicatos, determinados pela ancia de ganhar dinheiro. Monopolisar um certo genero foi em todos os tem-

pos uma das regras do commercio; mas em tempo algum o dinheiro teve o imperio que hoje tem, nem tambem a solidariedade commercial do mundo foi como hoje é. Monopolisar um certo genero, contratando-lhe a compra com todos os productores, e dictar depois o preço ao consumo, é uma operação tão simples, tão facil, tanto da natureza das cousas, que sem duvida alguma esta especie de operaçōes está destinada a um futuro opiparo.

Se no algodão, no trigo, no café, se joga bolsistamente, do mesmo modo que sobre os fundos publicos, ou sobre os titulos commerciaes e industriaes, esta especie, porém, é diversa dos syndicatos de monopolio de um certo genero, como a borracha, por exemplo; como os monopolios malogrados do sal e hulha; como, finalmente, o monopolio dos metaes que teve por epilogo a catastrophe tragica do *Comptoir d'escompte*, a que se ficou chamando o Panamá dos ricos.

Nos syndicatos d'esta especie corre-se risco igual ao da subscripção firme de uma certa emissão, com a diferença, porém, que, n'este caso, as artes e os meios usados na Bolsa e na imprensa para dar uma cotação artificial, ou convencional, aos papeis, permitem quasi sempre a sua collocação; ao passo que, nos monopolios de generos, se esbarra com o limite fatal e positivo do consumo, e que a elevação do preço determina desde logo um aumento de produçōe.

Foi o que sucedeu com o cobre. Tendo contratado a compra de todo o que ao tempo se produzia, a *Societé des Metaux* não contou que a elevação do preço de venda ia determinar a reexploração de muitas minas paralysadas pela baixa anterior d'esse prego. Forçada a comprar, a comprar sempre e tudo, estourou esmagada por montanhas

cupricas, arrastando comsigo o *Comptoir*, e levando ao suicidio o general d'esta batalha celebre *fin de siècle*.

As especies culminantes em que o jogo se manifesta são estas: as emissões de fundos, as companhias industriaes, as acções de bancos, os syndicatos de monopolio. O que não quer dizer que não haja infinitas outras especies menores, que concorrem para caracterisar o aspecto da vertigem universal do jogo, particular do nosso fim de seculo. Leia-se a este respeito o profundo livro de Bagehot, *Lombard Street*, e vêr-se-ha a mecanica do capitalismo inglez, que é o typo universal. Ahi se expõe a anatomia do jogo bolsista.

É elle a consequencia necessaria e inevitavel, é a intima consequencia do capitalismo em que vivemos. É tambem a causa da frequencia e da extensão das crises que periodicamente veem assolar os mercados, semeando ruinas, provocando suicidios, revolvendo por completo e anarchisando a distribuição normal da riqueza proveniente do trabalho.

Quer dizer que as crises sejam caso novo, e filho especial d'estas condições? Não, por fórmula alguma; e até estas crises da especulação, porque não destroem em absoluto riqueza, senão em parte minima, importam relativamente pouco para o corpo económico; embora importem muito para a estabilidade e para a moralidade dos povos, pois desordenam a distribuição, accendem o desespero filho da cubica, ateiam o anarchismo, e destroem todos os vínculos sociaes.

Mas, de facto, pode dizer-se que não destroem um atomo de riqueza absoluta, embora, desordenando a sua distribuição de um modo immoral, pervertam a verdadeira noção da riqueza, que é inteiramente relativa sob o aspecto concreto e positivo.

Uma sociedade de gente modesta, nos habitos, nos recursos, e nos desejos, pode dizer-se rica, embora chrematisticamente valha pouco. Uma sociedade onde a somma da riqueza seja enorme, mas onde, a par de Cresos, haja multidões de mendigos famintos, será sempre, senão uma sociedade pobre de dinheiro, pobre decerto de estabilidade e ordem, que tambem são valor. As crises da especulação, filhas da distribuição inorganica da riqueza, não fazem mais do que aggravar cada vez mais um estado de desordem chronica. Destruir a riqueza, não a destroem. Rebentam os balões inchados das fícções argentarias, e transferem dos bolsos dos desgraçados, para os dos afortunados, o resultado das liquidações.

Crises que tambem não destroem capital são as que proveem da deficiencia da moeda, embora esta causa, tão grave em outras epochas, esteja nos nossos dias subalternizada pelos infinitos artificios da circulação fiduciaria. Desde todos os tempos, e ainda hoje, o *drain* de moeda para o Oriente é constante. Já Plinio dizia que os romanos exportavam todos os annos para a India seis milhões de sestercios. Humboldt calculou que a absorção de moeda pelo Oriente, no periodo de 1550 a 1600, foi de dois milhões e meio de piastras ao anno; no de 1716 a 1790 de dez milhões; e no de 1791 a 1809 de vinte cinco milhões, principalmente resultantes do consumo do chá. Posteriormente, a introdução do opio alterou o estado das cousas; mas as estatísticas modernas accusam de 1862 a 1868 uma exportação de moeda de valor approximado de duzentos mil contos, ou seja cerca de trinta mil contos por anno.

Este ouro e prata vão, não voltam; e desde que a producção mineira dos metaes preciosos, principalmente do ouro, fica abaixo do consumo, por este

e outros motivos, é claro que os mercados se ressentem d'isso. Assim sucedeu em 1861-63 em Inglaterra com o *cotton drain*, determinado pela guerra civil dos Estados Unidos; assim sucedera em 1825 quando *bonds* do tesouro, vencíveis no dia seguinte, se descontavam a 2 %, isto é, a razão 730 % ao anno; assim sucedeu em 1848, em França, quando se pagavam cento e vinte francos de premio por mil, durante os oito dias que a Moeda levava a cunhar o ouro. Mas estas crises, repito, cada vez menos possiveis, juntam-se ás da especulação, no caracter *commum* de não destruirem riqueza, alterando-lhe, sim, a distribuição normal.

Crises destructoras são apenas as que teem por origem um cataclysmo, ou um erro. São as que provem das pestes, das guerras, da escassez de colheitas, quando ha causas physicas de destruição de capital; ou as que se fundam em obras sem utilidade, obras em que todo, ou parte, do capital é perdido. Exemplo flagrante d'esta especie é a aventura e a derrocada colossal do Panamá. Ora, os casos d'esta ordem, que fecham a serie, entram tambem na classe das crises de especulação, porque ella é a responsavel pelas aventuras temerarias. E, portanto, pondo de parte as especies determinadas por causas physicas ou organicas, resumindo-nos ás crises da especulação, é necessario concordar com Stuart Mill que, em abono da theoria de Jevons, acima exposta, considera essas catastrophes como essencialmente inherentes ao proprio capitalismo. A accumulação de capitais moveis em demanda de rendimento, crescendo progressivamente com a civilisação de uma sociedade, determina uma baixa do juro: d'ahi as emprezas, as aventuras, e os *crashes* consequentes, provocados pelo instincto de cubica, e que operam, como as trovoadas, limpando os ares.

e purificando o céo — até que, pouco a pouco, se acumulem os elementos de nova borrasca.

XXXVI

Evidentemente, não está na natureza do animal homem, um modo de vida inconsistente e atormentado, como este que o jogo chronico e universal estabeleceu, desde que a riqueza, democratizando-se, se generalisou, e, avultando por fórmula quasi inconcebivel, determinou o estado de cubica e ociosidade constitucional, em que todos vivem, e a que todos aspiram, embriagados pelo furor do goso. É tambem por isso que os ingleses, addictos constitucionalmente a este regimen, que é a propria alma da sua civilisação, produzem em nós uma impressão tão estranha e paradoxal.

Evidentemente os homens valem mais. Temos dentro de nós um instineto de ordem e justiça que protesta; e d'esse instineto, ainda sob as suas fórmas mais imperfeitas, ou mais brutaes, é que são expressão as doutrinas anarchistas, flôres perversas nascidas no pantano do capitalismo desenfreado, regadas com jorros de anciedade cupida.

Mas, se valemos mais, e se esta dança judenga dos milhões, em que as sociedades vão levadas, é contra a natureza: necessario é tambem que haja causa bastante forte para determinar uma tão grave perversão das cousas. Essa causa é a propria evolução das sociedades modernas. Para a expôr e determinar, é necessario voltarmos rapidamente os olhos para os tempos passados.

Supponha-se abstractamente uma nação, semelhante á China, por exemplo, que não tem, pode

dizer-se, commercio externo: uma nação, vivendo dos bens naturaes e do trabalho proprios, consumindo quanto produz, desenvolvendo-se isoladamente como corpo economico sobre si, sem relações, dependencias, nem imperio sobre outros povos. Supponha-se, por outro lado, uma nação, como a Inglaterra por exemplo, em que o solo não dá para o alimento dos habitantes, em que tudo se acha transformado em cidades e fabricas, em que o commercio externo, e as dependencias e o imperio economico exercido sobre outros povos são a propria base da riqueza collectiva.

É evidente que, na primeira hypothese, o pensamento superior e constitucional será a ordem economica, a normalidade da distribuição de uma riqueza collocada inteiramente sob a alçada das leis, porque d'essa normalidade proveem a paz e a fortuna do povo. Mas, por isso mesmo que, na segunda, a riqueza nasce da exploração dos paizes estranhos, e por isso que de tal modo escapa á acção das leis: é tambem evidente que o pensamento superior e constitucional será, em vez da ordem na distribuição, a efficacia nos meios de conquista da riqueza. Uma é a sociedade segundo a norma economica; outra a sociedade segundo a norma comercial, ou chrematistica. Uma trabalha e distribue, outra conquista e arrecada o saque.

Ora isto que assim formulamos de um modo abstracto, é a pura verdade historica da Europa moderna. Até ao seculo XVI, antes das descobertas, a vida do mundo europeu era isolada; a sociedade, aggrumiada em varias nações, existia organisada nas suas jurandas de officios; a terra era explorada segundo leis intimamente relacionadas com as constituições dos paizes; e o commercio, subalternizado como função, limitava-se ao serviço de permuta

dos productos indigenas, ou á troca das sobras, poucas e de pequeno valor, entre as varias nações europeas. Por sobre este modo de ser economico pairava um estado da consciencia moral que, profundamente crente nos premios e castigos da outra vida, se insurgia contra a usura, contra o jogo, contra o cambio, contra tudo o que posteriormente, dissipado o medo religioso, veio a formar o temperamento sentimental do homem moderno.

As descobertas ultramarinas, da Asia, da Africa, da America, deram á Europa uma nova feição economica. Desde logo se achou transformada, da primeira, na segunda hypothese, porque passou a imperar sobre o Mundo, da mesma forma que em éras remotas Roma imperára apenas sobre o Mediterraneo. Tornou-se metropole e fabrica do globo. Passou a viver de o explorar. Enriqueceu prodigiosamente, mas por isso mesmo teve de se desviar das normas naturaes da distribuição social. Por outro lado, as riquezas ultramarinas destruiam os velhos habitos de frugalidade no comer, no trajar, no habitar. Coalharam-se as cidades de palacios; os palacios de mobilias e alfaias preciosas; sobre as mesas appareceram os novos productos exóticos: o assucar, o chá, o café, o chocolate, as fructas e as flores singulares, com as porcelanas, as joias, e as filigranas do Oriente. Desordenou-se a distribuição, por isso mesmo que se enriquecia. Não era possível estabelecer leis, nem regimentos, para as viagens aventuroosas e para as especulações gigantescas em generos ultramarinos, vindos de paizes ingovernados: generos que, porém, a alteração dos costumes tornava materia prima da vida europea. Aberto este caminho, a vertigem cresce. Começando pelo commercio, continua pelo credito bancario, acaba pelo jogo, quando as cousas chegam ao ponto da saturação.

A isso assistimos no nosso seculo, especialmente na segunda metade d'elle, com o quasi incrivel desenvolvimento que, acima de tudo, as applicações do vapor á industria exerceram sobre o equilibrio economico do mundo. Na serie dos momentos da historia economica dos tempos modernos, esta segunda metade do seculo XIX ficará tão celebre, e tão grave em consequencias, como a primeira do seculo XVI.

Não é fóra de logar aqui a indicação de algumas datas gravíssimas para os fastos do industrialismo contemporaneo. O seculo acorda com o primeiro barco de vapor navegando entre Nova-York e Albany (1807) para se illuminar a gaz, em Londres, logo em seguida (1812). O *Times* começa a imprimir-se a vapor (1814) e pouco depois o steamer *Savannah* faz a primeira viagem transatlantica (1819). Em 1825 inaugura-se o primeiro caminho de ferro, de Stockton a Darlington; em 1837 inventa-se o telegrapho electrico de Cook e Wheatstone, e no anno seguinte a photographia de Daguerre.

Os elementos da transformação instrumental do mundo estão creados: é a obra da primeira metade do seculo; na segunda tiram-se as consequencias, e colhem-se os resultados. A pressão a que o trabalho se exerce cresce progressivamente; a circulação febril aumenta a cada instante. Ha crises, ha catastrophes? Tambem rebentam caldeiras, e só nos homens fortes morrem de apoplexias.

Em 1843 abre-se o commercio da China; em 1848 surge o ouro da California; em 1852 o da Australia; em 1859 o petroleo da Pensylvania. Em 1855 Bessemer descobre o seu aço; em 1866 ligou-se pelo telegrapho a Europa á America; em 1891 Londres a Paris pelo telephone. Em 1869 abre-se o isthmo de Suez, em 1870 fura-se o monte Ce-

nis, em 1885 o Saint-Gothard. Que falta fazer n'esta Europa transformada pelas riquezas do mundo inteiro?

A população europea (incluindo n'esta designação as colônias e os estados néo-europeus da América) duplicou de 1800 para 1880: era de cento e oitenta milhões, passou a trezentos e sessenta. Hoje, dez annos depois, hão de ser quatrocentos milhões. Essa gente tinha, em 1850, ao seu serviço, pouco mais de seis milhões de cavallos-vapor: hoje tem trinta e seis, em minas, barcos, fabricas, caminhos de ferro. Se computarmos em trezentas unidades a energia de um homem, em tres mil a de uma besta, e em quatro mil a de um cavallo-vapor, temos vinte e sete milhões para o primeiro, cento e vinte e oito para a segunda, cento e quarenta e dois para o terceiro: temos um total de quasi trezentos milhões de unidades, metade energia de sangue, metade de vapor; e vemos que cinco homens rendem hoje em trabalho tanto, como oito em 1840. Calcula-se agora o alcance da lei de Stanley Jevons, do augmento progressivo dos capitais movéis em razão directa das immobilisações?

Em 1850, os caminhos de ferro medium vinte e cinco mil milhas; hoje andam muito perto de trezentas mil. Os navios arqueavam sete milhões de toneladas, seis e meio de vela, meio de vapor; hoje arqueam vinte e dois milhões, quatorze milhões e meio de vela, sete e meio de vapor. O commercio externo das nações, que era de oitocentos mil milhões sterlinos, sobe a tres mil milhões. O commercio marítimo internacional sobe, de vinte e cinco milhões de toneladas, a cento e cincoenta, ou cento e sessenta milhões.

As dividas publicas dos estados absorvem a quarta parte do total das receitas das nações. Calcula-se

que em empréstimos perdidos para saliar a guerra se foram perto de dois mil milhões sterlinos: quatrocentos na Criméa, quinhentos na guerra civil dos Estados Unidos, quatrocentos na franco-allemã, duzentos na russo-turca, quinhentos em armamentos e couraçados para conservar a paz — e dar que fazer ás fabricas. Mais se calcula, que outros dois mil milhões foram gastos pelos governos em despesas reproductivas: oitocentos em caminhos de ferro e telegraphos, cem com a libertação dos servos da Russia, quinhentos em estradas e pontes, duzentos em melhoramentos urbanos, o resto em obras diversas.

Estas despesas dos governos sommam dezoito milhões de contos de réis; os cavallos-vapor da industria, a quatro contos, são cento e vinte milhões; as toneladas de arqueação dos navios, a cem mil réis, milhão e meio. Não é difícil portanto imaginar que as capitalizações instrumentaes e produtoras de rendimentos, ou por outra, de capitais moveis reclamando juro, subiram na ultima metade do seculo á somma quasi incomprehensivel de cento e cincoconta, ou duzentos milhões de contos de réis.

Comprehende-se, portanto, como é tambem n'esta metade de seculo que a febre do jogo, a embriaguez da cubiga, o delirio da riqueza, assaltam o animo de gente que, sem Deus que adore, nem tradição que venere, quando tudo se tornou vitalicio e individual, quando tudo se tornou exterior e scénico, põe o entusiasmo e a esperança inteira no gozo brutal da mulher que tambem se quota, da mesa que se paga, do palacio vistoso que passa de mão em mão: na vertigem allucinada pelas commoções febris das horas terríveis, em que a voz do pregoeiro na Bolsa, anunciando as oscillações dos

titulos, sôa como as trombetas do juizo final, convocando as gerações infinitas no valle de Josaphat.

Sempre se especulou, sempre se jogou, sempre se ganhou e perdeu. Nada d'isso é novo. O que é novo é a transformação de um vicio, em norma de vida das sociedades. Shylock e Harpagon eram monstruosidades pathologicas, expostas na scena para educação moral do publico, ou como significação do poder idealista do dramaturgo. Sempre se especulou; mas os comerciantes d'essa propria éra das descobertas, inicio da evolução de que hoje vemos o termo delirante, obedeciam a outros motivos. O dinheiro não era para elles um ídolo, nem um fim, como para o avarento classico. Entre Medicis e Gobseck ha um abyssmo. O commercio ennobrecia. Os banqueiros eram príncipes, a valer. Amadores e artistas, crentes na ordem de uma sociedade que lhes dava a palma da fortuna, mostravam-se dignos d'ella, mostrando em si a natureza que faz do homem gente.

Se a Italia, principalmente, deu á luz a geração dos ricos da Renascença, tão semelhantes aos Crespos de Roma, cá pela Hespanha tivemos nós, á imagem dos reis, os aventureiros que, enriquecidos, por fas ou por nefas, nas aventuras ultramarinas, adquiriam o temperamento *fidalgo*, e com toda a fidalguia usavam da sua riqueza para satisfazer as ostentações de seu orgulho infantil; mas tambem, ao mesmo tempo, e sobretudo, para coalharem estes reinos de conventos e egrejas, com que julgavam remir-se dos peccados velhos, provocando assim as ironias da gente prática de agora: céga gente que não vê ser mais irrisorio ainda o seu imbecil desfrute material da vida! Antes os conventos e as egrejas, do que os alcazares de *cocottes* e as mesas de *restaurants*. As illusões de outro tempo davam

á vida incomparavelmente mais delicia, do que estes divertimentos em que nos vamos arrastando hoje, por uma estrada de tedio inexcedivel, apesar das excitações permanentes do café, do tabaco, da morfina, e dos aphrodisiacos.

Aproximando-nos da edade em que tiramos as ultimas consequencias á exploração chrematistica do mundo, aproximamo-nos do instante em que apercebemos o vasio absoluto da riqueza. Ao proprio homem boçal, incapaz de outros desejos, vem, com a plenitude do dinheiro, a saciedade e o tedio. E vel-os arrastar a vida decadente...

E se já, praticamente, deixámos notado como a arte do capitalismo attingira por dois modos o ideal da abstracção, reduzindo o capital a um signo apenas sobre que se exerce o jogo; se já conhecemos a accão de libra, cujo valor inicial é inapreciavel, e a accão de banco sobre que se apostam quantias sem relação de especie alguma com o valor real que pode ter: se tudo isto já indicámos, quanto ao instrumento, digamos agora, quanto ao estado de espirito do homem de negocios.

Para elle tambem o lucro é uma allucinação, o dinheiro uma quantidade abstracta. O avarento de outras edades já não existe. Gobseck faz-nos rir, tanto o mundo andou desde o tempo de Balzac! O bolsista joga milhões, dispõe de milhões, saca, desconta, transfere, reporta milhões, sem ás vezes ter um conto de réis sonantes no fundo da gaveta. *Les affaires, c'est l'argent des autres*, diz-se n'uma comedia celebre. As quantias são abstracções, suposições, sonhos, encanto e embriaguez da vida dissipada. E muito melhor nada ter; os velhos banqueiros ricos não levam partido nos negocios, diz por outras palavras Bagehot, e comprehende-se. O homem rico tem de tirar juro para o seu dinheiro:

quem trabalha com o alheio contenta-se com a comissão. Além d'isso, o rico arrisca a propria fortuna e ás vezes perde-a, como sucedeu aos Barings, entre outros.

Assim, o *capital*, essa abstracção, nada tem de commun com o *ouro*; nem a febre dos negocios com o amor do dinheiro. O aventureiro dos nossos dias é até, por via de regra, dissipador. A ostentação faz parte do seu programma, e constitue traço de physionomia typico. Sendo o reclamo a alma das operaçōes, as amantes, as carruagens, os palacios, as recepções, toda a parte theatral da vida, são indispensaveis para consolidar o *credito* que a fortuna, a voga, o capricho, levantam em ondas, nem sempre feitas só de espuma.

Mas, de todos estes traços esboçados rapidamente, para retratar o verdadeiro *principe* da nossa sociedade desvairada, resulta um ser incoherente e digno de dó. Se lhe perguntarem de que, por que e para que vive, começará por ficar espantado, pois jámais cogitou n'isso. Vive ao Deus dará, á mercē do acaso, sem pensamento, nem designio. Vive como vê viver o proximo, obedecendo unicamente ao instincto de exceder o proximo, e dominá-lo. Vive na esphera obscura do Inconsciente; embora, com a sobranceria natural em quem se sente forte, desdenhe e ria dos que se abstêm de pensar como elle.

Se, pois, é digno de dó, como todos os que não raciocinam a propria existencia, dignissima de las-tima é a sociedade que acclama principe um tal homem, porque evidentemente se precepita com elle nas sombras da vida apenas instinctiva.

Obediente ao seu temperamento, esse principe torna-se tanto mais escravo das suas paixões, quanto maior é a energia dos meios ao seu alcance. Por

isso é tão frequente que se pode dizer regra, acabar arruinado pela vaidade, ou pelas mulheres; um victimas das *cocottes*, outro dos mestres-de-obras. Este dissipia em palacios, em galerias, em *bric-à-brac*, macaqueando o luxo verdadeiro e aristocratico; aquelle depenna-se pelas alcovas e camarinhas, farejando concupiscencia; outro dá cabo de tudo em carruagens, caças e coudelarias, para hombrear com a gente fina; e todos, com os vicios naturaes de *parvenus*, rematam a vida, gasta a architectar febrilmente uma *fortuna*, no trabalho insano de a consumir sobre os altares da vaidade ridicula, ou do sensualismo boçal.

E que remedio?

O mal dos tempos é um mal intimo, de consciencia: é a ausencia de ideal. Essa doença, que se chama *dinheirisação* tem como fóco a Inglaterra, mas é n'esse fóco, e por isso mesmo, onde a reacção mystica se apresenta com maior energia. Vem à superficie o antigo fermento que levedou o protestantismo; propaga-se o buddhismo trazido da India pelos funcionários; lavra a superstição spiritista em todas as classes com um fervor de insania quasi piedosa.

E ao passo que, parallelamente, cresce a onda do proletariado, dar-se-há, parece-me, o que os mathematicos denominam reducção ao absurdo. A reforma pacifica, exequivel quando as sociedades se governam por principados aristocraticos, é impraticavel hoje que vão levadas pelos furacões tempestuosos das democracias.

Exagerar-se-hão cada vez mais os emprestimos nacionaes com o exagero das despezas necessarias para salarial operarios, quer nas obras publicas, quer nas fabricas de armamentos e navios, quer nos exercitos transformados em asylos de gente

impedida de emigrar; exagerar-se-hão cada vez mais tambem para dar negocios á agiotagem, e encher por todas as formas o balão de fumo da riqueza publica, á maneira que os capitaes pedirem, cada dia mais alto, pelo amor de Deus, um juro.

Multiplicar-se-hão as obras gigantescas: far-se-hão pyramides como as do Egypto, inspiradas porém por um pensamento utilitario. Quem sabe? Talvez um tunnel transatlantico. Quem sabe? Talvez uma ponte no Mediterraneo. Ninguem pode marcar limites á invenção do homem; e se por ventura a electricidade nos der o segredo de uma força barata para substituir o vapor, é incontestavel que a humanidade verá ainda outra epocha de revoluções magnificas, semelhante, ou superior, á primeira metade do seculo XVI e á segunda do seculo XIX. Talvez a navegação aerea substitua os ruidosos caminhos de ferro e os enjoativos steamers. Dando-nos azas, a civilisacão precipitar-nos-ha porém de todo, como na fabula de Icaro.

Porque, se este fim de seculo não é o fim das aventuras e descobertas, e a humanidade tem a digerir ainda elementos novos, é mister reconhecer que lh'o não poderá consentir o estomago com que a natureza a dotou. Resistiu ao primeiro banquete, na Renascença; mas ninguem contesta que soffre de indigestão n'esta segunda kermesse do nosso seculo. O homem moral está deprimido, senão aniquilado. Ganhar e gosar, ganhar para gosar, é o seu evangelho, tão mesquinho quanto incoherente; porque o ganhar afflige muito mais do que o trabalho, e o goso, afinal, torna-se um aborrecimento insupportavel.

Vivemos de relações, e logo que qualquer cousa atinge a sua plena definição: logo se esvae em fumo, perdendo o caracter de realidade, tornan-

do-se em abstracção. Assim é o goso, assim é o dinheiro, assim é o amor. A vida é um desejo permanente, e só se equilibra quando pombos esse desejo n'um objecto phisicamente inattingivel. Se o collocamos n'uma mulher, ou n'um milhão, assim que os possuimos, achamo-nos abraçados a uma sombra, victimas de um engano, martyres de uma illusão.

O mal e a enfermidade do seculo são estes: embbedou-se com a indigestão de riqueza que lhe deram, e caiu em todos os fracos dos *parvenus*.

E o que succede com os homens, succede com as cousas, que só existem segundo o nosso espirito as anima. O mesmo que succede com o goso, succede com o capital, segundo vêmos, e é explicado pela lei de Stanley Jevons. Tanto immobili-sámos, tanto melhorámos, tanto economisámos, e os rendimentos são tantos, que, á falta de applicação, o capital movel começa a não ter valor; e muito menos teria, se não fossem as combinações phantasticas, diariamente inventadas por um capitalismo aux abois.

A prova provada está em que a Inglaterra converteu parte da sua dívida a 2 1/2 % e não foi mais longe, não porque o não pudesse, mas sim porque lh'o impediu a plutocracia. E necessário que a corda do imposto se estique o mais que puder, para salarial o capital. E por toda a parte a situação clásica está invertida: já não anda o inventor de negócios atras do capitalista; anda o capitalista atras de quem quer que lhe descubra um meio de ganhar juros.

Eu, portanto, como optimista, creio em conclusão que, pelas conversões das dívidas nacionaes reduzindo o juro ao minimo; pela cooperação industrial operaria, suprimindo organicamente a necessidade

de intervenção do capital na industria; pela acalmação da febre do jogo, supprimida a materia prima d'elle e saciados os instinctos animaes: por tudo isto, e por tudo o mais que se infere d'aqui e está na evolução natural das cousas, as sociedades europeas, em primeiro logar, e depois as ultramariñas, voltarão com o tempo a entrar paulatinamente na vida normal da paz, da virtude e do trabalho.

Nesse dia estará acabada a laboriosa e deprimente digestão de riqueza, que pará os povos da Europa começou quando descobriram o mundo; que continuou aggravada quando descobriram o vapor; e que terminará, se entretanto não tivermos a desgraça de descobrir algum novo engenho que atire conosco para as regiões obscuras dos infernos.

XXXVII

Das instituições de mão morta a que anteriormente me referi, e que são um dos correctivos ao capitalismo actual, a mais extravagante que ultimamente nasceu, n'esta gleba de excentricidades, é a *Salvation army*. Fui um dia ao magnifico palacio de *Victoria Street* procurar o general Booth, mas não pude vê-lo, pois andava em viagem pela India. Recebeu-me seu filho, o *commandante Bramwell Booth*. É homem de uns quarenta annos, alto, forte, grandes barbas castanhas, amavel, instruido, e surdo como uma porta. Usa de cornetas acusticas, e, com alguma boa vontade de parte a parte, entendemo-nos perfeitamente, pois é homem de espirito aberto e genio pratico, este *salvador* da humanidade.

No muito louvavel proposito de regenerar os ho-

mens, a historia registra grandes nomes; e cada um d'esses, afinal, é sempre um *representative man* da raça que o produziu. S. Francisco de Assis, alliando o amor virgiliano á illuminação dantesca, propoz a receita do sacrificio e da paixão mystica. Santo Ignacio é a personalisação do espirito hespanhol, subtil e realista na violencia dos desejos, pratico na escolha dos meios. Luthero é uma mistura de sonho e grosseria, flôr de lupulo e cerveja espessa, equivoco nebuloso e intuição profunda, como a Allemanha mystica. Pois o general Booth e a *Salvation army*, até nas suas extravagancias caricatu-raes, são a mais genuina *representação* ingleza que eu encontrei.

Já os jesuitas tinham descoberto o processo de converter os indios com musica. O *general* applica a regra aos seus concidadãos. Já vou contar o que aprendi nas minhas *interviews* com o *commander* Bramwell Booth; mas, antes, quero mostrar a importancia da *Salvation army* e do *social scheme* que ella ultimamente tomou de empreitada.

O *social scheme* teve como evangelho o livro do general Booth, *In darkest England and the way out*: a Inglaterra negra e a maneira de sahir d'ella. É obra interessante sob diversos aspectos. Abre o livro com um mappa, ou retabulo, chromolithographado, em que a sociedade apparece representada, como nos quadros mysticos da Edade-média. Em baixo, figura-se o mar encapelado com tres milhões de homens que se afogam em ondas de miseria e vicio, por entre as quaes remam barcos salva-vidas da *Salvation*; das margens, soldados da *army* atiram boias; no centro, levanta-se um pharol illuminado com disticos salvadores. Por cima do mar, vêem-se campos e lavouras; e por cima ainda, n'uma gloria, desenham-se, além dos mares, conti-

nentes largos, illuminados. Encerra tudo um arco architectonico, tendo escripto, de um lado, *Salvation Army*; do outro, *Social campaign*; no tympano *Work for all*; e nas fiadas de cantaria dos pilares sobre que assenta a volta do arco, muitos numeros, com todas as estatisticas da miseria e da perdição. É pueril, sem ser ingenuo. É, sobretudo, extravagante; mas é o genero adequado ao espirito nativo.

O plano social, *social scheme*, não tem, porém, nada de communum com as utopias historicas. É a cousa mais corrente do mundo. A extravagancia está sómente nos processos empregados. O principio consiste (eu traduzo) «em formar, com estes desgraçados, comunidades de gente *self helping* e *self sustaining*, que se ajude e se mantenha a si propria, sendo cada uma d'ellas uma especie de sociedade cooperativa, ou familia patriarchal, governada e disciplinada pelos principios que já provaram tão efficazes na *Salvation army*». É simples e é inglez. Esta gente tem o valor inestimavel de arrostar de frente com todos os obstaculos, por ignorancia das cousas, de um lado, mas tambem principalmente por uma cega confiança na sua força.

Instituiu, pois, o general tres colonias de *salvação*. A *city colony* e a *over-sea colony*, representadas allegoricamente no quadro que descrevi. A *over-sea colony*, isto é, o refugio pela emigração, não existe ainda senão no papel; a *farm colony*, consiste em mil e duzentos acres de terra em Hadleighon-Thames, onde estão recolhidos duzentos colonos, miseraveis de Londres. A *city colony*, finalmente, constitue a parte mais importante, hoje, do *social scheme*. São quatorze albergues, *shelters*, onde pernoitam quasi quatro mil pessoas; são oito casas de pasto, ou sopas economicas, que distribuem dois

milhões e meio de rações por anno; são quatro oficinas onde trabalham dois mil homens; é um escriptorio onde cada anno se angaria trabalho para cinco mil operarios; é outro, por via de cujas diligencias se acharam o anno passado seiscentas pessoas extraviadas; são quatorze asyllos onde se recolheram mil e quatrocentas mulheres perdidas; é um albergue onde entraram duzentos condemnados saídos das cadeias. É tudo o que a philantropia pode fazer. O processo e o modo são grotescos, provocam o riso; mas, por isso mesmo, teem exito entre ingleses. E como se faz tudo isto?

Tenho perante mim as contas da *Salvation Army* em 1891, arrumadas commercialmente, com uma minuciosidade extrema. Vale a pena um instante de attenção. O balanço mostra, no activo, £ 435.971 de propriedades e £ 123.021 de valores moveis; no passivo £ 370.769 de dividas hypothecarias e outras, e £ 188.221 de saldo. Como se vê, a *Salvation* applica a si propria o expediente capitalista da hypotheca e do credito. Vamos ás contas do anno: O *trade department*, ou secção commercial da sopa economica, operou com duzentas mil libras de compras, e outro tanto quasi, de producto de rações vendidas a preço de custo. Houve até a perda de £ 17.101. O fundo das *colonias* obteve £ 106.000 de donativos; gastou 64.000; conserva 25.000 para a *colonia over-sea*, e 17.000 em saldo. As collectas, donativos e subscripções subiram a £ 27.150; o rendimento dos bens proprios a £ 33.315; os lucros a £ 18.903; e com estas £ 79.368 se sustentou a familia Booth e o seu exercito, com os varios institutos que manteem, satisfazendo-se as despezas de recrutamento e instrucção militar.

Não conheço exemplo mais extraordinario da conjunção hybrida do individualismo com o collecti-

vismo, nem da philanthropia com o espirito mercantil. Mas tambem não ha, creio eu, exemplo semelhante de um homem, porque o general é tudo, se transformar em emprezario de religião e philanthropia, conseguindo n'um anno realisar uma somma de operações que attinge cerca de oitocentas mil libras.

Quiz vêr um dos *shelters* da *Salvation Army*, e para isso voltei a Whitechapel, de noite. O *official* recebeu-nos, e ouvindo-nos fallar portuguez, respondeu-nos n'essa lingua. Era um sr. Taylor, que fôra caixeteiro da casa Shore, no Porto. Este incidente pol-o ainda de melhor humor, se é possivel, para nos mostrar tudo. Casarão vasto, arejado, limpo e bem illuminado. Nos largueiros das asnas que sustentam o tecto, vêem-se escriptas sentenças biblicas. No chão, em quatro linhas paralelas, enfileiradas, as camas, isto é, os caixotes. Cada cama é uma caixa sem tampa, tendo no fundo uma enxerga. Os ebrios, que formam a grande maioria dos albergados, não podem rolar para fóra do leito. Cobertores são de couro, ou de lona embreada. Porque? Disse-me o sr. Taylor que por causa dos parasitas. Mau cheiro, não havia. Estes albergues, feitos á imitação dos que já vimos em outra visita, são incomparavelmente melhores. Custa dois *pence* a noite, com uma chicara de chá, lavagem, e cantilena biblica. Ao descermos subia um homem, empurrando um bebado esfarrapado. Silenciosamente, tirou dois *pence* do bolso, e desceu, indo o bebado para o seu caixote. Muita gente dá esmola d'este modo: de outra forma, o dinheiro vae direito parar ao *gin palace*.

N'uma das minhas varias excursões a *Hyde park*, para ouvir os oradores populares que ahi pregam, dei com um que disse chamar-se George Osmond

Pavitt, e na vespera dormira em Whitechapel. Queixava-se de ter pago por uma toalha dois *pence* e meio, e meio *penny* por um pedaço de sabão carbólico. Dizia que n'essa manhã trezentos homens tinham para se limpar uma só toalha, e que era melhor dormir ao ar livre, do que nos caixões; que o *shelter* dava de lucro 17 por cento; que o chá sabia a caldo com melaço; que logo às 6 da manhã, tocando o sino, tudo ia para a rua; que os bichos de uns passavam para os outros; etc. Era um mal agradecido? Talvez. Dão os *shelters* 17 por cento de lucro? O *detective* que me acompanhava, quando os visitei, disse-me serem um grande negocio.

Mas que é afinal a *Salvation army*?

O general Booth nasceu em 1829; tem sessenta e tres annos, umas longas barbas brancas, e uns olhos brilhantemente agudos. Aos quatorze annos alistou-se na *Wesleyan chapel*, desenvolvendo-se-lhe tres annos depois a bossa propagandista. Aos dezenove annos missionava Booth em Londres, e no Lincolnshire. Aos vinte e quatro passava a *ministro* na egreja methodista, *Methodist new connexion*, seguindo a sua carreira de missionario. Casara, e mrs. Booth prégava tambem por seu lado; até que, em junho de 1865, armavam a sua tenda em Whitechapel, no coração da cidade da miseria londrina, fundando a *East London christian mission*. Era uma seita nova, que, ampliada com os adeptos alcançados por mrs. Booth nas suas peregrinações pela Inglaterra, se transformou em 1870 na *Christian mission*, a missão christã: christianismo puro, sem rotulos, dizem elles.

Oito annos depois, em 1878, o futuro general teve uma inspiração: a missão christã era um exército salvador dos operarios convertidos. *The christian mission is a Salvation army of converted wor-*

king people. O nome estava achado: *Salvation army*, e com elle a idéa do novo instituto. O sr. Booth transformou-se em general; mrs. Booth em generala; os apostolos foram *commanders* ou *capitães*. E os batalhões das «raparigas da Alleluia», *Halleluyah lasses*, com pifanos e tambores, passaram à conquista da Inglaterra pagã. Tudo respirava guerra; a bandeira vermelha do exercito inscrevia este *moto* «sangue e fogo» *blood and fire*, mas não a valer: era o sangue de Nosso Señor Jesus Christo e a chamma do Espírito Santo. Observa o general, na historia das suas campanhas, que «o uso das bandeiras tem feito mais bem do que se poderia acreditar, estreitando os vínculos dos soldados entre si, e animando-os e excitando-lhes o espírito de entrepreza e resolução». É pueril tudo isto; mas é genuinamente inglez.

Dividiram a Inglaterra em commandos, adoptaram um uniforme, copiaram os regulamentos militares, irradiaram para fóra, propondo-se a salvar o mundo. O estado-maior do exercito compõe-se com a familia Booth: os dois paes são generalissimos. Depois veem os filhos: Bramwell Booth, o surdo que eu conheci, é chefe do estado-maior; Herbert Booth é o commandante geral do Reino-Unido; Ballington Booth, o commandante dos Estados Unidos. Depois veem as filhas: Eva e Luiza, solteiras; Emma Tucker, que tem a seu cargo a India; Catharina Cliborn, que tem a França. Depois as noras: mrs. Bramwel Booth, mrs. Herbert Booth, mrs. Ballington Booth; finalmente, os genros que adoptaram o nome do patriarca do *clan* da Salvação: Arthur B. Cliborn-Booth e L. B. Tucker-Booth. Este ar de patriarchalismo mostra como ainda o povo é *antigo*. Os Booths acharam no propagandismo *salvador* uma industria que exploram familiarmente.

E o exito com que o fazem, dizem-no os algarismos, verdadeiramente assombrosos. Em primeiro logar, taem organisado um serviço de publicidade colossal. *The war cry*, e *The young soldier*, orgãos semanaes, tiraram em 1891 mais de oitocentos mil numeros. As folhas e *magazines* mensaes, *All the world*, *The Deliverer*, *The social news*, *Full salvation*, etc., tiraram duzentos mil. Jórnæs, *tracts*, livros, e mais publicações, attingem milhões de numeros, que se vendem, e onde tudo escreve, satisfazendo a fome immensa de leitura que distingue o povo inglez. A güerra prega-se em trinta e quatro linguas diversas, e anda escripta em dezesete.

Não se exagere porém o internacionalismo da seita. Sobre 3.154 batalhões, 2.623 são da Inglaterra, Estados Unidos e colonias britannicas; e n'este total a Inglaterra entra por 1.395 batalhões. Para o mundo inteiro não-inglez, ficam apenas 531 batalhões: é pouco. O officialato conta 10.893 figuras ao todo: 8.981 no mundo inglez, 4.697 na Inglaterra. O estado-maior conta 1.110 figuras. N'isto incluem-se homens e mulheres: o exército não exclue sexos. Entre os officiaes, as mulheres serão dois quintos; e são mais fervorosas, trabalham melhor, fazem *the best work*, segundo me dizia Bramwell Booth.

Mas em que consiste a obra? Em pregar abstinencia, em afastar as mulheres da prostituição, os homens do vicio, dando-lhes trabalho e amparo. O anno passado, dizia-me o sr. Booth, tirámos, das ruas de Londres milhar e meio de mulheres perdidas. São doze mil ou mais, ao todo, as regeneradas. A obra consiste em missões ambulantes que vão pelas aldeias em wagons-casas, a que chamam «fortes de cavallaria» *Cavallary fortis*; consiste em procissões nas ruas, pregando a lei nova.

— Não ha menos de cento e sessenta mil sortidas d'essas cada anno.

— Mas a doutrina que prégam é diversa, ou hostil, ás outras religiões? Afinal é uma seita nova a *Salvation*?

Mr. Bramwell sorriu-se e disse:

— Hostilidade, não temos a ninguem. Quem quer que crê em N. S. Jesus Christo está comnosco.

Eu insisti.

— De facto, não se pode deixar de confessar que a *Salvation* é uma seita nova.

Vendem por anno mais de vinte mil d'esses chapéus de telha que fazem parte do uniforme feminino do exercito. E uma das causas do exito está na mocidade energica do officialato: a maioria tem menos de vinte e cinco annos.

Ao cabo de dezeseis annos de propaganda, o *clan* dos Booths celebrava a apotheose da *Salvation army* n'uma sessão do *Alexandra palace*, onde oito mil soldados reunidos ouviam, suprema consagração! a leitura de uma carta de parabens da rainha Victoria. E depois, o *social scheme* para a redenção da «Inglaterra Negra» era patrocinado pelo principe de Galles, iniciador da subscricção que produziu cem mil libras n'um anno. Quer-se prova maior de quanto esta obra, levada a cabo extravagantemente, corresponde ao genio e ao *feitio* britannico?

Oiparamente installada nos seus palacios, ou *quarteis-generaes*, da rua da rainha Victoria e da ponte de Blackfriars, com um banco seu, caixas economicas, jornaes e uma infinitade de instituições de beneficencia, a ambição da *Salvation army*, é, segundo Bramwel Booth me disse, substituir a caridade official e as *work-houses* mantidas com a taxa dos pobres, por instituições cooperativas inspiradas

no *self help*, restaurando o sentimento da responsabilidade no espirito abatido dos miseraveis. Por outro lado, a *Salvation* dá aos desgraçados um alimento mystico, fallando de religião a classes que não tem entrada nas egrejas protestantes, onde só se admite gente *respectable*.

É, assim, um *revival* democratico do individualismo mystico inglez; e com todo o acerto, um critico notava as affinidades que existem entre a instituição da *Salvation army*, e o pensamento de Carlisle, expresso sobre tudo no seu livro supremo do *Past and Present*. Este renascimento do mysticismo religioso e do ardor philanthropico (evitemos sempre a palavra caridade, que não vem ao caso) coincide com a expansão da democracia socialista, com os primeiros solavancos da nau do capitalismo, e é por tudo isto eminentemente symptomatico.

Muitos ha que accusam a familia Booth de fazer um excellente negocio com a *Salvation*, explorando sabiamente a industria da redempção humana. É um erro a accusação, embora o facto seja exacto. Booth teve a habilidade de bater moeda com os miseraveis, do mesmo modo que o O' Connell *penny* (cada irlandez dava um *penny*, cousa nenhuma, para aguentar o tribuno) produzia milhares de libras. Só assim se fazem as cousas em Inglaterra. S. Francisco de Assis, se aqui viesse, era apupado, pelo proprio facto de ser santo. Booth é acclamado por isso mesmo que é grotesco. Sabe ganhar a sua vida: supremo requisito. Conseguiu fazer cousa que se veja: é um vencedor. É um vencedor no *sport* da redempção. A propria idéa de formar o *facsimile* de um exercito, e fazer da *salvação* uma campanha, estão revelando o prisma de combate pelo qual o inglez vê todas as cousas. E isto não é um facto simplesmente rhetorico. É mais intimo e mais

realistamente intencional. Para mover a machina pesada do inglez phleugmatico, era necessario ferir-lhe o paladar como uma pimenta caustica de especie diversa. Foi isso o que a intuição de Booth adivinhou. Propoz-se explorar o escandalo, ferir as attenções, provocar as desordens, chamar contra si os protestos e as objurgatorias da gente phleugmatica, por saber quanto o inglez gosta da lucta, como o *sport* é o seu regalo, e que tinha seguro o exito se o conseguisse irritar. Claramente o confessa: «O exercito consideraria os seus *services* ao ar livre como um fiasco miseravel, se não causassem obstrucções e não fossem um incommodo para os habitantes».

É o avesso do *humour*, e a exploração systematica do dar-na-vista, do *show*, predicado inglez.

Por isso os pelotões, quando saem em formatura, procuram systematicamente obstruir o transito e perseguir os ouvidos e as attenções de quem passa. Insensivelmente, as janellas povoam-se, o povo grunhe, protesta, insulta; mas fica.

Elles fallam em discursos breves; cinco minutos, poucas palavras, mas fortes. *Every thing short, sharp, striking, vigorous*, recommenda o general. Depois cantam hymnos:

Crossed the rivot of Jordan
Happy, happy, happy, happy,
Crossed the river of Jordan,
Happy in the Lord!

É pueril, e é barbaro; mas é o que convém aos quasi selvagens, escoria perdida de uma civilisação desquiciada. Booth é por instincto, intuitivamente, um grande psychologo.

Canta-se, ajoelha-se, bate-se nos peitos,

Christ is my salvation!
I was indeed sunk low in sin,
When the Lord saved me.

São sentenças breves, perceptíveis. Os apostolos veem fardados: grandes SS vermelhos, nas gollas; bonets de galão vermelho, os homens; chapeus de *telha* com fitas vermelhas as raparigas, *halleluya lasses*. Trazem bandeiras com o motto *blood and fire*, e tambores, cornetas, pandeiros. Dançam *gigs*. Parece um carnaval; mas por isso mesmo é que o inglez se sente attrahido. E como o contrariam e irritam; como, contra os seus protestos escandalizados, essa gente mostra coragem: o inglez pára, começa por applaudir rindo, e acaba por cair de joelhos, convertido.

XXXVIII

Quanto a mim o phenomeno mais geral e caracteristico da Inglaterra de hoje é o *revival* democratico, accentuando-se socialista e mysticamente.

A *Salvation army* provocou-me considerações sugestivas; mas outro ponto que me impressionou talvez ainda mais, foi a generalisação das superstições spiritistas. Ainda n'isto o inglez é como o romano: tem a imaginação theologica; por toda a parte vê deuses. E o mundo tambem agora lhe parece povoad de sombras, que se evocam por varios meios. Quasi se pode dizer que não ha familia, em que, mais ou menos, se não consultem os espíritos, pelas mesas, pelos chapeus: objectos circulares, a que o contacto das mãos imprime movimentos variamente interpretaveis. Pareceu-me que esta generalisação

do estado supersticioso se deve ligar ao abatimento das crenças religiosas, n'um povo em que as faculdades metaphysicas não são de certo dominantes. Naturalismo e superstição são correlativos, na ausencia de piedade metaphysica. Não ha leitura mais illustrativa a esse respeito, do que Plutarcho: escreveu n'um tempo, por muitos lados semelhante ao nosso.

Quem conhece muito, ou até pouco, das superstições antigas (os livrinhos de Maury *La Magie et l'astrologie* e *Le sommeil et les rêves* são instructivos) não se surprehende com os casos da superstição moderna, a que a explicação forçada do charlatanismo evidentemente não satisfaz. Não trato agora de dissertar sobre a superstição, nem de expôr o spiritismo contemporaneo: quero apenas notar as impressões recebidas no contacto d'este povo, fundamentalmente, supersticioso, por ser antipathico á philosophia. O spiritismo que se pratica, mais ou ou menos supersticiosa, ou religiosamente, no seio das familias, tambem tem as suas egrejas e as suas sociedades, combinando tambem de um modo abstruso o methodo das sciencias europeas, as tradicões do occultismo oriental, e as allucinações do nervosismo feminino. A *Society for Psychical Research*, que tem já publicados oito volumes de *proceedings*, e de que é presidente o professor Henry Sidgwick, collige e commenta todos os casos de segunda-vista e apparicões; podendo dizer-se que é a Academia do spiritismo. Por outro lado, a Lodge Blavatsky¹, do nome da iniciadora do occul-

1 M.^{me} Blavatsky deixou uma collecção importante de obras theosophicas, todas escriptas em inglez, *Isis unveiled* 11 vol.; *The secret doctrine*, 3 vol.; *The key to theosophy*; *The voice of the silence* (traducção do sanskrito); *Gems from*

tismo oriental em Londres, a quem sucede hoje a extraordinaria figura de Mrs. Besant, funciona na *Avenue Road*, 19, junto a *Regent's Park*, ás quintas feiras. Tenho aqui o programma das *Lectures* de maio e junho.

Maio 19. *As forças intimas da natureza.*

I Chímica moderna e Electridade, á luz da philosophia esoterica.

* 26. II Investigações modernas da Phisica e Superphisica, referidas ao Occulismo.

Junho 2. III Ether nervoso e suas relações com o Mesmerismo.

* 9. IV Formas crystalinas e forças elementares.

* 16. V As propriedades occultas das pedras preciosas.

* 23. VI O som, como construtor e dissipador de formas.

* 30. VII A bruxaria medieval e moderna.

the East; um glossario e diccionario theosophico; o seu journal *Lucifer;* e uma infinitade de artigos avulso.

A vida de M.^{me} Blavatsky foi singularmente aventurosa. Nasceu em 1832, e aos dezesete annos casou com o vice-governador de Eriwan, na Transcaucasia. Poucos meses depois de casada, desaparecia, e não houve noticias d'ella durante oito annos. Contava depois que n'esta hegira fôra arrastada para o Thibet e percorreu o Himalaya e todo o norte da India, estudando as linguas e a litteratura sanscrita e a sciencia do Occultismo, professada pelos sabios, ou *mahatmas*.

Voltou a casa em 1857 transformada em *medium* spirita. Dois annos depois, separou-se legalmente do marido. Residiu na Russia até 1873. Já passava dos quarenta annos quando se fixou em Nova York, começando ahi a sua campanha contra o materialismo do seculo e contra o spiritalismo elementar de que até então fôra, conforme dizia, o instrumento inconsciente. Ella era agora um *mahatma*, um sabio do Occultismo, e associando-se aos seus primeiros discípulos, os irmãos Eddy e o coronel Oleott, fundou a sociedade theosophica, e começou a sua propaganda escripta. É singularmente novo o fructo d'esta aliança do realismo inglez com a phantasia slava, exercendo-se sobre o illuminismo oriental.

Os escriptos de M.^{me} Blavatsky, dictados reveladamente pelo espirito do *mahatma* Moria, seu inspirador, provocaram grande celeuma no mundo sabio anglo-americano, e lançaram os fundamentos da nova seita de que Mrs. Besant herdou o papado em Londres.

Às quintas, de noite, ha *lectures* ou conferencias; aos sabbados, exercicios thesophicos; e nas primeiras terças feiras de cada mez, *converzazione*. Isto basta para dar idéa do caracter do ensino professado na *Lodge* de *Avenue road*. A theosophia occultista da Asia central, estudada já hoje em numerosos volumes, abraça-se á novissima phisica do professor Crooks, o inventor da materia radiante, e d'esse curioso instrumento denominado o radio-metro.

Queria eu, dar um esboço da phisionomia da pythonissa ingleza, Mrs. Besant; mas não pude *interviewal-a*. Entretanto, a sua biographia é conhecida e popular. É uma das muitas *missionarias* que a Inglaterra produz, mas com um talento e um dom de sedução verdadeiramente superiores. Ferida pelos espinhos da vida, nos seus primeiros passos, transitou por todos os páramos do sub-solo que fermenta, aguentando a Inglaterra protestante, capitalista e *respectable*. Palpando a miseria, o socialismo atraiu-a; vendo o vicio de perto, devotou-se á regeneração feminina. Rebentou a grande grève das docas de 1889, e o *unionismo* dominou-a. Por esse caminho transitou para o nihilismo, até que M.^{me} Blavatsky a iniciou na theosophia do Occultismo. Esta biographia é reveladora para o estudo das comoções actuaes da imaginação mystica dos ingleses.

Transcrevo para aqui a *interview* com um *reporter*, mr. Steed, o celebre auctor dos escândalos de *Pall Mall*.

«Perguntei a Mrs. Besant se não teríamos sido victimas de uma illusão. (Era um caso de aparições).—Decerto não, disse ella carinhosamente. Não ha nada de impossivel n'isso. Mas é necessario ter cuidado com experiencias taes. É tão perigoso an-

dar assim a walsar pelas espheras planetarias, como para uma rapariga vadiar cerca de um *slum* obscuro, quando ha gentio em volta. Os *elementaes*, aniosos por viver, aproximando-se avidamente das paixões dos homens, não são dos mais agradaveis companheiros. Nem se podem considerar relações desejaveis as dos *astraes* dos mortos, cuja vida terminou subita, ou violentamente, e cujas paixões são ardentes. Cuidado. As creanças não devem brincar com dynamite.

«—Mas que é um corpo astral?

«—Ha diversos astraes, cada qual com as suas feições caracteristicas. O infimo dos astraes não tem consciencia, vontade, nem intelligencia. Existe como uma mera sombra, ou phantasma, unicamente enquanto existe o seu envolucro material-corporeo.

«—E as mumias do museu?

«—Sem duvida, as mumias... Um vidente descobre-lhes os astraes respectivos de guarda, callados, ao pé d'ellas. A maneira que o corpo se dissolve, assim o astral se dissipia.

«—Mas isso implica a idéa de espiritos agonizantes...

«— Certamente. Uma velha amiga minha, senhora cujo nome é bem conhecido, andou mezes perseguida por um astral. É uma rapariga de espirito forte: não se incomodou com isso. Mas affligia-se, quando o austral começo a decair. A maneira que o cadaver se ia decompondo na cova, evaporava-se o astral, até que inteiramente desapareceu.»

Nos astraes, como nos individuos, as categorias são infinitas, desde a obtusidade completa, até á liberdade e intelligencia augusta. O astral, o espirito, o phantasma, o pensamento-corpo, *thoughtbody*, dos mortos e dos vivos, são tudo denominações variadas de uma idéa que assenta sobre a da anima-

ção do Universo. Essa idéa foi com effeito a primitiva na humanidade. Por isso, n'esta febre de superstição alliada ao methodo científico, desenterram-se todos os casos historicos de allucinação, ou segunda vista, armazenados; ao mesmo tempo que se estabelece um vasto inquerito sobre os phenomenos psychicos mais extravagantes. E com effeito é extraordinaria a quantidade e a qualidade dos casos que se relatam. Estava eu em Londres, quando o *Daily graphic* trouxe, authenticado, o caso de uma senhora a que o marido morto apparecera, e que o fizera photographar. O jornal publicava as reproduções dos retratos d'ella e d'elle: ella viva e sentada, elle de phantasma. Foi o grande acontecimento; e o *Daily Graphic* devia ter tirado centenas de milhar de exemplares, porque se via por toda a parte, nas mãos de toda a gente.

Certamente, ha milhões de casos extraordinarios de allucinações, de segunda vista, etc., e seria absurdo pôr-me aqui a relatar alguns. Todos tem centenas, no pecúlio das suas recordações. Todos observam em si proprios a pluralidade de consciencias que se lhe formam no espirito, querendo-se e não se querendo simultaneamente a mesma cousa, recordando-nos de factos de que não temos consciencia, de objectos que a memoria nos não representa. São já vulgares os phenomenos da segunda-vista, do hypnotismo, da suggestão, do desdobramento da personalidade; e ninguem, senão por teima, ou por estupidez, desconhece que nos envolve uma nuvem de mysterio. Dissessem a alguem, ha cem annos, que se havia de fallar instantaneamente de um extremo a outro do mundo! Dissessem-lhe que a propria voz se havia de ouvir a centenas de leguas de distancia! Se até o haver luz sem torcida parecia um milagre, ainda no meu tempo, aos cam-

ponios. Mysterios, ou por outra, phenomenos ainda inexplicados, ou inexplicaveis, ha por toda a parte.

Como Goethe dizia a Erkmann, caminhamos por entre uma nuvem cerrada de mysterios. É certo que, em determinados casos, alcançamos com o nosso espirito o conhecimento do futuro, ou do distante, como que tacteando a realidade affastada, sem consciencia propria do acto. São positivas as palavras de Hamlet:

There are more things in heaven in earth, Horatio,
Than are dreamd of in your vain philosophy...

Só a philosophia pharisaica, ou a affectação de superioridade, ou ainda o terror *panico*, o terror antigo pelo deus da natureza palpitante: só isso pode cerrar-nos os olhos á evidencia das interrogações que foram de todas as edades; mas que, só agora, depois de termos esquadrinhado todo o mundo exterior, chegamos a formular com propriedade.

—Pois ha nada mais extraordinario, dizia-me o dr. F., do que estas descobertas ultimas? O ar que respiramos, o proprio bafo que emitimos, e tudo quanto nos cerca, palpita vivo em enxames e turbilhões de seres animados. Vemol-os com o microscopio.

—Decerto, mas esses corpusculos não se differenceiam essencialmente. São organismos materiaes, não são espíritos.

—E que significa a palavra espirito? Eu não concebo substancia senão materializada, quaesquer que sejam as suas dimensões e proporções. São seres de uma materia *sui-generis*, para a qual não servem os caracteres da eschola?

—É o que pretende Crooks e a doutrina da ma-

teria irradiante: um estado material novo, ou novamente entrevisto.

— Não me repugna admittil-o. Para mim, o supremo caracter da sciencia contemporanea é ensinar-nos que ignoramos quasi tudo. É immenso! O campo da nossa visão e da nossa observação é uma gota de agua no oceano. Por exemplo: o espectro solar. Vemos uma escala de cores, não é assim? Pois pela chimica sabemos que antes e depois, para cima e para baixo, ha infinitas cores mais.

— O dr. Magnus pretende que os gregos homeéricos não podiam distinguir entre o verde e o azul.

— Não sei; mas sei que a photographia dá, nas observações microscopicas, traços que a vista não descortina, mas que os saes de prata revelam. Veem-se, só depois de photographados; photographou-se o que se não via. Não me admira pois que se photographem espiritos invisiveis... Invisíveis, sim. Rochas, o oculista de Paris, affirma ter obtido no seu laboratorio, por meio da photographia, os antigos phenomenos do quebranto e do mau-olhado.

— A sciencia pretende pois reabilitar a bruxaria?

— Que tem de espantar? Não estão todos os médicos, todos os dias, a demonstrar a efficacia dos simples e hervas dos curandeiros? Não ha nada tão perspicaz como o instincto... Mas, tornando ao quebranto e à photographia: o operador affirma que procede carregando a placa photographica de sensibilidade do individuo, cuja imagem vae reproduzir. A imagem obtida fica sensivel. Picando-a com uma agulha n'um ponto, n'esse mesmo ponto o retratado sente a dor e vê a ferida. Parece-te historia? Talvez não seja. O dr. Luys, do hospital da Charité, e o dr. Arse, de Bruxellas, repetiram a experiencia, obtendo resultados. Dos dedos de uma

pessoa, sob a influencia do somno magnetico, escoa-se um fluido *visivel* que, atravessando a agua de um copo, pode alli deixar um sedimento de sensibilidade: na placa *sensivel* dá-se o mesmo phenomeno de *sympathia*. Não te admires pois, repito, que se photographem cousas invisiveis: são invisiveis para os teus olhos, mas nem por isso deixam de existir.

—Invisiveis, sim; mas irreaes?

—Que chamas tu irreal? Tão real é o que está fóra de ti e tu percebes objectivamente, como aquillo que está em ti proprio e que subjectivamente irradiias de ti. Eu concebo, por hypothese, que o pensamento determine ondulações materiaes apprehensiveis, e que essas ondulações irradiantes tomem a forma do objecto pensado. Parece-me incontestavel a accão material a distancia, por via de transmissores que desconhecemos. A telepathia não é uma burla. E se o não é, tudo o mais são modalidades e inferencias. Como se explica, senão pela suggesão, o domínio fascinante do sapo sobre a doninha?

É um facto vulgar, todavia tão mal explicado como outros que só pelo apparato scenico ferem a imaginação dos mortaes. O atordoamento, a que se chama hypnotismo, é a paralysação quasi completa da subjectividade de um cerebro; e por isso mesmo determina uma receptividade excepcional para as emanacões procedentes do pensamento que o domina. Assim se explica como o paciente vê o que se achava no pensamento do agente, e de que não tinha antes a mais leve suspeita.

—Tudo isso poi leva a concluir que o vosso antigo materialismo classico era uma representação grosseiramente infantil da realidade...

—Talvez, talvez.

— Que a materia tem propriedades ainda por definir.

— É o que pretende Crooks, dando á phisica uma provincia nova: a da irradiação.

— Que, portanto, a realidade é o dynamismo; e a materia, só geometricamente concebida até agora, tem de definir-se como um acto permanente, e o Universo como um panspiritismo. Leibniz vence pois?

— Eu não sei philosophia. Mas creio que, assim como o seculo xix desvendou os problemas da biologia, assim o seculo xx juntará capitulos inteiramente novos á phisica. O nosso seculo, por outro lado, definiu psychologicamente os phenomenos collectivos da mythologia e do symbolism com uma perspicacia comprehensiva que é a corôa do genio allemão. O seculo xx, crê isto, definirá scientificamente os problemas historicos da thaumaturgia, coroando a Inglaterra.

— Não digo que não... nem que sim. Mas o que eu não posso admittir, porque n'esse instante endoidecia, é que existam astraes, como diz a Besant; que existam espíritos sem vontade, sem consciencia, nem intelligencia, pois é só isso o que constitue o espirito. O spiritismo parece-me a aberração do individualismo, n'esta raça de athletas, com os predicados que Platão dava aos athletas. Obliterada a fé puritana, o naturalismo precipita-os na superstição theosophica, porque não podem sair da esfera do realismo. Na hora em que este seculo acaba, vejo eretas perante o colosso inglez, duas sphinges que sorriem humouristamente: uma é o socialismo, outra o spiritismo. Incontestavelmente, são os dois problemas que caracterisam o *revival* contemporaneo do mysticismo e da democracia britannica. Adeus.

.....
Quando deixei o dr. F. para ir deitar-me, pois no dia immediato devia sair de manhã para Dover, alonguei a vista sobre o Tamisa. Apagada, via diante de mim a torre alexandrina da ilha de Pharos: era a agulha de Cleopatra, do *eubankment*, erguendo-se na escuridão da noite; e as faces das duas sphinges não paravam de sorrir de *humour*, luzindo-lhes os olhos felinamente.

FIM

www.libtool.com.cn

ÍNDICE

	PAG.
— ADVERTENCIA.....	v
I — Southampton. A paisagem.....	1
II — Exodo dos campos. Chegada a Londres.	6
III — Aspecto de Babylonia	15
IV — A architectura londrina.....	21
V — A gente.....	27
VI — Os typos.....	33
VII — Cavallos e mulheres.....	38
VIII — Richmond. Hampton Court.....	44
IX — Sydenham, uma <i>kermesse</i> ; Hurlingham, um club.....	50
X — O interior de um <i>gentleman</i>	56
XI — S. Paulo, Westminster: o civismo inglez.	62
XII — Os cultos.....	68
XIII — O <i>Vicar of Bray</i> e o <i>Henrique VIII</i> ...	73
XIV — Os pintores.....	79
XV — O <i>British museum</i> : a intelligencia ingleza	83
XVI — O <i>Stock exchange</i>	89
XVII — A riqueza britannica.....	95
XVIII — Greenwich; a marinha.....	101
XIX — A emigração.....	107
XX — Buffalo Bill: <i>british empire</i>	112
XXI — O nomadismo : viagem a Ascot.....	118
XXII — As comidas.....	123
XXIII — As regatas : o <i>sport</i>	128
XXIV — A politica: Westminster e a <i>Law court</i> .	134
XXV — O parlamento. <i>Home rule</i>	139
XXVI — As questões fundamentaes.....	145
XXVII — O proletariado. <i>Trade's unions</i>	151
XXVIII — O unionismo novo	156
XXIX — Historia moderna das grèves.....	162

	PAG.
XXX — Continuação.....	173
XXXI — Economia do operariado. O socialismo actual.....	178
XXXII — Visita a Whitechapel.....	190
XXXIII — A pobreza.....	195
XXXIV — Crise do capitalismo. As invenções da agiotagem.....	203
XXXV — As operações bolsistas e as crises.....	214
XXXVI — Passado e futuro do capitalismo.....	224
XXXVII — A <i>Salvation army</i>.....	236
XXXVIII — Spiritismo.....	247

ERRATA

PAG.	LIN.	ERROS	EMENDAS
29	28	Londseer	Landseer
66	2	Hasting	Hastings
83	17	Grainsborough	Gainsborough
415	6	wigmaws	wiguams
118	1	Benaug	Benang
175	24	grau da	grão de
177	16	carpinteiros; de Paris,	carpinteiros de Paris;
178	5	1866	1886
184	28	defender	defenderam
219	8	vemos como	vemos
228	30	oito centos mil	oitocentos

www.libtool.com.cn

www.libtool.com.cn

www.libtool.com.cn

www.libtool.com.cn

www.librool.com.cn

DA 625 .O4
A Inglaterra de hoje
Stanford University Libraries



3 6105 041 374 450

DA
625
O4

Stanford University Libraries
Stanford, California

Return this book on or before date due.

www.libtool.com.cn